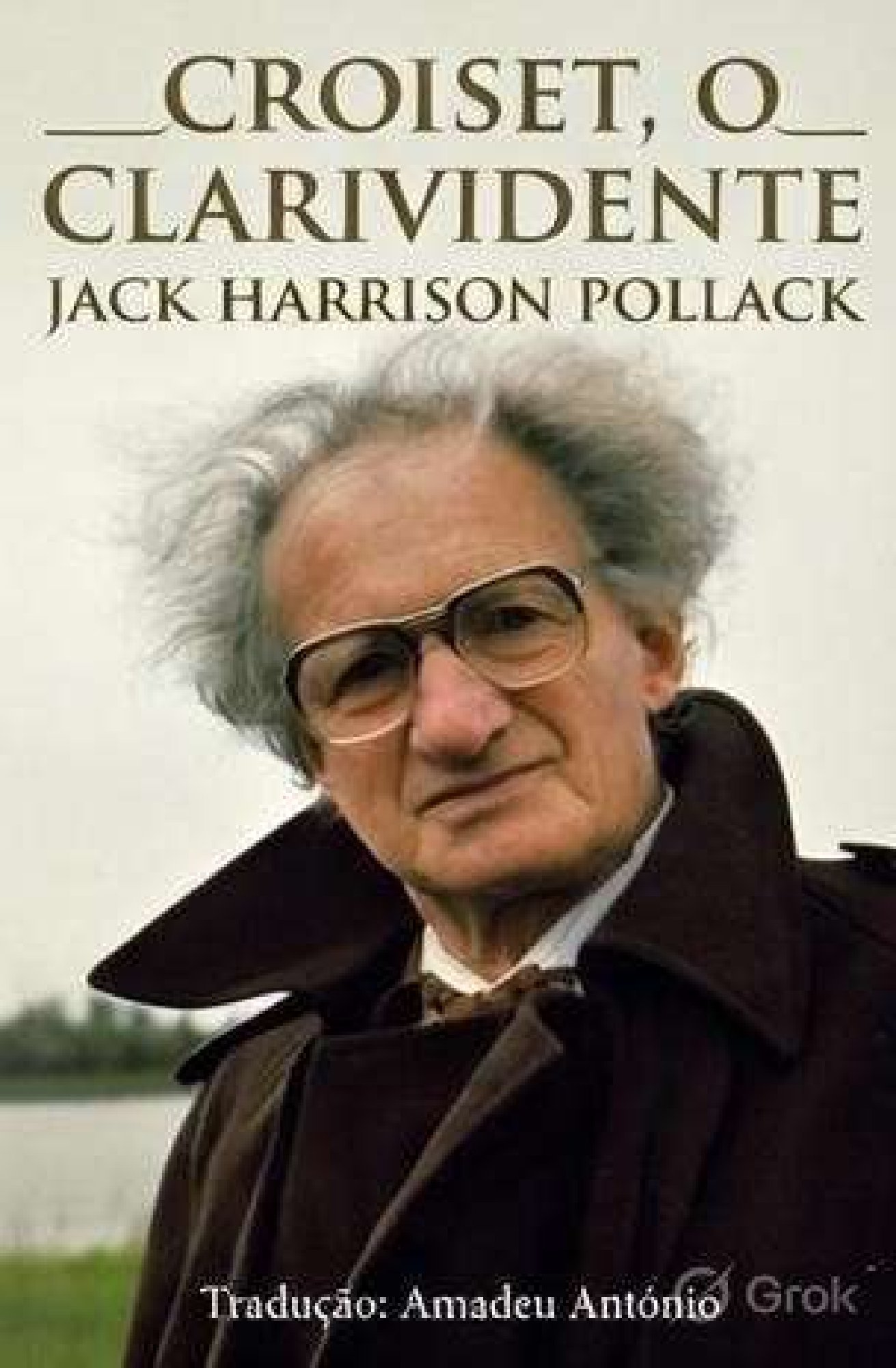
CROISET, O CLARIVIDENTE

JACK HARRISON POLLACK



Tradução: Amadeu António

Grok

CROISET, O CLARIVIDENTE,

Por

JACK HARRISON POLLACK

DOUBLEDAY & COMPANY, INC.
GARDEN CITY, NOVA IORQUE
1964
BIBLIOTECA PÚBLICA DE SAN DIEGO

PARA A MINHA MÃE,
A PRIMEIRA TELEPATA QUE CONHECI.

Não direi que isto é possível.
Digo apenas que é verdade.*
CHARLES ROBERT RICHET
Vencedor do Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina, 1913

ÍNDICE

CONHEÇA GERARD CROISET
SETE CASOS
OS PRIMEIROS DIAS NA HOLANDA
ASSASSÍNIOS E CRIMES SEXUAIS
FURTOS
CRIANÇAS DESAPARECIDAS
ADULTOS E ANIMAIS DESAPARECIDOS
OBJETOS PERDIDOS
PROBLEMAS E ENIGMAS
FÓSSEIS E MANUSCRITOS
TESTE DA CADEIRA
O PROFESSOR
RESUMO
EPÍLOGO
AGRADECIMENTOS

PRÓLOGO

Alguma vez se perguntou se você ou algum membro da sua família tinha perceção extrassensorial (PES)? Alguma vez "leu" a mente de alguém (telepatia), "viu" algo a acontecer longe (clarividência) ou "previu" um evento futuro (precognição)?

Quase todos nós tivemos alguma experiência psíquica que achamos difícil de explicar. Muitas vezes, ficamos perplexos com isso.

Durante a escrita deste livro, muitos amigos perguntaram-me: «Achas mesmo nessa coisa?» Francamente, eu era cético em relação à controversa ciência infantil da perceção extrassensorial chamada parapsicologia até ter observado Gerard Croiset pela primeira vez na Holanda, no início de 1960. Agora sou cético em relação ao meu antigo ceticismo! Quanto mais investiguei os inegáveis poderes extrassensoriais deste estranho holandês, demonstrados por toda a Europa e até na América, mais a minha dúvida vacilou.

O que vi, ouvi, verifiquei e duplamente verifiquei durante os últimos quatro anos não podia ser tudo coincidência. Pelo contrário, parece ser uma nova e surpreendente evidência do desconcertante mundo da PES.

A história de Croiset é a mais espantosa que encontrei em vinte e dois anos de reportagem jornalística baseada em factos concretos. Se não tivesse testemunhado com os meus próprios olhos algumas das fantásticas proezas deste sensitivo holandês, provavelmente teria continuado a ser um incrédulo, tal como muitos que não viram em primeira mão os milagres da Bíblia.

As capacidades comprovadas de Gerard Croiset em muitas instituições científicas desde 1946 poderiam ter permanecido ocultas — e certamente este livro teria sido impossível — sem a pesquisa pioneira de quase meio século do seu distinto descobridor, o Professor Willem H. C. Tenhaeff, Diretor do único Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht (Parapsychologisch Instituut der Rijksuniversiteit) nos Países Baixos. Os casos de Croiset foram escrupulosamente documentados durante os últimos dezoito anos pelo incansável Dr. Tenhaeff, um dos mais proeminentes parapsicólogos do mundo. Talvez apenas o Dr. J. B. Rhine, que em breve deixará a Universidade Duke, se equipare a ele.

A maioria dos casos de Croiset neste livro foram traduzidos de gravações e atas do Instituto de Parapsicologia, do Jornal Holandês de Parapsicologia (Tijdschrift voor Parapsychologie), dos livros eruditos do Dr. Tenhaeff e de

registos policiais de toda a Holanda e de outras nações europeias. Oito tradutores ajudaram-me a extrair este material das línguas holandesa, alemã, italiana e sueca. Sempre que possível, incluem-se nomes e moradas. Na verificação dos factos, entrevistei e correspondi-me com dezenas de cientistas e funcionários públicos de todo o mundo.

Estes casos foram escolhidos de forma algo aleatória para ilustrar diferentes aspetos das versáteis capacidades de Gerard Croiset, que são pouco conhecidas no mundo anglófono. Centenas de relatórios igualmente bem documentados jazem inativos nos arquivos do Instituto de Parapsicologia na Holanda, que provavelmente alberga mais histórias de casos atestados sobre perceção extrassensorial do que qualquer outro centro de investigação no mundo.

Os especialistas concordam que uma antologia em inglês dos inovadores experimentos qualitativos do investigador Tenhaeff com Croiset e dezenas de outros "sensitivos" dotados já era mais do que devida. Esta investigação holandesa está possivelmente uma geração à frente de tudo o que se faz atualmente noutros locais na exploração do misterioso sexto sentido do homem, que académicos de toda a Europa e Ásia, incluindo a União Soviética, reconheceram antes de muitos nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha.

Sinto-me privilegiado por introduzir um tratamento "popular" dela aos leitores de língua inglesa. Que este relatório preliminar desperte um interesse tardio nos pouco conhecidos mas épicos estudos de Tenhaeff nos Países Baixos.

Além disso, espero que resulte numa cooperação internacional mais ampla entre o punhado de parapsicólogos e especialistas em PES do mundo, que muitas vezes trabalham nas suas próprias ilhas privadas de investigação.

Afinal, hoje segmentos atentos das forças armadas e da indústria de topo estão a explorar se a perceção extrassensorial pode ser um poder oculto que poderia mudar o nosso mundo e permitir-nos, entre outras coisas, comunicar com outros planetas. Incrível? Há apenas alguns anos, a fissão atómica, a potência dos jatos e os satélites artificiais eram ridicularizados por cientistas académicos. Mas não disse Platão que o "maravilhar-se" era o início de toda a ciência? E não acrescentou Clarence Darrow que "o início da sabedoria é a dúvida"?

É verdade que os fenómenos psíquicos abrangem uma área cinzenta onde "clarividentes" autoproclamados não testados e fraudes declaradas podem florescer. Mas depois de testemunhar objetivamente os comprovados poderes paranormais de Gerard Croiset sob controlos científicos, consigo compreender melhor estas palavras familiares de Hamlet:

Há mais coisas no céu e na terra, Horácio,

Do que sonha a tua filosofia.

É disto que trata este livro.

JACK HARRISON POLLACK

New Canaan

Connecticut

CONHEÇA GERARD CROISET

A Holanda é famosa pelos seus moinhos de vento, sapatos de madeira, tulipas, queijos, canais, Rembrandts, companhia aérea KLM, navios da Holland-America e o rapaz que salvou o país ao colocar o dedo no dique. Mas hoje o recurso nacional mais sensacional nos Países Baixos é Gerard Croiset.

Este extraordinário holandês de cinquenta e cinco anos com olhos castanhos magnéticos, perfil artístico cinzelado e espessa cabeleira ruiva semelhante a uma auréola é talvez o clarividente mais dotado do mundo. Há muito mais neste homem dinâmico do que aquilo que os olhos, ouvidos, nariz, tato ou paladar captam. Ele possui um misterioso sexto sentido, um poder psíquico oculto, uma mente que "vê" (o invisível) através do tempo e do espaço — provavelmente um espantoso "poder perdido" que todos nós poderíamos ter tido antes de nos tornarmos "civilizados". Tal como outro holandês atormentado chamado Vincent van Gogh, ele está a adicionar uma rica nova cor ao mundo e a ajudá-lo a pintar uma nova visão de si mesmo. E tal como os astronautas — com os quais se compara sem modéstia —, um dia poderá ser reconhecido como uma grande cobaia que quebrou as barreiras do tempo e do espaço na parapsicologia, a ciência em expansão da perceção extrassensorial.

Hoje a fama de Gerard Croiset espalhou-se para além das fronteiras da Holanda, uma nação corajosa e amistosa, mais pequena do que a maioria dos estados dos Estados Unidos. Devido às suas proezas espantosas, foi

chamado “O Homem que Mistifica a Europa”, “O Holandês com a Mente de Raio X”, “O Cérebro Radar”, “O Feiticeiro de Utrecht” e “O Homem dos Milagres da Holanda”. Algumas cartas da América chegaram-lhe simplesmente endereçadas: “Clarividente Bem Conhecido na Holanda”. Da Ásia, recebeu comunicações cujos envelopes apenas diziam: “Croiset, Europa”. No ano passado, um crítico alemão chamou-lhe “o maior enganador do século”, o que levou Croiset a rir e a exclamar presunçosamente na sua língua materna holandesa: “Bem, pelo menos considera-me o maior.”

Mas esta é uma visão minoritária. As resoluções de crimes pelo holandês dotado através da PES e centenas de conquistas em “ver” o passado oculto, o presente imediato e o futuro distante não podem ser descartadas como “acaso” ou “coincidência”. Documentados sob auspícios académicos, os casos de Croiset estão entre os mais esclarecedores na história da investigação psíquica. São ousados, dramáticos e diferentes.

Na América ou na Grã-Bretanha, Gerard Croiset seria chamado clarividente, médium, psíquico, leitor de mentes, psicometrista ou, em círculos parapsicológicos mais avançados, telepata, sensitivo ou psicoscopista. Na Holanda, o seu mentor, o Professor W. H. C. Tenhaeff, Diretor do Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht, provavelmente a maior autoridade mundial em perceção extrassensorial, chama-lhe, de forma mais científica, “sensitivo”, uma palavra que cunhou em 1932 a partir das palavras gregas para significando “além” e gnosis significando conhecimento.

Gerard Croiset é o mais conhecido e dotado de quarenta e sete sensitivos — vinte e seis homens e vinte e uma mulheres — que têm sido intensivamente estudados desde 1926 pelo erudito e barbudo Dr. Tenhaeff, de setenta anos, na Universidade de Utrecht, com 328 anos, uma das grandes instituições da Europa. Em muitas nações europeias, os sensitivos são consultados por homens e mulheres perturbados com mais frequência do que os psiquiatras o são nos Estados Unidos. Inúmeras pessoas, incluindo a polícia, procuraram a assistência de Croiset para obter informações além dos cinco sentidos conhecidos, desde que o Professor Tenhaeff começou a investigar as capacidades sensitivas de Croiset.

Hoje Gerard Croiset é provavelmente o clarividente mais testado do mundo. Desde o início de 1946, foi submetido a testes psicológicos abrangentes alemães, suíços e americanos no Instituto de Parapsicologia da

Holanda. E passou com sucesso por outros testes práticos na resolução de numerosos casos nos Países Baixos e em muitas outras nações.

Um psiquiatra americano, Dr. Berthold Eric Schwarz, de Montclair, Nova Jérsia, antigo investigador da Mayo Foundation e Fellow da American Psychiatric Association, disse-me recentemente: «A pesquisa pioneira do Professor Tenhaeff com Gerard Croiset é bem controlada, amplamente documentada, escrita de forma lúcida, brilhantemente interpretada e uma contribuição maior para a revolução da mente. Esta investigação do mundo "interior" poderá eventualmente revelar-se comparável em magnitude à mais conhecida pesquisa revolucionária do mundo "exterior" da física de Einstein.»

Para estar perto do Instituto de Parapsicologia do professor, Croiset mudou-se em 1956 de Enschede, uma moderna cidade têxtil holandesa de 124 000 habitantes perto da fronteira alemã, para a tranquila, embora maior (250 000 habitantes), cidade universitária de Utrecht, no centro geográfico dos Países Baixos. Outrora uma fortaleza romana, hoje Utrecht é uma cidade de pitorescas ruas estreitas de tijolo vermelho e pedra, onde um visitante nota imediatamente os muitos ciclistas, casas de frontão alto, canais sinuosos, sinos de igreja e a famosa torre de 370 pés da Catedral Gótica de Dom, construída entre 1254-1517. Aqui, numa velha casa confortavelmente desarrumada na Willem de Zwijgerstraat, 21 (Rua Guilherme o Silencioso), vive Croiset, o Clarividente, com a sua esposa Gerda, rechonchuda e agradável, e três dos seus cinco filhos, perto do Instituto de Parapsicologia.

Parapsicólogos da América do Norte e do Sul, Europa, Ásia, África e Austrália visitaram o instituto para estudar o incrível sensitivo da Holanda. Praticamente todos partiram visivelmente impressionados com o sucesso surpreendente das experiências. O Professor Tenhaeff levou Croiset à Áustria, França, Alemanha, Itália e Suíça para permitir que outros cientistas o testassem nos seus próprios laboratórios. Investigadores na Finlândia e na Suécia também experimentaram com ele de forma independente. O Professor Hans Bender, diretor do centro de investigação em parapsicologia da Universidade de Freiburg (im Breisgau), na Alemanha, disse-me tipicamente: «Croiset é o sujeito mais notável que alguma vez testei.»

As "impressões" de Gerard Croiset, que revelam um grau espantoso de precisão, foram exaustivamente documentadas, geralmente com gravações áudio, pelo Dr. Tenhaeff e outros investigadores. Exigente quanto a provas

completas, o parapsicólogo de Utrecht aborda cada caso de Croiset como se fosse falso. Só quando o verifica até à sua total satisfação lhe dá crédito. Croiset é chamado "Alfa" e "Sujeito de Teste 22" nos seus estudos científicos. Outros sensitivos são referidos como "Beta", "Gama", "Zeta" e outras letras e números gregos.

O que torna Gerard Croiset único é que coloca ao serviço do bem comum os seus dons de telepatia, clarividência e precognição. Ao aplicar estas capacidades extrassensoriais de forma construtiva, deu à parapsicologia moderna uma ferramenta prática e nova.

O principal sensitivo da Holanda assistiu a polícia, não só nos Países Baixos mas em meia dúzia de outros países, incluindo os Estados Unidos, na resolução de muitos crimes desconcertantes. Espantou centenas de pais gratos ao localizar os seus filhos desaparecidos, o trabalho que lhe traz maior satisfação. Ajudou uma grande variedade de outras pessoas com os seus variados problemas, incluindo ajudar funcionários públicos a encontrar documentos perdidos e auxiliar académicos na identificação de manuscritos e artefactos históricos.

Inacreditável? Ver para crer em Gerard Croiset.

Apesar dos seus olhos cativantes, a sua aparência não é mais impressionante do que a do empregado de mercearia que outrora foi. Tem um metro e setenta e três de altura, pesa 69 quilos e tem a tez rosada e juvenil de muitos holandeses.

No entanto, o seu desvendamento de muitos mistérios modernos, autenticados sob rigorosos controlos científicos, conquistou elogios de parapsicólogos, polícia, pais e muitos outros. Verifiquei documentos caso após caso em registos policiais, transcrições datadas e assinadas por testemunhas, não só nos arquivos do Instituto de Parapsicologia e por toda a Holanda, mas também de volta à América. As realizações de Croiset foram tão persuasivas que até os céticos em PES e os duvidadores a posteriori ficaram pensativos.

Os poderes paranormais de Gerard Croiset não provêm de adivinhações, coincidência ou manipulação astuta de factos, como muitas vezes acontece com adivinhos profissionais ou telepatas de palco e televisão. Exatamente como "vê" o passado, o presente e o futuro desafia uma explicação lógica.

O sensitivo de Utrecht não usa truques, bolas de cristal, transes, tábuas ouija, varinhas divinatórias, magia negra, astrologia, truques sobrenaturais, desmaios ou sessões pseudo-espiritualistas. Também não se contrata como

leitor de mentes em festas, dá conselhos a apaixonados ou faz tournées de vaudeville. Embora seja adepto, nunca utiliza hipnotismo. «Se usasse hipnotismo, isso dar-me-ia o poder de controlar outras pessoas, e não acho que tenha esse direito», explica.

Quando faz paragnosia, Croiset, o Clarividente, fala muitas vezes incessantemente. E quando começa a falar, começa a ver.

Ao obter as suas visões para a polícia ou pessoas privadas na leitura de objetos, que se chama psicometria ou a palavra mais moderna psicoscopia (Capítulo 10), Croiset usa frequentemente uma fotografia, anel, luva, carta, tijolo, peça de roupa, osso ou pedra como indutor. O sensitivo holandês muitas vezes "sabe" instantaneamente sobre uma pessoa que nunca conheceu apenas segurando algo que lhe pertence.

Frequentemente, Croiset reage a uma simples chamada telefónica. Não "pesca" informações. Em vez disso, prefere deixar que a sua sensibilidade o guie para factos relevantes. Na verdade, faz o menor número possível de perguntas. O sensitivo prefere consultas telefónicas porque eliminam influências estranhas e reduzem impressões confusas ou sobrepostas. Embora Croiset grave muitos casos para os arquivos do Instituto de Parapsicologia, o Dr. Tenhaeff lamenta receber apenas cerca de três em cada dez casos de Croiset. O sensitivo de Utrecht ajuda muitas pessoas pelo telefone e pessoalmente, mas grava apenas os casos que considera importantes.

Outro sensitivo estudado no instituto queixa-se amargamente: «O Professor Tenhaeff usa dez casos de Croiset para cada um dos meus nos seus escritos científicos.» Quando perguntei ao parapsicólogo se isso era verdade, ele respondeu: «Sim, mas é porque esse sensitivo não grava os seus casos para mim como Croiset faz.»

Os casos policiais de Croiset são, obviamente, os mais espetaculares para o leigo. As realizações do clarividente holandês estão registadas em muitos arquivos policiais na Europa. Vi até cartas nos arquivos do Instituto de Parapsicologia de alguns departamentos de polícia e procuradorias nos Estados Unidos, a pedir ajuda na resolução de antigos casos de assassínio que permanecem nos registos policiais porque a polícia local e estadual e o FBI não conseguiram resolvê-los. Funcionários policiais prestes a reformar-se estavam especialmente ansiosos por resolver estes antigos casos de assassínio antes de deixarem o cargo. Entre outros, o Capitão John J. Cron consolidou, Comandante do Departamento de Pessoas

Desaparecidas da Polícia de Nova Iorque de 1943-61, disse-me que está enormemente impressionado com as capacidades de Croiset.

Um exemplo típico da forma como Croiset se envolve em casos criminais aconteceu recentemente quando eu estava no Instituto de Parapsicologia. Estava com o Professor Tenhaeff e a principal assistente do cientista desde 1954, a Sr.ª Nicolauda (Nicky) G. Louwerens, uma mulher brilhante na casa dos quarenta anos. Não posso revelar os factos sobre este assassínio por violação de uma jovem rapariga porque o caso ainda está pendente. Croiset abriu o grande pacote que tinha sido enviado pelo pai da vítima com a cooperação do departamento de polícia local. O psicoscopista tocou na roupa da rapariga que mostrava sangue seco, recebeu uma impressão imediata, suspirou, apontou para um local no mapa que estava incluído no pacote e ditou para o gravador: «Esta rapariga foi espancada e assassinada aqui mesmo onde marquei um X.» Em seguida, descreveu o seu assassínio em detalhe e deu algumas pistas sobre o assassino, o que ajudou a polícia a apreendê-lo.

Naturalmente, Croiset não acerta cem por cento das vezes. Muitos fatores, especialmente a fadiga, podem desfocar as suas imagens. Mas os seus "falhanços" provam que é um ser humano e tornam os seus sucessos espantosos ainda mais credíveis.

O Dr. Joost A. M. Meerloo, um proeminente psicanalista nova-iorquino de origem holandesa, autoridade em lavagem cerebral e autor de The Rape of the Mind, que observou o sensitivo de Utrecht, disse-me: «Croiset tem de se proteger contra as menores sugestões verbais das pessoas com quem trabalha. Tem de selecionar as pistas importantes das suas impressões psíquicas.»

O Dr. James H. Druff, Superintendente do Western State Hospital do Estado da Virgínia em Staunton, que também estudou o sensitivo holandês, acrescenta: «O Sr. Croiset é, sem dúvida, um indivíduo muito dotado, honesto e excecional.»

No entanto, muitos céticos perguntaram-me: «Se Croiset consegue ver tudo, porque não fica rico na bolsa de valores?» Isto lembra o ditado padronizado: «Se és tão esperto, porque não és rico?» Mas estudos de sensitivos desde os tempos, várias gerações atrás, de Eusapia Palladino, a dotada mulher italiana, mostram repetidamente que os seus poderes extrassensoriais tendem a diminuir quando tentam usá-los para ganho pessoal.

Ao contrário dos clarividentes comerciais, Croiset recusa-se a explorar as suas capacidades extrassensoriais para fins financeiros. Intensamente cívico, não aceita dinheiro pelo seu trabalho parapsicológico. Mesmo quando consultado pela polícia, paga as suas próprias despesas de viagem. Esta atitude científica diferencia-o claramente dos "animadores" e promotores de PES. Croiset recusa-se a fazer previsões sobre o mercado de ações, leituras de folhas de chá ou dar dicas sobre corridas de cavalos. Há vários anos, quando visitou o hipódromo de Longchamps nos arredores de Paris, escolheu despreocupadamente os vencedores das primeiras quatro corridas mas saiu, exclamando: «Todo este ambiente me enoja!» Semelhante a um cavalo fogoso, alguns dias Croiset galopa. Alguns dias, trota. Noutros dias, fica na partida.

Gerard Croiset deseja profundamente usar os seus poderes paranormais para servir a humanidade. «O meu trabalho tem de ajudar a sociedade», disse-me. «Tenho um dom de Deus que não compreendo. Não o posso usar apenas para ganhar dinheiro para mim. Se o fizer, posso perdê-lo. Não o posso forçar. Tenho de sentir que é útil antes de poder ajudar alguém.»

Em que difere Gerard Croiset dos seres humanos comuns?

O grande dom que o sensitivo de Utrecht possui é ser capaz de quebrar as barreiras do tempo e do espaço. A telepatia e a clarividência ocorrem no presente. Mas os poderes de precognição de Croiset varrem o tempo, permitindo-lhe vislumbrar o futuro. Embora a maioria de nós revele periodicamente estas capacidades, Gerard Croiset "vê" regularmente coisas não visíveis ao olho ou à mente humana normal. As suas imagens não estão confinadas aos limites do tempo e espaço convencionais.

Croiset não só descreve eventos que ocorrem no presente a centenas de quilómetros de distância, invisíveis para qualquer outra pessoa, mas mergulha constantemente no passado e no futuro como se fosse num mar sem fim. «O passado, o presente e o futuro são difíceis de separar para mim», diz ele.

Embora o Professor Tenhaeff tenha dedicado quase meio século ao estudo destes fenómenos, nem mesmo ele tem a certeza do que causa estas impressões. Mas está confiante de que em breve teremos a resposta. «Muito provavelmente, tem algo a ver com um novo conceito de tempo», explica. «Hoje em dia, não só os nossos antigos conceitos de espaço precisam de ser revistos, mas também as nossas ideias sobre o tempo.»

Outra forma como Gerard Croiset difere dos mortais menos dotados é que tende a pensar em imagens em vez de palavras. Tal como outros sensitivos, vê imagens diante dos olhos, geralmente relacionadas com as memórias das pessoas que o consultam. Por vezes, estas imagens são "projetadas" a grande velocidade. «É como se estas imagens do panorama da vida de outras pessoas, muitas vezes com grandes lacunas, se impusessem a ele», salienta o Dr. Tenhaeff.

Nem sempre confiando na sua verbalização, muitas vezes, quando falava comigo, Croiset exclamava de repente: «Por favor, Jack, dá-me um lápis e um pedaço de papel e eu desenho-te um mapa do que estou a dizer.» Embora seja um homem sem instrução escolar, o sensitivo interrompe frequentemente a conversa para fazer um esboço aproximado de pontos de referência, como faria um arquiteto ou um agrimensor. A sua mente avança tão rapidamente que o lápis nem sempre consegue acompanhar as suas imagens. Quando o questionei sobre a precisão destas imagens, ele encolheu os ombros, afirmando: «As imagens que recebo são sempre corretas. Mas, claro, por vezes cometo erros ao tentar interpretá-las. É para isso que serve o Professor Tenhaeff!»

Hoje em dia, o homem moderno intelectual — que pensa em palavras — perdeu o hábito primitivo de pensar em imagens. Nós, praticantes modernos das palavras, julgamos as pessoas pelo que dizem, não pelo que veem. O Professor H. H. Price, eminente filósofo e investigador de fenómenos psíquicos na Universidade de Oxford, em Inglaterra, explicou-me recentemente este antigo fenómeno de Croiset: «Pode ser infeliz, do ponto de vista da PES, que os métodos educativos atuais tendam a desencorajar o pensamento em imagens e, em vez disso, incentivem o pensamento em palavras. A antiga expressão "segunda vista" indica que, em tempos anteriores, a informação adquirida de forma paranormal emergia mais comummente na consciência sob a forma de imagens visuais.»

Nos seus experimentos de longo prazo com Croiset e outros sensitivos nos Países Baixos, o Professor Tenhaeff descobriu que eles geralmente se expressam em imagens. O pensamento em imagens era comum na linguagem do homem antigo, incluindo os índios americanos. Ainda hoje, os tasmanianos, que vivem ao largo do continente australiano, não têm palavras para duro, mole, frio, quente, longo, curto e redondo. Se quiserem dizer que algo é duro, dizem (como Croiset faz muitas vezes) que é "como uma pedra". Para indicar algo redondo, dizem (como Croiset faz muitas

vezes) “como uma bola” ou “como a lua”. Da mesma forma, os habitantes do montanhoso e vulcânico Arquipélago de Bismarck, na Nova Guiné, não têm palavras para cores. Se quiserem indicar algo preto, dizem “como um corvo”. Os gunantunas nas ilhas da Oceânia, no Pacífico Sul, descrevem um grande homem como “como uma árvore alta” (como Croiset faz muitas vezes).

A maioria de nós tende a pensar em imagens quando sonha; está naquele estado entre o sono e a vigília; ou quando o nível de consciência está reduzido. Estas imagens do sono são um fenómeno de regressão. Gerard Croiset, durante os seus testes psicoscópicos, entra num estado de consciência ligeiramente reduzida. «Quando isso acontece, os seus pensamentos tornam-se imagens visuais», recorda o Dr. Tenhaeff. O sensitivo pode então pegar num objeto e recriar imagens associadas a ele. Vê o seu passado, as pessoas que o seguraram ou que estiveram perto dele, quase da mesma forma que vemos cenas de um filme. Este estado de crepúsculo em Croiset pode ser tão ligeiro que mal é notado por um leigo. Mas com outros sensitivos, o seu estado de consciência reduzida é tão profundo que é designado como transe ou estado de sonambulismo.

«Tenho notado que, por vezes, quando Croiset está a jantar com amigos, pode de repente ficar calado», relata o Dr. Tenhaeff. «Nesses momentos, entrou num estado em que desviou a atenção do mundo exterior para o mundo interior de si mesmo. Esta condição causa sem dúvida alterações físicas nele. Muitas vezes noto isso antes de um dos seus testes da cadeira (Capítulo 11). O fenómeno do pensamento pictórico está então a ocorrer.»

O primeiro a admitir quando erra, Croiset equivocou-se na sua interpretação pictórica numa noite, durante uma demonstração de leitura de objetos. Nessa noite, viu uma imagem da cidade de Middelburg, onde viveu brevemente quando era rapaz e onde o ancestral paterno do Professor Tenhaeff foi burgomestre durante o século XVI. A imagem de Croiset levou-o a perguntar a um homem na audiência: «Alguma vez viveu em Middelburg ou visitou a cidade?» Disseram-lhe que a imagem estava correta, mas a interpretação errada. Middelburg era o nome do homem em questão.

Outra característica de Gerard Croiset é ter uma “relação associativa”, tentando descobrir-se na outra pessoa. Embora não seja idêntica à projeção, este impulso autista está, no entanto, relacionado com ela. Os atores “projetam-se” nos seus papéis. O provérbio francês Chaque peintre fait son portrait — todo o pintor pinta-se a si mesmo — é um exemplo de projeção.

As experiências de uma pessoa ocorrem muitas vezes na mente de outra. A distância e o tempo não desempenham qualquer papel. Um psicoscopista francês, Raoul de Fleurière, disse uma vez: «Sinto como se a pessoa cujo indutor trato tivesse entrado em mim e que eu observo as mesmas coisas em todos os aspetos, penso, sinto e quero como ela. Noutras ocasiões, tenho a impressão de que entrei no meu consultante.» Este sentimento lembra as palavras iluminadoras proferidas por Mme. Marie de Sévigné, a autora francesa do século XVII, cuja filha sofria de uma tosse dolorosa: «Minha filha, tenho uma dor no teu peito.»

Hoje, Gerard Croiset, no seu "rapport telepático" ou "unificação", como lhe chama o Professor Tenhaeff, identifica-se emocionalmente com os seus consultantes. O sensitivo de Utrecht vê frequentemente eventos na vida de outros que se assemelham a acontecimentos na sua própria vida, especialmente na infância.

Por exemplo, o Professor Tenhaeff levou uma vez Croiset a visitar um amigo médico e a sua esposa, Dr. e Sra. L. O médico provocou o sensitivo, perguntando: «Consegues ver algo no passado da minha esposa, Croiset?» Após focar os seus olhos penetrantes na Sra. L., Croiset disse categoricamente: «Vejo-a como uma rapariguinha de cerca de doze anos com algumas amigas. Está sentada numa cerca com elas. Uma das raparigas empurra-a brincalhona nas costas e ela cai desajeitadamente — uma queda grave. Um dos espigões da cerca perfura a parte inferior do abdómen.»

A mulher espantada e o seu marido médico admitiram a veracidade deste acidente, que ocorrera vinte e sete anos antes. Croiset viu esta imagem porque se assemelhava a um incidente na sua própria infância. Quando o sensitivo tinha oito anos, caminhava com um companheiro de brincadeiras ao longo do corrimão estreito exterior de uma ponte em Amesterdão. O companheiro deu-lhe um empurrão inesperado e Gerard caiu no canal após tentar em vão agarrar-se ao corrimão. «Havia uma relação associativa entre uma experiência de infância da Sra. L. e de Croiset», explica o Professor Tenhaeff. «Na vida de ambos, um empurrão e um espigão desempenharam um papel.»

Ocasionalmente, Croiset vê telepaticamente eventos na vida de outros sensitivos. Na Primeira Conferência Internacional de Estudos Parapsicológicos em Utrecht, em julho-agosto de 1953, conheceu a Sra. Eileen J. Garrett, uma sensitiva mercurial e dotada, agora na casa dos setenta anos, que é presidente da Parapsychology Foundation em Nova

Iorque. A Sra. Garrett é uma espécie de Abelha-Rainha da PES graças aos seus subsídios a organizações e indivíduos psíquicos nos Estados Unidos, Inglaterra e noutros locais. Associada próxima da milionária congressista Frances P. Bolton, republicana do Ohio, que supostamente é a sua financiadora, a Sra. Garrett tem sido o espírito orientador por trás do International Journal of Parapsychology e da revista Tomorrow.

Embora Croiset estivesse irritado com a sua maneira superior, vários delegados instaram-no a "ler" nela, e ele aceitou relutantemente, dizendo: «Está bem, vou tentar.» Telepaticamente, Croiset disse-lhe algumas coisas espantosamente verdadeiras sobre ela mesma, mas ela apenas riu e ignorou-as. Uma amiga da Sra. Garrett, no entanto, recordou-lhe: «Ora, Eileen, sabes que o que Croiset disse sobre ti é verdade.» Contudo, porque Croiset e a Sra. Garrett tinham um bloqueio um em relação ao outro — talvez devido a ciúmes profissionais —, a paragnosia não foi bem-sucedida.

Curiosamente, a Sra. Garrett foi mais caridosa em relação a Gerard Croiset em 1953 do que é hoje. Na edição de outono de 1953 da Tomorrow, elogiou as "capacidades" de Gerard Croiset porque o seu "material científico" era "documentado de forma fiável e apresentado com autoridade" pelos Professores Tenhaeff e Bender.

Mas as conquistas documentadas ainda mais notáveis de Gerard Croiset têm sido estudiosamente ignoradas pela Tomorrow e pela Parapsychology Foundation durante os últimos onze anos. Em agosto de 1962, a Sra. Garrett escreveu a Toni Howard, que preparava então um perfil dela para a Saturday Evening Post: «Conheci Gerard Croiset em 1953 em Utrecht. A diferença entre ele e outros que possam ter os mesmos dons é que ele recebe uma tremenda quantidade de publicidade. Haverá sensitivos mais dotados do que ele na América? Isto é uma questão de opinião e uma pergunta que nunca me fiz, pois só posso responder pelos meus próprios dons.»

Quando o Dr. J. B. Rhine, do Laboratório de Parapsicologia da Universidade Duke, visitou a Holanda em maio de 1951, o Professor Tenhaeff apresentou-o a Croiset. Rhine ofereceu-se para testar o sensitivo estrela com as suas célebres vinte e cinco cartas Zener (PES) dos cinco símbolos — a cruz, o círculo, o quadrado, a estrela e as linhas onduladas.

Croiset, no entanto, recusou, dizendo: «Respeito muito o seu trabalho, Dr. Rhine. Mas não gosto de apenas adivinhar cartas. Tenho de estar emocionalmente envolvido num caso, como o de uma criança desaparecida ou alguém em apuros.»

Recentemente, quando perguntei a Croiset porque não se submeteu aos experimentos do famoso parapsicólogo americano, ele acrescentou: «Os testes estatísticos do Dr. Rhine apenas provariam que tenho capacidade sensitiva. Eu sei isso! Estou demasiado ocupado para jogar a adivinhar cartas como uma criança! Os testes qualitativos do Professor Tenhaeff são muito mais profundos do que os quantitativos do Dr. Rhine. Mostram o valor do que estou a tentar fazer — como posso ajudar as pessoas. Isso é mais importante para mim do que apenas descobrir quantas cartas consigo adivinhar.»

Mais tarde, em julho de 1956, no entanto, quando um jovem psicólogo sueco, Martin Johnson, visitou o Instituto de Parapsicologia, o Dr. Tenhaeff encorajou-o a visitar e testar Croiset em casa. O investigador da Universidade de Lund, na Suécia, realizou um complicado novo tipo de experiência quantitativa com "cartas ativadas" e avaliou-a com um "analisador de impulsos" que concebeu.

«Não prestei muita atenção a este teste», recorda Croiset, «só concordei em cooperar para ser educado com um cientista convidado de outro país.»

Seis anos depois, Johnson revelou os resultados da sua experiência, que testa um novo tipo de PES que exclui telepatia, clarividência e precognição: Croiset obteve onze "acertos" em vinte (a pontuação média é inferior a um em cinquenta). «Esta é uma pontuação fantasticamente alta», relatou Johnson, «especialmente porque as circunstâncias em que realizei os testes eram desfavoráveis.»

Quando o Dr. Rhine foi informado destes resultados, respondeu entusiasticamente a Johnson numa carta de 17 de setembro de 1962, dizendo que, embora estivesse desapontado por ter demorado seis anos a saber desta experiência extraordinária, estava tremendamente impressionado com ela. O parapsicólogo da Universidade Duke até se ofereceu para ajudar financeiramente o cientista sueco se este voltasse à Holanda e retestasse Croiset.

Dois meses depois, numa carta de 12 de dezembro de 1962 a Croiset, Johnson escreveu que planeava estudar com o Dr. Rhine nos Estados Unidos no verão de 1963 e gostaria que Croiset o acompanhasse. Mas Croiset recusou prontamente, dizendo que não estava interessado em testes puramente estatísticos, mas que teria prazer em trabalhar em experiências qualitativas com o Dr. Rhine sob a direção do Professor Tenhaeff.

Embora Croiset seja cooperante no trabalho com outros cientistas, a sua lealdade primária é, compreensivelmente, para com o seu descobridor, o Professor Tenhaeff.

Arrogante e brusco, Croiset é ao mesmo tempo caloroso, desinibido e pode ser impulsivamente generoso até com aqueles que menos o merecem. Há não muito tempo, quando outro clarividente holandês que nunca escondeu a sua inveja e hostilidade adoeceu, Croiset emprestou-lhe dinheiro discretamente. Ao contrário de muitos dos seus companheiros sensitivos, nunca ouvi Gerard Croiset menosprezar os dons de nenhum deles. No entanto, quando lhe mostrei a fotografia de um sensitivo muito publicitado que carece do sentido ético de Croiset, ele comentou: «Ele é muito dotado, mas não é um bom homem aqui.» Croiset indicou o coração.

O que mais exaspera Croiset é quando as pessoas lhe contam longas e aborrecidas histórias. «Sei antecipadamente o que vão dizer», afirma. Quando alguém começa um relato verboso, ele interrompe frequentemente com impaciência, exclamando: «Por favor, para agora — sei o resto.» O sensitivo, cuja mente nunca para de trabalhar, conta então rapidamente a história, pedindo desculpa: «Percebo que isto não é muito educado, mas há tantas outras pessoas à minha espera e estou sempre com falta de tempo.»

Da mesma forma, quando pessoas com problemas o visitam, Croiset corta-as frequentemente de forma telepática, dizendo: «Já sei porque veio ver-me. Envolve uma criança desaparecida que não é parente sua. Está bem, deixe-me ver a fotografia do rapaz.» O visitante espantado produz então geralmente uma fotografia e Croiset toca nela pensativamente e dá as suas impressões. Uma vez, quando o que viu era mau, ouvi-o suspirar infelizmente: «Lamento. Vejo água — muita água. A criança afogou-se. Foi um acidente infeliz.» O clarividente esboçou então rapidamente a cena do afogamento e anunciou: «Amanhã, até às dez horas, encontrarão o corpo da criança a 100 metros desta ponte aqui.» A sua previsão espantosa cumpriu-se, como quase sempre acontece. As imprecisões de Croiset podem concernir detalhes triviais, mas raramente a substância geral.

Hoje em dia, apenas problemas urgentes comandam a atenção imediata deste sensitivo altamente treinado e bem-sucedido. «Sempre que alguém telefona e diz que gostaria de falar comigo algum dia», diz Croiset, «não sinto nada. Mas quando um sentimento de aviso me perturba, recebo uma vibração que é como uma sensação de enchimento e expando-me como um balão. Fico atento. Então sei que não é uma chamada comum. Croiset, o sensitivo, está agora ao trabalho. Croiset, o homem, torna-se secundário em

mim. Este é um problema para o qual a pessoa Croiset pedirá conselho ao sensitivo dentro de si.

«Quando alguém com um problema real vem ver-me, vejo muitas cores. Estas cores giram dentro de mim muito rapidamente até formarem uma imagem. Estas imagens disparam como se fossem projetadas para a frente como um filme tridimensional.»

Na verdade, os poderes extrassensoriais de Gerard Croiset são elusivos e espontâneos e não podem ser controlados conscientemente como os nossos cinco sentidos conhecidos. «Vêm-me naturalmente», diz ele com um encolher de ombros. No entanto, há dias em que consegue ver coisas e dias em que não consegue. Tal como um poeta, Croiset precisa de inspiração para fazer o seu trabalho extrassensorial. Não pode ser ligado automaticamente, tal como não se pode obrigar um poeta a escrever um poema entregando-lhe papel e lápis.

Lembro-me de ouvir Croiset dizer a um interlocutor ao telefone numa noite de sábado tardia, quando estava em sua casa: «Não serei bom esta noite. Estou demasiado cansado para pensar agora no teu problema. Telefona-me amanhã de manhã às nove horas.»

Noutra ocasião, eu tentava falar com ele no meu holandês inadequado e fiz-lhe esta pergunta jornalística parva: «Qual o caso que consideras o mais difícil?» Colocando as mãos sensíveis sobre a testa sardenta e as sobrancelhas loiras espessas, exclamou: «Por favor, dá-me um descanso!»

Quando está a trabalhar, Gerard Croiset pode geralmente fornecer quatro tipos de factos depois de tocar, por exemplo, no exterior de um envelope selado, segundo o Professor Tenhaeff:

«Primeiro, Croiset pode geralmente descrever a pessoa que escreveu a carta — a sua voz, figura, defeitos físicos, maneira de vestir, medos, pensamentos, sentimentos, e pode até imitar a pessoa.

«Segundo, Croiset pode contar-nos factos ambientais sobre a pessoa ou a sua profissão. Um sensitivo vê livros, ouve máquinas em ligação com o indivíduo e até incidentes que ocorreram ou ocorrerão.

«Terceiro, Croiset pode contar-nos incidentes sobre outras pessoas com quem o sujeito contacta — parentes, amigos e colegas de trabalho.

«Quarto, Croiset pode contar-nos factos impessoais sobre o bairro, casa, oficina ou paisagem do sujeito.»

Mas o Professor Tenhaeff acrescenta: «Croiset não vê estes quatro tipos de factos em todos os casos. Por vezes vê dois ou três deles, mas raramente os quatro.» O parapsicólogo da Universidade de Utrecht é o primeiro a advertir sobre os limites das capacidades de Croiset e recusa-se a fazer quaisquer afirmações extravagantes, dizendo: «Tento sempre compreender porque consegue ver algumas coisas e não outras. No entanto, Croiset é um sensitivo honesto e muito objetivo em relação ao seu trabalho.»

Gerard Croiset tem sentimentos ambivalentes em relação às suas capacidades extrassensoriais. Ocasionalmente, está ciente desta dualidade que causa conflitos dentro de si.

Por um lado, canta esta melodia modesta e de baixa pressão com o Dr. Tenhaeff e outros cientistas: «Sou apenas um homem simples e comum. Toda a gente tem o mesmo dom que eu — só que em mim está mais desenvolvido, tal como a capacidade de cantar estava em Caruso. Não tenho quaisquer poderes sobrenaturais especiais. Todos os seres humanos, independentemente de quem ou onde sejam, têm o mesmo dom em graus diferentes. Todas as pessoas estão em contacto umas com as outras, mesmo que não o percebam. Eu apenas tenho a capacidade de sintonizar com outras pessoas no momento certo e estabelecer contacto com elas. Mas não sou diferente de ninguém, realmente.»

Por outro lado, quando está com leigos, assume frequentemente o papel de "super-homem", insistindo que tem conhecimento superior. «Eu sou o grande Croiset», proclama então. Este lado de Croiset tem o que o falecido Frank Lloyd Wright uma vez chamou, ao descrever-se a mim, "arrogância honesta em vez de humildade hipócrita". Há vários anos, quando lhe disseram que uma sala cheia de pessoas o esperava, ele retorquiu majestaticamente: «Que esperem! Só há um Croiset.» Mas noutra ocasião, quando teve de esperar ele próprio por representantes de uma empresa cinematográfica alemã no Instituto de Parapsicologia, que convidara sem primeiro consultar o Professor Tenhaeff, exclamou: «Tenho de ir! Estou demasiado ocupado para esperar por alguém!»

Esta fanfarronice e sede de poder são obviamente uma cobertura para profundos sentimentos de inferioridade na infância, que o psicanalista austríaco Alfred Adler chamou "sobrecompensação". Quando jovem, Gerard Croiset foi incompreendido, sofreu anos de pobreza e desânimo até encontrar o seu verdadeiro destino paragnóstico.

Este "complexo de super-homem" pode até ocasionalmente levá-lo a ter sonhos desejosos. Num destes estados visionários, aos trinta anos, apareceu

a Gerard Croiset uma hoste de anjos num clarão de luz dourada. Viu também "dois guardiões" com trombetas. No dia seguinte, estes guardiões apareceram-lhe novamente, de pé junto a uma cortina ligeiramente corrida. Pela abertura assim criada, via-se um palco e um homem vestido à oriental, com um turbante com um diadema esplêndido, avançou. De repente, Gerard Croiset viu que o rosto deste oriental começava a mostrar as suas próprias feições!

«Para Croiset, o oriental simbolizava um super-homem paranormamente dotado», explica o Dr. Tenhaeff. «A visão de Croiset significava para ele a promessa de que, no futuro, accompliria grandes coisas como um Magus — tanto mais que o rosto do oriental começava a mostrar as suas próprias feições. Croiset sentia que estava a receber o chamamento de um Poder Superior.»

Embora de ascendência judaica, Croiset não foi educado em qualquer fé religiosa. Hoje não frequenta nenhuma igreja, mas identifica-se fortemente com Cristo. No entanto, paradoxalmente, trai a qualidade introspectiva e os sentimentos ocultos de inferioridade de séculos de judeus perseguidos. Além disso, segundo o Professor Tenhaeff, como muitos judeus, é muito orientado para a psicanálise.

Na verdade, Croiset, o Clarividente, é profundamente religioso. Quando criança, orava frequentemente, para grande desgosto dos seus pais ateus, segundo o Professor Albert Hyma, da Universidade do Michigan. Hoje Croiset sente-se chamado por Deus para levar a cabo o seu trabalho dedicado. «Felizmente, tenho outra vida além da minha materialista», diz. «Não recebo a minha recompensa dos homens. Percebo que o Criador me abençoou com um dom notável que torna a minha gratidão e felicidade ainda maiores quando se prova que tenho razão. Por vezes, fiquei tão feliz com o meu trabalho que a única coisa em que conseguia pensar era: 'Ó Senhor, deixa-me vir até Ti!'»

Na terra, toda a vida de Gerard Croiset é o seu trabalho. Ansioso por ajudar a humanidade, diz: «Todo o homem tem um significado nesta vida e deve ser sempre digno dele. Por mais insensato que pareça, é uma criatura de Deus e representa a Sua presença aqui.»

Como a maioria das pessoas dedicadas, Croiset preocupa-se que a sua própria vida resulte em algo, que seja compreendido e apreciado pelo mundo em geral. Esta é a razão pela qual se presta avidamente aos exaustivos experimentos do Professor Tenhaeff no Instituto de

Parapsicologia, mesmo que, para ganhar a vida, tenha também de dedicar considerável tempo à sua "cura" magnética (Capítulo 13).

A placa exterior da casa do clarividente em Utrecht diz simplesmente: GERARD CROISET. Sempre que dava o número da rua a um taxista, ouvia esta réplica: «A casa de Croiset?» Uma casa de três andares numa praça tranquila perto de um antigo canal sinuoso, tem um televisor e equipamento moderno de gravação e fotografia. A casa está repleta de dezenas de pinturas a óleo do seu filho pintor cosmopolita e homónimo, Gerard, de vinte e cinco anos, que vive em Paris, onde recentemente teve uma exposição.

Três dos outros filhos de Croiset residem com ele e a sua esposa Gerda nesta grande casa antiga: a filha casada de vinte e seis anos, Nannie Veerman, com o marido músico e a sua filha pequena; o filho Henri, de dezenove anos, aprendiz de fotografia que frequenta a escola em Breda; e o filho mais novo, Roy, de treze anos. O filho mais velho, Hyman, de vinte e oito anos, antigo comissário de bordo na linha Holland-America, vive na pequena Harmelen, a dez milhas de Utrecht, com a esposa e dois filhos pequenos. Aqui gere um novo restaurante chamado Commanderij Kloosterhoeve, que o pai concebeu e financiou. É uma encantadora estalagem rústica holandesa. Muitas das suas mesas não têm pernas, sendo imaginativamente suportadas por polias de corda suspensas de um antigo teto com vigas.

Croiset sonha em construir um hotel adjacente a este restaurante para acomodar as pessoas que o visitam de grandes distâncias. Mas o Professor Tenhaeff, ciente de que os sensitivos podem perder os seus dons quando se tornam demasiado voltados para os negócios, deplora o facto de tanto tempo de Croiset ter sido recentemente gasto a pensar nos problemas do restaurante do filho.

Gerard Croiset é um pai superprotetor, tendendo a mimar os filhos talvez por causa da sua própria infância privada. Quando eram mais novos, o sensitivo preocupava-se muito pouco com dinheiro. Mas agora que insiste em ajudá-los financeiramente a todos, isso preocupa-o mais. No entanto, o seu espírito generoso para com todos no seu trabalho desmente qualquer desejo meramente mercenário da sua parte.

«Ainda bem que não consigo usar os meus dons para ver o futuro da minha própria família», diz ele. «Se soubesse tudo, não conseguiria suportar viver.» Croiset tem a certeza de que os seus dois filhos mais

velhos e um dos seus três netos (Gerard III) herdaram os seus dons psíquicos. Mas o Professor Tenhaeff não viu qualquer evidência disso.

Apesar da compreensão mais profunda dos seus poderes paranormais que Croiset alcançou através do trabalho com o professor, tem sentimentos tanto de dependência como por vezes de ressentimento em relação ao parapsicólogo, tal como muitos pacientes têm com os seus psiquiatras. Croiset confia os seus problemas mais íntimos ao professor que, reconhecendo as suas virtudes bem como os seus defeitos, mantém uma atitude paternal em relação a ele.

Ao contrário do erudito, suave e fumador de cachimbo professor, Gerard Croiset é um homem iletrado que gesticula dramaticamente e fala de forma animada. Nunca leu nada mais intelectual do que um romance policial ou western e é impossível falar com ele sobre literatura, música, política ou qualquer assunto cultural exceto talvez pintura, para a qual tem um talento inato. Quando fala, frequentemente falta-lhe palavras para descrever os seus sentimentos precisos. Por falta de educação formal, usa muitas palavras de forma imprópria e até profere alguns malapropismos. No entanto, do Dr. Tenhaeff, aprendeu a gíria da parapsicologia e frequentemente repete o seu mentor.

Como todos os egocêntricos, está tão preocupado consigo mesmo que toda a conversa, independentemente do assunto, regressa ao seu tema favorito — Gerard Croiset. Quando cientistas de outros países vêm a Utrecht visitar o parapsicólogo Tenhaeff, Croiset tende a gabar-se: «Esse cientista veio só para me ver.» Tem milhares de recortes em álbuns, mas quando o encontramos é provável que tenha no bolso o mais recente de um jornal holandês, alemão, francês ou italiano a relatar o seu mais recente sucesso. Uma vez, quando foi informado da morte de um amigo próximo, ofereceu rápidas condolências e depois mudou exuberantemente para discutir o seu caso mais recente. Isto não era realmente falta de simpatia genuína, mas Croiset, o sensitivo, estava de volta ao trabalho.

Croiset, a pessoa, não tem passatempos e está tão absorvido no seu trabalho que tem poucos amigos próximos. Mesmo que os seus pais fossem ambos do teatro, quase nunca vai a peças, talvez porque, de certa forma, está constantemente em palco ele próprio. Ainda assim, gosta de relaxar com o que chama “filmes de cowboys”.

Croiset fala holandês e um pouco de alemão e está agora a aprender algumas expressões em inglês. Muitas mulheres acham-no atraente. Não fuma, não bebe nada mais forte do que vinho, mas na verdade prefere leite,

talvez por causa da sua úlcera. Gosta de usar roupa confortável, casual, folgada em cores claras e tem preferência por camisas desportivas e gravatas chamativas. Não usa cinto nem suspensórios e durante as sessões parapsicológicas frequentemente tem as calças parcialmente abertas por causa das dores de estômago. Mesmo em companhia, muitas vezes tira os sapatos para relaxar.

No entanto, a arte da relaxação é alheia à natureza inquieta e huracanada de Gerard Croiset. Raramente encontra tempo para um passeio tranquilo. Adora viajar mas não consegue permanecer num só lugar por muito tempo ou mesmo apreciá-lo quando lá está. Uma vez, quando o Professor Tenhaeff e ele estavam a conduzir pela pitoresca Floresta Negra da Alemanha, o cientista amante da natureza sugeriu: «Vamos parar e olhar para as belas árvores por um minuto.» Alheio à paisagem de cortar a respiração, Croiset exclamou: «Ontem tive uma impressão aqui.»

Entusiasta automobilista, o homem que agora quebra a barreira espacial extrassensorial gosta de conduzir depressa, mesmo quando os seus passageiros se sentem desconfortáveis. Conduzir rápido, insiste, relaxa-o. «É fácil para mim pensar atrás do volante», diz.

«Queres uma sanduíche, Jack, um pouco de leite?», perguntou-me Croiset uma noite depois de se instalar atrás do volante. Recusei, tendo acabado de terminar uma excelente refeição no Hotel Des Pays-Bas em Utrecht. Mas senti uma nova simpatia pelo homem que devorava um almoço frio enquanto conduzia e que tão frequentemente está demasiado ocupado para tirar tempo para refeições regulares.

Sentado no banco de trás, com o Professor Tenhaeff e Croiset à frente, estava sempre ciente de que o sensitivo conseguia de alguma forma saber, quase como se tivesse olhos na nuca, exatamente o que eu estava a fazer, quer rabiscando notas quer olhando para a paisagem rural holandesa.

Com o seu mentor professoral, Croiset faz viagens de carro por toda a Europa, geralmente em resposta a chamadas para os seus serviços profissionais. Em dezembro de 1952, a caminho de Paris, tudo o que o parapsicólogo disse a Croiset foi que o levava lá para ser testado por um cientista cujo nome Croiset não conhecia e cuja fotografia nunca vira.

«Consegues dizer-me algo sobre o homem que vamos encontrar em Paris?», perguntou casualmente o Dr. Tenhaeff.

«Vejo um homem que parece o Tio Sam», respondeu instantaneamente Croiset, que telepaticamente "lera" a mente do professor. De facto, o

sensitivo vira uma imagem do falecido René Warcollier, de barba branca, diretor do Institut Métapsychique International, que iam visitar em Paris.

Noutra ocasião, um incidente divertido que Croiset não previra ocorreu quando ele e o Dr. Tenhaeff regressavam de carro de Itália. No banco de trás estava um objeto de arte que Croiset comprara impulsivamente e que o professor, tendo inspecionado mais de perto, não ficara particularmente impressionado. Ao aproximarem-se da fronteira holandesa, Croiset começou de repente a preocupar-se com o imposto de importação que poderia ter de pagar por ele.

«Não te preocupes, não terás de pagar qualquer imposto por isso», assegurou-lhe enigmaticamente o parapsicólogo Tenhaeff.

«Como podes ver isso?», perguntou o clarividente, que consegue envisionar claramente eventos futuros na vida de outras pessoas mas não na sua própria.

Na fronteira, o inspetor de alfândega acenou-lhes para passarem após examinar a escultura e ler uma etiqueta que escapara a Croiset, o Clarividente, carimbada: MADE IN HOLLAND.

Em 1958, quando Croiset voava de Milão, Itália, para o Aeroporto de Schiphol em Amesterdão, desenvolveu-se um nevoeiro intenso e o seu avião foi forçado a aterrar em Bruxelas, Bélgica. Croiset começou a rir tão heartily que a passageira holandesa sentada ao seu lado pensou que ele poderia estar louco.

«Porque estou a rir?», perguntou o seu companheiro de assento sorridente. «Aqui estou eu, o grande Croiset, e não consegui ver que não íamos conseguir aterrar em Amesterdão!»

Esta capacidade de rir das suas próprias palhaçadas e de admitir livremente quando erra é talvez a qualidade mais cativante de Gerard Croiset. Este traço redentor supera em muito qualquer possível irritação com a sua ocasional infantilidade — uma característica que o Professor Tenhaeff encontra em quase todos os seus sensitivos. Como uma criança, Croiset tem um encanto apelativo. Está ansioso por agradar, responde prontamente a elogios e é impossível ficar zangado com ele.

Os sólidos e terra-a-terra holandeses viram os resultados práticos dos seus poderes extraordinários durante quase uma geração. Viram o seu rosto expressivo iluminar-se (como eu vi) quando começa a ver imagens vívidas. Embora o Professor Tenhaeff disputasse isso, para a maioria dos

holandeses Croiset é uma espécie de Nostradamus moderno nos Países Baixos.

A Holanda, amante do lar — que em si mesma é um estudo de contrastes com os seus antigos moinhos de vento e modernas autoestradas de betão lado a lado — permanece perplexa com os seus poderes. Serão eles semelhantes aos dos astronautas, como ele afirma? Um dia ajudarão a desvendar os segredos do universo e a resolver o mistério milenar das nossas mentes?

Qualquer que seja o veredito da história, as proezas de Gerard Croiset, que provavelmente ajudou mais pessoas no mundo do que qualquer outro sensitivo, reacenderam a chama parapsicológica por toda a Europa. Não desde que o movimento psíquico varreu a Inglaterra durante os anos 1880 houve tanta curiosidade nas potencialidades de fazer o Desconhecido aproximar-se.

SETES CASOS

Durante a última geração, Gerard Croiset resolveu centenas de problemas perplexos para homens e mulheres gratos em muitas partes do mundo. Os sete casos seguintes dizem respeito a indivíduos que vivem tão longe da sua casa em Utrecht, Holanda, como o Kansas e a África do Sul. Embora possam parecer extraordinários, estes casos são ao mesmo tempo típicos. Foram escolhidos para ilustrar diferentes aspetos dos poderes de Croiset, o Clarividente, que são relatados com maior detalhe nos capítulos seguintes.

CASO 1

A FILHA DESAPARECIDA DO PROFESSOR DO KANSAS

A 18 de outubro de 1959, Carol, a alta e atraente filha de vinte e quatro anos do Professor e da Sra. Walter E. Sandelius, 1120 Mississippi Street, Lawrence, Kansas, desapareceu de um hospital em Topeka, Kansas, onde fora paciente após um colapso nervoso. A polícia local e estadual não conseguiu encontrá-la.

O seu pai, professor de ciências políticas na Universidade do Kansas, onde leciona há quarenta anos, incluindo doze como diretor do seu departamento, não é o tipo de homem que faz algo impulsivo. Antigo bolseiro Rhodes com graus da Universidade de Oxford, em Inglaterra, e do

Brookings Institute em Washington, presidiu também à Comissão do Governador para a Revisão da Constituição do Kansas.

«Naturalmente, a minha esposa e eu estávamos terrivelmente preocupados quando a polícia não conseguiu encontrar Carol», contou-me o Dr. Sandelius quando verifiquei duas vezes este caso de volta aos Estados Unidos. «A fotografia de Carol foi enviada por todo o Kansas e estados vizinhos. Recebemos os habituais relatórios de pessoas que pensavam ter visto Carol nesta ou naquela cidade. Conduzi várias centenas de milhas a verificar todas as pistas mas não encontrei qualquer indício. Carol parecia ter desaparecido sem o menor traço.

«Após um mês e meio, a minha esposa e eu estávamos prontos a tentar qualquer coisa. No decurso das minhas leituras, soube do Professor Tenhaeff e do Sr. Croiset e de como tinham ajudado agências de aplicação da lei na Holanda a localizar pessoas desaparecidas. Pensei que valia a pena tentar. O que tínhamos a perder?»

Assim, na tarde de 11 de dezembro, o professor do Kansas telefonou ao professor de Utrecht a 4875 milhas de distância. «O Sr. Croiset alguma vez resolve casos como o da nossa filha desaparecida pelo telefone?», perguntou o Professor Sandelius.

«Às vezes», respondeu o Professor Tenhaeff no seu inglês fluente. «Pode ligar amanhã à tarde às três da tarde, hora local, que serão dez da noite aqui. Arranjarei para que Croiset esteja aqui no Instituto de Parapsicologia nessa altura.»

No dia seguinte, uma conversa a três com o professor de Utrecht a atuar como intérprete entre o professor do Kansas e Croiset durou vinte e dois minutos.

«Há um rio perto do hospital onde a sua filha esteve?», foi a primeira pergunta do clarividente.

«Sim», respondeu o pai da rapariga desaparecida. «O Rio Kansas passa perto.»

«Vejo a sua filha a correr por um grande relvado e depois a atravessar um viaduto», disse Croiset. «Agora vejo-a num lugar onde há lojas e, perto delas, um grande corpo de água com cais de desembarque e muitos barcos pequenos. Vejo-a a andar aí num camião e num grande carro vermelho.»

«Ela ainda está viva?», perguntou o pai ansiosamente.

«Sim, não se preocupe», assegurou-lhe Croiset. «Ouvirá algo definitivo ao fim de seis dias. Mas, por favor, envie-me por correio aéreo uma fotografia da sua filha e alguns mapas rodoviários do Kansas e outros estados próximos.»

Seis dias depois, a 17 de dezembro, o Professor Sandelius desceu as escadas às oito da manhã para fazer outra chamada, como pré-combinado, ao Professor Tenhaeff e a Croiset. Ao começar a pegar no telefone, olhou para a sala de estar e ficou atónito ao ver Carol sentada no sofá!

«Foi o melhor presente de Natal que a minha esposa e eu poderíamos ter», recorda o educador do Kansas. «Telefonei imediatamente a Utrecht para relatar as boas notícias. Queria que o Professor Tenhaeff e o Sr. Croiset fossem os primeiros a saber fora da família.»

O relatório posterior de Carol aos pais sobre as suas andanças corroborou a visão espantosa de Croiset: acreditando que se pudesse sair do hospital isso aceleraria a sua recuperação, Carol correra pelo relvado frontal do hospital e atravessara o rio num viaduto. Após chegar à Kansas Turnpike que contorna Topeka, apanhara boleia num grande carro vermelho com dois soldados da Base Aérea de Topeka.

Quando lhes disse que estava a fugir de casa, deixaram-na no sul do Kansas. Pouco depois, foi apanhada por um casal idoso que se dirigia para sul. Trabalhavam com um carnaval que visitava pequenas cidades com o seu ato de "pulmão de aço". Carol deu-lhes um nome fictício e apenas disse que estava a sair de casa. Viajou com este casal amigável, ajudando-os a demonstrar o pulmão de aço em diferentes cidades.

Na tarde em que o pai falava com Croiset, ela estava num carnaval em Corpus Christi, Texas, na fronteira com o Golfo do México. Muitos lanchas rápidas estão atracadas aí a dois quarteirões do distrito comercial. Quando o casal do carnaval estava prestes a sair de Corpus Christi, sugeriram a Carol: «Gostarias de passar o Natal com a tua família?» Carol disse que sim. Deram-lhe dinheiro para a passagem de autocarro. Chegou a Lawrence cedo na manhã de 17 de dezembro, a tempo de cumprir a promessa de Croiset de que a família "ouviria algo definitivo ao fim de seis dias."

«A clarividência do Sr. Croiset foi demonstrada pela sua previsão precisa», resume o Professor Sandelius. «Claro, não mencionou Corpus Christi pelo nome, mas descreveu-o. O meu sentimento é que depois de ter visto a fotografia de Carol, tocado na nossa carta e examinado os mapas, muito provavelmente teria tido impressões adicionais. Mas, claro, o

regresso da nossa filha ao fim de seis dias, como o Sr. Croiset dissera, tornou isso desnecessário. Há muito que suspeitava que havia algo na perceção extrassensorial. Mas agora tenho a certeza.»

CASO 2

TESTEMUNHO UM CASO DE CROISET

A Holanda é uma terra repleta de água. Um velho ditado diz: «Deus fez o mundo mas os holandeses fizeram os Países Baixos.» De facto fizeram, com a sua milagrosa conquista de quase metade da nação pantanosa e baixa do mar através de uma rede de 5000 milhas de canais e diques para os quais o seu inimigo, a água, era bombeado.

Ironicamente, o resultado, embora uma bênção para a Holanda, tem sido um perigo perene para as suas crianças pequenas.

Na noite de sábado, 21 de maio de 1960, estava sentado na acolhedora sala de estar antiga de Gerard Croiset em Utrecht. O Professor Tenhaeff, a devotada assistente do professor, Sr.ª Louwerens, e eu discutíamos os seus poderes desconcertantes com o sensitivo. Mas nunca esperei ver o início de uma demonstração espantosa deles em poucos minutos.

Às dez e meia, o telefone tocou. A chamada era de Eindhoven, uma cidade industrial a cinquenta milhas de distância, lar das gigantescas fábricas de aparelhos elétricos Philips. O interlocutor, Sr. Schoenmaker, pedia a ajuda de Croiset para localizar um rapaz de quatro anos, Toontje Thooner, que estava desaparecido há vinte e quatro horas. Até esse momento, o nosso anfitrião nada sabia sobre o caso.

Croiset chamou o Professor Tenhaeff, a Sr.ª Louwerens e a mim para a sala ao lado. Aí, ligou o seu gravador ligado ao telefone e começou a fazer perguntas breves e animadas em holandês.

«O parque infantil onde a criança foi vista pela última vez fica num novo subúrbio? [Sim.] Quando se sai dele à esquerda, há algum terreno aberto? [Sim.] Quando se segue a borda deste terreno aberto, chega-se a um canal? [Sim.] Este canal fica a 200 a 500 metros do parque infantil?» [Sim.]

Croiset parou e depois perguntou: «É membro da família da criança?»

«Não. Sou vizinho», foi a resposta.

«Bem», suspirou o sensitivo, «posso então dizer-lhe que a perspetiva não é boa. Procurem imediatamente a área que descrevi. Mas infelizmente tenho uma imagem clara. Lamento, mas daqui a cerca de três dias, o corpo da criança será encontrado no canal que mencionei, perto de uma ponte e junto a um balde de zinco.»

Esta estranha (para mim mas não para os outros) conversa terminou. O clarividente deixou-se cair na cadeira, deprimido e exausto. Percebendo que estava emocionalmente esgotado, desejámos-lhe boa noite.

Francamente, saí da casa de Croiset num estado de considerável cepticismo. Mas três dias depois verifiquei. Infelizmente, a polícia de Eindhoven acabara de encontrar o corpo da criança junto a um dos pilares da ponte sobre o canal perto de um balde de zinco — exatamente como Croiset previra.

O ocupado Gerard Croiset só soube do desfecho deste caso dez dias depois e soube-o apenas por acaso de um visitante de Eindhoven. O Sr. Schoenmaker negligenciara notificá-lo ou mesmo responder às duas cartas do Professor Tenhaeff a pedir detalhes completos.

Assim, duas semanas depois, um assistente do Instituto de Parapsicologia, V. Ophoff, conduziu até Eindhoven com Croiset. Aí, o testemunho do Sr. Schoenmaker e de P. Bartholozzi, outro vizinho que procurara a criança desaparecida, foi gravado.

Estas testemunhas pediram desculpa por não terem respondido por correio porque ambos sentiam que não conseguiam escrever bem o suficiente para o erudito Professor Tenhaeff!

CASO 3

O TRABALHADOR DA COMPANHIA DE GÁS

Para proteger a família deste homem, omito os nomes e moradas no caso seguinte, que foi traduzido dos arquivos do Instituto de Parapsicologia.

O Sr. X., funcionário público nos Serviços Municipais de Gás na cidade holandesa de A., não regressou a casa um dia após o trabalho no final de 1947. O seu súbito desaparecimento intrigou a esposa e os filhos. A polícia não conseguiu lançar qualquer luz sobre o seu paradeiro.

Vários dias depois, um dos amigos do homem desaparecido visitou Gerard Croiset, que então vivia em Enschede. Trouxe o boné do

trabalhador da companhia de gás como indutor. Cautelosamente, o visitante não voluntariou nomes nem detalhes, mas apenas comentou vagamente que «este caso é sobre uma perda».

Após tocar no boné com os seus longos e sensíveis dedos, Croiset declarou: «Vejo que o homem que usa este boné está num estado de espírito altamente nervoso. Tenho a impressão de que tem algo a ver com carvão. Este homem tem estado a roubar? Tenho um forte sentimento de que esteve envolvido em alguma fraude. Vejo-o a saltar para uma bicicleta. Está a usar as calças de trabalho e um casaco azul. Está a pedalar em direção à cidade de B. ao longo de uma estrada com postes brancos. À sua esquerda, vejo pinheiros. Parou aí.»

Croiset, o Clarividente, abanou então a cabeça tristemente, dizendo: «Lamento, mas este homem já não está vivo. Vejo claramente que se enforcou numa árvore.»

No dia seguinte, o amigo do homem desaparecido relatou a informação de Croiset à polícia. Dois dias depois, a polícia encontrou o corpo morto do Sr. X. pendurado numa árvore na área precisa que Croiset indicara. E estava a usar calças de trabalho e um casaco azul.

«A autópsia provou que o homem estava morto no momento da consulta na casa de Croiset», mostrou o estudo posterior do caso pelo Professor Tenhaeff.

A investigação policial revelou que o trabalhador desaparecido da companhia de gás fora culpado de atividade fraudulenta no seu escritório. Quando percebeu que o seu roubo estava prestes a ser descoberto, cometeu suicídio.

CASO 4

FURTO EM LEIDEN

Leiden, o local de nascimento de Rembrandt, Jan Steen e outros pintores holandeses, é uma pitoresca cidade universitária. A sua rivalidade académica com a Universidade de Utrecht é comparável à de Harvard e Yale, Oxford e Cambridge.

O inspetor de impostos domésticos sobre licores em Leiden, Sr. D., suspeitava que dois dos seus empregados aceitavam subornos de um negociante de licores. Em desespero, um dia em outubro de 1950, o Sr. D.

visitou o Professor Tenhaeff em Utrecht na esperança de obter alguns detalhes de Croiset sobre os suspeitos.

«Avisei o Sr. D. de que não esperava muito porque sabia que Croiset não estava muito interessado em resolver furtos comerciais», relatou o Dr. Tenhaeff. «Mas como o Sr. D. foi persistente, decidi deixar que a consulta acontecesse, de qualquer modo.»

Pouco depois, o Sr. D. mostrou a Croiset uma fotografia de grupo do seu pessoal de sessenta pessoas. Imediatamente, o sensitivo de Utrecht apontou para dois homens na fotografia e, encolhendo os ombros despreocupadamente, disse: «São estas duas pessoas que aceitaram os subornos.» [Uma investigação posterior provou que estes dois homens o fizeram.] O sensitivo deu alguns detalhes corretos sobre eles, mas estava obviamente desinteressado do seu crime.

No entanto, os olhos hipnóticos de Gerard Croiset aguçaram-se perante um terceiro homem na fotografia de grupo que o interessava muito mais. «Este homem é um criminoso muito maior», exclamou excitadamente, «vejo que é o tutor legal de um órfão de guerra e que tem estado a roubar dinheiro do fundo fiduciário deste rapaz o tempo todo! Na verdade, acabaram de encontrar um caderno pertencente a este homem desonesto. Mostra exatamente quanto dinheiro ele roubou daquele pobre órfão!»

O Sr. D., atónito e embaraçado, admitiu que a revelação de Croiset era verdadeira. Sim, recentemente tropeçara no caderno incriminador e estava a pensar se devia notificar a polícia.

Como pôde Gerard Croiset identificar este tutor desonesto dos fundos de um órfão numa fotografia de grupo de sessenta pessoas? «É compreensível quando nos lembramos de que Croiset teve um período infeliz com os seus pais adotivos durante a própria infância», explica o Professor Tenhaeff. «Outro sensitivo provavelmente não teria recebido uma impressão tão espontânea.»

CASO 5

MORTE NOS BOSQUES

O corpo seminu de uma rapariga de dezassete anos foi encontrado a 23 de maio de 1950, fora de Arnhem, na Holanda, uma bela cidade-jardim no Reno, que foi um sangrento campo de batalha entre Aliados e Nazis durante a Segunda Guerra Mundial.

O corpo da rapariga indicava que tivera relações sexuais antes de morrer. A polícia interrogou muitos suspeitos sem quaisquer resultados. Finalmente, telefonaram ao Professor Tenhaeff, perguntando se Croiset, o Clarividente, poderia lançar alguma luz sobre o homem que estivera com ela por último.

No domingo, 5 de agosto, realizou-se uma sessão gravada na sede da polícia de Arnhem. Algumas roupas e bibelôs da rapariga morta estavam na mesa para serem usados como indutores pelo clarividente, a quem apenas disseram que estava envolvido um corpo — nada mais. Todos os presentes mantiveram uma atitude neutra e não comprometedora.

Após tocar nas roupas da rapariga, Gerard Croiset disse: «Tenho uma imagem de uma rapariga jovem... loira... o cabelo cai-lhe até aos ombros. É uma estudante... numa escola secundária. Vejo-a num lugar perto da janela. Pode ver a rua da sua secretária.» [Esta descrição da aparência da rapariga e do lugar na escola estava correta.]

De repente, Croiset assustou todos ao deitar-se no chão. «Foi encontrada deitada assim numa área arborizada», exclamou. «Perto da sua mão, havia um pequeno poste.» [Correto. Foi encontrada deitada exatamente nessa posição, mas a polícia não notara qualquer marco de fronteira.]

«A minha respiração está a tornar-se mais difícil. Foi estrangulada?», perguntou Croiset. [Incorreto. A polícia acreditava originalmente que a rapariga fora estrangulada por causa de duas manchas no pescoço. Mas uma autópsia provou que não.]

«Nas imediações imediatas onde a rapariga foi encontrada, havia uma bicicleta que lhe pertencia.» [Correto.]

Após descrever um jovem que não era a pessoa culpada, mas apenas namorara com a rapariga, Croiset continuou: «Agora vejo um chapéu de palha à minha frente, que me lembra Lou Bandy [um proeminente artista de variedades holandês que usava o familiar chapéu de palha como o de Maurice Chevalier]. Isto significa que o homem que vejo está ligado ao

mundo do espetáculo. [Correto. Quando X, o "culpado", foi mais tarde encontrado, provou ser membro de uma companhia teatral amadora.]

«Agora tenho uma imagem da casa de chá Heck's em Arnhem. Tem alguma ligação com este homem. [Correto. A irmã de X trabalhava nesta casa de chá.]

«Agora vejo a rapariga novamente... está num encontro. Até agora, não saíra com ele há muito tempo. Vejo-o a usar um distintivo. E também uma camisa cor de cáqui. Odeia colarinhos apertados porque lhe doem. Têm de ser muito folgados à volta do pescoço.» Croiset gesticulou então com os dedos, indicando como um homem faz um colarinho apertado ficar mais folgado. [Correto. X era um antigo conhecido da rapariga. Após perder contacto com ele, reencontrara-o. Usava um distintivo que lhe fora dado após participar nas marchas de quatro dias. Detestava usar colarinhos, que o incomodavam por causa do pescoço muito sensível.]

«Esta rapariga gostava de sair com rapazes. Fazia-o frequentemente. [Correto.] Excitava-os sexualmente, mas no último momento, recuava. Desta vez, no entanto, foi mais longe do que com os outros. [Correto.]

«Entregava-se a todo o tipo de fantasias sexuais. Estava sexualmente sobreexcitada e esta sobreexcitação manifestava-se nos seus sonhos.» [Correto.]

Croiset forneceu então alguns dados precisos sobre o sangramento da rapariga. Depois perguntou: «Esta rapariga foi tratada por um médico? [Correto.] Algo estava errado com o seu coração. [Correto.] Agora vejo o homem novamente. Que estranho. Este homem tem um órgão genital anormalmente grande?» Croiset descreveu, em detalhe vívido, os órgãos sexuais de X.

Depois o clarividente passou para outra característica física de X: «Tenho também a impressão de que anda com uma ligeira coxeira. [Correto.] Uma perna é um pouco mais curta do que a outra.»

Voltando agora a sua visão interior para a rapariga, Croiset perguntou: «O pai dela está ligado à educação? [Correto.] É diretor de escola? Vejo um edifício escolar. Mas algo se passa com este homem. [Correto.] Não me surpreenderia se o seu comportamento desse as suas ações dessem origem a todo o tipo de mexericos. Tenho um bastão na mão e agora bato o tempo com ele. O pai está ligado à música? [O pai da rapariga dirigia ocasionalmente coros.]

«Cerca de uma hora antes da sua morte, a rapariga viu o pai. [Correto.] Tenho uma imagem clara disso. Este pai não compreendia muito bem a filha.» [Correto]

Várias horas após esta sessão, a polícia, Croiset e o Dr. Tenhaeff conduziram até ao local onde o corpo da rapariga fora encontrado. A caminho, Croiset parou de repente o carro e disse: «Foi aqui que ela viu o pai pela última vez. Esta era a posição da rapariga e aqui a do rapaz. E aqui estava o pai. Ouço pessoas a cantar.» [Estas indicações de local provaram ser notavelmente corretas.]

[O Dr. Tenhaeff elucidou mais tarde: «Acompanhada por X, a rapariga passara pelo local onde o pai dirigira um coro. Escutaram a sua atuação por um bocado e depois continuaram de bicicleta. Uma testemunha que notificara a polícia vira-a de pé neste local na tarde de 23 de maio. Mas não conhecendo ou vendo X, não mencionou a presença de X. Baseados na declaração desta testemunha, originalmente os detetives só sabiam que a rapariga estivera neste local. A declaração de Croiset sobre X foi considerada incorreta pela polícia. No entanto, Croiset insistiu que X também estivera presente. Quatro meses depois, em dezembro, a admissão de X confirmou a correção da imagem de Croiset.»]

Voltando ao carro, os investigadores conduziram até ao caminho de ciclismo. Após estacionarem o carro, caminharam ao longo do caminho, com Croiset a avançar cerca de vinte metros à frente dos outros. De repente parou, indicou uma área de relva limpa e perguntou: «O que fazia aquele carro azul aqui? Perto deste carro, um homem e uma mulher estavam deitados na relva.» Um detetive admitiu que, pouco após o corpo da rapariga ser encontrado, um homem e uma mulher foram encontrados a fazer amor na relva. E tinham chegado aí num carro azul.

Croiset desapareceu então nos bosques. Mas regressou rapidamente e informou o grupo de que localizara o local onde o corpo da rapariga fora encontrado. Perto deste local — que indicou corretamente — havia um marco nacional, um sinal de fronteira provincial. Originalmente este poste não fora notado pelos detetives porque parecia não ter significado no caso. Na verdade, após a sessão na sede da polícia, disseram a Croiset que este marco não existia. Mas Croiset continuou a insistir que estava lá. Agora, apontou triunfantemente o poste que escapara à atenção dos detetives. «Quando nos apercebemos de que a palavra “poste” lembra a Croiset um evento que ocorreu quando tinha vinte anos, torna-se claro porque este

poste — mesmo sem valor policial — foi visto por ele», recorda o Dr. Tenhaeff.

O clarividente indicou também com precisão os locais, sem ser perguntado, onde o sapato branco da rapariga e o cinto partido foram encontrados. Da mesma forma, mostrou corretamente a árvore contra a qual a bicicleta dela fora encostada e até a posição da bicicleta.

Após deixarem a cena da morte da rapariga, o grupo regressou no carro de Croiset em direção a Zevenaar, a cerca de dez milhas de distância. Enquanto conduzia, Croiset era guiado por um "senso direcional" como o observado entre animais e povos primitivos. Estava convencido de que isso lhe permitiria descobrir a residência do homem. Mais tarde, a polícia confirmou que o senso direcional de Croiset estava correto. Infelizmente, uma sugestão feita a ele durante o trajeto por um detetive desviou-o do curso, desfocando as suas imagens e confundindo-o. «Se isso não tivesse ocorrido», diz o Professor Tenhaeff, «Croiset provavelmente teria descoberto a casa de X, na vizinhança imediata da qual estávamos e teria poupado à polícia muitas horas de busca.»

Quando a polícia finalmente encontrou X, souberam que era um cozinheiro de vinte anos que ocasionalmente usava uma grande seringa vermelha de tempero na cozinha, o que motivou a imagem de Croiset de um órgão genital anormalmente grande. Quando rapaz, fora atropelado por um elétrico e, como resultado, tinha uma ligeira coxeira, como o sensitivo dissera.

Outras informações fornecidas por Croiset sobre X também se provaram corretas. Mas a palavra "culpado" usada por Croiset estava errada. X não assassinara a rapariga. Ela morrera de insuficiência cardíaca durante o intercurso com ele, revelou a investigação policial, o que explica a imagem do clarividente da dificuldade cardíaca dela.

CASO 6

O OSSO DA CAVERNA DOS CANIBAIS

Além da polícia, Gerard Croiset também espantou académicos ao identificar fósseis desconcertantes e manuscritos antigos para eles. Quebrando a barreira do tempo — bem como do espaço —, lançou nova luz sobre o "passado". Esta notável leitura de objetos foi supervisionada pelo Professor Tenhaeff com investigadores de todas as partes do mundo.

A mais esclarecedora foi feita com o Dr. Marius Valkhoff, Reitor da Faculdade de Artes na Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo e presidente da Sociedade Sul-Africana para a Investigação Psíquica.

O Dr. Valkhoff estava no Instituto de Parapsicologia em Utrecht a 17 de dezembro de 1953, com o Professor Tenhaeff. Na mesa estava uma pequena caixa aberta contendo muitos pedacinhos de pedra. Enterrado entre eles, estava um minúsculo pedaço de osso de aproximadamente a mesma cor, o que o tornava muito difícil de ver. Mas quando Croiset entrou na sala, caminhou instantaneamente até à mesa, atraído pelo osso como um íman.

«Croiset estava tão excitado que se esqueceu de nos cumprimentar», recorda o Professor Tenhaeff. «Pensei que estava numa espécie de meio transe quando entrou. Pegou imediatamente no pequeno osso da caixa.»

O Dr. Valkhoff encontrara este pequeno osso petrificado na famosa Caverna dos Canibais perto de Mamathes, em Basutolândia. «Não havia nada no osso que pudesse indicar a sua origem», relata o académico sul-africano, «e não fizemos a menor alusão a ele. Podia ter sido um resto da nossa mesa de jantar.»

O sensitivo holandês pegou no osso sem sequer olhar para ele e fechou pensativamente a mão sobre ele. Apesar da sua escassa educação formal e falta de qualquer conhecimento profundo de história, algumas imagens do "passado" do osso começaram a desenrolar-se lentamente. Fechou os olhos exteriores para melhor concentrar-se na sua visão interior. A paisagem distante do osso aproximou-se. As palavras de Gerard Croiset não eram um comentário fluente (nunca o são) mas uma descrição hesitante e gradual do que via.

Durante a sessão, nem o Professor Tenhaeff nem o Dr. Valkhoff disseram uma palavra. Não disseram "correto", "incorreto" ou "possível".

Estas palavras entre parênteses foram adicionadas da transcrição após a sessão.

Croiset começou: «Tenho uma imagem de animais. [Correto.] Tem algo a ver com animais. É um animal de tempo antigo. Pode ser um animal pré-histórico? [Correto.] Tem algo a ver com um ser vivo — criaturas que são mais humanas do que animais. Um ser humano mas não da minha constituição. Foi há bastante tempo. Acabei de ver um grande animal. Há também um elefante. [Possível.] Agora tenho uma imagem de selvagens. [Correto.] São pessoas de cor. São algo como bosquímanos. Tem algo a ver com África. [Correto.] Estas pessoas tinham ritos curiosos — um culto, uma cerimónia religiosa numa caverna. [Correto.] Vejo um fogo. Mas vejo também um precipício e uma grande caverna. [Correto.] As pessoas eram atiradas do precipício. [Possível.] São negros. [Correto para idades posteriores.] Vejo pessoas em fila. São certamente cinco ou seis centenas delas. Lembra-me música negra, hot jazz. [Associação correta.] Vejo um bloco para sacrificar. Alguns homens são mortos. [Possível.] Acontece antes da era cristã. [Possível.] Havia animais que não existem — elefantes, ou algo parecido.»

Após este experimento, foi permitido a Croiset levar o osso para casa. Uma semana depois, a 24 de dezembro de 1953, acrescentou estas imagens dele: «É um pequeno osso de um animal. Estes ossos estão ligados a algo mais. Um animal pré-histórico. Não, mal o chamaria assim. No entanto, na região havia tais animais que já não se veem lá. Este pedaço de osso tem algo a ver com a África Ocidental. Além disso, vejo uma caverna — uma grande caverna. Perto desta caverna, vejo um precipício... no fundo da caverna há um precipício profundo. A cerca de trinta pés deste precipício, vejo um estranho bloco grande. Vejo um grupo de pessoas de pé aí. São negros. São de uma raça escura. Estas pessoas têm uma autoridade especial. Estão de pé atrás do bloco. Toda uma tropa de pessoas passa à frente deles...

Vejo-os com as mãos amarradas atrás das costas. São chicoteados na cabeça ou no pescoço... e são atirados para o fogo... meio queimados, são lançados daquele lugar sobre o precipício. Tenho uma impressão de todo o tipo de seres humanos. Vejo negros mais ou menos civilizados... negros. Mas também pessoas que são muito mais brancas — pessoas de cor mais clara. Estes homens de cor mais clara carregam lanças nas mãos e escudos. São notavelmente altos. Os escudos são ovais e em forma de pera. Têm plumas à volta das cabeças. Não como os peles-vermelhas usam, mas uma

espécie de plumagem nas cabeças. Quando movem as cabeças, as suas plumas brancas tremem. As suas caras estão pintadas. Os seus corpos e especialmente os braços também estão pintados de branco com sinais que se assemelham a pontos de interrogação. Mas o que vejo não é de todo um abate comum, mas uma espécie de religião. Há ritos ligados ao abate destas pessoas. Em dias religiosos altos, muitos destes pessoas são mortos aí... não só seres humanos mas animais eram mortos num ritual. O sangue dos mortos era recebido em taças. Com o sangue, pintavam-se postes como proteção contra espíritos malignos. Vejo alguns feiticeiros nesta cerimónia. Um deles é um sumo sacerdote. Parece-me uma espécie de casta... uma comunidade religiosa... uma classe que tinha o comando nesse dia. Fogo e sol eram os principais fatores religiosos para estas pessoas.»

O professor sul-africano visitante ficou espantado com a precisão das impressões de Croiset. «No todo, a sua imagem excede em muito a mera expectativa de acaso», relata o Dr. Valkhoff. «Várias das impressões de Croiset podem ser consideradas acertos reais, como a combinação da caverna com um precipício que realmente lá está, e o canibalismo ritual dos basutos. Croiset poderia ter falado de qualquer coisa; um aviário, um local nativo, um monte de lixo, uma sala de dissecação, qualquer lugar onde se pudesse encontrar ou apanhar pequenos ossos. Mas ele chega muito rapidamente à nossa Caverna dos Canibais, e a maioria dos dados está correta. Os outros podem ser precisos, ou pelo menos não podem ser desmentidos como imprecisos.»

Mas pelo menos um pequeno erro infiltrou-se na descrição de Croiset. Localizou a caverna na África Ocidental em vez da África do Sul, onde realmente está.

A observação de Croiset de que um grande animal como um elefante entrou na caverna intrigou o investigador de Joanesburgo. Embora apenas ovelhas tenham estado lá em tempos modernos, o Dr. Valkhoff pergunta-se se a topografia da terra era diferente em dias pré-históricos, permitindo a entrada de elefantes e outros animais grandes. «Esta caverna deve ter sido habitada desde tempos imemoriais, e muitas coisas devem ter acontecido lá», especula. «Tem uma posição estratégica e domina um vale fluvial e a estrada principal do nordeste para o sudoeste de Basutolândia. Ainda era habitada por canibais no tempo do Rei Moshesh, que pôs fim às suas práticas horríveis. O acesso a ela é difícil e só pode ser alcançado de cima, mas rebanhos de ovelhas entram nela, e um elefante pode ter feito o mesmo.»

Mas o verdadeiro enigma para o investigador sul-africano foi a descrição de Croiset de "pessoas que são muito mais brancas" do que negros e "notavelmente altas". Os livros de história não mencionam a presença de brancos em Basutolândia antes de meados do século XVIII. «Consequentemente, não podem ter sido bosquímanos — que são pequenos — e não consegui localizá-los», relata o Dr. Valkhoff. «O que Croiset diz sobre o seu adorno de cabeça e o facto de estarem pintados apontaria para uma tribo negra.

Mas estão armados e vestidos de forma bastante elaborada para negros primitivos. Além disso, não conhecemos pessoas brancas em Basutolândia antes do tempo do Rei Moshesh [Eugene Casalis fundou a Missão Protestante Francesa para ele em 1832]. Os únicos ocupantes iniciais da caverna poderiam ter sido primeiro bosquímanos e mais tarde fugitivos de fala bantu antes do território ser seriamente ocupado pelos bantu [negros sul-africanos] provavelmente no início do século passado.»

Mas um ano após o seu experimento do "pequeno osso" com Croiset na Holanda, apresentou-se uma explicação plausível. O Professor C. van Riet Lowe, um eminente arqueólogo sul-africano, escreveu ao seu colega, Dr. Valkhoff, a 7 de setembro de 1954:

«... numa caverna próxima, conhecida como Ha Khotsa perto de Theko, a cerca de dezasseis milhas a leste ou sul da Caverna dos Canibais, há uma série incomumente extensa de pinturas pré-históricas [bosquímanas] que incluem uma imagem invulgarmente interessante que reproduzi e descrevi no The Illustrated London News de 29 de abril de 1933. Nela vemos sete tribos locais nuas armadas com arcos e flechas a repelir o avanço de seis homens armados com lanças e usando jaquetas de couraças e capacetes ou turbantes. Agora estes seis homens não são nem bantu nem bosquímanos. São estrangeiros que o artista [provavelmente um bosquímano] realmente viu — e não são os únicos estrangeiros que foram notados nas nossas pinturas rupestres.

«Em 1933, inclinei-me a ligar as seis figuras de turbante ao Egito. Mas aprendemos tanto durante os últimos vinte e cinco anos que agora os ligamos ao Golfo Pérsico e ao comércio entre essa região geral e África, comércio fundado nos monções; que remonta a tempos antigos e floresceu durante tempos medievais. Havia, agora sabemos, ligações comerciais firmes entre Shiraz e Sofala há cerca de mil e possivelmente mais anos. Sendo assim, há pouca razão para que uma banda de pessoas de pele clara

não tenha penetrado tão ao sul como a União ou mesmo Basutolândia em algum tempo remoto no passado.

«As figuras de turbante poderiam representar persas, que, aos "olhos" do seu psicoscopista, eram "brancos". A sua interpretação pode portanto não ser tão fantástica como poderia parecer à primeira vista. Pois pessoas "brancas" podem muito bem ter estado em ou perto de Basutolândia muito antes dos povos de fala bantu ocuparem pela primeira vez essa área no início do século passado.»

CASO 7

A MULHER NA CADEIRA 9

Ainda mais fantásticas do que as suas impressões do "passado" são as previsões de Gerard Croiset do "futuro", que podem ser verificadas de forma mais conclusiva. O seu experimento mais espantoso em precognição é o seu famoso teste da cadeira, concebido para ele em 1947 pelo Professor Tenhaeff e realizado com sucesso quase 400 vezes desde então sob controlos rigorosos por cientistas na Holanda, Alemanha, Áustria, Itália e Suíça.

SETES CASOS 43 É selecionado aleatoriamente um número de cadeira a partir de um plano de lugares de uma reunião pública futura. Diz-se a Croiset ou ele próprio seleciona o número. Em seguida, descreve com espantosa precisão a aparência, personalidade e características principais do homem ou mulher que se sentará nessa cadeira — muitas vezes antes mesmo de a pessoa ter decidido assistir à reunião!

Aqui está um exemplo típico com as habituais salvaguardas cautelosas de Tenhaeff: A 6 de janeiro de 1957, às duas da tarde, Gerard Croiset estava no Instituto de Parapsicologia com o Professor Tenhaeff, a Sr.ª Louwerens e dois professores da Universidade de Utrecht, L. H. Bretschneider, biólogo, e J. A. Smit, físico. Foi entregue ao sensitivo um plano de lugares para uma reunião a realizar vinte e cinco dias depois na casa da Sra. C.V.T., uma mulher de Haia que nem ele nem o Professor Tenhaeff conheciam. A lista de convidados para as trinta cadeiras ainda não fora elaborada. Croiset escolheu a cadeira número 9.

«Consegue dizer-nos algo sobre a pessoa que ocupará a cadeira número 9?», perguntou o Professor Tenhaeff.

Croiset tocou no gráfico por um momento e depois começou a falar para o gravador:

«1. Na sexta-feira, 1 de fevereiro de 1957, na casa de uma senhora em Haia, sentar-se-á na cadeira número 9 uma mulherzinha alegre, ativa, de meia-idade. Tem muito interesse em cuidar de crianças.

«2. Entre 1928 e 1930, vejo que muitos dos seus passos foram dados perto do Kurhaus e do Circo Strassburger em Scheveningen.

«3. Quando era uma rapariguinha, teve muitas experiências num distrito onde se fazia muito queijo... Vejo uma quinta em chamas onde alguns animais são queimados até à morte.

«4. Vejo também três rapazes. Um tem uma constituição como a minha. Tem um emprego numa área ultramarina. Parece-me um território britânico.

«5. Ela alguma vez olhou para uma imagem de um marajá? Vejo alguém da Índia... está a usar o traje de um habitante desse país... um turbante com uma grande joia.

«6. Alguma vez, quando era rapariga, deixou cair um lenço numa jaula com animais selvagens? Vejo um pedaço de tecido cair. Estes animais, e parecem leões, rasgam o tecido em pedaços.

«7. Vejo também um bloco de rascunho com o número seis no topo. Primeiro era um cinco mas ela mudou-o para seis. Isto acabou de acontecer e ela teve muitas discussões por causa disso.

«8. Ela também sujou recentemente as mãos numa caixa de tintas à moda antiga? Vejo uma caixa com pequenas pastilhas de tinta... Feriu-se ligeiramente com isso? O dedo médio da mão direita.

«9. Foi também visitada recentemente por uma amiga de cerca de quarenta e quatro anos... não muito alta, bem constituída, robusta, com cabelo escuro e a usar um vestido com várias pregas grandes na frente? Esta mulher falou-lhe sobre problemas sexuais e aconselhou-a a visitar um psiquiatra?

«10. Teve uma forte emoção com a ópera Falstaff? É essa a primeira ópera que alguma vez viu?

«11. O pai dela recebeu uma medalha de ouro pelos serviços que prestou?

«12. Levou uma rapariguinha ao dentista? E esta visita criou muita agitação? Quase posso dizer que isto acontecerá na sexta-feira, 1 de fevereiro de 1957.»

O gravador foi reproduzido para o clarividente e perguntaram-lhe se tinha mais impressões. Sim, Croiset tinha:

Ponto 2. «Aqui, vi a imagem de um homem de cerca de quarenta e cinco anos, muito emocional e sensível... a esposa não o compreendia. Estavam separados... Este homem tinha relações com outras mulheres. E a esposa tinha relações com outros homens.»

Ponto 4. «Tenho a impressão de que um desses rapazes está morto. A sua morte tem algo a ver com a ocupação [alemã] do nosso país.»

Ponto 5. Admitindo que esta imagem de um leão era provavelmente simbólica, Croiset disse: «Uma vez comparei um mesmerista a um domador de leões e o público aos leões. Quando o domador de leões se aproxima demais dos leões, eles devoram-no.»

Ponto 6. «De repente, vi a minha filha crescida quando era criança. Quando tinha cinco anos, levei-a ao dentista. Recusou-se a abrir a boca e ficou com o dentista várias horas.»

No dia seguinte, a 7 de janeiro, como pré-combinado, o Professor Tenhaeff telefonou ao Dr. A. Tuyter em Utrecht, dizendo: «O Sr. Croiset gravou as suas impressões para o teste da cadeira de 1 de fevereiro.» Naturalmente, não revelou nada do que o sensitivo dissera. O Dr. Tuyter telefonou então à Sra. C.V.T., dizendo-lhe: «Pode agora enviar os trinta convites.»

As primeiras impressões de Croiset foram transcritas do gravador e foram mimeografadas quarenta cópias. Mas os dados suplementares não foram mimeografados porque não seriam discutidos com a pessoa "alvo" até terem sido verificados.

Para garantir a seleção acidental das cadeiras, foram preparados no Instituto de Parapsicologia, a 31 de janeiro, dois baralhos de cartas (cada um numerado de 1 a 30). Um baralho foi cortado por meio de uma "chave meteorológica" científica, bem baralhado e selado. O outro conjunto foi deixado sem selar.

Na noite seguinte, a 1 de fevereiro, o Professor Tenhaeff, as Sr.as Nicky e Annet Louwerens, o Dr. Tuyter e um parapsicólogo finlandês visitante, Magister J. Fahler, chegaram à casa da Sra. C.V.T. em Haia às sete da

tarde. As cartas não seladas foram colocadas nas trinta cadeiras numeradas (seis filas com cinco lugares) na grande sala de testes no primeiro andar.

Entretanto, numa sala no rés do chão, os trinta participantes convidados e desconhecidos receberam uma explicação da técnica do teste da cadeira pelo Professor Tenhaeff. Todos os trinta receberam uma cópia dos dados mimeografados de Croiset e foi-lhes dito: «Por favor, leiam com atenção. Se algum destes pontos se aplicar a vós, digam-no no espaço à direita de cada ponto.»

O envelope selado com as trinta cartas numeradas foi então aberto e, à medida que os participantes começaram a subir as escadas, cada um tirou uma das mãos de Nicky Louwerens. À porta da sala de testes, a sua irmã Annet verificou se cada pessoa se sentava corretamente. «Por favor, não toquem em nenhuma cadeira que não tenha o vosso número», alertou o Dr. Tenhaeff, «porque isso pode afetar os resultados.»

Após todos estarem devidamente sentados, Gerard Croiset tocou à campainha da porta e foi dramaticamente introduzido na sala. Conduzira as trinta e seis milhas de Utrecht a Haia sob ordens de não aparecer antes das 8:15 da noite; isto para excluir qualquer possibilidade de a sua presença influenciar a seleção das cadeiras.

O formulário mimeografado foi lido em voz alta, ponto por ponto. Cada vez, a Sra. M.J.D., a mulher que tinha o bilhete número 9 — e portanto a cadeira número 9 — era perguntada se alguma das impressões de Croiset, com vinte e seis dias de idade, se aplicava a ela. «Sim, muitas delas aplicam-se», admitiu. Como virtually nenhuma das afirmações de Croiset se aplicava aos outros vinte e nove indivíduos, foi considerada a pessoa "alvo".

A verificação pública nessa noite de 1 de fevereiro e mais tarde numa entrevista privada com ela em Amesterdão a 18 de maio e numa sessão gravada a 20 de junho com ela e o marido no Instituto de Parapsicologia revelou o seguinte:

Ponto 1. A Sra. M.J.D. tinha quarenta e dois anos, era uma mulher alegre, ativa, vivaz que admitia um tremendo interesse no cuidado de crianças. Quando era rapariguinha, comentava frequentemente que queria um castelo com cem bebés!

Ponto 2. Os pais estavam divorciados. O pai, um homem sensível e emocional, trabalhava nas Índias Orientais Holandesas. Quando regressava periodicamente à Holanda de licença, levava-a frequentemente ao circo em

Scheveningen. Ambos os pais da Sra. D. mantinham relações íntimas com outra mulher e outro homem, respetivamente.

Ponto 3. Quando criança, a Sra. D. visitava frequentemente quintas. Mas o principal produto era manteiga, não queijo. O incêndio na quinta com animais queimados até à morte que Croiset "viu" pode ser explicado por uma experiência do filho mais velho da Sra. D.: o rapaz trabalhara numa quinta onde testemunhara um cavalo morto por um raio; ficara profundamente afetado durante muito tempo depois.

Ponto 4. Embora a Sra. D. não conseguisse ligar os dados de Croiset a qualquer evento na sua própria vida, o marido afirmou que tinha dois irmãos. Um, que se voluntariara para lutar na Indonésia em 1945, fora treinado em Inglaterra, mas só chegara a Singapura. O outro irmão, que morrera num campo de concentração alemão, tinha uma constituição como Croiset.

Ponto 5. Alguns dias antes da reunião de 1 de fevereiro, a Sra. D. admitiu ter olhado para uma imagem de um iogue num livro. Depois tivera uma conversa com o filho sobre isso e os Magos hindus. O marido da Sra. D. acrescentou que a esposa lhe dissera que em muitas noites sentira repetidamente a presença de um "ajudante invisível" ou "espírito protetor" que imaginava ser um iogue.

Ponto 6. A Sra. D. insistiu que não conseguia de todo "colocar" esta imagem. Mas Croiset respondeu que ficaria claro quando o ponto 9 fosse discutido.

Ponto 7. Entre 26 de janeiro e 1 de fevereiro, quando a Sra. D. equilibrava o seu livro de contas domésticas, descobrira que colocara um cinco onde deveria estar um seis na adição. Como o livro de contas domésticas não batia certo, isso causara uma discussão com o marido.

Ponto 8. No início de janeiro, os filhos da Sra. D. andavam a "mexer" numa caixa de tintas à moda antiga com pequenas pastilhas de tinta. Ela queria livrar-se dela e, ao fazê-lo, sujara as mãos e uma toalha com a tinta. Por volta da mesma altura, cortara o dedo médio da mão direita numa lata de vegetais — o que indica que Croiset combinou duas imagens.

Ponto 9. A Sra. D. admitiu que uma amiga, com quem discutira recentemente problemas sexuais, não era muito alta, era bem constituída, robusta, tinha cabelo escuro e usava frequentemente um vestido com grandes pregas. Aconselhara esta mulher a ver um mesmerista. Quando a Sra. D. contou isto na reunião de 1 de fevereiro, Croiset mencionara que ela

fizera mal em encaminhar a mulher para o mesmerista. Quando ouviu o nome do mesmerista, a 20 de junho no Instituto de Parapsicologia, Croiset disse: «Este homem não é confiável em assuntos sexuais. Um mesmerista ou psiquiatra deve saber manter-se afastado dos seus pacientes. Caso contrário, os leões devoram-no.»

Perguntado o que isto tinha a ver com um lenço, Croiset respondeu que se referia a um jogo que jogara quando criança: "Lenço escondido, contar proibido." Ninguém deve ser informado do que acontece entre uma mulher e o seu mesmerista ou psiquiatra.

Ponto 10. A Sra. D., cantora de ópera profissional, admitiu que a primeira ópera em que cantara fora Falstaff. Além disso, apaixonara-se pelo tenor nela.

Ponto 11. Quando o pai se reformou, foi-lhe oferecida uma cigarreira de ouro inscrita.

Ponto 12. A filha pequena da Sra. D. tinha uma cárie num dente da frente. A 1 de fevereiro, a Sra. D. levou-a ao dentista — três semanas após a previsão de Croiset. A criança tinha muito medo da dor e sofreu durante a visita.

Relatei este caso em detalhe para ilustrar como as impressões de Croiset, com vinte e seis dias de idade, correspondiam sem a menor dúvida aos factos na vida da Mulher na Cadeira 9 — incluindo eventos que ocorreriam no futuro (Pontos 5, 7, 9 e 12).

Como foi isto possível? O que permitiu ao sensitivo holandês ver o passado, o presente e o futuro nestes sete casos?

Talvez o capítulo seguinte sobre a vida inicial do clarividente possa iluminar o dom invulgar de Gerard Croiset.

OS PRIMEIROS DIAS NA HOLANDA

A INFÂNCIA DE CROISET, O CLARIVIDENTE, PODE AJUDAR-NOS A COMPREENDER outras crianças que são consideradas "peculiares", "tímidas" ou "imaginativas".

O futuro telepata nasceu a 10 de março de 1909, curiosamente no dia em que, trinta e três anos antes, fora enviada a primeira mensagem telefónica por Alexander Graham Bell. O local foi a pequena e pitoresca cidade de artistas de Laren, na província da Holanda do Norte.

Os pais judeus de Gerard eram ambos do teatro. O pai, Hyman, um ator proeminente, excursionava continuamente pela Holanda e Bélgica, interpretando papéis principais em muitas produções de Shakespeare e Ibsen. A mãe era guarda-roupa.

Hoje o seu irmão Max, que é dois anos mais novo, é um conhecido ator e recitalista na Holanda, atuando e produzindo peças como Édipo, Hamlet, Fantasmas, O Ginjal, Dos Ratos e Homens. Os dois filhos de Max também estão no teatro.

Gerard Croiset, que tem ele próprio uma maneira teatral, sente uma intensa rivalidade com o irmão ator. O clarividente é um verdadeiro "presunçoso" diante da câmara, disseram-me muitos fotógrafos.

A veia exibicionista do sensitivo também provém dos seus fortes sentimentos de insegurança quando criança. O pai ator, que ele tanto amava como odiava, era socialista e ateu. Um homem atraente com um olho errante e uma atitude cavalheiresca em relação à vida familiar, o papá Croiset desertava periodicamente a mãe de Gerard, com quem tinha um casamento de facto, e mais tarde regressava para viver com ela.

Quando criança, Gerard teve pouca ou nenhuma vida familiar. Quando tinha oito anos, foi colocado numa família de acolhimento onde foi extremamente infeliz. Viveu com seis conjuntos diferentes de pais adotivos. Como nenhum deles o compreendia, estava constantemente em conflito com eles e era punido para sempre. Um cruel pai adotivo disciplinava o rebelde Gerard acorrentando-lhe a perna a um poste no chão.

Hoje o sensitivo de Utrecht é muito compreensivo com pessoas que têm dificuldades nos pés.

Gerard era uma criança doente e desnutrida que sofria de raquitismo. Devido às suas frequentes doenças, estava sozinho grande parte do tempo e entregava-se a devaneios. Vivendo no seu próprio mundo privado, o jovem

sensitivo escapava à dureza da realidade através das suas fantasias. O rapaz à la Walter Mitty descrevia frequentemente pessoas que nunca conhecera e falava de cidades que nunca visitara. As pessoas que ouviam os seus estranhos contos olhavam para o pequeno Gerard com pena, pensando: «Que infelicidade que esta criança não esteja bem da cabeça.» Numa fantasia recorrente da infância, passava muitas tardes a brincar com amigos pequenos imaginários e projetava-se nestas figuras fictícias. Estes devaneios que Gerard não compreendia, juntamente com as suas relações telepáticas com pessoas, foram os primeiros sinais dos seus dons paranormais.

Tal como a maioria dos sensitivos que foram estudados no Instituto de Parapsicologia, Gerard Croiset tornou-se consciente das suas capacidades extrassensoriais quando era muito jovem. Embora não se lembre do momento exato, quando criança de seis anos já percebera que era "diferente". Todos o consideravam um rapaz "estranho" e evitavam-no porque os seus sonhos proscópicos lhes davam uma sensação de opressão. Embora ansiassem por afeto e compreensão, recebia pouco. O jovem Gerard não queria ser considerado "estranho" mas percebia que conseguia "ver" coisas que outras pessoas não conseguiam. O rapaz queria ser visto como "normal". Os seus poderes paranormais, no entanto, separavam-no dos outros e davam-lhe um profundo sentimento de inferioridade.

Gerard era frequentemente repreendido injustamente pelas suas impressões psíquicas. Resultado: amuava, retraía-se e sentia-se ainda mais inseguro.

Porque se mudava de uma família de acolhimento para outra, recebeu apenas uma educação elementar escassa. Um professor considerava-o um "pequeno louco tolo" porque Gerard insistia: «Consigo ver o que está a acontecer a muitos quilómetros de distância.» No entanto, este professor ficou espantado após ter estado ausente um dia quando Gerard o saudou de regresso dizendo: «Eu sei, senhor, porque não veio à escola ontem dar-nos aulas. Foi ver uma jovem loira que usava um vestido com uma rosa vermelha. Vai casar-se com ela.»

Estranhamente, o professor recebera um dia de licença do diretor para visitar uma cidade próxima e pedir a mão da sua futura noiva, e ela recebera-o de facto com uma rosa vermelha presa ao vestido.

Hoje muitas das imagens de Croiset, o Clarividente, provêm das suas próprias experiências de infância. «Tal como muitos outros sensitivos, procura inconscientemente eventos na vida de outros que estão

associativamente relacionados com os da sua própria», recorda o Dr. Tenhaeff.

Por exemplo, Croiset tem sido extraordinariamente bem-sucedido em localizar crianças afogadas. O seu poder em descrever lugares e condições espantou a polícia e os pais. Esta capacidade invulgar provavelmente provém de Gerard próprio ter quase se afogado quando tinha oito anos. O evento teve um profundo efeito sobre ele.

Vários meses após ter sido resgatado deste quase afogamento, Gerard soube que o homem que lhe salvara a vida caíra de uma escada e morrera. «Ainda hoje, não me recuperei completamente deste choque quando criança», suspira. «Culpei-me na altura porque não estava lá quando ele caiu para o apanhar e salvá-lo tal como ele fizera comigo. Deu-me uma má consciência durante muitos anos porque me preocupava por ter falhado com ele quando precisava de mim.»

O sensitivo de Utrecht também tem ocasionalmente imagens desagradáveis de roupas quando recebe impressões de infância dos seus consultantes. «Croiset tem frequentemente impressões das roupas que as pessoas usavam na infância, especialmente aquelas que ele próprio teve de usar quando rapaz e das quais não gostava», observa o professor. Entre elas estão fatos de marinheiro e gravatas de laço que o relutante jovem Gerard era obrigado a usar.

Mas as memórias do clarividente dos seus dias no orfanato são provavelmente as mais infelizes da sua vida. Porque resistia aos regulamentos do orfanato, estava em conflito repetido com o superintendente que, afirma, o chicoteava brutalmente com uma cana. O rapaz rebelde era também fechado numa pequena sala. Estes castigos, que Gerard considerava injustos, amarguraram-no enormemente. Daí que, hoje, sempre que um órfão é maltratado, obtenha uma impressão invulgarmente forte disso e ainda fique demasiado emocional em relação a órfãos.

Outro exemplo de como uma experiência de infância afetou as suas imagens adultas é o seguinte incidente autobiográfico que Croiset contou ao Professor Tenhaeff em 1947:

«Quando tinha dez anos, vivia na cidade de Middelburg [capital da província insular de Zeeland, de onde veio a família Roosevelt]. Um dia precisava muito de dinheiro porque queria ir ao cinema ver Pola Negri. Encontrei uma colega de escola cuja mãe a mandara fazer compras e ela estava a contar o dinheiro. Estava a escurecer. De repente, a rapariga caiu.

A bolsa voou-lhe da mão e o dinheiro espalhou-se pela rua. Uma pequena moeda de prata rolou na minha direção. Pus o pé em cima dela, enquanto fingia ajudá-la a procurá-la. Quando ela estava a alguma distância de mim, apanhei a moeda sem ela notar e meti-a no bolso. Mas no dia seguinte, quando fui ao cinema, parei à entrada. Não consegui entrar. Fui para casa e guardei a moeda no bolso durante dois dias. Quase queimava um buraco ali. No dia seguinte na escola devolvi-lha. Fiz isso fingindo que acabara de a encontrar onde ela a perdera.

«Anos depois, pediram-me para ajudar um homem doente que estava a ser tratado sem grande sucesso por um médico. Perdera o apetite, emagrecera, não conseguia dormir e tinha outros sintomas que preocupavam a família. Quando entrei no seu quarto, vi de repente acima da sua cabeça a imagem desta mesma rapariga de Middelburg. Após a família sair da sala, perguntei-lhe numa voz severa: 'De quem roubaste o dinheiro?' O homem ficou muito assustado. Contorceu-se na cama e o rosto cobriu-se de suor frio. Pensou que eu era um polícia. Quando lhe assegurei que não era e que só tentava ajudá-lo, admitiu ter roubado o dinheiro. Der-o a uma antiga namorada que o chantageava. Ameaçar a contar à esposa do caso deles. Contou-me outras coisas. Mas o que ele não me contou, eu contei-lhe. Comecei a ver todo o tipo de coisas do passado dele. Ordenei-lhe que se levantasse, se vestisse e viesse comigo visitar o homem de quem roubara o dinheiro e admiti-lo e depois visitar a rapariga que o chantageava. Ela prometeu parar. Fui então ao médico que tratava o homem, Dr. Van D. em Enschede, e disse-lhe que tinha boas razões para acreditar que a doença dele vinha de uma causa psíquica. O médico encaminhou o paciente para um psiquiatra que mais tarde o curou completamente.»

Outro exemplo de como as memórias de infância de Gerard Croiset influenciam o seu pensamento adulto ocorreu quando deu uma demonstração de teste da cadeira em Amesterdão diante de várias centenas de pessoas a 8 de fevereiro de 1952. Após Croiset tocar em alguns objetos, pediu a um homem desconhecido na multidão que se levantasse e disse: «Tenho uma impressão de um cesto de compras indonésio. Vejo-te a caminhar com esse cesto. Tens cerca de dez anos. Vais a uma padaria. Compras bolinhos pequenos. No caminho para casa, comes quase todos. Tens medo de ir para casa. Finalmente tens coragem de o fazer. Mas a tua mãe dá-te uma surra severa.»

O homem perplexo admitiu que estes factos estavam corretos, incluindo o cesto de compras de palha trançada indonésio. Croiset também carregara um quando rapaz. Mas o homem tinha nove anos (não dez) na altura. Durante semanas depois, alimentara um rancor contra a mãe, admitiu, porque sentia que ela o punira injustamente. E mesmo agora, após todos estes anos, a memória ainda doía.

Da mesma forma, as imagens de infância do sensitivo do Mar do Norte influenciam a sua explicação de direções hoje em dia. «Pontos de referência de que tenho a certeza», diz ele, «mas outras direções são difíceis.» Quando as pessoas o consultam em casos de pessoas desaparecidas e perguntam: «Por que caminho tenho de ir para o encontrar?», Croiset geralmente dá uma direção dos ventos. «Vejo sempre direções dos ventos à volta do Mar do Norte», explica. «Quando era rapaz, vivi com uma família onde o homem era marinheiro que navegava no Mar do Norte e me contou muitas histórias sobre ele e me ensinou direções dos ventos.» Mas o Professor Tenhaeff salienta que Croiset tem dificuldade em orientar-se corretamente no Mar do Norte quando o caso é na América porque a direção fica a leste dele em comparação com a oeste quando está nos Países Baixos.

Quando Gerard tinha onze anos, pôde voltar a viver com a mãe. Como o marido ator a desertara de vez, ela casou-se agora legalmente com outro homem. O Conselho de Tutela permitiu-lhe levar o filho para a sua nova casa. Mas o sombrio e rebelde Gerard não se dava bem com o padrasto e fugia repetidamente de casa.

Aos treze anos, abandonou a escola para viver com um agricultor, concordando em trabalhar nos campos em troca de comida, alojamento e roupa. Mas as tarefas de trabalhador rural aborreciam-no e tentava escapar delas. No entanto, o ambiente da quinta teve uma influência duradoura sobre ele. Hoje muitas das suas imagens envolvem palheiros, estrume, campos e árvores.

Após deixar a quinta, o futuro sensitivo foi contratado como empregado júnior no escritório de um mestre de porto onde tinha de somar longas listas de números. Mas também se aborreceu com isso; a sua adição era tão imprecisa que foi rapidamente despedido. O jovem trabalhou então como assistente de loja mas também não mostrou talento para esse trabalho. Onde quer que trabalhasse, os negócios invariavelmente declinavam à medida que as suas responsabilidades aumentavam. O rapaz inquieto e imaginativo era incapaz de manter qualquer emprego por muito tempo.

Aos dezassete anos, tornou-se representante de vendas de uma empresa de chá, café e zwieback, mas também falhou nisso. Conseguiu um emprego na cadeia de mercearias Albert Heyn como ajudante e conseguiu permanecer aí durante vários anos.

Em 1934, quando tinha vinte e cinco anos, Croiset casou-se com Gerda ter Morsche, a filha simples e sem instrução de um carpinteiro de Enschede que fora sua noiva durante quatro anos. Um ano depois, nasceu o filho mais velho, Hyman. Incapaz de sustentar a esposa e o filho, os sogros encorajaram-no a abrir a sua própria mercearia em Enschede e emprestaram-lhe o dinheiro para começar. Mas era um mau homem de negócios, dando o stock a clientes sem dinheiro. Quando não pagou as contas, foi assediado por credores e em breve faliu — um evento que o clarividente foi incapaz de prever na sua própria vida.

Este período da sua vida explica a sua "relação associativa" com mercearias que figura tão frequentemente no seu trabalho clarividente ainda hoje. Há vários anos, ao concentrar-se na Sra. K. que o consultara, a imagem de uma caixa de passas de Esmirna apareceu-lhe.

«Gosta de comer passas?», perguntou-lhe Croiset.

«Não», respondeu ela, perplexa.

«Bem, vejo que as passas de Esmirna desempenharam um papel na sua vida.»

«Oh, nasci em Esmirna, se é isso que quer dizer», concedeu a mulher.

Para o ex-merceeiro Croiset, Esmirna estava associada ao símbolo das passas.

Quando Croiset me contou nostalgicamente o seu fracasso na mercearia, lembrei-lhe que Harry S. Truman falhara uma vez como empregado de loja de fazendas e acabara por se tornar Presidente dos Estados Unidos. Croiset animou-se, sorrindo de orelha a orelha apreciativamente com esta informação.

No entanto, o seu fracasso como merceeiro em 1935 deprimiu-o enormemente e causou um colapso nervoso.

Quando as coisas estavam mais sombrias, no entanto, Gerard Croiset começou a tornar-se mais consciente dos seus poderes paranormais. Um dia após o fiasco da mercearia, estava abatido sentado à beira da estrada num pequeno poste — a imagem do poste que evocou no Caso 5 no Capítulo 2.

Um antigo cliente, que passava de bicicleta, parou e perguntou: «O que se passa, Croiset?» O merceeiro falido contou-lhe os seus problemas. Simpático, o homem convidou Croiset a visitá-lo a ele e à esposa nessa noite. Croiset aceitou avidamente. Em casa deles, Croiset discutiu as suas experiências psíquicas, que admitiu não conseguir compreender.

O anfitrião, um espiritualista, reconheceu rapidamente os dons óbvios de Gerard Croiset. Pouco depois, acolheu o ex-merceeiro no seu círculo íntimo como um "médium espiritualista" o que Croiset, a princípio, pensou que era. Convidadas a assistir às sessões onde se realizavam sessões espíritas, concluiu em breve que muitos fenómenos que os espiritualistas acreditavam serem causados por espíritos podiam ser explicados de outras formas. Homem altamente ético, abandonou portanto o grupo espiritualista.

Numa noite de verão de 1935, Croiset e a esposa visitaram um homem chamado Henk de Maar, um relojoeiro que vivia em Bore perto de Enschede. O ex-espiritualista Croiset pegou despreocupadamente numa régua de metro que estava na mesa. Imediatamente, imagens da juventude de De Maar surgiram na sua mente. Croiset começou dizendo animadamente: «Vejo um acidente de automóvel... um corpo deitado na estrada num lugar relvado.» De Maar ouviu, horrorizado, exclamando: «Tudo o que disse é verdade. Tem frequentemente esses sentimentos?»

«Muito frequentemente», respondeu Croiset.

«Então deve ser um clarividente!»

«Foi assim que tudo começou», recorda Croiset. «Outras pessoas souberam de mim e trouxeram-me os seus problemas. Esqueci o fracasso da mercearia e comecei a pensar numa nova carreira.»

A irmã mais velha de Croiset, Eleanora, e o seu prático marido executivo têxtil, J. W. IJzerman, de Almelo próximo, disseram-me recentemente que, na altura, consideravam Gerard "um pouco louco" por pensar que tinha capacidade paranormal. Mas o merceeiro falido estava agora a tornar-se mais seguro disso.

O pai de Croiset morreu aos quarenta e oito anos de um ataque cardíaco quando Gerard tinha quinze. Agora, em 1937, quando tinha vinte e seis anos, a mãe morreu subitamente de cancro. Durante a última fase da doença, comeu muitos pêssegos. No leito de morte, um pêssego meio descascado estava na mesa de cabeceira. Hoje, sempre que o sensitivo Croiset vê a imagem de um pêssego meio descascado, simboliza para ele um doente de cancro.

Entre 1937 e 1940, quando ganhava reputação em Enschede como "psicometrista", teve muitas impressões paranormais da futura invasão da Holanda pelos nazis. Mas não estava ciente de que as suas visões diziam respeito à guerra; muitas vezes, não compreendia o seu significado.

No entanto, nos arquivos do Instituto de Parapsicologia está a seguinte carta escrita pelo Sr. C.V.:

«Em 1933 conheci Croiset pela primeira vez. Gostei dele embora as suas visões me intrigassem. Em 1938 as nossas relações tornaram-se tensas quando me tornei membro do N.S.B. [um grupo de cidadãos holandeses que simpatizavam e ajudavam os nazis durante a Segunda Guerra Mundial]. Depois disso, Croiset e eu raramente nos víamos. Mas em 1939 avisou-me novamente que os meus sentimentos pró-alemães me meteriam em problemas. "Viu-me" num uniforme preto — durante os anos de guerra de 1941-43 usei de facto tal uniforme. Previu também que passaria vários anos na prisão. Na altura, considerei as previsões de Croiset absurdas. Mas fui lançado num campo de prisioneiros holandês na Holanda e não fui libertado até novembro de 1948.»

Outro exemplo de como Croiset, o Clarividente, previu indiretamente a Segunda Guerra Mundial ocorreu em agosto de 1939. O clarividente disse então pictoricamente ao Sr. C.R.: «No futuro, fará uma longa viagem para um país onde há templos e pagodes. As pessoas aí são escuras, usam chapéus grandes e grandes panos coloridos à volta da cintura. Passará por um período muito difícil. Vejo duas feridas a sangrar nas suas costas. Mas não são fatais. Depois virão bons tempos para si.»

Em 1954, o Sr. C.R. relatou o seguinte ao Professor Tenhaeff:

«Em 1948 fui para a Indonésia onde os nativos usam sarongues e as pessoas do campo, grandes chapéus achatados. Como tenho muito interesse em religiões antigas, visitei vários templos e pagodes antigos em Banguecoque. No leste de Java, um bandido disparou-me nas costas. A bala atingiu a coluna e as costelas, perfurou o pulmão direito e alojou-se na omoplata direita. A bala foi removida por um cirurgião e tenho dois buracos de ferida nas costas. Fui dispensado do meu emprego apesar do contrato. Iniciei um processo judicial e ganhei-o. Agora trabalho novamente na Indonésia, por isso as coisas acabaram por correr bem para mim, tal como Croiset disse.»

Outro exemplo de como Croiset previu a Segunda Guerra Mundial foi quando a Sra. E., de Enschede, lhe perguntou em 1938: «Devo ir viver com

a minha filha nas Índias Holandesas?» Croiset respondeu: «Se ficar na Holanda, estará mesmo no meio da guerra. Se a guerra durar mais de dois anos, é melhor ir para as Índias Orientais Holandesas porque só então eclodirá uma guerra aí. Não durará tanto como a guerra europeia. Na verdade, perderemos as Índias Holandesas. Mas depois estará de volta aos Países Baixos, por isso não terá de passar por esse período de transição.»

A Sra. E. foi para as Índias Orientais em 1939 e regressou em 1946, antes de a Indonésia se tornar livre em 1949.

Outra profecia de guerra foi a sua previsão sobre o futuro de um conhecido, o Adjunto van de Berg, que, como muitos militares, não estava satisfeito com o seu posto em Tilburg. Em 1936, perguntou a Croiset: «Quando sairei daqui? E para onde irei então?»

«Dentro de quatro anos, irá para Utrecht», previu Croiset.

«Impossível!», respondeu Van de Berg. «Se tivesse dito Milligen, acreditaria, porque estou na cavalaria. Em Utrecht não é possível. Teria de eclodir uma guerra.»

«Então haverá uma guerra dentro de quatro anos», retorquiu Croiset, «mas ficará estacionado em Utrecht.» Profeticamente, em 1940 Van de Berg foi transferido para Utrecht quando os Países Baixos se envolveram na Segunda Guerra Mundial.

Embora o primeiro nome do clarividente "Gerard" signifique "poderoso com a lança" em teutónico, na verdade é um homem pacífico com horror à guerra. Após os nazis ocuparem a Holanda em maio de 1940, Croiset foi obrigado a usar uma braçadeira com estrela judaica. «Em vez de me envergonhar dela, usava-a orgulhosamente», recorda. «Não me era permitido ter uma bicicleta porque era judeu, por isso comprei uns patins que usava nas ruas.» Embora o sensitivo de Utrecht tivesse oportunidade de ocultar a sua origem judaica através de documentos falsos, recusou-se a fazê-lo.

O período mais difícil da sua vida, contou-me Croiset, foi no início de 1941 em Enschede quando tinha trinta e dois anos. Um dia, quando estava em casa de um amigo químico Ketelaar, viu de repente, entre outras coisas, a imagem de um polícia alemão vestido com um uniforme verde. Percebeu que ia ser preso pelos nazis. Croiset pediu a Ketelaar que ajudasse a esposa e os filhos. Ketelaar e outros amigos instaram Croiset a fugir. Mas Croiset recusou, dizendo: «Oiço uma voz interior que diz 'Não fujas. Fica na Holanda e continua o teu trabalho.'»

Duas semanas depois, numa manhã de domingo às cinco da manhã, a Gestapo chegou a casa de Croiset e prendeu-o. Juntamente com muitos outros holandeses (principalmente judeus), foi preparado para envio para a Alemanha. Durante este transporte, testemunhou a brutalidade das tropas estatais contra companheiros prisioneiros. Estes assaltos nazis enfureceram tanto Croiset que começou a ripostar. Mas os companheiros prisioneiros impediram-no à força de o fazer, persuadindo-o de que uma tentativa de resistência resultaria na sua morte certa.

Em 1943, após Croiset ser misteriosamente libertado do campo alemão, regressou a Enschede. Já tinha documentos que mostravam que era casado com uma não judia. Mas agora os amigos falsificaram documentos afirmando que a mãe não era judia, na esperança de assim tornarem os nazis mais lenientes com ele no futuro.

Embora Croiset nunca se tenha juntado realmente à "resistência" holandesa, ajudou-a, no entanto, através dos seus poderes clarividentes. Tinha frequentemente impressões psíquicas e informava os holandeses do movimento de resistência sobre elas. Por exemplo, um dia ao passar por uma casa, recebeu uma imagem de judeus escondidos aí e de estar em perigo. «Os alemães vão em breve revistar esta casa», avisou. Através da intercessão de amigos da resistência, os judeus foram rapidamente transferidos para outro local. Quando os nazis mais tarde revistaram esta casa como previsto por Croiset, os judeus já tinham fugido para um lugar mais seguro.

A 17 de outubro de 1943, os nazis prenderam novamente Croiset numa rede em Enschede, desta vez não como meio judeu, mas juntamente com milhares de outros homens enviados para a Alemanha para trabalhar em fábricas. O clarividente começou então a refletir metafisicamente sobre "espaço não ligado ao tempo", como indicam as suas palavras seguintes:

«Fui levado para um lugar onde centenas de homens estavam reunidos à espera de serem enviados cedo de manhã. Às sete e meia da noite, após um longo dia de espera sem comer nem beber, tivemos de caminhar até Gronau, a cerca de oito quilómetros de distância. Aí, comboios esperavam para nos transportar. Mas parecia que em Gronau não contavam com uma "captura de homens" tão enorme porque não havia instalações de transporte suficientes. Quando finalmente tudo estava pronto, partimos para um destino desconhecido. Na manhã seguinte às cinco horas, o nosso comboio parou. Sem comer nem beber, começou outra marcha de trinta quilómetros para nós. Chegámos a um local onde estavam duas grandes tendas, cada

uma destinada a cerca de 250 homens. Em vez disso, havia 1500 homens — 750 homens por tenda. Só às nove da noite chegaram camiões com comida. Estávamos famintos. A comida trazida era uma espécie de guisado em grandes latas de leite. Não havia pratos nem colheres e o guisado estava muito quente, por isso não sabíamos como comê-lo. Aí estávamos nós, pessoas civilizadas, como gatos à volta do guisado quente, famintos mas impotentes. Tudo o que precisávamos era uma medida cúbica, que daria a cada homem uma porção justa e um espaço justo. Sobre a limitação do espaço e a exposição do espaço falámos frequentemente durante a nossa estadia no campo.»

Vários meses depois, foi novamente libertado sem explicação e pôde regressar a Enschede. No entanto, as suas experiências no campo afetaram profundamente Gerard Croiset. Recentemente, perguntei-lhe casualmente numa manhã de domingo na sua casa em Utrecht: «Qual foi a sua maior desilusão na vida?» Instantaneamente, respondeu: «Que os seres humanos pudessem ser tais bestas durante a guerra.»

Em Enschede durante a guerra, Croiset conheceu Albert Plesman, presidente fundador da KLM Royal Dutch Airlines, a mais antiga companhia aérea existente no mundo, considerada por muitos viajantes experientes a maior. Um "Holandês Voador" do século XX e herói nacional da Holanda moderna, Plesman era tanto um individualista rude e robusto como um idealista sensível e cívico. Embora provavelmente tenha feito mais do que qualquer outro pela aviação comercial atual, nunca recebeu crédito por isso nos Estados Unidos apesar da admiração do presidente da Pan American Juan Trippe, do presidente da American Airlines C. R. Smith, do fabricante de aeronaves Donald Douglas e outros.

Superando a gaguez da infância, o robusto Albert Plesman de faces vermelhas e olhos azuis era segundo-tenente no Exército Holandês em 1911 quando apanhou o "bicho da aviação". Frustrado por estar ligado a um regimento de bicicletas, obteve a licença militar de pilotagem em 1918. Embora as aeronaves fossem então usadas unicamente para fins militares, o dinâmico Plesman concebeu a ideia de as usar para transportar passageiros civis, carga e correio.

«Voar foi um inferno na guerra mas pode tornar-se um céu», exultou. Em 1919 Plesman fundou a KLM e organizou a Primeira Exposição Internacional de Aviação em Amesterdão, frequentada por 100 000 visitantes sob o seu slogan "O Oceano Aéreo Une Todos os Povos". Conquistou empresários holandeses para a patrocinarem dizendo-lhes:

«Fomos um povo navegante durante séculos. Agora temos de nos dedicar à navegação aérea antes que alguém nos vença.» Um ano depois, a KLM lançou o primeiro voo do canal de Londres a Amesterdão que foi mais tarde estendido por toda a Europa e em breve tinha o serviço intercontinental mais longo do mundo.

Mas quando os alemães invadiram os Países Baixos a 10 de maio de 1940, destruíram o Aeroporto de Schiphol da KLM em Amesterdão e a base em Roma, incluindo trinta e cinco aviões holandeses de primeira linha. O presidente Plesman foi preso em Scheveningen até abril de 1942, quando foi exilado e autorizado a viver numa casa isolada sob vigilância nazi nos bosques do leste da Holanda perto de Enschede e da fronteira alemã. Aí, sonhava reconstruir o seu império KLM e acender uma vela no céu para uma nação holandesa devastada pela guerra.

Em Gerard Croiset, este grande homem reconheceu instantaneamente um génio de um tipo diferente mas de ideais compatíveis. Os dois homens tornaram-se rapidamente amigos próximos. Albert Plesman, um holandês cosmopolita, e Gerard Croiset, um visionário sem instrução, discutiram a necessidade de criar uma Organização das Nações Unidas após a derrota dos alemães e japoneses.

Um dia no início de 1944, Croiset disse tristemente a Plesman: «O seu filho, lamento dizê-lo, acabou de ser abatido e morreu na fronteira entre a Bélgica e a França.» Temendo que a imagem de Croiset fosse verdadeira, o atónito Plesman murmurou: «Vamos esperar para ver. Talvez estejas errado desta vez, Croiset.» Mas infelizmente, o clarividente tinha razão. Vários meses depois, veio a confirmação da morte do jovem Jan Plesman, piloto da R.A.F., na zona de batalha que Croiset "vira".

Cinco anos depois, após Plesman ter reconstruído a KLM e consultado frequentemente Croiset na resolução de alguns delicados problemas de pessoal da KLM, o seu amigo de guerra teve outra visão. A 21 de junho de 1949, Croiset disse preocupado ao Dr. Tenhaeff: «Vejo uma coisa terrível. Tenho uma forte impressão de que outro filho do Sr. Plesman morrerá em breve num acidente de avião.»

«Registei esta declaração mas naturalmente mantive-a confidencial», relata o parapsicólogo da Universidade de Utrecht.

Dois dias depois, em Bari, Itália, um avião pilotado por Hans Plesman caiu misteriosamente, matando todos a bordo. Ironicamente, o pai do piloto que envisionava a aviação como um instrumento para aproximar os povos

do mundo perdeu dois dos seus filhos para ela e ambas as mortes foram previstas pelo seu amigo clarividente de guerra.

No entanto, a influência mais profunda sobre Gerard Croiset ocorreu após a guerra numa noite de dezembro de 1945. Pura curiosidade levou-o a assistir a uma palestra sobre parapsicologia que o Professor Tenhaeff deu para membros de um curso de educação de adultos numa escola popular em Enschede. Este encontro mudou a vida de Croiset. Percebeu imediatamente que era isto que esperava. Até então, sentia-se sem rumo e sem propósito. Mas após ouvir o inspirador palestrante, percebeu subitamente que os seus poderes extrassensoriais recém-descobertos davam à sua vida um novo significado e direção.

«Ouvira falar das capacidades de Croiset, mas foi a primeira vez que o conheci», recorda o Professor Tenhaeff. «Após a palestra, aproximou-se e contou-me sobre as suas capacidades paranormais e ofereceu os seus serviços. No início de 1946 fiz muitos testes psicoscópicos com ele. Percebi bastante cedo que era muito dotado. Quanto mais o testei, mais me convenci de que Croiset era um sujeito notável para a investigação parapsicológica.»

Croiset, por sua vez, considerou um privilégio ser estudado pelo eminente parapsicólogo e submeteu-se entusiasticamente aos seus experimentos sistemáticos.

O merceeiro falido, que nunca fora treinado em qualquer ocupação, tinha agora a visão e o impulso interior para se realizar colocando as suas capacidades inexplicadas sob o escrutínio do parapsicólogo.

O Dr. Tenhaeff levou Croiset para a Universidade de Utrecht tal como fizera com outros sensitivos e submeteu-o a uma série abrangente de testes psicológicos destinados a aprender como pessoas paranormamente dotadas como Croiset diferem de homens e mulheres comuns.

Estes testes incluíam o Rorschach de personalidade (manchas de tinta), o Murray Thematic Apperception (contar histórias), o Pfister-Heisz (pirâmide de cores), a seleção de cores de Luscher (alemão) e o Szondi (suíço).

Verificou-se que Croiset se assemelhava à maioria dos outros sensitivos por ser infantil, teatral, inseguro, tenso, falador e sofrer de um distúrbio estomacal.

No entanto, o investigador Tenhaeff descobriu que Gerard Croiset tinha menos flutuações nas suas capacidades paranormais. Ao contrário de sensitivos mais instáveis que tinham muitos dias em que não conseguiam funcionar, Croiset era um trabalhador consistentemente dedicado. «Ao longo dos anos, Croiset tem sido mais capaz de aceitar as suas frustrações», explica o seu mentor. «Quando um experimento parece falhar ou palavras pouco amáveis são expressas por um crítico preconceituoso, agora pode ser lidado por Croiset muito melhor do que quando o testei pela primeira vez. Hoje as suas desilusões são aceites de forma mais madura devido à sua crescente autoconfiança.»

O investigador Tenhaeff descobriu também que Croiset tinha grande vaidade, agressividade, forte desejo de poder e falta de decoro social, o que ocasionalmente os colocava em conflito. Estes defeitos de Croiset podem ter provindo da filosofia anarquista do pai, da sua insegurança infantil e do seu crescente sucesso em muitos casos bem publicitados.

Ocasionalmente, o sensitivo fazia arranjos sem o conhecimento do Dr. Tenhaeff e mais tarde confrontava-o com um facto consumado. «Lembro-me de um conflito entre nós em 1949 quando Croiset mandou imprimir um cartaz sem me informar e que mencionava o meu nome», recorda o professor. «Dizia respeito a uma reunião pública onde ele falaria como sensitivo e eu assistiria como observador. Ordenei-lhe que destruísse todos os cartazes e ele fê-lo. Outro conflito surgiu quando uma vez me disse que não queria que eu falasse demasiado tempo numa reunião de estudantes de medicina que eu fora convidado a abordar. Croiset temia não ter tempo suficiente para falar ele próprio se o meu discurso fosse demasiado longo!»

Mas no geral, os dois homens desenvolveram uma relação complementar produtiva apesar das suas personalidades e talentos diametralmente opostos.

O Professor Tenhaeff apresentou o seu sensitivo premiado aos membros da Sociedade Holandesa para a Investigação Psíquica. Não só admiravam tremendamente as capacidades de Croiset como o consideravam um companheiro agradável, um artista dotado com raros talentos paranormais.

Em breve quase toda a Holanda começou a aceitar esta visão de Gerard Croiset, como os capítulos seguintes indicarão.

ASSASSÍNIOS E CRIMES SEXUAIS

OS AGENTES DA ORDEM NOS ESTADOS UNIDOS QUASE invariavelmente negam que alguma vez usam psíquicos ao tentar resolver crimes. Mesmo se um clarividente resolve um difícil caso de assassínio sozinho, raramente, se alguma vez, recebe crédito oficial.

Porquê? Porque mesmo quando estão honestamente interessados em perceção extrassensorial, a polícia hesita, reluta ou envergonha-se de admitir que precisa de consultar tais "amadores" para os ajudar no seu trabalho. Embaraça-os, sentem, não só com o público mas com a profissão. Cães policiais são considerados ajudas adequadas e dentro das regulamentações. Mas sabujos humanos com "cheiros" extrassensoriais, bem, isso é um cavalo — ou cão — de outra cor.

Como jornalista, ocasionalmente tentei questionar alguns agentes policiais americanos quando tinha provas de que sensitivos haviam fornecido pistas chave. Mas quase sempre a polícia era evasiva ou não comprometedora até as suas memórias e cautela de "sem comentários" serem abaladas pelos teimosos fotostatos que eu por acaso possuía. Um chefe de polícia, que finalmente concedeu que uma psíquica mulher de Nova Jérsia resolvera um desconcertante caso de assassínio para ele, admitiu relutantemente: «Bem, mesmo que tenha ajudado, não pedimos oficialmente os seus serviços. Ela ofereceu-os voluntariamente.»

Hoje nos Países Baixos a atitude de muitos agentes da ordem em relação à ajuda psíquica é mais franca e muito mais esclarecida. A Holanda é talvez a única nação importante no mundo onde alguns oficiais de polícia e até juízes utilizam Croiset e outros clarividentes. Pelo que se sabe, nunca antes na história foram oficialmente empreendidos tantos experimentos psicoscópicos para fins policiais. Não que todos os oficiais de polícia holandeses usem — ou mesmo aprovem — clarividentes. Tal como a maioria dos seus colegas nos Estados Unidos e noutros locais, alguns ainda são críticos, céticos ou cautelosos em relação à perceção extrassensorial.

No entanto, uma grande quebra na PES foi feita discretamente nos Países Baixos durante a última geração. Desde 1946, quando o Professor Tenhaeff, em resposta a pedidos da polícia, começou a encorajar Gerard Croiset e os seus outros sensitivos a oferecerem as suas capacidades extrassensoriais para fins policiais, um número crescente de gratos agentes da lei holandeses usaram efetivamente psíquicos nas suas investigações criminais.

Como foi isto alcançado? Alguns oficiais de polícia de mente aberta perguntaram ao parapsicólogo: Se Croiset e outros sensitivos podiam demonstrar as suas capacidades paranormais em condições de laboratório, poderiam visualizar um criminoso talvez segurando a arma que fora deixada para trás? «A princípio, era mais cético do que os oficiais de polícia que me perguntaram se era possível para sensitivos darem-lhes "dicas"», recorda o Dr. Tenhaeff. Mas os sucessos espantosos de Croiset deram tanto ao professor como à polícia um temor pelos seus poderes extrassensoriais.

Ainda assim, Croiset, o caçador de crimes, não é um Perry Mason em tamancos de madeira. Com a sua gentileza inata, o sensitivo de Utrecht percebe as suas graves responsabilidades em casos criminais, especialmente assassínios, e ocasionalmente reluta em abordá-los. Ao contrário das alegações selvagens e não fundamentadas de alguns psíquicos que se gabam de todos os assassínios que "resolveram", Croiset é extremamente conservador na sua atitude.

Porque as suas consultas policiais são geralmente supervisionadas pelo Dr. Tenhaeff, são, pois, exaustivamente documentadas. O próprio Croiset admite: «Mesmo um bom sensitivo seria de pouco valor para a polícia sem a ajuda de um parapsicólogo experiente como o Professor Tenhaeff.» Nos arquivos do Instituto de Parapsicologia em Utrecht, estes "Experimentos Psicoscópicos em Nome da Polícia" incluem gravações áudio, transcrições estenográficas e declarações acompanhantes que confirmam a sua precisão da polícia e testemunhas oculares. Em muitos casos em que a Croiset foram dados factos escassos, desenhou mapas para a polícia e revelou em detalhe onde uma vítima fora morta ou onde um corpo estava enterrado. Depois, muitos oficiais de polícia holandeses espantados exclamaram: «Notável! Inacreditável!»

Willem Gorter, Chefe da Polícia Criminal em Haarlem, um homem astuto, de fala suave e cabelo branco que se equipara aos mais capazes oficiais de polícia na América, disse-me uma noite em sua casa: «Conheci Croiset pela primeira vez em 1946 quando o Professor Tenhaeff o levou a uma reunião da Sociedade Holandesa para a Investigação Psíquica da qual sou membro. Desde então trabalhei com ele em alguns casos onde foi invulgarmente útil. Croiset é sem dúvida o melhor dos sensitivos do professor.»

No entanto, o Diretor do Instituto de Parapsicologia é o primeiro a advertir sobre os limites ao usar Croiset ou outros sensitivos no exigente

campo da investigação policial. O Professor Tenhaeff distingue cuidadosamente entre os "sucessos" parapsicológicos de Croiset e os "falhanços" policiais. A documentação do professor, incluindo o seu trabalho de campo nas cenas de crimes e afogamentos, envergonharia muitos investigadores públicos e privados apáticos na América. Digo isto não leviaamente mas como antigo investigador de um Comité do Senado dos E.U.A.

Esta cautela de Tenhaeff encorajou agentes da lei na Europa a consultá-lo quando têm casos difíceis. O professor é não só frequentemente convidado a discutir este problema em reuniões policiais, mas escreveu mesmo um livro erudito em 1957 sobre este mesmo assunto. Na edição de janeiro de 1962 do oficial Jornal da Polícia da Holanda (Tijdschrift voor de Politie), o cientista da Universidade de Utrecht contribuiu com o artigo principal sobre um caso bem-sucedido de Croiset, que intitulou conservadoramente: «Têm os Sensitivos Valor Prático?»

Apesar de serem parapsicologicamente "bem-sucedidos", alguns casos de Croiset são dececionantes do ponto de vista necessariamente duro da polícia. No entanto, as suas consultas policiais são extremamente esclarecedoras para estudantes de procedimento criminal bem como de parapsicologia.

O meticuloso Dr. Tenhaeff, cuja vasta experiência policial é inigualada por qualquer parapsicólogo no mundo, alerta para o perigo de leitura de mente que a polícia enfrenta ao consultar Croiset e outros sensitivos. «Um detetive pode estabelecer contacto telepático», recorda o professor. «Pode indicar como culpado alguém que injustamente suspeita, alguém sobre quem apenas quer mais informações. Porque o detetive médio é um leigo em parapsicologia, sente-se então fortalecido nas suas suspeitas se o sensitivo "lê" a sua mente e expressa o que ele supõe!»

Os seguintes casos de Croiset envolvendo assassínio, tentativa e assassínio equivocado bem como crimes sexuais, todos documentados no Instituto de Parapsicologia, ilustram não só os poderes de Gerard Croiset, mas a complexidade de resolver crimes graves através da perceção extrassensorial.

CASO 1

O AGRESSOR COM MARTELO

A 5 de dezembro de 1946, cerca das 5:45 da tarde, uma atraente rapariga loira de vinte e um anos foi atacada numa tranquila estrada rural na pequena cidade de Wierden, a cerca de vinte milhas da antiga casa de Croiset em Enschede. A rapariga ia a pedalar para casa na sua bicicleta, carregando num braço uma caixa de cartão contendo um bolo de açúcar que levava para a família para a celebração da Véspera de Natal holandesa nessa noite. O Natal na Holanda vem mais cedo do que o tradicional 25 de dezembro na América e Inglaterra. A noite de 5 de dezembro, conhecida como "Sinterklaas", uma noite de presentes e festividade familiar, é provavelmente a origem da nossa ideia de São Nicolau.

De repente, um homem saltou e atacou-a com um martelo. Na luta que se seguiu, a rapariga atordoada conseguiu arrancar-lhe o martelo. Notando a luz de outra bicicleta que se aproximava, o culpado fugiu na escuridão, deixando o martelo para trás.

Na esperança de obter alguma pista sobre a sua identidade, o martelo foi exibido na montra de uma mercearia em Wierden. Mas ninguém conseguiu identificá-lo e a investigação policial não encontrou pistas.

Várias semanas depois, decidiu-se envolver um sensitivo.

A escolha foi Gerard Croiset. A princípio, o sensitivo disse que o martelo produzia imagens confusas para ele. Atribuiu isso ao facto de o martelo ter sido tocado por tantas mãos diferentes. Mas após lhe dizerem que o martelo fora usado num caso de tentativa de assassínio e lhe perguntarem se poderia revelar alguma informação sobre o agressor, alcançou melhor "contacto".

Após sentir novamente o martelo, Croiset disse: «Vejo um homem de cerca de trinta anos. É alto e de aparência morena... mas o martelo não lhe pertence.»

O sensitivo continuou a explicar que o agressor entrava frequentemente numa de um grupo de três casas de campo. Nesta casa de campo (sobre a qual mencionou vários detalhes pertinentes), "viu" um homem de cerca de cinquenta e cinco anos que era dono do martelo. Finalmente, Croiset descreveu a mercearia onde o martelo estivera pendurado e também o merceeiro. (Embora esta descrição não dissesse respeito à investigação

imediata, era, no entanto, parapsicologicamente correta. Por exemplo, Croiset mencionou corretamente que o dono da loja sofria de bronquite.)

Seis meses depois, a 2 de junho de 1947, um homem de vinte e oito anos, que correspondia à descrição do culpado por Croiset, foi preso por outro crime moral numa cidade vizinha. Durante o seu julgamento, confessou que também fora culpado do ataque de 5 de dezembro à rapariga de Wierden e que pedira emprestado o martelo ao homem de cinquenta e cinco anos que vivia na casa de campo descrita por Croiset.

O presidente da câmara de Wierden concluiu o seu relatório ao Instituto de Parapsicologia com estas palavras: «O Sr. Croiset foi capaz de fornecer informações que foram valiosas para a polícia.»

CASO 2

O ESQUELETO DO VIOLADOR ALEMÃO

Roterdão é uma cidade que foi energicamente reconstruída desde que Hitler a devastou durante a Segunda Guerra Mundial.

Em maio de 1949, quando o Professor Tenhaeff deu uma palestra em Roterdão perante a Associação de Altos Oficiais de Polícia, o Sr. V.H., Inspetor-Chefe de Polícia de Roterdão, disse-lhe: «Encontrámos parte de um esqueleto numa casa local agora em reconstrução. Mas não temos a certeza de onde veio. Acha que algum dos seus sensitivos poderia dar-nos alguma informação sobre isso?»

«Pode ser possível», respondeu o professor.

«Muito bem, entrarei em contacto consigo mais tarde.»

Dois meses depois, a 10 de julho, Gerard Croiset visitou a casa em Roterdão do Inspetor de Polícia V.H. com o Professor e a Sra. Tenhaeff para fazer este experimento. A polícia não sabia a origem do esqueleto, se era uma vértebra de tempo de guerra ou de um assassínio posterior.

Agora o oficial de polícia entregou o esqueleto ao clarividente como indutor. Croiset recebeu rapidamente uma série de imagens espantosas da velha casa e do método em que o homem cujo osso segurava fora assassinado durante a guerra.

«Tenho a impressão de um oficial militar alemão», começou Croiset. «Foi atingido no pescoço. Um disco no pescoço está danificado. [Vários dias após o esqueleto ser encontrado em dezembro de 1948, um holandês

disse à polícia que em 1940 testemunhara um oficial alemão numa rua deserta ser atingido no pescoço com um tubo de ferro.]

«Tem algo a ver com ele ficar paralisado. [O pescoço do oficial nazi ficou paralisado da pancada, relatou a testemunha.]

«Vejo uma loja de chocolates onde se vendem doces. Uma senhora idosa é a proprietária. [Correto. Embora o Inspetor de Polícia V.H. a princípio negasse a existência desta loja, Croiset persistiu que a "via". Várias horas depois, quando todos visitaram o local onde parte do esqueleto fora encontrado, detetaram, a cerca de quinze metros dali, uma pequena loja de chocolates gerida por uma mulher idosa. Porque parecia irrelevante para a investigação, escapara à atenção da polícia.]

«Estavam mais pessoas presentes quando o esqueleto foi encontrado? Sinto que estava a ser feita construção quando foi encontrado. [Correto. O esqueleto, ao qual pertencia o disco, foi encontrado por trabalhadores durante a restauração do edifício em dezembro de 1948.]

«A morte foi forçada. O homem foi atingido no pescoço. [Correto.]

«Deve ter havido um saco com o esqueleto quando foi encontrado. [Correto.]

«Joga-se futebol na vizinhança. [Correto: Perto de onde o esqueleto foi encontrado, havia uma área usada por rapazes como campo de futebol.]

«Agora vejo uma parte antiga de Roterdão. Todos os arredores aí estão bombardeados. [Isto pode referir-se a onde o esqueleto foi encontrado bem como à cena do assassínio.]

«Agora vejo um armazém. Tem uma porta verde que abre para fora. [A testemunha mostrou à polícia um armazém com uma porta verde que abre para fora, onde relatou que o oficial alemão atingido foi levado.]

«O corpo foi levado num camião. O lugar onde o esqueleto foi encontrado não é onde o assassínio ocorreu. [A polícia acredita que o corpo foi provavelmente transportado de outro local.]

«Estou agora numa vizinhança onde vivem trabalhadores. [O local onde o corpo foi encontrado é numa tal vizinhança.]

«O oficial alemão está completamente despido e espancado. [A testemunha relatou como o oficial foi despido e espancado quando assassinado. A condição do esqueleto também indicava isso.]

«Esse oficial alemão teve relações sexuais com uma rapariga holandesa? Vejo uma rapariga holandesa. É violada pelo oficial alemão.» [Correto: A testemunha testemunhou que em 1940 o oficial nazi não fora assassinado pela Resistência, mas pelo pai da rapariga em vingança por ele a ter violado.]

CASO 3

O CORPO ESCONDIDO DO GÂNGSTER DE MINNESOTA

Outro exemplo notável dos poderes PES de Croiset, o Clarividente, ocorreu no início de 1960 quando lançou luz sobre um dos mais desconcertantes e brutais assassínios de gângsters na história de Minnesota. Eu sabia deste caso na altura, mas por deferência aos desejos do Professor Tenhaeff porque um julgamento estava pendente, abstive-me de publicar qualquer coisa sobre ele até agora.

Na noite de domingo, 27 de setembro de 1953, o gângster Tony De Vito, de vinte e quatro anos, saiu da sua casa na Brunson Street em St. Paul. Decidira endireitar-se; começava um emprego legítimo na manhã seguinte e ia casar-se no sábado seguinte. Acenando adeus à mãe inválida, assegurou-lhe: «Volto mais tarde esta noite.» Ela nunca mais o viu.

Cinco anos depois, em março de 1958, um antigo companheiro criminoso, chamado Alex De Goode, confessou à polícia que De Vito fora raptado e assassinado nessa noite por ele próprio e outros três bandidos. Temendo que na sua nova vida De Vito pudesse testemunhar contra eles, decidiram rapidamente "eliminá-lo". Na verdadeira tradição da Máfia, um amigo de infância, Tony Legato, traiu-o, levando o desprevenido De Vito nessa noite ao bar do restaurante Alary's na Wabash Avenue, antes de o entregar aos seus carrascos. O assassinado De Vito foi enterrado no rural East St. Paul; o seu corpo e sepultura foram cobertos com lixívia e pimenta vermelha para afastar os cães, segundo o confessor De Goode.

Apesar de buscas exaustivas, a polícia local e estadual e o FBI falharam em encontrar o corpo de De Vito. Embora suspeitos não possam ser julgados por assassínio sem um corpo, podem sê-lo quando é encontrado, pois não há prescrição para assassínio.

Porque o julgamento dos três gângsters suspeitos de raptar e matar De Vito se aproximava, membros empreendedores da KSTP em Minneapolis, procurando uma notícia de serviço público para o seu programa de rádio

“Behind the Parade” e material para um programa de televisão, tendo ouvido falar de Gerard Croiset, decidiram telefonar-lhe na Holanda.

«Falámos primeiro com Croiset através do Professor Tenhaeff a 25 de janeiro de 1960», disse-me o capaz William E. McGivern, diretor de operações noticiosas. «Ficámos surpreendidos por ele ter concordado tão rapidamente em abordar o caso De Vito.»

No dia seguinte, duas fotografias de De Vito e um mapa da área de St. Paul, incluindo o Condado de Washington, foram enviados por correio aéreo a Croiset como solicitado. Ele entregou prontamente o grande envelope não aberto ao Professor Tenhaeff dizendo: «Gostaria de discutir este caso com os seus estudantes.»

A 3 de fevereiro de 1960, no Instituto de Parapsicologia, perante uma dúzia de estudantes de graduação e a Sr.ª Louwerens, o Dr. Tenhaeff abriu o envelope. Olhou para a breve carta de 26 de janeiro de 1960 da KSTP, depois entregou as duas fotografias e o mapa dobrado a Croiset. Além de afirmar que De Vito fora assassinado, não havia informação na carta que pudesse influenciar o experimento de qualquer forma. O gravador começou a girar enquanto Croiset começava a falar.

Não falou em sequência, e foi mais difícil para ele do que o habitual porque descrevia objetos regionais numa nação que nunca visitara e onde as distâncias eram muito maiores do que nos Países Baixos.

Embora tivesse apenas visto as fotografias de De Vito, o sensitivo do outro lado do oceano começou oferecendo algumas informações espantosamente precisas sobre a aparência da vítima, idade, vida familiar e, o mais notável, como o assassínio fora executado, tudo o que correspondia à confissão de De Goode.

«Foi levado por quatro homens num carro...», enfatizou Croiset. [A polícia acredita que Croiset está correto ao dizer que quatro homens estiveram envolvidos: Rocky Lupino, John Azzone, Sam Cimin e o confessor De Goode.]

«A casa para a qual foi levado... era uma espécie de casa de campo? Mas vejo que fica perto de casas comuns... há seis casas aí e bastante altas também. Aqui há um terreno livre. Pode ser um parque, de qualquer modo uma clareira com algumas árvores. [A polícia pensa que De Vito foi raptado em frente a uma grande casa no centro de St. Paul que era cercada por uma vedação de ferro, possivelmente a velha casa Ramsey na

Exchange Street. Aí os quatro gângsters forçaram-no a entrar num carro à pistola.]

«Há uma linha de comboio perto da casa... aqui há uma rua, uma faixa ou estrada que cruza a linha de comboio. [Correto. Os assassinos cruzaram a única linha de comboio na área para chegar ao destino.]

«Agora obtenho a minha primeira emoção sobre o rapaz. Deve ter sido levado pela Estrada Número 12 para a cidade perto da Estrada 21...»

Viraram e chegaram à 21, mais ou menos aqui. Vejo o número 21 e mais adiante também o número 15. Viraram e chegaram mais ou menos a este lugar. [Correto. A polícia acredita que a Estrada U.S. 12 foi a estrada que o "carro da morte" tomou após o Kellogg Boulevard. Os números 21 e 15 são estradas rurais que correm de norte para sul e que cruzaram.]

«Foi assassinado e levado para um terreno... foi levado para um lugar onde havia um buraco... [Segundo a confissão de De Goode, o carro entrou numa faixa de 200 a 300 pés. Após parar, os assassinos saíram do carro e caminharam até à cena do assassínio onde De Vito foi estrangulado com uma corda, com uma pistola .45 apontada à cabeça, e enterrado num buraco de quatro a cinco pés de profundidade.]

«Vejo um buraco... Parece-me um depósito de lixo. Perto desse depósito, o rapaz foi atirado... [De Goode testemunhou que os assassinos primeiro conduziram em direção ao depósito de lixo da Ruth Street. Esta foi a sua primeira paragem, mas foi vetada como local de sepultamento porque os gângsters temiam que o corpo de De Vito pudesse ser desenterrado por uma escavadora que era ocasionalmente usada aí.]

«Vejo uma imagem de uma grade e uma ponte.» [Os assassinos cruzaram uma pequena ponte de madeira após enterrarem De Vito, segundo De Goode.]

O sensitivo de Utrecht mudou então a sua atenção de volta para algumas impressões pré-assassínio: «Vejo um restaurante... há dança. Não se pode chamar clube noturno. Mas há muita dança a acontecer aí. [Correto. Antes de De Vito ser raptado, Tony Legato, que o denunciou, levou-o ao restaurante onde havia dança. Após o jantar, levou De Vito à casa onde os quatro gângsters o poderiam raptar e mais tarde assassinar.]

«Uma mulher de cerca de vinte e oito anos desempenha um papel aqui. Um tipo Marlene Dietrich, com uma voz ligeiramente grave, um pouco melancólica, uma maneira ligeiramente dramática de se sentar. Esta mulher

estava nesse restaurante nessa noite e falou muito com este jovem [De Vito]. Está ligada ao homem que mencionei há uns minutos [Legato]. Usa frequentemente um vestido verde. Nessa noite usava um vestido verde... um vestido de seda verde com um alfinete invulgar. Dentro deste alfinete, há uma pedra vermelho-escura. À volta desse alfinete vejo ornamentos de ouro com pontas afiadas... [Correto. A namorada de Legato estava no restaurante na noite em que jantou com De Vito. A polícia diz que provavelmente é o tipo "Marlene Dietrich" descrito por Croiset. "Esta pistoleira era quase psicótica na sua escolha da cor verde para a roupa", disse-me Bill McGivern da KSTP. "Usava também um broche quase idêntico ao descrito por Croiset."]

«Um dos gângsters tem cerca de 1,68 metros de altura [cerca de 1,68 m], e tem entre quarenta e oito e cinquenta e dois anos. Pesa cerca de 180 libras. Tem um pescoço gordo com uma dobra de carne debaixo do queixo. Carrega a cabeça muito para trás. Tem um anel de sinete azul-claro na mão direita. Quando fala, cecea. Parece-me um homem que não trabalha, mas que joga e é chefe de um clube noturno. [Correto. A descrição física de Croiset de Rocky Lupino, líder do crime e com quarenta e nove anos, é espantosamente precisa, embora seja ligeiramente mais alto. Não é claro se cecea, mas a esposa definitivamente cecea. Tinha um pescoço gordo e usava constantemente um anel de sinete com uma pedra azul. Era o antigo dono do Bonfire Club onde se reuniam malfeitores do submundo.]

«Uma das pessoas presentes deve ter falado. Foi boca larga e foi por isso que as coisas começaram a andar. [De Vito delatou o gangue após este ser apanhado num assalto em Aynor, Carolina do Sul, a 4 de agosto de 1953 — um mês antes de De Vito ser morto.]

«Sabia demasiado sobre estes gângsters, especialmente o homem gordo. Por isso pensaram que tinha de ser morto. Mas dinheiro não estava envolvido.» [A polícia acredita que De Vito foi assassinado, não por dinheiro mas porque sabia demasiado sobre Lupino e os outros, e pretendia denunciá-los.]

Após as impressões de Croiset em Utrecht a 3 de fevereiro de 1960 serem transcritas do gravador, datilografadas e traduzidas, foram enviadas por correio aéreo aos responsáveis da KSTP em Minneapolis. A 19 de fevereiro de 1960, o Professor Tenhaeff recebeu o seguinte telegrama de resposta:

INFORMAÇÃO INICIAL DE CROISET FANTASTICAMENTE PRECISA. CUMPRIMOS O ACORDO MÚTUO DE NÃO PUBLICAR

ATÉ O EXPERIMENTO ESTAR CONCLUÍDO. POLÍCIA VITALMENTE INTERESSADA NO RELATÓRIO INICIAL. DESCRIÇÃO DE CROISET DA ÁREA DO ASSASSÍNIO CORRETA. DESCRIÇÃO DE PONTOS DE REFERÊNCIA E PERSONAGENS ENVOLVIDOS CORRETA. PODERIA ELE PROSSEGUIR PARA DESCRIÇÃO DO LOCAL DE SEPULTAMENTO COM MAIS PRECISÃO ESPECÍFICA? PODEMOS FORNECER MAIS FOTOGRAFIAS E INFORMAÇÃO ESPECÍFICA SOBRE OS CONSPIRADORES SE ACHAREM ÚTIL. POR FAVOR, CONSIDEREM TAMBÉM A NOSSA OFERTA CONVINDANDO-O A VIR AQUI TALVEZ COM O DR. TENHAEFF. POR FAVOR, TELEGRAFEM COLETADO IMEDIATAMENTE.

(Assinado) JIM MCGOVERN BILL MCGIVERN-KSTP ST. PAUL, MINN. USA

Vários dias depois, o Dr. Tenhaeff recebeu uma carta da KSTP, datada de 19 de fevereiro de 1960, na qual o espanto era novamente expresso pela precisão dos factos de Croiset. «Muito do que ele [Croiset] diz sobre o caso é surpreendente... Sempre fui cético em relação à clarividência, mas parece notável o que Croiset conseguiu descobrir...»

Os responsáveis da KSTP verificaram de perto as impressões de Croiset com o Tenente Ralph Merrill, agora Chefe Adjunto do Departamento de Polícia de St. Paul, que pareceu igualmente espantado com os factos autênticos do clarividente holandês. «Não sabíamos nada sobre muitas das coisas que Croiset disse até a polícia as corroborar mais tarde», relata o diretor de notícias Bill McGivern.

Embora não tenham notificado o ocupado Professor Tenhaeff e Croiset, duas semanas depois, a 8 de março de 1960, os Srs. McGivern e McGovern e o fotógrafo chefe da KSTP Levi (Skip) Nelson voaram subitamente para a Holanda num avião da KLM. «Esta visita inesperada foi muito inconveniente para nós devido a outros compromissos, mas rearranjámos a nossa agenda para os acomodar», recorda o Professor Tenhaeff. Realizaram-se sessões com Croiset a 10 e 11 de março. «Passámos onze dias na Holanda», disse-me McGovern.

No mês seguinte, de volta a Minneapolis, os responsáveis da KSTP usaram os seus filmes num programa de televisão de meia hora a 25 de abril de 1960. Relataram também sensacionalmente as impressões de Croiset em mais de vinte programas de rádio. Desconhecendo a sua dedicação ao serviço público, quando estavam na Holanda, ofereceram a

Croiset compensação financeira pelos seus serviços, que ele recusou prontamente.

Os programas de TV e rádio irritaram o Professor Tenhaeff. «A divulgação pública foi contrária ao acordo que estes senhores fizeram connosco», diz o altamente principado parapsicólogo da Universidade de Utrecht. «Por isso decidimos suspender qualquer cooperação adicional.»

Assim, este experimento transatlântico, infelizmente, permanece inacabado.

No julgamento, porque o corpo de De Vito não fora encontrado, o aspeto de assassínio do caso não pôde ser julgado na altura. Azzone e Lupino foram condenados por rapto com base no testemunho de De Goode e cumprem agora sentenças de quarenta e oitenta anos, respetivamente. A acusação provou que Lupino, Azzone e De Goode estavam juntos na noite de 27 de setembro. Azzone queimou a sua roupa na manhã de 28 de setembro e disse à namorada que algo importante acontecera na noite anterior. Lupino mandou lavar o seu carro enlameado às seis da manhã seguinte.

O confessor De Goode saiu em liberdade. Mais tarde declarou-se inocente e nem sequer pôde ser julgado. Embora se lembre do assassínio em pormenor, alega que não consegue localizar o corpo de De Vito. Será incapaz — ou relutante — em fazê-lo? Teme uma acusação de assassínio se for encontrado? Foi De Goode — ou um dos outros gângsters — que o desenterrou e enterrou noutro lugar? Quaisquer que sejam os factos, até ao momento da impressão, a polícia ainda não encontrou o corpo de Tony De Vito. De Goode pode ser um mentiroso habitual, mas a polícia acredita, tal como Croiset, que estava a dizer a verdade quando De Goode se aproximou de Sam De Vito num tribunal federal e disse em italiano: «O teu filho Tony está morto e está enterrado no Condado de Washington.»

No entanto, alguns minessotanos ainda hoje insistem que Tony De Vito está vivo. Meses e até anos após o seu desaparecimento, os pais receberam chamadas telefónicas cruéis tarde da noite, troçando: «Por favor, chame o Tony ao telefone.» Por vezes era uma voz de homem. Outras vezes de mulher. Mas sempre não identificada e sempre insinuando que Tony estava vivo e que a família o escondia. Em desespero, os De Vito obtiveram um número de telefone não listado.

Os funcionários da KSTP ainda gostariam de levar Croiset de avião para os Estados Unidos para encontrar o corpo e encerrar o caso. Mas

recentemente na Holanda, o grande clarividente disse-me: «Tenho a certeza de que consigo encontrar o corpo, mas já não estou interessado neste caso de gângster americano. Estou demasiado ocupado aqui com trabalho mais importante a encontrar crianças desaparecidas.»

«Ficámos suficientemente encorajados pelos factos de Croiset para acreditar que ele poderia encontrar o corpo se viesse aqui», disse-me recentemente Bill McGivern.

No seu Jornal Holandês de Parapsicologia, o editor Tenhaeff avaliou os "acertos" do seu sensitivo premiado com estas palavras: «A suposição mais óbvia neste experimento psicoscópico bem-sucedido é que Croiset derivou os seus dados de forma telepática do psiquismo de uma ou mais pessoas ligadas a este assassínio [de alguma forma].»

Como pôde Gerard Croiset "ver" tão vividamente um crime cometido há sete anos a quase 5000 milhas de distância num continente diferente?

Esse é um dos mistérios dos seus poderes paranormais.

CASO 4

DUAS CRIANÇAS MORTAS NOS BOSQUES

O incrível sensitivo da Holanda também mergulhou nove anos no passado para obter impressões vívidas de um assassínio não resolvido em 1940 de duas crianças holandesas, um irmão e uma irmã, na pequena cidade de Vlijmen.

Os corpos sem vida das crianças foram encontrados num local deserto nos bosques. Este chocante duplo assassínio parecia baseado em motivos sexuais. Embora a polícia suspeitasse de um certo homem como sendo o assassino, a sua suspeita não podia ser fundamentada com provas concretas.

Durante nove anos, o caso permaneceu dormente. Em março de 1949, as autoridades judiciais reabriram-no acidentalmente. Após o juiz presidente consultar o Professor Tenhaeff, foi agendado um experimento psicoscópico para uma tarde de domingo no final de março no Tribunal de Justiça em 's Hertogenbosch próximo, a capital da província de Brabante do Norte. Vários juízes arranjaram para assistir a esta sessão. Croiset foi mantido completamente às escuras sobre o que ia ser consultado. Considerou-se

suficiente perguntar-lhe: «Está disposto a tentar obter algumas impressões sobre um caso importante não resolvido?» Croiset concordou.

Enquanto conduzia com o Professor Tenhaeff de Utrecht para 's Hertogenbosch, o sensitivo comentou subitamente: «Há cerca de uma hora, tive uma impressão espontânea de que esta consulta diz respeito ao assassínio de duas crianças pequenas. Vi os dois corpos deitados um sobre o outro nos bosques. Está correto, professor?»

«Fui informado o mínimo possível sobre este caso», respondeu o parapsicólogo. «Só sei que deve tentar dar as suas impressões sobre um caso não resolvido.» Para evitar que Croiset "pescasse" qualquer informação, também arranjara previamente que poucos, se algum, comentários fossem feitos durante o experimento.

Após o professor e o sensitivo chegarem ao tribunal, foram diretamente para o gabinete do juiz-comissário. Na mesa estavam duas caixas de cartão seladas. Croiset começou imediatamente a dar as seguintes impressões que foram registadas tanto pelo Dr. Tenhaeff como pelo escrivão do tribunal:

«Foi encontrado um sapato coberto de sangue? Vejo um sapato com sangue. [Correto. Na caixa da esquerda estava um sapato coberto de manchas de sangue.]

«Tenho de me concentrar em Ermelo-Veldwijk. Esse tipo de pessoas está aí. [Este comentário sugere que o assassino deveria estar numa instituição mental como a do distrito de Ermelo-Veldwijk que Croiset frequentemente passa de carro.]

«Tenho a impressão de luvas de borracha. Quem usava luvas de borracha? [Esta impressão pode relacionar-se tanto com o médico que dissecou os corpos como com o médico que dissecou os corpos e com o oficial de polícia que colocou os indutores nas caixas.]

«Um corpo foi encontrado à beira da estrada... Mais do que um corpo foi encontrado. Vejo um rapaz e uma rapariga deitados perto um do outro. Ambos estão mortos. [Correto. Dois corpos mortos de um rapaz e uma rapariga foram encontrados deitados um sobre o outro.]

«Foram mortos com facadas? Aconteceu há nove anos... no início da guerra... em agosto. [As facadas provavelmente referem-se à dissecação. As crianças foram assassinadas a 30 de agosto de 1940.]

«Vejo defeitos nos pescoços deles.» [Correto. O irmão e a irmã foram estrangulados.]

As duas caixas foram então abertas. Croiset tirou um tamanco de madeira de uma das caixas e declarou enfaticamente: «Há uma ligação entre este tamanco e um guarda florestal. [Correto. Este tamanco foi encontrado na cena do assassínio por um guarda florestal.]

«De que forma está Stevens envolvido? [A menção de Croiset ao nome "Stevens" foi estranha porque o nome do suspeito era "Stevensen".]

«Agora, vejo as duas crianças novamente. Vejo ambos a andar de bicicleta... [As crianças andavam de bicicleta a tentar apanhar fruta caída das árvores.]

«O pai das crianças usava calças de bombazina. [Correto.] Vejo-o a andar com elas. Tem mais cinco filhos. [Correto. Em agosto de 1940 tinha sete filhos.]

«Foi encontrado papel de estanho perto dos corpos? [Correto. As crianças tinham comido gelado a caminho e este fora embrulhado em papel de estanho.]

«Vejo as crianças sentadas. Foram seguidas por um homem. Ele olha para elas. É um caçador furtivo. Arma armadilhas... Primeiro o rapaz foi derrubado e depois a rapariga. Ambas as crianças foram estranguladas. Mas o rapaz foi primeiro espancado na cabeça.» [As autoridades acreditam que o assassino agiu desta forma.]

Embora esta informação de Croiset tivesse espantado os juízes e fosse parapsicologicamente correta, não forneceu provas legais novas suficientes para justificar uma acusação e condenação. No entanto, persuadiu os juízes de que Gerard Croiset tinha dons inegáveis que os agentes da lei poderiam utilizar efetivamente.

CASO 5

INVESTIGAÇÃO COM UM PADRE

Um padre católico observou uma vez em primeira mão os poderes paranormais do sensitivo de Utrecht enquanto trabalhava num caso com ele.

Na terça-feira, 13 de setembro de 1960, Gerard Croiset foi telefonado em casa pelo Reverendo Padre Grauw do Convento de Nossa Senhora de Peel em Sevenum, a cerca de sessenta e cinco milhas de distância, uma pequena cidade agrícola na província meridional de Limburgo, uma cerca holandesa entre a Bélgica e a Alemanha.

Tinha o sensitivo alguma impressão sobre um rapaz chamado Hans Hermans que desaparecera vários dias antes?

«Vejo uma bicicleta, Padre», respondeu instantaneamente Croiset. «O rapaz saiu nela.» [Correto. O rapaz desaparecido foi visto pela última vez a sair da casa dos pais na sua bicicleta.]

«Encontraram esta bicicleta?», perguntou o padre.

«Sim, nos bosques. [Correto.] Quando saio dos bosques, chego a um caminho de areia. Depois disso, chego a uma estrada alcatroada. [Correto.] Perto dos bosques onde está a bicicleta, deve ter estado um Volkswagen. [Correto.] O melhor, Padre, é vir ver-me em Utrecht amanhã de manhã com uma fotografia do rapaz e um mapa dos arredores.»

Cedo na manhã seguinte, Croiset foi também telefonado pelo Sr. Carel Enkelaar, então editor das Notícias da Televisão dos Países Baixos, que igualmente perguntou sobre o mesmo rapaz perdido.

«Direi-lhe em privado como amigo mas não para usar na TV», confidenciou o clarividente. «Vejo que o rapaz foi enterrado na terra perto da superfície. Vejo arbustos e pequenas árvores de carvalho, amieiro e abeto. Nesta área imediata, o rapaz deve agora estar deitado.» [Correto. O corpo do rapaz foi mais tarde encontrado num campo de espargos, perto de um matagal de pequenas árvores e arbustos, enterrado perto da superfície.]

Pouco depois, por volta das 10:30 da manhã, o Padre Grauw chegou à casa de Croiset em Utrecht. Enquanto trocavam cumprimentos, o telefone tocou. A chamada era para o padre. Um irmão no seu convento relatou que o corpo de Hans acabara de ser encontrado nos bosques, enterrado perto da superfície. Embora Croiset não estivesse presente durante esta chamada

telefónica, quando o Padre Grauw regressou à outra sala, o sensitivo comentou: «O corpo do rapaz acabou de ser encontrado.»

Após o padre confirmar isso, Croiset disse: «Agora, temos de encontrar o assassino. Vejo um homem de cerca de 1,70 metros de altura. É robusto com cabelo escuro. Usa um fato cinzento-escuro mas a sua camisa clara é o mais impressionante. Caminha curvado atrás do rapaz.» [Esta descrição do assassino provou ser precisa, incluindo o facto de caminhar curvado atrás da vítima. Mas era uma polegada mais alto do que Croiset afirmou.]

Quatro dias depois, no domingo, 18 de setembro, enquanto o assassino ainda estava em liberdade, Croiset levou o Professor Tenhaeff e o falecido autor Gustav Regler, que visitava o Instituto de Parapsicologia do México, ao Convento de Nossa Senhora de Peel em Sevenum. Aí, recolheram o Padre Grauw e depois conduziram até ao local onde o corpo de Hans Hermans fora encontrado. Após verem os bosques descritos por Croiset perto do campo de espargos, o sensitivo teve estas impressões adicionais detalhadas:

«Aqui neste matagal, o corpo do rapaz esteve deitado algum tempo... foi assassinado perto do arbusto de bagas de sebe. O rapaz andava de bicicleta no caminho principal. Ali, perto daqueles bosquezinhos a 200 metros do canto dos bosques, o culpado parou o rapaz. Quando o rapaz desceu da bicicleta, o homem tentou agarrá-lo. O rapaz fugiu. Mas o homem seguiu-o na sua própria bicicleta. Uma e outra vez, o rapaz escapou-lhe. O homem notou à sua esquerda que pessoas estavam a trabalhar. Viu também outras pessoas a aproximar-se. O culpado estava agora com medo de que alguém o reconhecesse ou o descrevesse à polícia.

«Por isso decidiu assassinar o rapaz. Tirou uma corda do bolso. Originalmente pretendia apenas amarrar as mãos do rapaz com ela. Mas agora, em vez disso, usou-a para o estrangular. Arrastou o corpo mais para dentro dos bosques. Quando viu a sua oportunidade de desaparecer sem ser visto, caminhou à volta do campo de espargos e escondeu-se atrás de dois abetos com a bicicleta do rapaz. Depois escondeu a bicicleta. Andou de bicicleta pelo caminho que corre ao longo do campo de espargos. Virou rapidamente à direita mais cedo do que queria porque viu um Volkswagen azul à sua esquerda.» [A investigação policial posterior corroborou a precisão das imagens de Croiset. Hans, de facto, resistira e tentara escapar mas foi capturado pelo assassino que o estrangulou quando se assustou com a visão de pessoas a aproximar-se. O assassino também escondeu mais tarde a bicicleta do rapaz.]

Após deixarem a cena do assassínio, Croiset e o grupo de busca caminharam até onde a bicicleta do rapaz fora encontrada. Aí, o sensitivo foi atraído para o local exato, como um pedaço de aço para um íman. O Padre Grauw era a única pessoa aí que sabia a localização mas, como caminhava a alguma distância atrás de Croiset, não deu ao sensitivo a menor pista. O padre ficou espantado com o reconhecimento instantâneo de Croiset do local preciso.

Quando o grupo regressou de carro ao convento, Croiset apontou vários pontos de referência, incluindo uma grade, que ligou diretamente ao assassino. «Vejo uma pá», disse. «Foi usada pelo criminoso para cavar um buraco para enterrar o rapaz. Primeiro tentou cavar com as mãos mas quando falhou, foi buscar uma pá.»

Mais tarde, durante a sua conversa com o Adjunto da Polícia Estadual (Sr. Verhagen) no convento, Croiset mencionou novamente esta pá, dizendo: «O culpado usou uma pá coberta com uma substância branca.» Este comentário espantou o adjunto porque apenas alguns oficiais de polícia sabiam disso. De facto, uma pá encontrada na cena do assassínio mostrava vestígios de argila, areia e cimento.

Croiset também disse ao espantado oficial de polícia que o assassino de Hans cometera um ato indecente público antes do crime — o que também se provou correto.

Vários dias após esta viagem a Sevenum, Croiset levou para o Instituto de Parapsicologia uma fotografia de um conhecido que disse se assemelhar ao assassino de Hans. Croiset contactou este homem e, após o propósito do experimento lhe ser explicado, este conhecido concordou em permitir que a sua fotografia fosse tirada com uma camisa branca pelo filho de Croiset, Henri. Porquê? Porque o clarividente “vira” o assassino a andar com uma camisa branca. O parapsicólogo Tenhaeff enviou prontamente esta fotografia ao adjunto.

Vários meses depois, a 20 de fevereiro de 1961, o adjunto respondeu que achava estranho que Croiset tivesse mandado fotografar o seu conhecido com uma camisa branca porque, a 11 de setembro de 1960, o assassino andara de facto pelos bosques de Sevenum por volta das 12:30 da madrugada com uma camisa dessas. Além disso, o inspetor de polícia concordou que o homem fotografado se assemelhava definitivamente ao assassino de Hans.

Ao resumir a ajuda do seu sensitivo dotado neste caso, o Diretor do Instituto de Parapsicologia escreveu conservadoramente: «Croiset obteve algumas impressões corretas sobre o culpado e a maneira como agiu. Quão úteis foram para a polícia na localização do homem culpado, não estou em posição de dizer. No entanto, após a prisão do culpado e os dados fornecidos por Croiset serem reexaminados, deve ser reconhecido que a informação do sensitivo estava correta em muitos pontos.»

CASO 6

FOI O PAI ENVENENADO?

Muitos problemas surgem, no entanto, ao tentar identificar criminosos. "Influência telepática inconsciente" é um deles. Pode geralmente ser evitada não tendo um detetive ou outro consultante a visitar pessoalmente o sensitivo mas, em vez disso, enviando alguém que não tenha sido informado dos factos conhecidos. No entanto, mesmo esta "consulta por procuração" apresenta dificuldades, como o seguinte caso de Croiset revela:

Devido a uma cadeia de circunstâncias, um homem de negócios holandês, Sr. S., Jr., que vivia na cidade de R., suspeitava que a madrasta envenenara o seu falecido pai. Ficou ainda mais certo da culpa dela após visitar uma psicoscopista mulher por conselho de amigos. Ela contou ao Sr. S., Jr., muitos factos verdadeiros sobre o seu pai falecido, o que reforçou tremendamente a sua confiança nela. Quando a sensitiva mulher finalmente insinuou que não considerava impossível que o Sr. S., Sr., tivesse sido envenenado pela esposa após um desacordo contratual, o filho ficou completamente convencido de que a sua suspeita estava correta.

Procurando maior certeza científica, a 11 de abril de 1951, o Sr. S., Jr., acompanhado pelo seu advogado, visitou o Professor Tenhaeff em Utrecht.

«Apontei então», recorda o parapsicólogo, «que considerava provável que a psicoscopista mulher tivesse obtido a sua informação telepaticamente do próprio psiquismo do filho porque ele exercera uma influência telepática inconsciente sobre ela em relação à sua suspeita.»

Perplexos com isto, o Sr. S., Jr., e o seu advogado pediram ao Professor Tenhaeff que realizasse um segundo experimento com outro sensitivo que ele escolhesse. O cauteloso investigador da Universidade de Utrecht avisou

os dois visitantes de que havia até riscos num segundo experimento. Mas concordou em realizá-lo.

O Dr. Tenhaeff escolheu o seu principal sensitivo, Gerard Croiset, e arranjou um experimento com ele para o dia seguinte, quando nem o homem de negócios, nem o advogado, nem mesmo o próprio professor estariam presentes. «A 12 de abril de 1951, quando estava fora de Utrecht», relata, «a minha esposa entregou a Croiset uma fotografia de passaporte do pai falecido como indutor. O Sr. S., Jr., deixara esta fotografia a meu pedido. Não disse nada à minha esposa sobre o conteúdo do envelope ou o caso. Várias horas após o Sr. S., Jr., e o seu advogado terem saído, dei à minha esposa a fotografia num envelope selado e pedi-lhe que a levasse a Croiset no dia seguinte para "tratamento".»

Com base nos factos registados pela Sra. Tenhaeff, o sensitivo teve muitas impressões iniciais corretas sobre o falecido Sr. S. e o seu ambiente. Croiset começou dizendo que o homem na fotografia morrera de insuficiência cardíaca; isto coincidia com o julgamento do médico de família do homem falecido. Mas imediatamente depois, a ideia de "envenenamento" também se impôs ao clarividente, embora não conseguisse explicá-la. Croiset declarou então que não conseguia obter mais imagens, dizendo: «Este homem morreu certamente na cama de insuficiência cardíaca.» Mas o sensitivo perplexo acrescentou: «No entanto, este caso também tem algo a ver com envenenamento.»

Duas semanas depois, a 25 de abril, o Professor Tenhaeff conduziu com Croiset até à cidade de R. para visitar o Sr. S., Jr., e o seu advogado de acordo com o arranjo. Realizou-se então uma nova consulta na casa do advogado. Agora o sensitivo enfatizou que o assunto estava claro para ele: Croiset afirmou categoricamente que o pai morrera de um ataque cardíaco. A sua confusão anterior proviera do facto de o filho estar tão cheio da ideia de envenenamento pela madrasta que Croiset também se apercebera disso.

«Só quando conheci o homem de negócios», explicou Croiset mais tarde, «compreendi porque a minha segunda impressão incorreta sobre o envenenamento veio do meu contacto telepático com ele.»

Esta confusão telepática nem sempre acontece, felizmente.

«Há muitos casos registados em que as suspeitas de um consultante não conseguiram de forma alguma desviar um sensitivo», recorda o Diretor do Instituto de Parapsicologia.

CASO 7

ASSASSÍNIO DE CRIANÇA EM NOVA IORQUE

Domingo, 26 de fevereiro de 1961, é um dia que nunca esquecerei. Estive ao telefone durante horas intermináveis na cidade de Nova Iorque a discutir o caso agonizante de uma rapariguinha de quatro anos desaparecida.

Nessa manhã, o meu artigo sindicado na revista This Week, "Combate ao Crime com PES", que relatava brevemente alguns dos feitos de Gerard Croiset, foi publicado no New York Herald Tribune e em quarenta e dois outros grandes jornais dominicais de cidades. O Departamento de Polícia de Nova Iorque recebeu várias centenas de chamadas telefónicas num número de telefone especialmente criado, WAtkins 9-7307, de indivíduos que sugeriam todo o tipo de formas de encontrar a criança perdida. Funcionários da KLM em Nova Iorque, com espírito público, ofereceram-se para voar Croiset e o Professor Tenhaeff imediatamente para os Estados Unidos para resolver o caso. A KLM estava pronta para fazer os arranjos através dos seus escritórios em Nova Iorque e Haia e do editor e publisher da This Week, William I. Nichols.

A loira Edith ("Google") Kiecorius, que vivia na 810 East Thirteenth Street, Brooklyn, N.Y., estava desaparecida há quatro dias, desde quarta-feira, 22 de fevereiro às 4:45 da tarde. Fora vista pela última vez a brincar fora da residência do tio, Manuel Duclat, que visitava com a mãe viúva, na 170 Eighth Avenue perto da Twentieth Street em Manhattan.

Mais de 350 polícias de Nova Iorque revistaram edifícios, incluindo telhados — com helicópteros —, lotes vagos e até dragaram o Rio Hudson com ganchos. A busca pela criança desaparecida foi uma das mais amplas na história criminal de Nova Iorque, estendendo-se até Chicago, onde fora recebida uma pista plausível de que Edith fora vista aí com uma mulher num aeroporto. A polícia não tinha certeza se ela fora raptada por uma mulher solitária sem filhos ou molestada por um criminoso sexual. Cada dia sucessivo, as manchetes nos jornais de Nova Iorque cresciam maiores e mais negras.

Com base nos seus trinta e cinco anos de experiência no departamento, o Capitão John J. Cronin, Comandante do Bureau de Pessoas Desaparecidas, afirmou categoricamente que um maníaco sexual degenerado assassinara a criança e o Chefe Adjunto de Detetives James Walsh tendia a concordar

com ele. Mas outros oficiais do departamento de polícia eram menos seguros.

Após uma série de chamadas telefónicas transatlânticas entre oficiais da KLM, Croiset, que estivera a viajar, foi finalmente localizado no sábado, 25 de fevereiro, às seis da tarde (meio-dia em Nova Iorque, seis horas antes), por Rein J. Vogels, vice-presidente da KLM e diretor de relações públicas em Haia.

«Estaria disposto a ajudar neste caso trágico?», perguntou Vogels.

«Claro», respondeu instantaneamente o sensitivo holandês amante de crianças. «Mas primeiro têm de me dar um mapa de Nova Iorque e uma fotografia da criança.»

«A KLM voá-lo-á imediatamente para Nova Iorque.»

«Isso não é necessário», respondeu Croiset. «Nunca estive em Nova Iorque. Se fosse aí agora, sufocaria com todas as impressões e não conseguiria ver nada. Não, Sr. Vogels, é melhor ficar aqui e trabalhar calmamente neste caso.»

«Muito bem, toda a informação possível virá para si de Nova Iorque no primeiro avião da KLM.»

O sensitivo parou. Embora as suas impressões espontâneas estivessem desorganizadas, começou a "ver" e a falar: «Já posso dizer-lhe que não é no centro da cidade. Se estivesse de costas para a Estátua da Liberdade, deveria estar no lado esquerdo de Nova Iorque. Aí, a criança deve estar! Vejo um edifício alto, mas isso não significa nada. Há muitos edifícios altos em Nova Iorque. Mas no topo deste edifício, vejo um cartaz publicitário retangular laranja [um outdoor] e uma garagem... persianas enroláveis... um quadrado... e um parque... Vejo uma linha de comboio perto e carris acima do nível da rua. Além disso, algum lixo... e depois alguma água. Há um rio bastante perto. O homem que levou a criança é pequeno, com cerca de cinquenta e quatro ou cinquenta e cinco anos. Tem um rosto bastante afiado... Usa algo em cinzento... A sua origem é sul-europeia... Vejo uma casa cinzenta... É aí que a criança está ou esteve...»

Espantado com as imagens claras do clarividente, Vogels perguntou: «A criança ainda está viva?»

«Não, infelizmente está morta», respondeu enfaticamente Croiset.

Ansioso por transmitir esta informação ao Departamento de Polícia de Nova Iorque, Vogels desligou, prometendo: «Ligo-lhe de volta.» As impressões de Croiset, que foram gravadas pelo telefone, foram rapidamente transcritas e telefonadas aos oficiais da KLM em Nova Iorque que as retransmitiram ao Departamento de Polícia de Nova Iorque.

Na manhã seguinte, domingo, 26 de fevereiro, às 9:30 da manhã (3:30 da madrugada em Nova Iorque), Vogels telefonou novamente a Croiset e relatou entusiasticamente: «Acabei de saber que a polícia de Nova Iorque está espantada com a sua informação. Descreveu muito bem a área de onde a criança desapareceu. O que mais os surpreendeu foi a linha de comboio que mencionou acima do nível da rua, porque é um dos poucos lugares em Nova Iorque onde há uma assim. A polícia está muito grata pelos seus esforços.»

Nessa manhã às 11:30 da hora holandesa (5:30 da manhã em Nova Iorque), Croiset e Vogels encontraram-se numa sessão gravada no Hotel Krasnopolsky em Amesterdão. Este local intermédio foi escolhido porque era perto do Aeroporto de Schiphol da KLM, onde uma fotografia da criança desaparecida e alguma da sua roupa estavam a ser voadas para Croiset de Nova Iorque.

Vogels entregou a Croiset um mapa Hagstrom's de Nova Iorque com números de casas. «Que massa de casas», exclamou o sensitivo. «É suficiente para enlouquecer! Agora, tenho um ponto quente. Vejo uma mulher morena sentada à frente de uma janela. Duas casas mais adiante há uma lavandaria e também uma loja onde se engomam roupas... Vejo novamente aquele edifício. Tem, penso, cinco andares... O homem que descrevi ontem é um pouco mais velho, entre cinquenta e quatro e cinquenta e oito anos... tem um rosto pequeno, afiado, moreno. A criança deve estar numa casa cinzenta... No segundo andar tenho uma forte emoção... nesta sala, vejo a criança com o homem...»

O diretor de relações públicas da KLM telefonou imediatamente estes pormenores para Nova Iorque e disse que teria outra sessão com Croiset mais tarde. Mas cinco horas depois, antes que o clarividente pudesse fornecer mais informação à polícia de Nova Iorque, o caso foi resolvido.

No domingo às 12:30 da tarde, hora de Nova Iorque (6:30 da tarde na Holanda), o corpo violado da pequena Edith Kiecorius, de quatro anos, foi encontrado na sala frontal do segundo andar de uma casa de quartos suja de quatro andares na 307 West Twentieth Street, mesmo à esquina da casa do tio, onde fora vista pela última vez. O exame médico preliminar indicava

que fora violada e espancada até à morte na quarta-feira em que desaparecera.

Esta casa de quartos já fora revistada várias vezes pela polícia, mas ninguém respondera às batidas na porta de metal trancada. Decidindo arrombá-la, o Agente John Megrini e o Detetive James Peterson encontraram a criança morta deitada na cama, o braço direito a cobrir o rosto magoado e ensanguentado como se para afastar golpes.

O fato de neve e a roupa interior de Edith estavam no chão. Uma fotografia da pequena Caroline Kennedy, de quatro anos, rasgada de uma revista, estava na mesa. Cerca de quarenta latas de cerveja vazias, uma garrafa de uísque vazia, centenas de beatas de cigarro e os restos de uma piza enchiam a sala.

O Comissário de Polícia Michael Murphy, que entrou na sala às 3:25 da tarde, jurou: «Não pouparemos esforços para levar este degenerado vicioso à justiça.» O superintendente do edifício, Hortencia Chomorro, relatou que Fred J. Thompson, o homem que alugara o quarto mobilado de oito dólares, pagara uma semana de renda adiantada a 17 de fevereiro e não carregara bagagem.

Na quarta-feira, 1 de março — uma semana após a pequena Edith Kiecorius ter desaparecido —, Thompson foi detido numa quinta em Nova Jérsia e confessou ter morto a criança. Nesse dia, a sua prisão recebeu muito mais atenção nos jornais de Nova Iorque do que a conferência de imprensa do Presidente Kennedy. Thompson disse ao Detetive Keene: «Quando bebo, quero uma mulher. As mulheres mais velhas riem-se de mim quando lhes peço. As raparigas jovens não querem nada comigo.» Quando foi levado ao Tribunal de Felonia nesse dia, homens e mulheres gritaram-lhe: «Queimem-no! Rato nojento! Assassino!» Condenado por assassínio em primeiro grau, Thompson foi mais tarde declarado legalmente insano e internado no Hospital Mattewan para Criminosos Insanos.

Thompson usava, quando detido, um casaco desportivo amarrotado com mangas e colarinho aos quadrados cinzentos, uma camisa branqueada aos quadrados cinzentos e brancos. Tinha cinquenta e nove anos e era pequeno (um metro e sessenta e oito), nariz afiado e tez morena. Não era de descendência sul-europeia, mas natural de Inglaterra.

Na cena do assassínio verifiquei as outras impressões de Croiset. O edifício na 307 West Twentieth Street é feito de tijolo cinzento, mas tem

quatro andares, não cinco (cinco, no entanto, contando o andar da cave), como Croiset disse. A sala frontal do segundo andar de Thompson — onde Croiset experimentara a sua "forte emoção" — tinha persianas venezianas brancas sujas puxadas para baixo sobre as janelas, o que pode ter sido o que o sensitivo quis dizer com "persianas enroláveis". O edifício não tinha outdoor laranja no topo ou garagem na base, embora eu tenha visto tais pontos de referência perto na vizinhança. Surpreendentemente, havia um pequeno pátio interior diretamente do outro lado da rua que Croiset pode ter visto como o "quadrado", mas o parque que mencionou ficava a vários quarteirões de distância. A linha de comboio que viu era o viaduto de carga elevado da New York Central — um dos poucos na cidade de Nova Iorque — a dois quarteirões de distância e correndo paralelo à Tenth Avenue, entre a Sixteenth e a Thirtieth streets. Além disso havia montes de lixo e o Rio Hudson, que Croiset pode ter considerado a "água" ou "rio" que mencionou.

A um quarteirão e meio de distância verifiquei também a residência do tio na 170 Eighth Avenue, um quarto de sótão sobre um bar. Fiquei espantado ao ver uma lavandaria automática ao lado à direita na 172 Eighth Avenue, como o sensitivo holandês dissera, e uma loja de alfaiate ao lado à esquerda na 168 Eighth Avenue. A impressão de Croiset da mulher à janela assemelhava-se à mãe de Edith.

Naturalmente, nem uma linha sobre o papel de Croiset neste caso foi publicada em qualquer jornal americano, embora mais tarde tenha sido relatada na imprensa holandesa que aceita rotineiramente o trabalho de clarividentes em casos policiais.

Exatamente quão útil Croiset foi para a polícia de Nova Iorque neste caso pode nunca ser conhecido. Tudo o que os oficiais do departamento de polícia admitiram foi que após terem ouvido da Holanda que a criança estava morta e não em Chicago, intensificaram a busca na área de Nova Iorque de onde desaparecera. Por isso talvez o sensitivo de Utrecht tenha sido útil ao desviar a atenção da polícia de Chicago e acelerar o arrombamento da porta.

No entanto, ao verificar cuidadosamente as declarações gravadas de Croiset na Holanda e mais tarde avaliá-las com oficiais do departamento de polícia de volta a Nova Iorque, não é claro quantas das imagens espantosamente precisas de Croiset foram alguma vez transmitidas às autoridades investigadoras adequadas. Algumas destas impressões podem ter sido editadas por oficiais da KLM em Nova Iorque ou perdidas ao longo

da linha no Departamento de Polícia de Nova Iorque. Estou convencido de que se o Departamento de Polícia de Nova Iorque tivesse imediatamente voado para a Holanda um oficial esclarecido e estudante de perceção extrassensorial, o caso Edith Kiecorius poderia ter sido resolvido mais rapidamente.

Recentemente na casa de Gerard Croiset em Utrecht, examinei o chapéu branco de Edith Kiecorius, que fora voado para a Holanda durante a investigação. Segurando o grande envelope castanho "estritamente confidencial" do Departamento de Polícia de Nova Iorque em que fora enviado, não pude deixar de pensar que o mero facto de este departamento de polícia estar de mente aberta o suficiente para procurar a assistência do grande clarividente holandês é um ponto positivo a seu favor. Oxalá outros departamentos de polícia por toda a América fossem tão esclarecidos!

Em 1626, os antepassados holandeses do sensitivo de Utrecht compraram a mesma ilha de Manhattan aos índios por mercadorias no valor de sessenta guilders (o equivalente a vinte e quatro dólares de ouro) e chamaram-lhe Nova Amesterdão. Recentemente resumindo este esforço moderno de mãos dadas através do mar, o Professor Tenhaeff, o Diretor do Instituto de Parapsicologia nos Países Baixos, com a sua cautela habitual, disse: «Mesmo que este caso não tenha sido um sucesso policial completo, foi um experimento parapsicológico interessante.»

CASO 8

OS IRMÃOS VIOLADORES

O Professor Tenhaeff foi telefonado pelo Sr. H.T.C., o procurador público em Assen, capital da província setentrional de Drenthe a cerca de cem milhas de distância, no final de julho de 1949.

«Tem um sensitivo que possa lançar alguma luz sobre um complicado crime sexual?», perguntou o oficial de justiça.

«Possivelmente», respondeu cautelosamente o parapsicólogo. «Mas não posso garantir quão útil será do ponto de vista policial.» No entanto, a ajuda do cientista foi solicitada.

A 10 de agosto, por volta das dez horas, o Dr. Tenhaeff chegou ao tribunal de Assen. Na sala do experimento, observou que vários objetos embrulhados contendo indutores estavam na mesa. Uma hora depois, Gerard Croiset apareceu. Não lhe fora dada qualquer informação sobre o

caso, nem pelo professor nem pela polícia. Só sabia que envolvia um crime sexual grave. Na verdade, para evitar qualquer possível influência telepática, o Dr. Tenhaeff pedira mesmo ao procurador público que lhe dissesse o mínimo possível sobre o caso.

Gerard Croiset pegou num dos objetos embrulhados. Segurando-o na mão sem o abrir, começou imediatamente a dar as suas impressões.

«Aqui neste pacote há uma caixa de tabaco. [Correto.]

«Vejo uma casa. É bastante baixa. Há uma janela à esquerda, uma porta no meio e ao lado da porta duas janelas. Pessoas idosas vivem nesta casa. [Correto. Tal casa figurava neste caso.]

«Agora vejo dois homens. Um deles tem pouco mais de cinquenta anos. O outro é um pouco mais novo. [Dois irmãos de meia-idade estavam envolvidos neste caso.]

«Um destes dois homens carrega uma caixa de tabaco no bolso.» [Correto.]

O sensitivo pediu então permissão ao Tribunal para abrir o pacote embrulhado para ver se a sua imagem era precisa. Era. Havia uma caixa de tabaco dentro.

«Agora, posso abrir o segundo pacote?», perguntou. Foi concedida permissão.

Croiset retirou um saco do segundo pacote e disse: «Vejo uma vaca ligada a ele. [Correto. O saco era usado como cobertor de vaca.]

«Este saco foi encontrado na água? [Incorreto.]

«O saco estava numa vala. Vejo uma vala, um pedaço de prado. Depois vejo novamente a casa. A criança foi colocada no saco?» [Correto. A rapariga foi colocada num saco. Mas a imagem de Croiset do saco estar numa vala provavelmente resultou de uma mistura de duas imagens.]

Gerard Croiset continuou a declarar as suas impressões com profunda emoção: «Sim, uma criança estava no saco. Oh, que horrível! Tentaram matá-la. Um homem disse: "Quero enterrá-la." O outro disse: "Quero afogá-la."» [Correto. Um dos dois irmãos suspeitos queria enterrar a criança viva após colocá-la no saco. O outro repeliu esta ideia e preferiu afogá-la no saco. Abandonaram ambos os planos.]

O sensitivo fez uma pausa antes de retomar: «Temos aqui uma tentativa de homicídio. Há qualquer coisa errada com um homem. Sabem... ele tem um pedaço de um dente partido? Fica do lado esquerdo do maxilar inferior.» [Correto. Um dos dois irmãos tinha um dente parcialmente partido do lado esquerdo do maxilar inferior.]

«Vejo um carro de leite com um cavalo à frente. Este carro é amarelo. Há algumas latas de leite em cima dele. Fica a menos de sete quilómetros de Assen.» [Correto. Um carro de leite exatamente como o descrito estava envolvido no caso.]

«A mãe da rapariga é bastante pesada e baixa? Vejo uma mulher com cara redonda e cabelo liso, com risca ao meio.» [Correto.]

«A rapariga não é completamente normal. É atrasada mental? Usava tamancos? Vejo que um dos tamancos dela está partido. Está partido na parte de cima.» [Correto. Um inspetor da polícia confirmou a exatidão desta imagem.]

Croiset apontou então para uma pequena bolsa de moedas que estava incluída entre os indutores. «Esta bolsa de moedas foi encontrada num armário?», perguntou acertadamente.

O psicoscopista apontou em seguida para um boquilha de cigarro que pertencia ao outro irmão suspeito. Alguns dos indutores que estavam na mesa pertenciam aos dois irmãos. Outros não. Sem hesitar, Croiset mostrou com precisão quais os objetos que pertenciam a cada um deles. No entanto, as impressões sobrepostas confundiam-no. Suspirando, disse: «Isto é muito difícil. Há mais crimes que estes homens cometeram e eu baralho-os todos.» [Correto. Os suspeitos tinham cometido crimes anteriores que perturbaram um pouco as impressões de Croiset.]

Mas o sensitivo continuou com as imagens do caso em questão: «Vejo um palheiro. Os dois homens levaram a rapariga para lá? Violaram-na lá os dois.» [Correto.] «A criança deve ter gritado muito. Ouço gritos muito altos. Estava a decorrer uma feira popular, ou uma festa popular, ou qualquer coisa desse género. A violação aconteceu durante essa festa.» [Correto.]

«Ouço o nome Henrik. Ouço esse nome muito claramente.» [Correto. Um dos suspeitos chamava-se Hendrik.]

«A rapariga foi violada no feno do palheiro», enfatizou Croiset enquanto descrevia a cena. Mas as suas impressões fundiram-se quando acrescentou:

«Tenho dores terríveis. Tem a ver com água. Primeiro vou para a água. Não é suficientemente seguro. Há um buraco cavado na terra? Foi cavado com uma pá. A pá é redonda na parte de baixo.» [A rapariga foi violada no palheiro. A dupla impressão de Croiset referia-se aos planos separados de afogar e de enterrar a rapariga.]

«À esquerda do palheiro está uma bicicleta muito velha.» [Correto.]

«A rapariga foi violada e estrangulada.» [A rapariga foi violada, mas não morta.]

«Continuo a ver um rapazinho de doze anos. É irmão da rapariga?» [Correto.]

«O homem da tabaqueira e o homem da boquilha de cigarro conhecem-se muito bem. O homem da tabaqueira não tem controlo sobre si próprio sexualmente. Pode confiar-se-lhe dinheiro, mas não em assuntos de sexo. Só depois de fazer as coisas é que pensa nelas. Considero-o menos capaz de cometer um homicídio do que o outro homem. O outro, o da boquilha de cigarro, é mais o tipo criminoso. Não consegue conter-se. Comete crimes em transe. Foi ele quem atraiu a rapariga e abusou sexualmente dela. Depois tentou matá-la. O outro homem opôs-se. Houve uma discussão.» [Correto. A descrição que Croiset fez dos diferentes caráteres e ações dos dois irmãos revelou-se exata.]

«Agora vejo outro caso. O homem da tabaqueira está envolvido. Aconteceu durante a guerra. As forças de ocupação alemãs foram responsabilizadas por esta ação contra uma rapariga de cerca de catorze anos. Era filha de alguém que tinha uma loja.» [Durante a ocupação, uma jovem judia foi violada. Estava escondida dos alemães e acabou mais tarde num instituto em Anreep. Acreditava-se que a violação tinha sido cometida por um soldado alemão desconhecido. Embora não tenha sido provado que um dos dois irmãos suspeitos era culpado, a polícia e o Dr. Tenhaeff consideravam agora inteiramente possível.]

Ainda a deter-se neste possível crime anterior do homem da tabaqueira, Croiset continuou: «Vejo uma loja. A loja fica na frente de uma casa. Quando se entra, é preciso contornar um balcão. Depois há uma porta. Quando se abre essa porta, vê-se uma escada que sobe.» Embora a polícia negasse conhecer tal loja, Croiset insistiu que a conseguia indicar. Uma hora mais tarde mostrou ao grupo essa mercearia na pequena cidade próxima de Deurze, exatamente como a descrevera, onde se acredita que a jovem judia se escondeu durante os anos de ocupação.

Após a sessão no tribunal, os investigadores conduziram até ao palheiro onde ocorrera a violação. «Quando estávamos a vários quilómetros deste palheiro, Croiset começou a descrevê-lo», relata o Dr. Tenhaeff. «Tomei notas do que ele dizia. Quando chegámos, verifiquei essas notas e constatei que estavam corretas. Entre outras coisas, Croiset tinha "visto" que o palheiro estava em mau estado e que havia vários buracos no telhado de palha.»

No palheiro, Croiset recebeu algumas impressões adicionais sobre o seu estado no momento do crime. Tinham ocorrido várias alterações desde então. Por exemplo, Croiset insistiu que, na altura da violação, havia vários sacos de palha. Mas agora só havia palha solta. A polícia confirmou que era verdade. Nesse momento, as impressões retrocognitivas de Croiset expressaram-se de forma mais enfática do que no tribunal.

Nessa tarde realizou-se uma audiência separada para o homem da tabaqueira. Croiset esteve presente e recebeu algumas imagens adicionais. Após a audiência, disse aos presentes: «Tenho uma forte impressão de que este homem morrerá dentro de poucas semanas, enforcando-se.» Algumas semanas mais tarde, esta previsão cumpriu-se.

CASO 9

HOMICÍDIO EM SINGAPURA

Gerard Croiset tinha ocasionalmente impressões sobre crimes cometidos não só na Europa e na América, mas até na Ásia.

A 4 de fevereiro de 1954, um advogado chinês, o Sr. Peter S. S. Guok, então a viver em Londres, voou para a Holanda. Tinha ouvido falar das capacidades de Croiset e queria consultá-lo sobre o assassinato de um amigo chinês em Singapura.

Nessa noite, o Professor Tenhaeff supervisionou uma experiência no Instituto de Parapsicologia com Croiset, o advogado chinês e um assistente do instituto presentes. O Dr. Tenhaeff fez de intérprete. O advogado, que falava inglês, não sabia holandês, e Croiset não falava nem inglês nem chinês. Durante a sessão, o advogado Guok não deu qualquer indicação sobre a exatidão ou inexatidão das impressões do sensitivo, e nada foi dito a Croiset sobre o caso.

A experiência começou quando lhe entregaram uma fotografia do homem assassinado como indutor. Após um rápido olhar, Croiset exclamou

imediatamente: «Tenho a impressão de que o homem desta fotografia está morto.»

«Como morreu ele?», perguntou o advogado chinês.

O psicoscopista de Utrecht tocou na fotografia e começou a ver estas imagens: «Vou para uma cidade que está sob protetorado britânico. Parece ser Malaca, algures na vizinhança da Índia britânica. Vejo um molhe que avança para o mar. Serve de proteção contra o mar. Sou atacado e atingido na cabeça. O golpe causa a morte. Estou deitado de costas com a boca aberta.» [Correto, exceto que o homem da fotografia foi assassinado em Singapura, não em Malaca, na Indonésia.]

«Tem algo a ver com política. Ele atrapalhava um grupo de pessoas e, por isso, tinha de ser eliminado.» [Correto. O homem da fotografia foi assassinado por motivos políticos.]

«Vejo um homem bastante alto. Não é exatamente chinês, mas mais mestiço. Este homem cometeu o assassinato por ordem de outro homem chinês.» [Provavelmente correto.] «O assassino usa calças caqui? Oh, não. Agora vejo bem. É o polícia que usa calças caqui, com uma camisa e um capacete tropical.» [A descrição do polícia está correta. Foi a primeira pessoa a entrar no caso e a fazer o relatório.]

«Tenho a impressão de que este homem foi morto a tiro enquanto trabalhava.» [Correto.] «O assassino veio de fora e entrou no escritório dele.» [Correto.]

«O homem chinês que ordenou este assassinato é dono de uma loja… tem cerca de cinquenta e quatro a cinquenta e seis anos. Na rua usa roupa europeia. Mas em casa muda para roupa chinesa.» [Esta descrição corresponde à aparência do homem suspeito de ter planeado o assassinato. É dono de uma loja.]

«Na loja do homem que ordenou este assassinato vejo uma mulher que tem algo a ver com isso. Vejo também um jovem de cerca de dezasseis anos que trabalha na loja. No fundo da loja senta-se o homem que ordenou o assassinato. Supervisiona o trabalho, mas não entra muitas vezes na loja.» [Provavelmente correto.]

«O homem da fotografia foi assassinado por ordem deste [dono da loja] espião, um espião chinês. O assassinato está ligado a documentos oficiais, a acordos que o homem assassinado não queria cumprir porque iam contra os seus princípios. Não queria continuar a obedecer às ordens. Por isso

mataram-no, porque tinham medo que os denunciasse aos ingleses.» [Correto.]

«O homem que foi morto veio de outra cidade? Vejo que não era de onde o assassinato ocorreu.» [Correto.]

Croiset repetiu então com ênfase o que já tinha dito antes: «Tenho a impressão de que se trata de um assassinato político. Foi cometido por ordem do dono da loja.»

«Vejo uma rua que termina num rio. Há uma ponte sobre esse rio. A cerca de 300 metros antes da ponte, vejo uma espécie de praça redonda. Depois vem uma rua lateral. Se estivermos de costas para o leste, há uma rua do lado direito. Se seguirmos até ao fim dessa rua, chegamos ao local onde o homem que ordenou este assassinato tem a loja. Há mais duas ruas laterais do lado direito da estrada principal. Se passarmos essas ruas laterais, chegamos a um grande edifício. Este grande edifício também fica do lado direito da rua principal, se estivermos de costas para a ponte. Se continuarmos, há novamente uma praça ou um lugar redondo.» [Correto. Foi uma descrição fantástica e precisa da zona da loja do suspeito.]

Croiset disse então: «Dêem-me papel e lápis, vou fazer alguns desenhos desta zona que vejo.»

Após a experiência, o advogado chinês disse em privado ao Professor Tenhaeff que os esboços do sensitivo eram espantosamente exatos. Regressou entusiasmado a Londres com os factos fornecidos por Croiset.

Dois meses mais tarde, escreveu ao Dr. Tenhaeff de Londres: «O meu amigo em Singapura agradece muito a si e ao Sr. Croiset as informações, que são absolutamente corretas.» Embora tenha sido um acerto parapsicológico que deixou a polícia de Singapura atónita, as informações de Croiset não foram suficientes para deter o suspeito naquela altura.

CASO 10

NOVA PISTA NO CASO DO DR. SHEPPARD

Em junho de 1958, no Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht, Gerard Croiset tocou num par de chinelos vermelhos delicados. Para evitar qualquer resposta telepática, o visitante americano que os entregou a Croiset não sabia nada sobre os chinelos. Tinham-lhe sido emprestados nos Estados Unidos para esta experiência transatlântica única por um oficial da polícia americano que disse: «Se o Croiset é assim tão esperto, quando estiver na Holanda, veja se ele me consegue dizer alguma coisa sobre estes chinelos.»

«De quem são?»

«Não lhe digo. Deixe que o Croiset me diga.»

Imediatamente após tocar nos chinelos, o psicoscopista holandês exclamou: «Estes sapatos pertenciam a uma jovem bonita. Foi assassinada em casa, nos arredores de uma grande cidade americana perto de um lago, por um homem de cabelo farto.» Croiset desenhou então esboços espantosamente exatos da mulher e da casa dela.

Várias semanas mais tarde, de regresso aos Estados Unidos, o portador dos chinelos devolveu-os, relatou as impressões de Croiset e perguntou agora: «De quem eram afinal estes chinelos?»

Ficou atónito quando ouviu a resposta: «Da Marilyn Sheppard.»

No entanto, o homem que está a cumprir prisão perpétua pelo assassinato dela não tem cabelo farto. Milhões de americanos, incluindo dois juízes do Supremo Tribunal do Ohio, tiveram dúvidas consideráveis sobre a culpa do Dr. Sheppard no assassinato da mulher na sua casa em Bay Village, Ohio, junto ao lago Erie, nos arredores de Cleveland, a 4 de julho de 1954.

Durante o julgamento de 1954, o Dr. Sheppard insistiu que um «intruso de cabelo farto» tinha matado a mulher e o deixara inconsciente com uma pancada. Duas testemunhas imparciais, um operário metalúrgico e um empregado de expedição, testemunharam independentemente que viram um homem de cabelo farto rondando do lado de fora da casa dos Sheppard na altura do assassinato, mas o seu testemunho foi desvalorizado pela acusação na atmosfera de circo romano do julgamento. A defesa acusou a acusação de ter suprimido provas de que dispunha sobre um indivíduo de cabelo farto que andava por ali.

Após o julgamento, os irmãos do condenado, os Drs. Stephen e Richard Sheppard, contrataram secretamente um detetive privado de Nova Iorque, Harold Bretnall, para procurar novas provas da inocência de Sam. A imagem do homem de cabelo farto de Croiset foi-lhe entregue e ele passou a maior parte de quatro anos a investigá-la. Bretnall descobriu factos surpreendentes que não tinham sido revelados no julgamento e planeava escrever um livro intitulado «The Big Frame» nomeando o assassino de cabelo farto. Mas morreu subitamente a 23 de agosto de 1963 e nunca o terminou. Devido à minha ligação com Croiset, o material de Bretnall foi-me entregue.

Muitos peritos acreditam que o Dr. Sheppard é inocente do assassinato da mulher. Entre eles está o Dr. Paul Leland Kirk, professor de criminologia da Universidade da Califórnia, que fez um estudo intensivo e em primeira mão do caso num relatório de 10 000 palavras após o julgamento.

Hoje, o Dr. Sam Sheppard, recluso n.º 98860, na sombria Penitenciária Estadual do Ohio em Columbus, nunca alterou a sua versão em dez anos de que um intruso de cabelo farto matou a mulher. Os irmãos contrataram um novo advogado de Boston, F. Lee Bailey, que está agora a pedir aos tribunais federais um novo julgamento com base no facto de o julgamento original no Ohio ter sido conduzido ilegalmente. Além disso, no final de 1964 ou início de 1965, o Dr. Sheppard será considerado para liberdade condicional.

Recentemente, na Holanda, quando mencionei casualmente «o caso Sheppard» a Gerard Croiset, ele exclamou excitado: «Os chinelos vermelhos, sim. Foi o homem de cabelo farto — não o marido! Tenho a certeza absoluta! Mandem-me qualquer coisa da mulher para eu ter outra impressão.»

Fiz isso — o chapéu e as luvas de Marilyn Sheppard. Será que Croiset, o Vidente, trará uma nova pista decisiva para resolver um dos casos de assassinato americanos mais divulgados e controversos desta geração?

Quando este livro entra na imprensa, estou a tentar interessar o muito ocupado Gerard Croiset em vários casos de assassinato americanos célebres recentes. Conseguir a cooperação da polícia é a parte mais difícil da minha tarefa!

O sensitivo de Utrecht teve algumas imagens extrassensoriais corretas que foram entregues à polícia belga sobre Magda de Bruyne, de nove anos,

filha de um padeiro em Kortwijk, Bélgica, que foi violada e assassinada em dezembro de 1961 por um rapaz de dezasseis anos que vivia ao lado.

No início de 1957, quando visitava o filho em Itália, Croiset também teve impressões corretas num misterioso assassinato muito divulgado pelo «Diabolique» que aterrorizou Turim com as suas cartas anónimas. Apesar do cepticismo da polícia em relação aos factos de Croiset, eles revelaram-se corretos. O vidente holandês estava convencido da inocência do homem preso, Aldo Cugini, que foi mais tarde libertado. A inocência deste suspeito foi confirmada quando continuaram a chegar cartas ameaçadoras ao jornal La Stampa de Turim depois de o homem já estar na prisão.

Quando andava de táxi em Turim, Croiset mandou o motorista parar e disse ao acompanhante: «Por favor, entre naquela mercearia e pergunte ao dono se a faca dele desapareceu pouco antes de aquele soldado ter sido morto.» O dono, atónito, admitiu: «Sim, falta-me uma faca grande. Como soube?»

Croiset tinha a certeza de que era essa a arma usada no assassinato. Mas a faca nunca foi encontrada e o assassinato continuou por resolver quando o verifiquei em Itália em maio de 1963.

Infelizmente, esses casos fora da Holanda são difíceis de documentar pelo Professor Tenhaeff, que estuda intensivamente apenas os casos no Instituto de Parapsicologia que pode verificar pessoalmente. O cauteloso observador científico de Croiset reconhece que a atitude da polícia é necessariamente diferente da abordagem parapsicológica dele. Mas se as duas disciplinas algum dia se aproximarem, mantendo cada uma as suas devidas salvaguardas, talvez a deteção de crimes se torne mais fácil no futuro.

Outros sensitivos estudados no Instituto de Parapsicologia ajudaram a polícia em casos holandeses de assassinato e violação.

Warner Tholen, protegido e amigo de Croiset, proprietário de um restaurante de quarenta e oito anos em Emmeloord, foi consultado há alguns anos pela polícia de Delden, uma cidade a cerca de cinquenta milhas de distância, e mostraram-lhe papel de embrulhar de talho. Tinha alguma impressão?

«Sim», respondeu o sensitivo que Croiset insiste ter um dom semelhante ao seu. «Vejo um homem com uma boina escura e um arranhão por cima do olho esquerdo. Anda de bicicleta num caminho no bosque e enterra um embrulho embrulhado neste papel de talho.»

«O que havia lá dentro?», perguntou um detetive.

O bondoso vidente fez uma careta, depois cobriu o rosto com as mãos. «Desculpem», pediu. «Não me sinto muito bem.» Mas quando a polícia insistiu, acrescentou: «Bem, era um bebé recém-nascido… ilegítimo. Ele estrangulou o bebé e enterrou-a. O homem da bicicleta que o fez vive numa casa de esquina com paredes brancas com uma mulher de cabelo preto que usa um casaco vermelho.»

Enquanto a polícia verificava esta informação (que se revelou correta), um homem de bicicleta com um arranhão por cima do olho esquerdo e boina escura foi detido numa cidade vizinha por uma infração de trânsito. Espantado com o conhecimento da polícia sobre o seu crime, confessou o brutal assassinato do próprio filho recém-nascido.

Outro sensitivo, J. G. Burgemeester de Utrecht, foi consultado em maio de 1959 pelo pai de uma menina de onze anos que tinha sido violada no bosque de Soest. O vidente disse-lhe que tinha uma visão clara do culpado, um psicopata de vinte e oito anos que usava gravata preta, e afirmou: «Tenho a certeza de que este sedutor virá ter comigo um dia.» Um ano mais tarde, veio mesmo e o sensitivo telefonou à polícia, resultando na rápida detenção do homem.

Apesar dos céticos irredutíveis, um número crescente de responsáveis policiais em muitos países está a tornar-se sinceramente interessado no elevado potencial da perceção extrassensorial. Contudo, como agentes da lei, têm de trabalhar dentro das restrições e salvaguardas da lei que muitas vezes lhes atam as mãos.

Naturalmente, sempre houve alguma vigarice praticada nas artes místicas que resultou em considerável ceticismo tanto entre a polícia como entre os leigos. Mas a nova ciência da parapsicologia, tal como praticada pelo Professor Tenhaeff com sensitivos responsáveis como Croiset, pode concebermente tornar-se outra arma policial de rotina dentro da próxima geração, tal como hoje o é a prova de impressões digitais, outrora ridicularizada.

Gerard Croiset tem profunda consciência das suas responsabilidades em casos criminais e abstém-se de fazer qualquer acusação a menos que tenha certeza absoluta. O erudito Dr. Tenhaeff lembrou-lhe dois casos sensacionais na Alemanha em 1927 e 1928 em que vários videntes foram processados por acusarem falsamente pessoas inocentes. «Estes erros provavelmente resultaram de os sensitivos lerem as mentes dos detetives

consultores», supõe o professor, «e serem inconscientemente influenciados por eles.» Ciente deste perigo, Croiset protege-se agora contra ele.

A resolução de crimes através da PES também é dificultada pelos detratores profissionais da perceção extrassensorial. Por exemplo, um psicólogo britânico pedante tentou uma vez desacreditar uma notável realização de Croiset discutindo anos mais tarde um pormenor menor, embora o responsável na altura tivesse escrito ao Professor Tenhaeff que o caso de tentativa de assassinato foi resolvido diretamente graças à ajuda de Croiset.

Apesar destas irritações, Gerard Croiset, homem sincero e de espírito público, continua a ajudar os agentes da lei sempre que pode. No entanto, na verdade não está a fazer nada que não tenha sido feito ao longo da história. Povos antigos em muitas partes do mundo usavam frequentemente uma vara de radiestesia — outra forma de indutor. Este ramo bifurcado, muitas vezes de amieiro, não foi apenas usado com sucesso na busca de água e minerais subterrâneos, mas até para capturar criminosos. Em 1693 foi publicado em Paris um livro de Pierre Le Lorrain intitulado Física Oculta ou Tratado da Vara de Radiestesia. Considerado o estudo mais importante sobre a vara de radiestesia na segunda metade do século XVII, este livro regista tipicamente o caso do camponês francês vidente que, com a sua vara de radiestesia, conseguiu, sob supervisão policial, localizar os assassinos de um comerciante de vinhos e da mulher em Lyon.

Hoje, quase três séculos mais tarde, nos Países Baixos, outro camponês chamado Gerard Croiset, que também fornece frequentemente informações úteis à polícia, parece usar uma vara de radiestesia paranormal. Mais do que uma aquisição moderna, parece ser um dom primitivo. Seja o que for, na maior parte das vezes, funciona.

FURTOS

Apesar dos sucessos de Gerard Croiset na resolução de muitos furtos, eles interessam-lhe pouco a menos que esteja em causa o bem público. Se, por exemplo, for roubado dinheiro a um homem rico que nem daria pela falta, o sensitivo holandês pode ficar emocionalmente indiferente e não receber qualquer impressão.

O Dr. Tenhaeff salienta: «Tenho notado uma forte resistência da parte de Croiset em ocupar-se de casos de furto. Esta resistência está, sem dúvida, associada a experiências da sua infância.»

Porque razão Croiset tem um bloqueio mental quando se trata de usar os seus poderes paranormais para apanhar ladrões? Em parte por causa da recordação de como um amigo próximo de dezanove anos foi injustamente acusado de roubo e preso. Este incidente, que o marcou profundamente, ainda hoje o inibe quando trabalha em casos de furto, explica o professor. Sempre que Croiset é consultado sobre um roubo, um assalto ou uma burla, ocorre-lhe inevitavelmente o pensamento: «Imagina se eu acusasse a pessoa errada e ajudasse a meter um inocente na prisão, tal como aconteceu ao meu amigo.»

Além disso, novamente por causa das suas próprias experiências de juventude, sempre que o ladrão é órfão ou viveu infelizmente numa casa de acolhimento, isso também trava Gerard Croiset.

Apesar de tudo, o sensitivo de Utrecht aceita tratar casos de furto quando lhe garantem previamente que o ladrão será tratado «humanamente» se for capturado graças às suas informações. A vaidade quase infantil de Croiset, bem como o seu desejo natural de ajudar, também superam muitas vezes as suas inibições em poupar os criminosos, pois gosta de manter o seu prestígio como sensitivo.

Os casos seguintes ilustram como, ainda assim, ele forneceu informações úteis em alguns casos de roubo:

CASO 1

O EMPREGADO DESONESTO

Dos arquivos do Instituto de Parapsicologia, foi traduzido o seguinte relatório assinado. Provém do proprietário de uma loja numa pequena cidade holandesa que pediu para permanecer anónimo:

«Em junho de 1949, o meu amigo Sr. H. de M. visitou-me acompanhado por um homem que eu não conhecia, apresentado como Gerard Croiset, de Enschede. Quando entraram na minha loja, apresentei-os ao meu empregado. Depois de passarem para a minha sala de estar, o Sr. de M. falou-me das capacidades de Croiset. Isso levou-me a perguntar ao Sr. Croiset se tinha alguma impressão sobre a minha loja.

Sem hesitar, respondeu que eu devia despedir imediatamente o meu empregado. Fiquei espantado, dizendo: “Mas mal pousou os olhos nele.” Mesmo assim, o Sr. Croiset disse-me que seria melhor ir ver a casa do empregado. “Vai encontrar lá muita coisa”, afirmou.

Em seguida, o Sr. Croiset perguntou-me se tencionava abrir uma nova loja. Disse: “Vejo que comprou uma casa nova. É uma grande pena, porque tenho a impressão de que, dentro de um ano, vai ficar vaga uma propriedade na rua principal da sua cidade. Teria sido muito mais sensato esperar até lá. Financeiramente, teria sido melhor para si.”

Uma semana depois, a minha filha viu o empregado a roubar dez florins [cerca de 2,80 dólares]. Ele negou teimosamente o furto, embora ela o tivesse visto. Chamei a polícia e revistaram-lhe a casa. Encontraram tantas coisas que não lhe pertenciam que ele teve de admitir que me roubara repetidamente mercadorias e dinheiro.

Como o roubo do empregado correspondia tão bem ao que o Sr. Croiset dissera, aguardámos ansiosamente para ver o que aconteceria com a previsão sobre a casa. Na primavera de 1950, o meu único concorrente na cidade, cujo comércio e casa ficavam na rua principal, decidiu de repente emigrar para a Austrália. Vendeu a propriedade por um preço consideravelmente mais baixo do que o que eu pagara pela minha em 1949.»

CASO 2

O RELÉ ROUBADO

A 4 de agosto de 1954, no Instituto de Parapsicologia, o Sr. M. v. D., diretor de uma fábrica, entregou ao sensitivo Croiset uma pequena caixa de cartão vazia onde antes estivera guardado um relé elétrico. Este dispositivo para alterar a corrente em circuitos elétricos tinha desaparecido da caixa alguns meses antes. Após concentrar-se neste indutor, o psicoscopista deu rapidamente estas dez impressões:

«1. Esta caixinha continha outrora um objeto de cor acastanhada. Serve para medir ou indicar a diferença de voltagem elétrica.

Passou por uma porta onde o controlo de saída não era muito rigoroso.

Vejo um homem vestido com um fato-macaco azul e um boné que parece de uniforme. Levou o aparelho no bolso.

Este homem tem cerca de quarenta e cinco anos e é de constituição robusta.

Vejo que vive numa casa de duas famílias. De um lado da casa há um pequeno portão que dá acesso a uma pequena oficina. Há água e bosque na zona dessa casa. Vejo uma estrada larga.

Este homem tem algo a ver com os bombeiros.

Este homem não teve intenção de roubar o aparelho. Não. Levou-o mais por curiosidade. Simplesmente esqueceu-se de o devolver.

Vejo um homem com um punhal cravado no pescoço. Parece uma imagem de romances policiais sensacionalistas. Este homem lê muitos desses romances?

Agora ouço o nome Johan.

O objeto tem a ver com uma espécie de rádio antigo, tipo móvel.»

Vários dias depois desta experiência, o Sr. v. D. discutiu as impressões de Croiset com outros colegas da empresa. Após analisarem as impressões do sensitivo, suspeitaram que o relé desaparecido estava na posse do Sr. X.

O Sr. v. D. arranjou uma desculpa para entrar em casa do suspeito e descobriu o relé desaparecido dentro de um rádio antigo (10), junto a um aquário. Estava a ser usado para regular a temperatura da água.

O Sr. X. tem quarenta anos, mas parece mais velho, e é de grande estatura (4). Na fábrica usa roupa de trabalho azul. Gosta de velejar e usa então um boné tipo uniforme (3). É membro da brigada de incêndio da fábrica e verifica periodicamente os extintores (6). O nome oficial dele é Johan, mas chamam-lhe habitualmente Joop (9). A descrição da casa e do entorno corresponde à impressão de Croiset (5). A direção da fábrica preocupava-se muitas vezes com o controlo insuficiente dos empregados à saída, o que facilitava alguns furtos (2). Quando o Sr. v. D. perguntou ao Sr. X. como tinha chegado às suas mãos o aparelho, descrito com exatidão por Croiset, ele contou uma história detalhada tentando “provar” que não o roubara.

O Sr. v. D. decidiu não prosseguir com a investigação — o caso foi legalmente encerrado.

Apesar dos oito acertos notáveis de Croiset, ao rever o caso o Professor Tenhaeff aponta objetivamente os dois erros: «Há razões para acreditar que o Sr. X. roubou mesmo o relé. Croiset tem uma aversão interior a fornecer informações que possam incriminar alguém e fazer com que perca o

emprego ou seja levado a tribunal. Por isso devemos considerar a possibilidade de Croiset se ter contido ao dar esta informação (7).

Quanto ao (8), o Sr. X. não lê romances policiais. Portanto, esta informação ou está errada ou refere-se a algo que desconhecemos.»

CASO 3

OS CONTRABANDISTAS DE CAFÉ

A 10 de novembro de 1952, o Sr. A. M. den Hollander, chefe do Departamento de Investigação Aduaneira dos Países Baixos em Enschede, onde Gerard Croiset então vivia, teve uma sessão com ele.

O Sr. den Hollander mostrou ao sensitivo a fotografia de um homem suspeito de tráfico fraudulento de café e perguntou: «Pode dizer-me alguma coisa sobre ele?» Croiset não conhecia o homem, e o funcionário da alfândega não forneceu qualquer informação.

Após observar e tocar na fotografia, o psicoscopista declarou rapidamente: «Este homem é contrabandista. Tem dois cúmplices em Enschede. [Correto. O funcionário da alfândega já sabia disso.]

Também trabalha com um homem que vive em Amesterdão e outro em Drente. [Correto.] Faz negócios com alguém que vive em Antuérpia.» [Correto. O funcionário da alfândega não sabia disto, mas correspondência intercetada revelou mais tarde que era verdade.]

O funcionário da alfândega mostrou-lhe então alguns lenços. «Estes lenços vêm de Duisburgo», afirmou imediatamente o sensitivo. Embora não fosse conhecido na altura pelo inspetor aduaneiro, a investigação confirmou que os lenços tinham vindo de Duisburgo, na Alemanha.

O funcionário mostrou em seguida uma fotografia do suspeito de Amesterdão.

«É o homem de Amesterdão de quem falei», exclamou o sensitivo. «Tem uma perturbação no estômago e arrota muito. [Embora este homem arrotasse frequentemente, o Dr. Tenhaeff não conseguiu apurar se tinha mesmo uma doença no estômago.]

Chegou também mercadoria de Brabante. Não foi transportada de carro, mas de comboio. [Embora não fosse conhecido pelo funcionário da alfândega durante a consulta, mais tarde soube-se que o suspeito enviara

uma enorme quantidade de casacos da Alemanha para Enschede por comboio.]

O café não desapareceu por caminhos de contrabandistas, mas passou normalmente pelas barreiras aduaneiras. [Este facto também era desconhecido durante a consulta. O Sr. den Hollander descobriu depois que parte do café atravessara a fronteira pelas barreiras habituais, escondido numa limusina.]

O café é apenas uma pequena parte de tudo o que este homem contrabandeou. O café não foi levado muito para dentro da Alemanha, ficou entre Gronau e Münster. Vejo o Bagno [termas públicas] em Burgsteinfurt. [Correto. Uma investigação posterior provou que parte do café contrabandeado foi entregue a um alemão que esperava no Bagno em Burgsteinfurt.]

Parte do contrabando foi transportada numa camioneta através da fronteira por um transitário. [Embora o departamento aduaneiro não tenha encontrado nem a camioneta nem o motorista, soube mais tarde que um transitário exportara legalmente mercadorias para o grupo.]

Tenho a impressão de que o homem de Amesterdão tem um esconderijo secreto. Fica atrás de um quadro pendurado por cima de um aparador.» [«Não conseguimos encontrar esse esconderijo», relata o funcionário da alfândega de Enschede. «Mas temos a firme convicção de que o homem de Amesterdão teve maior importância neste caso do que conseguimos provar até agora.»]

Cinco meses depois, a 11 de abril de 1953, o Sr. den Hollander escreveu agradecido ao Professor Tenhaeff, agradecendo a ajuda inestimável de Gerard Croiset na resolução do caso: por revelar exatamente como funcionava a rede de contrabando e por fornecer informações-chave que o departamento aduaneiro não possuía.

«As impressões de Croiset revelaram-se corretas em quase todos os pontos», resumiu o professor. «Isso tornou-se evidente após a consulta.»

CASO 4

O POLÍCIA DESONESTO

Em janeiro de 1947, o caixa da Cooperativa de Crédito Agrícola em Akmarijp, pequena localidade na província setentrional da Frísia, terra natal do maneta Peter Stuyvesant, foi assaltado. Cerca de 3700 florins (aproximadamente 1300 dólares) foram roubados por um homem vestido com um fato de couro que ameaçou o caixa com uma espingarda curta. O bandido fugiu.

Quatro anos mais tarde, em janeiro de 1951, ocorreu outro assalto na casa do Sr. P. d. B., presidente da Sociedade de Apoio às Vítimas de Guerra na cidade maior próxima de Drachten. Desta vez, o ladrão fugiu com 700 florins (cerca de 200 dólares).

Mais tarde provou-se que ambos os crimes — o assalto ao caixa e o assalto domiciliário — foram cometidos pela mesma pessoa: o Sr. J. O., agente da polícia que levava uma vida dupla. Este polícia ladrão tinha excelente reputação, mas vivia acima das suas possibilidades. As dívidas preocupavam-no tanto que se lançou numa carreira clandestina paralela como ladrão.

No início de 1951, este agente corrupto, em apuros financeiros ainda maiores, procurava desesperadamente uma saída. Ateou fogo à sua mota, que estava fortemente segura. Depois escreveu à máquina uma carta anónima ao seu superior em Drachten, dizendo que o agente J. O. (ele próprio) estava a ser ameaçado por inimigos. Vários colegas que leram a carta, reconhecendo a máquina de escrever de J. O., suspeitaram que ele próprio a escrevera. J. O. escreveu uma segunda carta e depois decidiu livrar-se da máquina. Desmontou-a e atirou as peças a uma vala, onde mais tarde foram encontradas. Tornando-se ainda mais ousado, incendiou a própria casa, pensando que assim escaparia às suspeitas. A casa ardeu até ao chão. Iniciara o fogo atirando um tapete para a lareira em chamas e certificando-se de que as cortinas pegavam fogo.

J. O. foi preso e encarcerado em Leeuwarden, capital da Frísia, cidade de 82 000 habitantes com um grande mercado de gado, onde a vaca é animal tão precioso que tem uma estátua em sua honra na praça pública.

No final de janeiro de 1951, quando o preso J. O. ainda não tinha confessado, a polícia, através do Professor Tenhaeff, marcou uma sessão com Croiset.

Quando a consulta se realizou no tribunal de Leeuwarden, a mais de cem quilómetros de Utrecht, o procurador da República, Sr. J. van IJsendoorn, colocou um envelope selado à frente do sensitivo. Dentro do envelope estavam as duas cartas anónimas datilografadas de J. O. O sensitivo não foi informado do conteúdo do envelope. Aliás, não lhe disseram absolutamente nada sobre o caso.

«Entrei na sala de audiências, orientando-me como um pombo-correio», recorda o sensitivo Gerard Croiset, que pensa em imagens.

O psicoscopista tocou no envelope e imediatamente começou a ver estas imagens: «Quando entrei na sala há pouco, tive a impressão de uma mulher de cabelo escuro e voz áspera. Agora, ao ver este envelope, volto a ter essa impressão. Penso que esta mulher está viva e tem algo a ver com este caso. [Correto. O suspeito mantinha relações com uma mulher que correspondia a esta descrição.]

Este caso trata de uma ameaça e de lançar suspeitas sobre alguém. Este homem esteve envolvido num caso antigo que ainda não foi encerrado. A mulher sabe tudo e poderia dar informações suficientes para provar a culpa deste homem. [Correto.]

Este homem tem um rendimento superior ao de um trabalhador comum. Tem um cargo de responsabilidade. Estou a pensar num magistrado. [Embora a parte do rendimento esteja correta, o suspeito era agente da polícia, não magistrado.]

Vejo-o a caminhar por um caminho que atravessa um pequeno parque. Vejo uma pequena ponte feita de troncos de árvores. A ponte passa por cima de uma espécie de ribeiro. [Correto.]

Há aqui cartas anónimas? Vejo duas cartas anónimas. [Correto.]

Este homem tem alguma ligação com um caso que envolve dinheiro… cerca de 25 000 florins? [A imagem está correta, mas o montante é demasiado elevado.]

Agora vejo um edifício bancário. Tem uma grande porta. De ambos os lados há janelas com grades… o diretor desse banco é o suspeito? [O edifício que Croiset viu não era um banco, mas a prisão onde o suspeito, J. O., se encontrava. Croiset confundiu o banco com a cadeia, talvez por causa das grades tanto nas janelas das celas como nas dos bancos.]

São coisas miseráveis. As duas cartas estão datilografadas. [Correto.] Seria muito mais fácil para mim se fossem manuscritas.

É um caso antigo. Tem a ver com dinheiro.» [Correto.]

A visão do sensitivo Croiset começou a tornar-se mais clara enquanto fazia estas perguntas rápidas: «Foi alguma coisa destruída? Tem algo a ver com um edifício? O edifício foi liquidado? Não houve bombardeamento, mas vejo fogo. [Correto.] Antes desse fogo, algo desapareceu. [Esta impressão refere-se à máquina de escrever.] A casa que vi há pouco não é um banco. [Correto.]

Agora ouço o nome Joure. [Correto. O nome da cidade próxima de Joure constava dos registos oficiais deste caso.]

O homem que vejo é um pouco mais alto, mais largo de ombros e mais pesado do que eu. Vejo a imagem desse homem perto da casa que foi incendiada. Foi incendiada de propósito, para se livrar de dificuldades. O homem está agora em apuros porque se revelou indigno da confiança que nele depositaram. [Correto.] Este homem tem cerca de quarenta e cinco anos, constituição robusta, um pouco gordo. Usa um fato azul. Não é operário. [Correto, exceto que era ligeiramente mais novo.]

Este homem está a ser ameaçado? Vejo um polícia a trazer umas cartas. Depois disso, o caso começou. [Correto.] Estas cartas, que aqui têm grande importância, foram escritas por medo.» [Correto.]

Croiset limpou a testa e suspirou, dizendo: «Isto é muito difícil. Há três casos que "se misturam".» [Correto.]

Mas o sensitivo recebeu rapidamente novas impressões: «É um homem muito emocional. Não consegue viver sem muito alvoroço à sua volta. Isso mete-o em sarilhos e comete crimes. [Correto.]

Vejo cadernetas bancárias e apólices de seguro. Estão muito queimadas. O homem que descrevo está interessado nestes documentos. [Correto.] O dinheiro é um fator importante, mas não o principal aqui. O objetivo principal era encobrir os atos que praticara. Tentou livrar-se das dificuldades, mas meteu-se em sarilhos sérios.» [Correto.]

O sensitivo dotado viu então vividamente qual era esse sarilho: «Houve dois incêndios provocados. Um incêndio foi num celeiro. Um incêndio foi numa casa. Mas o incêndio do celeiro não tem nada a ver com o da casa. Vejo um pequeno celeiro onde está uma mota. A mota está encostada a uma porta. A mota queimou-se. O incêndio na casa não está ligado ao do celeiro. Esse incêndio foi ateado na parte de trás da casa. [Correto.]

Tiraram uma máquina de lavar da casa. [Correto.] Usou meios normais para atear o fogo. Não creio que tenha usado gasolina.» [Correto.]

As peças começaram a encaixar para Gerard Croiset. Agora tinha a certeza absoluta dos factos e perguntou com ênfase: «Esse homem está na prisão? O edifício que vejo não é um banco, é uma prisão.»

Vários meses depois, em maio de 1951, o Dr. van IJsendoorn, procurador da República de Leeuwarden, escreveu ao Professor Tenhaeff agradecendo esta consulta notável.

Mas, ao avaliar as impressionantes impressões do seu sensitivo estrela sobre os crimes de J. O., o diretor do Instituto de Parapsicologia sublinhou: «Foi um caso extremamente complicado, com muitas impressões a chegarem ao mesmo tempo a Croiset. Era muito difícil para ele selecionar, entre as muitas que recebia, as que seriam úteis. Além disso, teve de lidar com as impressões que lhe vinham das pessoas presentes na sessão, todas elas com as suas próprias ideias sobre o caso.»

CASO 5

A CARTEIRA DE UM DESCONHECIDO

Numa noite de novembro de 1949, em casa do Professor Tenhaeff em Utrecht, fez um teste casual com Gerard Croiset. Outro convidado, o Sr. V. d. K., que o sensitivo nunca tinha visto, entregou a Croiset uma carteira de couro como indutor.

Após tocar na carteira, o psicoscopista disse: «Vejo a imagem de um homem de aparência ligeiramente judaica. Tem um nariz pronunciado e comporta-se de maneira excitada. [Correto.] Este homem guarda dinheiro para alguém? [Correto.] Este homem esteve ao serviço dos alemães? Vejo oficiais alemães à volta dele. Mas não são militares. São funcionários administrativos. [Correto.] Tenho a impressão de muito dinheiro. Esse dinheiro pertencia a holandeses. Foi roubado pelos alemães. [Correto.] Agora vejo a imagem de M. R.»

Croiset mencionou o nome de um homem que conhecera muito bem durante os anos de guerra no distrito de Twente e que desempenhara o papel de agente duplo. Voltando à memória desse agente duplo durante a Segunda Guerra Mundial, o psicoscopista tocou novamente na carteira e acrescentou com convicção: «A imagem diz-me que o homem dono desta

carteira é muito parecido com M. R. Também ele desempenhou um papel de agente duplo durante a guerra.»

Foi tudo o que Croiset disse, mas não deixou dúvidas quanto à certeza absoluta das suas impressões.

«Após o teste, a minha verificação com o Sr. V. d. K. confirmou que o dono da carteira foi corretamente descrito por Croiset», relata o parapsicólogo Tenhaeff.

Tal como em todos os seus experimentos, ao obter impressões de um furto como neste caso de guerra, o sensitivo holandês recorda frequentemente imagens associativas da sua própria experiência. Ao identificar indivíduos, vê muitas vezes pessoas que conheceu no passado como símbolo. Gerard Croiset "pensa por comparações", como fez neste caso.

CASO 6

O TIJOLO NA MONTRA DA JOALHARIA

Zwolle, colorida capital da província nordeste do Polder de Overijssel, é uma cidade moderna em expansão com 56 000 habitantes que remonta a 1230, onde num mosteiro Thomas a Kempis escreveu a famosa Imitação de Cristo, o livro mais traduzido do mundo depois da Bíblia.

No início de 1949, um ladrão que claramente não seguia os preceitos deste clássico religioso do século XV arrombou uma joalharia em Zwolle atirando um tijolo contra a montra.

Várias semanas mais tarde, no tribunal de Zwolle, antes de o assaltante ter sido preso, foi entregue a Gerard Croiset esse tijolo como indutor.

«Pode dizer à polícia alguma coisa sobre o assaltante que atirou este tijolo?», perguntou o Professor Tenhaeff, que supervisionou a experiência.

Tocando delicadamente no tijolo, o psicoscopista respondeu imediatamente: «Sim, vejo um rapaz órfão de oito anos. É muito infeliz porque o diretor do orfanato bate-lhe muitas vezes com uma bengala. Vejo o diretor a pôr o rapaz de pernas para o ar e a bater-lhe assim. O rapaz odeia o diretor e está sempre a brigar com ele.»

Foi tudo o que Croiset viu sobre o ladrão de joias em Zwolle.

Naturalmente, a polícia não considerou esta informação muito útil. Além disso, parecia-lhes impossível verificá-la.

Mas vários meses depois, quando um homem foi preso por um assalto semelhante noutra localidade, confessou o roubo à joalharia de Zwolle. Interrogado na esquadra, o suspeito admitiu que, quando tinha oito anos, vivera efetivamente num orfanato e fora frequentemente castigado com uma bengala por um diretor severo. Assim, a imagem que o sensitivo tivera da infância do assaltante revelou-se correta.

Porque razão o sensitivo viu este episódio aparentemente irrelevante da primeira infância do ladrão? Como já foi referido, quando era rapaz, o próprio Croiset fora muitas vezes castigado com bengala por um diretor num orfanato. Sendo extremamente sensível a todas as experiências da vida, a imagem que recebeu da infância do ladrão de joias evocou-lhe vividamente recordações semelhantes e desagradáveis da sua própria infância.

«Estas relações associativas são importantes para os sensitivos, fazendo-os reparar em acontecimentos da vida dos outros que coincidem com experiências suas», recorda o Dr. Tenhaeff. «As minhas observações de Croiset ao longo dos anos convencem-me de que estas relações associativas não são casos isolados.» Mas o próprio Croiset é o primeiro a avisar que essas relações associativas podem, por vezes, levar a erros.

CASO 7

A LADRAZINHO DA EMPRESA

Um diretor executivo da grande empresa industrial de Utrecht NV Werkspoor, fabricante de material ferroviário, visitou o Dr. Tenhaeff numa tarde de novembro de 1949.

«Acha que o Sr. Croiset nos pode dar alguma informação sobre um ladrão de coisas pequenas que temos na fábrica?», perguntou.

«Conte-me primeiro os pormenores», respondeu o parapsicólogo.

«Bem, este ladrão furtivo é responsável por uma série de pequenos furtos no nosso departamento de contabilidade nos últimos meses», foi a resposta. «Esses furtos criaram um ambiente de suspeita e provocaram muitas situações desagradáveis entre as centenas de empregados que temos.

Francamente, estamos sem saber o que fazer, mas não sabemos como resolver o problema. Não queremos chamar a polícia se pudermos evitar.»

Vários dias depois, Gerard Croiset, o vidente, acompanhado pelo Professor Tenhaeff, estava a discutir as façanhas deste ladrão da empresa com dois responsáveis da direção numa das muitas salas do departamento de contabilidade. De repente, o sensitivo levantou-se e saiu da sala durante alguns segundos.

Quando regressou, anunciou: «Tenho a imagem de um homem de cerca de trinta e cinco anos.» O sensitivo descreveu então a aparência do suspeito, a roupa que usava e até localizou com precisão a casa dele fora de Utrecht, explicando que o homem vinha todas as manhãs de autocarro para a fábrica. O vidente forneceu até pormenores sobre o percurso do autocarro.

Enquanto ouviam estes factos surpreendentes, os responsáveis da empresa entreolharam-se significativamente. Tinham agora uma pista suficiente para reconhecer um empregado a quem chamaremos Sr. X.

«Depois de Croiset e eu sairmos», relata o Dr. Tenhaeff, «o Sr. X. foi submetido a um interrogatório intenso. Mas continuou a negar as acusações de furto. Como faltavam provas legais incriminatórias, não se pôde tomar qualquer medida contra ele. Contudo, após este interrogatório, os furtos pararam de repente e voltou a calma ao departamento de contabilidade.

Os responsáveis da empresa estavam agora convencidos de que o sensitivo indicara o culpado correto. O próprio Croiset reforçou a sua convicção de que desmascarara o ladrão quando, várias semanas depois, o Sr. X. o visitou. Com permissão de Croiset, o Sr. X. fora informado de que a direção o consultara.

Mas o cauteloso e memorioso Professor Tenhaeff deixa a porta aberta neste caso, apesar do aparente sucesso parapsicológico. «Deve considerar-se a possibilidade», avisou os responsáveis da empresa, «de que o Sr. X. seja inocente e que Croiset tenha obtido telepaticamente uma impressão da suspeita que vocês, consultores, tinham dele.»

A importância de se proteger contra acusações erradas de furto é ilustrada pelo caso do presidente da câmara de uma cidade do oeste da Holanda que, em novembro de 1950, telefonou a Croiset perguntando: «Pode dizer-me alguma coisa sobre um assalto recentemente cometido aqui?» Enquanto o autarca falava, a imagem de um homem impôs-se ao sensitivo. Croiset descreveu esse homem com minúcia, embora nunca o

acusasse explicitamente de ser o assaltante. Reconhecendo imediatamente o homem descrito por Croiset como um cidadão local proeminente, o presidente da câmara protestou: «Mas ele não poderia ter tido nada a ver com o arrombamento.»

«O presidente da câmara tinha discutido com esse cidadão proeminente apenas algumas horas antes», explica o Dr. Tenhaeff. «Podemos, portanto, compreender que se tratou de um exemplo de telepatia, em que o autarca contribuiu inconscientemente para a impressão e interpretação erradas do sensitivo.»

Interpretações incorretas podem ser minimizadas pedindo ao sensitivo que não tire conclusões próprias e relate apenas as suas imagens. Por exemplo, Croiset foi uma vez consultado pela polícia para encontrar o ladrão que arrombara uma joalharia. A sua primeira imagem foi de uma mulher corpulenta com um casaco verde-claro que respirava com dificuldade. Isso levou-o a pensar que ela sofria do coração. Mas descreveu cuidadosamente apenas o que vira e abstive-se de tirar conclusões. A investigação policial revelou mais tarde que o sensitivo descrevera corretamente uma amiga do joalheiro. Pouco antes do roubo, o joalheiro encontrara-se com essa mulher que, aliás, era asmática. «Um sensitivo com menos experiência do que Croiset poderia ter ligado essa mulher ao roubo das joias», recorda o Professor Tenhaeff.

Gerard Croiset também se disciplinou para se proteger contra possíveis erros da sua tendência para «pensar por comparações». Veja-se o caso em que dois detetives o consultaram sobre um furto em janeiro de 1949. Croiset recebeu imediatamente algumas impressões do homem que fora roubado. Uma dessas imagens surgiu-lhe sob a forma do Sr. O., um conhecido de Croiset. Mas o vidente cauteloso percebeu imediatamente que o Sr. O. não poderia ter nada a ver com o furto. Pelo contrário, a imagem do seu conhecido convenceu Croiset de que o homem roubado apenas se parecia com o Sr. O. — um homem jovem e gordo que usava um chapéu castanho e gravata às pintas.

Estranhamente, o sensitivo não viu o Sr. O. em Hengelo, onde ele vivia, a seis milhas de Enschede, mas em Haarlem, a cerca de 125 milhas de distância. Quando Croiset fez esta observação sobre o Sr. O. na consulta policial, o Sr. V. d. Weide, que estava presente, comentou estranhamente: «Sim, realmente, na rua de Zyl.»

Uma semana depois, o Sr. O. visitou por acaso Croiset e informou-o: «Vou mudar-me de Hengelo para Haarlem. Tenho um novo emprego com uma família na rua de Zyl.»

«Imagens confusas como estas põem ocasionalmente Croiset numa pista errada», recorda o Dr. Tenhaeff. «Um sensitivo menos experiente poderia ter concluído que o Sr. O. era a vítima do roubo.»

Outros sensitivos estudados no Instituto de Parapsicologia gostam muito mais de resolver casos de furto do que Croiset. Um até se especializou nisso. É Peter Jansen, antigo detetive privado de quarenta e um anos cujo interesse começou quando, aos dezassete anos, foi injustamente acusado pelo pai de ter roubado 180 florins (cerca de 50 dólares), embora mais tarde se provasse que o ladrão fora o seu irmão modelo.

Este sensitivo foi uma vez consultado dois meses depois de ter sido roubada a caixa-forte e o revólver de uma empresa. O responsável da empresa colocou em cima da mesa a chave da caixa-forte, a caixa do revólver e um envelope selado com a lista dos nomes dos empregados. O vidente pediu para ser vendado, tocou nesses objetos, fez alguns desenhos e bateu com o pé direito no chão. Depois anunciou que a culpada não era a criada suspeita Lientje, mas a outra criada, Sonja, que roubara a chave do bolso de Lientje e a dera a um amigo. O sensitivo descreveu esse homem, incluindo onde ele estava hospedado, procurou-o, fez com que assinasse uma confissão completa e até recuperou o revólver que o ladrão vendera.

A Sra. W. Bezemer, mulher de meia-idade hábil que foi uma das principais sensitivas do Professor Tenhaeff antes de Croiset, também resolveu muitos casos de furto. A Sra. Bezemer, que se mudou de Haia para a Califórnia há alguns anos, resolveu o seguinte importante caso de roubo:

A 5 de fevereiro de 1948, as fundições Werkspoor em Amesterdão, centro da indústria de lapidação de diamantes, denunciaram o furto de oitenta e quatro gramas de platina valiosa. Embora a direção suspeitasse de dois eletricistas, a investigação policial mostrou que eram inocentes.

Um detetive consultou a Sra. Bezemer. Como indutor, foi-lhe entregue a pequena caixa de onde a platina fora roubada. A sua primeira impressão foi: «Vejo um homem a atravessar a Estação Central de Amesterdão com uma pasta de cor clara.» Os detetives verificaram esta imagem e descobriram que se referia ao diretor do laboratório que, por razões de segurança, levava frequentemente a caixinha para casa, transportando-a na

sua pasta de cor clara para Haarlem, nas proximidades. A imagem da sensitiva estava correta, mas a sua interpretação — pensando que o diretor do laboratório era o ladrão — estava errada.

Os detetives voltaram à sensitiva. Na segunda tentativa, ela descreveu um jovem de vinte anos, loiro, magro e de mãos pequenas que trabalhava no laboratório. «Foi este jovem que roubou a platina», enfatizou agora a sensitiva. «Vendeu-a a um negociante que vive algures na Nieuwe Keizersgracht (Novo Canal Imperial), por cima de uma alfaiataria, ao lado de um terreno demolido.»

A investigação revelou que estes pormenores espantosos não só eram parapsicologicamente corretos como tinham valor prático para a polícia. Um jovem empregado do laboratório que correspondia à descrição foi interrogado. Confessou rapidamente ter roubado a platina e tê-la vendido ao negociante que vivia exatamente onde a sensitiva indicara. A polícia apreendeu a platina roubada na casa do negociante.

Outro sensitivo, Pierre van Delzen, embora especializado em problemas empresariais, também aceita ocasionalmente casos de furto. Quando estava de férias num hotel no cume de uma colina na aldeia turística de Berg en Dal, em julho de 1959, uma empregada de mesa cujo motociclo fora roubado pediu a sua ajuda. Segurando o relógio dela como indutor, o psicoscopista recebeu as seguintes impressões: «O teu motociclo tem o guiador danificado. Foi roubado quando visitaste uma loja de departamentos em Nimega. O agente da polícia a quem denunciaste o caso tem uma cara redonda e cheia. O ladrão é loiro, robusto e não muito velho. A polícia vai encontrar o teu motociclo por acaso dentro de poucos dias.» Depois de tudo se ter passado exatamente assim e o ladrão ter sido preso, o agente da polícia de Amersfoort escreveu agradecido ao Professor Tenhaeff dizendo que os factos do sensitivo estavam corretos.

Ao longo dos tempos, videntes foram usados por alguns agentes da lei para capturar ladrões em muitos países, muito antes dos Países Baixos. Embora a polícia no mundo ocidental ainda tenda a ser cética em relação a esta prática, mesmo no século XX, «caçadores de ladrões» (labasjas) eram utilizados na Etiópia — então Abissínia. Durante o reinado do Imperador Menelik II (1899-1913), o ministro dos negócios estrangeiros registou muitos sucessos esclarecedores dos «caçadores de ladrões» do país. Estes labasjas eram crianças com menos de doze anos que eram colocadas num estado narco-hipnótico que lhes permitia seguir o rasto de ladrões fugitivos.

Gerard Croiset não precisa de descer a esse estado para atuar, mas baixa frequentemente o nível de consciência quando se concentra. O Professor Tenhaeff, que procura as razões por que os seus sensitivos se interessam por certos tipos de casos e não por outros, conclui que o interesse morno de Croiset por casos de furto resulta em parte das ideias anarquistas do pai. O pai Croiset era grande admirador do socialista francês do século XIX Pierre Joseph Proudhon, que tentou defender a tese de que a propriedade privada se baseia no roubo. «Embora Croiset não aceite de forma alguma essa crença hoje em dia», salienta o parapsicólogo, «é inegável que a filosofia antissocial do pai deixou marcas nele.»

Gerard Croiset tem um interesse infinitamente maior em encontrar crianças desaparecidas do que em casos de furto. Nenhum sensitivo na história se aproxima sequer do seu sucesso deslumbrante neste domínio, como revela o capítulo seguinte.

CRIANÇAS DESAPARECIDAS

Muitos dos sucessos mais sensacionais de Gerard Croiset foram encontrar crianças desaparecidas. As suas centenas de casos documentados em que forneceu informações exatas e úteis a pais e polícia constituem uma resposta segura aos céticos que ainda duvidam da existência da perceção extrassensorial. Ilustram os seus poderes extraordinariamente apurados em todos os casos que envolvem crianças.

Ao contrário da hesitação em trabalhar em alguns casos de homicídio e furto, para não acusar um inocente, o sensitivo de Utrecht não tem inibições em tentar localizar crianças perdidas. Uma crise internacional não o emociona tanto como cada novo caso de criança desaparecida. Porque a compaixão de Croiset é bem conhecida, os pais holandeses de rapazes e raparigas desaparecidos têm a certeza da sua resposta aos apelos, independentemente de telefonarem de dia ou de noite. Talvez por causa desta qualidade de sentimento genuíno, as capacidades de Croiset parecem florescer de forma mais brilhante nos casos de crianças desaparecidas.

Quando perguntei ao grande vidente porquê, ele encolheu os ombros como se fosse uma pergunta idiota — e realmente era. «Tenho cinco filhos», lembrou-me. Depois fez-me uma pergunta: «O que é mais importante na vida do que encontrar uma criança desaparecida?»

O holandês dotado reduziu-me ao meu tamanho. Por vezes, uma pergunta parva recebe a resposta que merece.

Nada é mais aterrorizador para um pai do que o desaparecimento súbito de um filho. A angústia no coração de um pai ou de uma mãe não tem palavras. Muitos pais holandeses de crianças desaparecidas pensam em telefonar a Croiset mesmo antes de avisar a polícia. Por exemplo, a Sra. Carry van der Ploeg, dona de casa inteligente e atraente de Haia, disse-me: «Se um dos meus quatro filhos desaparecesse, não hesitaria em telefonar a Croiset mesmo antes de chamar a polícia.»

Não é de admirar. O sensitivo de Utrecht encontrou inúmeras crianças perdidas depois de a polícia ter falhado. Mais tarde, muitos agentes da polícia disseram ao Professor Tenhaeff que os pormenores incrivelmente específicos de Croiset lhes pouparam horas e muitas vezes dias de buscas inúteis, mesmo usando cães e mergulhadores.

Os pais agradecidos oferecem dinheiro a Croiset, mas ele recusa firmemente aceitar qualquer pagamento por estes serviços extra-sensoriais inestimáveis. «A única recompensa que quero», diz-lhes, «é que enviem um relatório completo ao Professor Tenhaeff.»

Mas muitas pessoas negligenciam fazê-lo. Embora o professor tenha várias centenas de casos de crianças desaparecidas resolvidos por Croiset corroborados nos arquivos do Instituto de Parapsicologia, muitos outros nunca são registados porque o vidente os resolve de forma tão natural. Foi apenas porque eu estava em Utrecht que soube de vários destes casos resolvidos rapidamente e sem complicações no ano passado.

Por exemplo, ao meio-dia de domingo, 22 de junho de 1963, estava calmamente a tomar café com Croiset, o Dr. Tenhaeff e o cunhado do sensitivo na sala de estar dele em Utrecht. O telefone tocou. Croiset falou rápida e brevemente, mas quando voltou já tinha perdido a maneira descontraída. Agora estava em profunda concentração, com a testa franzida de preocupação. Quando tentei desajeitadamente retomar a conversa anterior, cortou-me com três palavras secas em inglês: «One moment, please!» Ignorando os convidados, o sensitivo desenhou rapidamente um esboço das impressões que recebera da conversa telefónica e levantou-se, exclamando com grande frustração: «Não adianta! Tenho de ir imediatamente para Haia! Há uma criança desaparecida. Dei algumas impressões, mas agora tenho mais para lhes dar.» Despediu-se abruptamente e partiu de carro.

Como tantas vezes, aquele domingo não foi dia de descanso para Gerard Croiset.

Às duas da manhã desse dia, um polícia de Utrecht batera à porta dele para comunicar um telefonema urgente que acabara de receber da polícia de Nimega, a cinquenta milhas de distância. Dois irmãos, de oito e onze anos, tinham desaparecido. Um Croiset sonolento disse ao polícia à porta: «Vejo os dois rapazes a dormir num celeiro de um agricultor perto de um milheiral a nove quilómetros da casa da quinta. Cansaram-se de andar de bicicleta e adormeceram. Não se preocupem, estarão em casa às dez da manhã.» Às 9h30, um telefonema do pai agradecido confirmou que os filhos tinham acabado de chegar a casa e tinham estado exatamente onde Croiset previra.

Nessa noite verifiquei o caso da tarde de domingo com um jornalista de Haia. Sim, Croiset, o vidente, encontrara novamente uma criança desaparecida quando outros falharam, e tão rapidamente que não foi considerado importante o suficiente para relatar ao diretor do Instituto de Parapsicologia.

Mas quatro dias depois, o Professor Tenhaeff e eu passámos a tarde a verificar dupla um caso recente de Croiset com G. H. D. van Woudenberg, inspetor da polícia em Voorburg, uma cidade de 45 000 habitantes nos arredores de Haia. Ele convidou-me a acompanhá-los.

Na quinta-feira, 11 de abril de 1963, às 16h30, Wimpje Slee desaparecera. Centenas de habitantes da cidade procuraram o rapaz. Automobilistas acendiam os faróis na tentativa de o encontrar. A polícia patrulhava o canal Vliet num barco a motor, dragou-o e mobilizou até mergulhadores do exército para o vasculhar. Cães-polícia seguiram o rasto. Esgotos a céu aberto foram inspecionados por polícias que entravam de gatas com lanternas e espelhos.

Um astrólogo-vidente do sexo masculino afirmou que Wimpje fora assassinado. Uma sensitiva declarou que o rapaz estava debaixo de um monte de areia, pelo que uma escavadora o virou. Um monte de lixo foi também completamente arrasado. Como também não deu resultado, a vidente insistiu agora que a criança desaparecida estava debaixo de um dos barris de óleo de rícino à porta de uma fábrica. Esses barris também foram virados, sem sucesso. Continuava sem rasto de Wimpje.

O tio do rapaz, Sr. P. Livingston, tentou em vão contactar Croiset, que estava em Paris durante alguns dias a visitar o filho pintor. Quando o sensitivo de Utrecht regressou, disse ao tio que Wimpje caíra na água e se afogara, e que o corpo seria encontrado perto de uma ponte.

Após novas dragagens sem sucesso, a 17 de abril Croiset pediu ao tio que viesse a Voorburg na tarde de 19 de abril, altura em que daria mais impressões. Entretanto, os jornais souberam disto e, a 18 de abril, o Haagsche Courant de Haia trazia em manchete: GERARD CROISET VEM AMANHÃ.

Na manhã de sexta-feira, 19 de abril, Croiset desenhou um esboço dos marcos que via e mostrou-o a quatro testemunhas desinteressadas antes de partir para Voorburg. Croiset disse que Wimpje se afogara perto de uma casinha que tinha um cata-vento inclinado no telhado. No entanto, acrescentou que o corpo já lá não estava, mas seria encontrado na terça-feira entre duas pontes na vizinhança da casa com o cata-vento.

Estas impressões de Croiset foram publicadas nos jornais de Haia no dia seguinte, permitindo que os leitores as verificassem.

Na manhã de terça-feira, 23 de abril, às 7h45, o corpo de Wimpje Slee foi encontrado a flutuar no canal Vliet exatamente onde Croiset previra. CROISET TEVE RAZÃO MAIS UMA VEZ foi a manchete do Haagsche Courant de 23 de abril.

O inspetor van Woudenberg, um jovem agente da polícia excepcionalmente alerta, passou várias horas a levar o Professor Tenhaeff e a mim de carro por todo o lado em Voorburg, reconstituindo e estudando todos os aspetos deste caso. Quando estávamos em frente do pequeno edifício com o cata-vento inclinado no telhado que Croiset vira previamente com tanta exatidão, o inspetor disse-nos: «Antes de Croiset entrar no caso, tínhamos procurado por todo o lado em Voorburg. A nossa busca fora noticiada na rádio, na televisão e nos jornais. Voltámos aos mesmos locais uma terceira e quarta vez, mas parecia desesperado. Tinham-nos dito que Wimpje seria encontrado na areia, na água e até num telhado de vidro. Procurámos mesmo dentro de fábricas enquanto continuávamos a cavar e a dragar. Francamente, estava farto destes supostos videntes que nos tinham enganado. Mesmo quando Croiset disse que podíamos dragar e dragar mas não encontraríamos a criança antes de terça-feira, tivemos de ignorar a previsão dele e continuar a dragar. Não podíamos ter a certeza de que Croiset tinha razão.

Estava a tomar o pequeno-almoço em casa na terça-feira de manhã quando o meu assistente telefonou a dizer que o corpo de Wimpje fora encontrado exatamente onde Croiset indicara. O que me intrigou foi que, de dezenas de possibilidades, Croiset escolheu a certa. Surpreendeu-me também quando disse que o corpo de Wimpje apareceria ao décimo

segundo dia — nem ao décimo primeiro nem ao décimo terceiro. São factos. Não os posso negar. Vi-os, verifiquei-os e voltei a verificá-los.»

Agora com maior respeito pela parapsicologia, o inspetor van Woudenberg está a escrever o caso Wimpje Slee e outros dois casos Croiset em que participou para o Jornal Geral da Polícia (Algemeen Politieblad). Enquanto nos levava de carro para a estação de comboio, comentou pensativamente sobre a questão do fatalismo: «Se é verdade que pessoas como Croiset conseguem prever o que vai acontecer, como é possível dizer que um homem é culpado ou não culpado?»

De regresso a Utrecht de comboio, o Professor Tenhaeff acendeu o cachimbo e refletiu: «Este caso Croiset, que é apenas um entre centenas de casos semelhantes, não pode ser explicado pelo acaso. Também não é um acerto por coincidência. O Sr. van Woudenberg mostrou-nos que havia dezenas de possibilidades. De todas elas, Croiset não só escolheu a correta como deu ainda uma grande quantidade de pormenores exatos. Àqueles que sustentam que tais acertos são resultado do acaso, deveriam ser coerentes e dizer que Croiset consegue acertar por acaso quando lhe pedem. Mas isso é impossível, porque não se pode comandar o acaso.»

Mais tarde, verifiquei um caso semelhante de Croiset: o afogamento de Keesje Wallard, de oito anos, de Haia, a 29 de março de 1963. Desta vez, as imagens vívidas de Croiset incluíam um edifício alto e branco, um navio, um túnel perto de uma estação de correios, uma rua com uma mercearia, uma florista, uma estação de serviço e uma caixa de areia azul com cadeado. Estas impressões também foram publicadas nos jornais antes de o corpo ser encontrado.

De forma semelhante, Croiset descreveu corretamente os afogamentos de Robert Beltman, de dez anos, de Amersfoort, a 15 de abril de 1963, e de Pieter Guijt, de cinco anos, de Scheveningen, a 10 de junho de 1963.

As crianças são iguais em todo o lado; para elas, a água é um meio natural e amigo. Ao contrário do trovão e de outros perigos ruidosos, não têm medo instintivo da água, pelo que não é de estranhar que muitas crianças holandesas se afoguem. A Holanda é uma terra plana como uma panqueca, conquistada ao mar e entrelaçada por uma vasta rede de canais e diques. O próprio nome «Países Baixos» significa «terras baixas» e quase metade dos seus quase doze milhões de habitantes vive em terrenos abaixo do nível do mar. Os três principais rios holandeses — o Reno, o Mosa e o Escalda —, com os seus muitos afluentes, estão ligados pelos canais. Todas as crianças holandesas vivem perto ou junto a um rio ou canal. Esta mesma

familiaridade causa muitas mortes de crianças pequenas. A história de Peter de Spaarndam, o filho do guarda do dique, recontada em Hans Brinker ou os Patins de Prata, que segurou o dedo no dique toda a noite para salvar a cidade de Haarlem, é uma lenda com significado, como hoje nos recorda a estátua do rapaz lendário em Spaarndam.

Nenhuma nação do mundo travou uma batalha tão antiga contra a água como os Países Baixos. Depois de quase 1800 holandeses se terem afogado em fevereiro de 1953 na pior inundação em 500 anos, o governo lançou um ousado Plano Delta de 650 milhões de dólares — um anel de quatro superdiques ou muralhas marítimas ao longo da costa da província da Zelândia. É o projeto nacional número um da Holanda e espera-se que leve vinte e cinco anos a concluir.

Como resultado de quase se ter afogado em criança, Gerard Croiset tem uma relação associativa estranha com a água e os afogamentos. «Quando tenho de encontrar-me com os pais de crianças afogadas», diz ele, «às vezes fico tão maldisposto que não consigo contar-lhes o que aconteceu.»

Muitos dos casos de afogamento de Croiset seguem um padrão semelhante, embora cada história difira nos pormenores. O Professor Tenhaeff, como em todos os seus casos, possui relatórios assinados pela polícia e pelos presidentes de câmara, gravações em fita magnética e cartas de confirmação dos pais e vizinhos, bem como conjuntos de fotografias de cada caso.

Os vinte e um casos de crianças desaparecidas que se seguem foram traduzidos dos arquivos do Instituto de Parapsicologia e dos registos policiais e outros nos Países Baixos, noutras partes da Europa e nos Estados Unidos. Muitos são trágicos, mas alguns têm finais felizes.

CASO 1

RAPAZ DE ESPÍRITO AVENTUREIRO

A Sra. K., dona de casa dos arredores de Utrecht que conhecia ligeiramente o Professor Tenhaeff, telefonou-lhe na sexta-feira, 27 de junho de 1952. «O meu filho Jan, de treze anos, desapareceu há dois dias», soluçou. «Acho que fugiu por causa de um problema que teve na escola.»

Embora já tivesse informado as autoridades policiais do desaparecimento de Jan, ainda não tinham encontrado qualquer pista. A mãe desesperada pediu agora ao professor o endereço de Croiset, na esperança de que o sensitivo pudesse ter impressões sobre o paradeiro do filho. Recebendo o número de telefone dele em Enschede, ligou-lhe imediatamente.

«O seu filho está vivo e não precisa de se preocupar», tranquilizou-a Croiset de imediato. «Foi de bicicleta. Tem um espírito aventureiro e quer chegar a um porto e encontrar um barco. Vejo que seguiu a estrada para Valkenburg e tentará entrar na Bélgica por aí. Não se preocupe. Voltará para casa dentro de dois dias. Se não estiver em casa até segunda-feira [30 de junho], telefone-me outra vez e tentarei obter mais impressões.»

Na manhã seguinte, sábado, os pais preocupados de Jan voltaram a telefonar a Croiset. Desta vez, o sensitivo assegurou-lhes: «Agora tenho uma impressão muito forte de que o seu filho está na Bélgica. Mas tenho a certeza de que estará de volta a Utrecht na terça-feira [1 de julho].»

Mas quando o filho desaparecido não regressou até terça-feira de manhã, os pais desesperados de Jan telefonaram a Croiset pela terceira vez.

«É só terça-feira de manhã», lembrou-lhes o vidente. «Vão ter notícias concretas durante o dia.» Para os tranquilizar, Croiset acrescentou: «Gostaria de encontrar-me com todos vocês em Utrecht amanhã à tarde, quando estarei a visitar o Professor Tenhaeff.»

Uma hora depois, a polícia de Utrecht telefonou ao Sr. e à Sra. K. O filho Jan, com a bicicleta avariada, acabara de ser encontrado são e salvo do outro lado da fronteira, perto de Dinant, na Bélgica. Ia a caminho de Antuérpia, que tem um porto e navios de alto mar. O rapaz aventureiro pedalará cerca de 265 quilómetros antes de a bicicleta se avariar.

Tal como Croiset, o vidente, previra, Jan K. estava de volta a casa em Utrecht antes do fim da terça-feira.

CASO 2

RAPAZ NUMA JANGA

Dirk Zwenne, de dez anos, saiu de casa na cidade das dunas de Velsen, perto do canal do Mar do Norte, no sábado, 29 de agosto de 1953, por volta das duas da tarde, para brincar. Quando o rapaz não regressou a casa ao início da noite, os pais começaram a ficar inquietos. Telefonaram para a polícia local sem sucesso.

Como não havia rasto do rapaz desaparecido ao fim de dois dias, o tio de Dirk telefonou a Croiset, cujo número e morada em Enschede, a 185 quilómetros de distância, lhe tinham sido dados por um superintendente da polícia.

Entre as imagens imediatas do vidente estava a de que Dirk se afogara: «Vejo um pequeno porto, uma jangada pequena e um barquinho de vela. O rapaz estava a brincar na jangada. Escorregou e caiu à água. Ao cair, a cabeça bateu no barquinho de vela e ficou ferido no lado esquerdo da cabeça. Lamento muito. Havia uma corrente forte no porto. O corpo do rapaz será encontrado dentro de poucos dias noutro pequeno porto ligado a este primeiro.»

Infelizmente, cinco dias depois de ter desaparecido, o corpo de Dirk Zwenne foi encontrado nesse segundo porto. E, tal como Croiset vira, o rapaz tinha uma ferida no lado esquerdo da cabeça. A jangada e o pequeno barquinho de vela foram recuperados no primeiro porto — novamente exatamente como o sensitivo descrevera. «É muito provável que tudo tenha acontecido como o sensitivo viu», resume o Professor Tenhaeff.

CASO 3

CRIANÇA NUMA BUEIRA

O vidente Croiset foi acordado da cama na sua casa em Utrecht à meia-noite de 12 de setembro de 1960. Um desconhecido telefonava da pequena localidade rural de Hedel, a 135 quilómetros de distância, de que o sensitivo nunca ouvira falar.

«É ideia exclusivamente minha telefonar-lhe, Sr. Croiset», desculpou-se o Sr. A. van Hal. «O filho de sete anos do meu vizinho desapareceu. O nome do rapaz é Antonius Johannes van Eeuwijk. Procurámo-lo durante muitas horas, mas não sabemos se se perdeu, foi raptado ou se afogou. Por favor, pode ajudar-nos?»

Embora ainda sonolento, o vidente respondeu imediatamente: «Vejo um rapaz a caminhar ao longo de uma estrada larga. Algo o assustou. Entrou na água. Já não o vejo. Há uma névoa sobre a água. Lamento, a criança afogou-se. A cana de pesca está perto dele. Tenho a imagem de um túnel… procurem imediatamente onde eu disse.»

Croiset voltou a dormir. Uma hora depois, o telefone acordou-o novamente. Desta vez era outro vizinho, o Sr. B. Sonnevelt, que não sabia do telefonema anterior, a ligar da casa dos pais do rapaz desaparecido. O presidente da câmara de Hedel, C. van Werken, estava com eles.

Embora ainda não totalmente acordado, o sensitivo tinha agora uma impressão mais clara: «Vejo três diques — devem ser estradas — a convergirem… volto a ver o túnel… e perto dele, um pequeno armazém com uma porta de aço. Vejo também uma bueira. Aí tenho a maior emoção. Vejo uma encosta de pedra, muito betão e cimento novo numa ponte. Perto desse pequeno túnel encontrarão a criança deitada na água… a cana de pesca está perto dele.»

No seu relatório oficial de 5 de outubro, o presidente da câmara van Werken escreveu: «Ao amanhecer voltámos a dragar perto do pequeno túnel… a poucos metros ficava uma bueira por baixo da estrada principal do estado. Tinham dragado à frente da bueira durante a noite, mas não dentro dela; infelizmente… a primeira coisa que encontramos foi a cana de pesca… perto dela estava a criança, completamente rígida, pelo que podemos presumir que estava morta há doze horas. O Sr. Croiset deu pormenores exatos do local onde a criança foi encontrada numa bueira perto de um pequeno túnel.»

Três dias depois, Croiset foi de carro a Hedel com o Professor Tenhaeff para uma sessão gravada em fita com o presidente da câmara e o chefe da polícia estatal, Sr. Trienen. O presidente da câmara van Werken acrescentou que Croiset também acertara nestes marcos: as três estradas que convergiam, o armazém e a ponte de betão novo, e apontou-os aos visitantes de Utrecht.

CASO 4

CONVERSA COM UMA PROFESSORA

Outro rapaz de sete anos desapareceu a 21 de fevereiro de 1951. A polícia não conseguiu encontrar qualquer rasto dele.

Três dias depois, Gerard Croiset recebeu um telefonema em Enschede da professora do rapaz desaparecido, Sr.a H.M., em Utrecht.

«Tenho uma imagem clara da criança», disse o sensitivo com tristeza. «Vejo quartéis militares e um campo de tiro. Há relva à volta. Na relva há um pequeno monte. Aí também vejo água. Nessa água, a criança caiu e afogou-se. Está lá agora. O corpo será encontrado por um homem num pequeno barco. Esse homem usa uma fita colorida à volta do boné. Quando se vem de Enschede para Utrecht, fica do lado esquerdo da estrada.»

A 1 de março, o Professor Tenhaeff perguntou a Croiset: «Teve mais impressões sobre o rapaz desaparecido de Utrecht?»

Sem hesitar, Croiset respondeu: «Sim. Como disse à professora dele, a criança afogou-se definitivamente na água junto ao Fort de Bilt [nos arredores de Utrecht]. O corpo será encontrado em breve.»

A 5 de março, o corpo do rapaz foi descoberto exatamente onde Croiset indicara, perto do campo de tiro e dos quartéis militares. O corpo foi encontrado por um capitão do serviço portuário que estava a limpar o canal. E usava uma fita colorida à volta do boné.

Na conversa original com a professora do rapaz, o sensitivo combinara na sua impressão total o passado, o presente e o futuro.

O passado: a criança caiu na água.

O presente: a criança está lá agora deitada.

O futuro: a criança será encontrada por um homem com uma fita colorida à volta do boné.

Ao discutir este exemplo de antevisão do futuro, Croiset observou: «Não mandei esse capitão para o local onde encontraria a criança. Tudo o que disse foi: "Este homem com a fita colorida à volta do boné vai lá chegar e encontrará o rapaz."»

CASO 5

PONTE EM CONSTRUÇÃO

Gerard Croiset usou também os seus poderes de precognição num caso com final mais feliz. Um rapazinho desapareceu perto da pequena aldeia de Slikkerveer no início de 1962. Quando pediram a ajuda de Croiset, ele disse rapidamente: «Há uma ponte grande perto de onde o rapaz está agora.»

«Impossível, não há nenhuma ponte na zona», responderam-lhe.

Mas quando um agente da polícia verificou e confirmou que uma ponte estava em fase de projeto nessa área, procuraram lá. E, de facto, o rapaz desaparecido foi encontrado são e salvo.

A ponte ainda não estava construída. Apesar disso, Gerard Croiset teve uma imagem clara dela. Viu uma ponte no presente que só existiria no futuro. A compressão do presente e do futuro permite a Croiset quebrar a barreira do tempo, explica o Professor Tenhaeff. Em terminologia parapsicológica, a compressão ocorre quando duas ou mais imagens se fundem ou misturam — do passado, presente ou futuro.

CASO 6

RAPAZ NA PONTE DE TÁBUAS

Noutro caso de ponte, tenho um conjunto de fotografias que mostram graficamente a exatidão das imagens de Croiset apesar de uma ligeira interpretação errada.

Um rapaz de quatro anos, Henk Companje, desapareceu a 12 de julho de 1962 na pequena cidade industrial de Vriezenveen, que fica junto ao canal de Overijssel. Apesar de uma busca intensiva durante todo o dia, não se encontrou qualquer rasto da criança.

Um vizinho, o Sr. K. Dasselaar, que lera sobre os feitos de Croiset, decidiu impulsivamente telefonar-lhe para Utrecht, a cento e dez quilómetros de distância.

A conversa gravada em fita do vidente com o Sr. Dasselaar mostra a sua imagem clara destes marcos: «Vejo uma fábrica ao longo de um canal. Em frente a essa fábrica há uma casa geminada. Perto dessa casa deve haver algo como uma ponte de tábuas. Tem também degraus que descem até à água. Vejo também um letreiro azul. Fica a cerca de cinquenta metros da ponte de tábuas. Em frente a esse letreiro azul vejo uma pequena torre. Fica perto do canal. Se estivermos de costas para a casa geminada e virados para a ponte de tábuas do outro lado da água, a criança deve estar lá a cerca de dez metros da margem.»

Na tarde seguinte, o corpo da criança desaparecida foi encontrado por dois homens-rãs exatamente no local indicado por Croiset. Além do vizinho Dasselaar, outros quatro moradores de Vriezenveen confirmaram a exatidão das perceções de Croiset: Sra. Fokke-Eshuis, B. Fokke, A. Companje e H. Schipper.

«No entanto, o que pareceu a Croiset uma ponte de tábuas consistia em alguns tijolos soltos que, sem dúvida, serviram outrora de degraus para a água», salienta o Dr. Tenhaeff.

CASO 7

A POLÍCIA É CÉTICA

Hoje em dia, os agentes da polícia holandesa raramente deixam de agir com base em informações específicas fornecidas por Croiset, o vidente. Mas no caso de Koosje Nieuwpoort, de dez anos, de Leiden, recusaram-se teimosamente.

O rapaz fora repreendido numa tarde de segunda-feira de dezembro de 1962 pelo diretor da escola por ter faltado às aulas. Koosje ressentiu-se da repreensão. Saiu da escola e foi para a cidade com um colega. Quando não voltou a casa à hora do jantar, os pais ficaram preocupados. Com vários vizinhos, começaram a procurá-lo, mas não o encontraram.

Um amigo da família, o Sr. N. Laken, da aldeia vizinha de Leiderdorp, embora não acreditasse nos poderes dos sensitivos, decidiu mesmo assim telefonar a Croiset. O sensitivo disse imediatamente que o rapaz se afogara e descreveu o local onde isso acontecera: «Vejo um canal, a setecentos

metros da casa dos pais da criança, onde está um barco que não navegou. Vejo uma visão de escada de Jacob que sobe até ao céu, um guindaste, lonas e um cartaz castanho.»

O vizinho Laken pediu aos polícias de Leiden que dragassem o canal, mas eles mostraram-se relutantes. O homem bondoso saiu então no seu pequeno barco e dragou o canal ele próprio, sem sucesso.

Após outra conversa telefónica, desta vez com a família Nieuwpoort, Croiset foi de carro a Leiden. Com a família do rapaz, o vizinho Laken e mais dois amigos, o sensitivo dirigiu-se ao canal onde dissera ter tido a visão. Embora diferisse um pouco do que Croiset vira em Utrecht, um pouco mais adiante os procuradores chegaram a um local que se parecia com a imagem inicial do sensitivo.

«O rapaz está aqui e está morto», disse Croiset categoricamente ao grupo. «Vamos dragar exatamente neste sítio.»

Mas como a polícia insistira que não fazia sentido continuar a dragar o canal, Croiset foi levado para outro local onde se pensava que o rapaz pudesse estar. No entanto, aí o sensitivo não recebeu qualquer impressão. De volta ao local original que indicara, repetiu com muita firmeza que fora ali que sentira a emoção da morte.

Laken pediu novamente aos polícias que dragassem ali. Quando voltaram a recusar, ele e os amigos procederam à dragagem eles próprios. Resultado: encontraram o pequeno corpo de Koosje no canal perto do local que Croiset indicara.

A polícia, embaraçada, foi informada.

CASO 8

REMORSOS DE UM POLÍCIA

Mas alguns polícias holandeses consultam Croiset extraoficialmente ou quando estão de folga, se os superiores os desencorajam de usar videntes.

Numa noite de setembro de 1961, o Sr. D. telefonou a Croiset explicando: «Sou sargento da polícia, mas falo como particular. Ligo a propósito de duas meninas que estão desaparecidas em Werkendam.» Trata-se de uma pequena cidade de construtores de diques, onde muitos naturais trabalham nos projetos de recuperação do Delta.

«Quando este polícia me ligou», recorda Croiset, «tive imediatamente a imagem das copas de uma fila de choupos. Depois vi uma estrada alcatroada que terminava na água onde havia uma plataforma de desembarque para um ferry. Disse para irem doze quilómetros para oeste.» Croiset insistiu fortemente com o polícia para que procurasse imediatamente ali as meninas desaparecidas.

No dia seguinte, o polícia D. telefonou a Croiset e admitiu com dor: «Tudo o que disse estava lá — os choupos, a estrada alcatroada, a plataforma e o ferry. Se tivesse ido imediatamente ontem à noite ao local que indicou, poderia ter salvo aquelas duas meninas do afogamento. Verificámos a força da corrente e calculámos que elas precisaram desse tempo para serem arrastadas do local que indicou até onde os corpos foram encontrados.»

CASO 9

FUGA PARA FRANÇA

Jan Steffen, de dezoito anos, desapareceu subitamente de casa na Golfstraat 8, em Antuérpia, Bélgica, a 16 de outubro de 1959. Três dias depois, sem qualquer rasto do jovem, o Sr. L. Leys, jornalista belga do De Gazet van Antwerpen, telefonou do Antuérpia ao Professor Tenhaeff em Utrecht pedindo orientação para encontrar Jan. O parapsicólogo da Universidade de Utrecht sugeriu que telefonasse ao seu sensitivo mais dotado.

As primeiras palavras de Gerard Croiset ao interlocutor belga foram: «O rapaz tem dezasseis ou dezassete anos?»

«Não, tem dezoito», foi a resposta.

O sensitivo fez uma pausa e depois acrescentou com certeza: «Diga ao pai que não se preocupe. Vejo o rapaz a viajar um pouco mais longe em França, a partir de Paris. Dentro de três dias, o pai terá notícias concretas. O rapaz quer agradar ao pai. Para ele, isto é apenas uma aventura.»

Na tarde seguinte, o pai do rapaz desaparecido recebeu um telefonema do cônsul belga em Lyon, no sul de França: «O seu filho acabou de entrar aqui a pedir dinheiro para regressar a Antuérpia.»

O pai agradecido, Alfred Steffen, visitou o Instituto de Parapsicologia quase três semanas depois, no domingo, 8 de novembro, para documentar este caso. «O meu filho queria estudar navegação, mas foi rejeitado pela Marinha por causa de um defeito auditivo», relatou. «Isso deixou-o muito infeliz. Tinha grandes dificuldades de adaptação na escola. Várias vezes tive de pedir aos professores que tivessem consideração especial pelo Jan. Sempre que lhe apontava o mau comportamento, o Jan dizia que não sabia porque se portava tão mal. O meu filho fugiu porque não queria que eu tivesse mais problemas por causa dele.»

Ao avaliar este caso, o Professor Tenhaeff observa: «Das declarações do pai torna-se claro que o comentário de Croiset "Ele quer agradar ao pai…" está correto. O filho, evidentemente, fugiu na crença de que assim pouparia o pai a mais dificuldades.»

CASO 10

AVENTURA NA ÁUSTRIA

Uma rapariga de Haia da mesma idade fugiu por motivo diferente para país diferente.

A 18 de dezembro de 1958, a filha de dezoito anos do Sr. e da Sra. A. van der Meiden, Alberdingk Thymstraat 94, Haia, saiu subitamente de casa.

«Não sabíamos para onde tinha ido», recorda o pai. «Informámos imediatamente a polícia, mas não nos deram qualquer informação. A minha mulher e eu perguntámo-nos se o Sr. Croiset poderia ajudar. Três anos antes tínhamos estado em Hessenheim, em Markelo, quando duas crianças desaparecidas foram encontradas onde ele indicara. Desde então, deixámos de duvidar dessas coisas.»

Por isso, o pai van der Meiden telefonou agora ao sensitivo de Utrecht no dia seguinte ao desaparecimento da filha.

«Não se preocupe», tranquilizou-o Croiset imediatamente. «Vejo a sua filha a fazer boleia a caminho dos desportos de inverno na Áustria. Vejo-a na companhia de uma amiga da mesma idade. Está tudo bem com a sua filha. Dentro de três dias terão notícias dela.»

Três dias após esta conversa, a polícia de Haia telefonou a Van der Meiden dizendo que a filha estava em segurança na Áustria.

«Tudo aconteceu exatamente como o Sr. Croiset disse», relatou o pai ao Instituto de Parapsicologia a 3 de fevereiro de 1959. «Mas a boleia não foi bem assim porque a minha filha foi de comboio. No entanto, interrompeu várias vezes a viagem de comboio. Em certas partes, vejo nisso uma forma de boleia. A rapariga que estava com ela era sua hóspede e saíam muitas vezes juntas. A minha filha foi para Zell am See [uma estância austríaca] à procura de trabalho nos desportos de inverno. Fui buscá-la a Salzburgo no dia de Natal.»

Ao avaliar o único «erro» de Croiset, o Professor Tenhaeff foi, naturalmente, mais crítico do que o pai agradecido: «O facto de a rapariga viajar em diferentes comboios e fazer paragens foi interpretado incorretamente por Croiset como "fazer boleia".»

CASO 11

UMA CRIANÇA ALEMÃ DESAPARECE

Na véspera de Natal de 1957, Bernard Schlegel, um rapaz de cinco anos que vivia numa quinta em Buxtehude, a cerca de trinta quilómetros de Hamburgo, desapareceu. Como a polícia alemã (Kriminalpolizei) recebera uma pista aparentemente plausível — de uma testemunha que dizia ter visto Bernard com uma mulher num compartimento de comboio —, inclinava-se a acreditar que o rapaz fora raptado e possivelmente assassinado. Mas esse rumor acabou em nada.

O Dr. Hans Bender, parapsicólogo da Universidade de Freiburg, sugeriu que se consultasse Croiset. Em cooperação com a polícia, Heinz Metzger, editor do influente jornal vespertino Hamburger Abendblatt, visitou o sensitivo na Holanda no final de janeiro. Embora Croiset nada soubesse do desaparecimento do rapaz — pois nenhuma linha sobre o caso fora publicada em jornais holandeses —, saudou o jornalista alemão, cujo cartão

de visita tocou sem olhar e disse: «A sua vinda aqui tem a ver com um rapaz desaparecido.»

O editor, espantado, ouviu em silêncio enquanto Croiset, de olhos semicerrados, continuava a dar estas imagens: «A criança não é parente seu. Não vive numa grande cidade como Hamburgo, mas algures perto, a cerca de trinta quilómetros.» Depois Croiset fez uma pausa e acrescentou: «Vejo água. A criança tem algo a ver com água. Agora vejo árvores espalhadas por um grande campo. É de lá que vem o rapaz.»

O visitante alemão, surpreendido, confirmou que a casa dos Schlegel ficava na margem do rio Oste, em frente a um campo parecido com um parque cheio de árvores. Mas agora o jornalista que havia nele perguntou com cepticismo: «O senhor já sabia tudo isto, Sr. Croiset, porque já recebeu uma carta dos pais do rapaz?»

O vidente abanou a cabeça: «Não, a menos que esteja agora na minha caixa de correio. Vamos ver.»

Espantosamente, entre uma dúzia de cartas por abrir estava uma do pai de Bernard. Mas ele escrevera apenas três linhas: «Desde o Natal que o nosso filho Bernard desapareceu. Ninguém sabe onde está. Talvez nos possa ajudar.»

Era tudo. O simples grito de socorro de um pai desesperado. Sem explicações circunstanciais. Sem mais pormenores. Apenas uma fotografia recortada do Hamburger Abendblatt.

O jornalista Metzger abriu um pacote e disse a Croiset: «A mãe de Bernard deu-me este casaco dele. Talvez lhe sirva de alguma coisa?» Mas Croiset afastou-o, dizendo: «Não é necessário. Tenho aqui a fotografia dele.» Pegou nela, passou suavemente as pontas dos dedos pela superfície e disse: «Esta criança tem algo a ver com um quiosque [uma espécie de banca de revistas com laterais abertas e telhado, geralmente de lona]. Vejo uma loja na vizinhança. Tem um toldo às riscas com um rasgão no lado inferior direito… A criança está morta. Não tenho dúvidas. A criança deve ter-se afogado… Lamento, mas é a verdade. Foi um acidente. Só posso dizer o que sinto e vejo. É sempre essa água outra vez. O rapaz afogou-se.»

«Onde se afogou?», perguntou o jornalista alemão. «Como aconteceu?»

Croiset respondeu sem hesitar, com a sensibilidade e a certeza do toque e das imagens nunca tão evidentes: «O rapaz foi do quiosque para a loja com o toldo rasgado. Dali, seguiu por uma rua lateral em direção a uma

plantação. Vejo as árvores à minha frente. Aqui há água. A criança caiu na água e afogou-se.»

«O rio Oste foi dragado, mas não encontraram nada», lembrou Metzger com cepticismo.

«Tenho a certeza», repetiu Croiset com ênfase, «de que o rapaz se afogou.»

«Então diga-me onde está agora o corpo!»

«Quando se está à direita da plantação, virado para a água, vê-se uma curva a quinhentos ou seiscentos metros», explicou Croiset de forma pictórica. «Desse ponto, vê-se uma fábrica. Perto dessa fábrica há um muro meio desmoronado. Há também um tanque de água em postes altos. Vejo também dois barcos. Um estava perto da plantação quando a criança desapareceu. O outro estava perto da fábrica.»

«O que quer dizer com barcos?»

«Quero dizer "aken" [barcos de carga planos especiais do Reno]…»

«Mas onde podemos encontrar Bernard Schlegel? Não está a ser muito claro, Sr. Croiset.»

«O rapaz está a cerca de quatrocentos metros atrás da fábrica… Flutuou bastante.»

«A polícia vai conseguir encontrá-lo?»

«Sim, mas vai levar muito tempo… Não conheço Buxtehude, mas digam à polícia para verificar as minhas impressões.»

Croiset desenhou então um esboço da zona. Circulou um ponto no desenho e explicou: «O corpo da criança está a cerca de quatrocentos metros daqui.»

Metzger regressou rapidamente à Alemanha e relatou as impressões do vidente holandês à polícia. Como era final de janeiro e o rio estava gelado, não era possível dragar. Passaram duas semanas. Os pais do rapaz continuavam a receber cartas falsas: que a criança fora raptada mas ainda estava viva; que o crime fora por vingança. Isso dava aos pais de Bernard alguma esperança, mas nenhum conforto.

A 12 de fevereiro, a polícia fluvial alemã encontrou o corpo de Bernard Schlegel no rio Oste, perto da fábrica que Croiset descrevera e de acordo

com o seu esboço. A autópsia confirmou que a causa da morte fora afogamento.

Mais uma vez, num caso de que nada sabia, as imagens paranormais de Gerard Croiset levaram à descoberta do corpo — tanto mais notável face à crença geral de que a criança não se afogara. A confiança da polícia alemã nos poderes do sensitivo holandês tornou-se mais forte quando verificaram as suas impressões e as encontraram corretas. Um pormenor que os impressionou profundamente foi a imagem específica do toldo às riscas, rasgado no lado inferior esquerdo.

CASO 12

RECORDAÇÕES ANTIGAS

Um exemplo anterior da certeza absoluta das imagens de Gerard Croiset foi um caso de criança desaparecida que mobilizou toda a Holanda e o estabeleceu sem dúvida como o principal sensitivo do país.

No Domingo de Páscoa, 18 de abril de 1954, Jacob Klerk, de quatro anos, de Rustenburg 23, em Haarlem, cidade natal do pintor Frans Hals, desapareceu. Acreditava-se amplamente que a criança fora raptada. Um barqueiro de Haarlem relatou que vira o menino no carro de um automobilista que passava. À meia-noite, foi enviado um telex para todas as esquadras dos Países Baixos. Também foi usado um cão-polícia na busca.

Na noite seguinte, como ainda não havia sinal do menino perdido apesar do alarme nacional, o comissário da polícia de Haarlem, Willem Gorter, decidiu telefonar a Gerard Croiset.

«Quer falar com a mãe da criança, que está aqui comigo?», perguntou este agente alerta.

«Não», respondeu Croiset. «Não quero qualquer influência telepática que me possa confundir.»

Recentemente, na sua casa em Haarlem, o comissário Gorter contou-me este caso Jacob Klerk: «Croiset afirmou categoricamente que a criança desaparecida se afogara no rio Spaarne, perto de uma ponte. Disse que o corpo seria recuperado dentro de cerca de quatro dias. Disse-me que via uma caravana do outro lado do rio e alguns atrelados sem camião. Croiset também teve a impressão de fardos de turfa comprimida. Dois dias depois,

a 21 de abril, ampliou estes pormenores com a informação de que via um estaleiro naval com um guindaste do outro lado do rio, à direita da ponte.»

Durante os quatro dias seguintes, o rio foi dragado sem sucesso. Mas duas semanas depois do desaparecimento da criança (4 de maio), o corpo de Jacob Klerk foi encontrado a flutuar no rio Spaarne, à esquerda da ponte. O corpo da criança provavelmente ficara preso debaixo do rio num objeto saliente que atrasara a subida à superfície.

Croiset também acertara na existência de um estaleiro naval próximo, nos fardos de turfa e na caravana.

O Professor Tenhaeff visitou mais tarde o estaleiro e soube que o dono tinha dois filhos adotivos.

«Quando perguntei a Croiset que recordações lhe despertavam fardos de pó de turfa», relata o parapsicólogo, «ele respondeu que um dos seus pais de acolhimento o trancara repetidamente numa arrecadação com fardos de turfa. A recordação desse castigo estava associada a sentimentos de desconforto.

Quanto à caravana, Croiset disse-me que, alguns anos antes, um responsável pela construção de estradas que vivia numa caravana lhe fizera uma proposta que o enfurecera e que ele rejeitara.»

Assim, ao obter estas impressões extra-sensoriais neste caso, Gerard Croiset recorrera às suas próprias experiências de infância.

CASO 13

UM RAPAZ, UMA BICICLETA E UM BARCO

Ao fim da tarde de 10 de maio de 1959, um florista chamado P. W. Heuer chegou a casa na Schoolstraat 112, na moderna cidade industrial de Almelo. Os filhos receberam-no com rostos pálidos e preocupados, relatando que o vizinho do lado, Tim van Dyke, de quinze anos, fora para a piscina Het Wandelgoor no canal de Twente próximo e estava desaparecido.

Heuer foi imediatamente ao lado, mas soube que os pais de Tim estavam de visita nesse dia. Decidiu telefonar a Croiset, de cujos sucessos notáveis em encontrar crianças desaparecidas lera.

O sensitivo acabava de entrar em casa em Utrecht quando o telefone tocou. Respondeu imediatamente à pergunta de Heuer: «Sim, lamento, o rapaz afogou-se. Tem cerca de catorze ou quinze anos. Hoje tive três casos tristes e este é mais um. Estou cansado, por favor telefone-me amanhã.» Mas, ao desligar, o sensit45ivo acrescentou: «Vejo uma piscina entre duas pontes. E um barco de madeira pintado de vermelho. O rapaz mergulhou daquilo para a água. Devem encontrá-lo perto desse barco. Vejo também duas bicicletas.»

Heuer dirigiu-se à piscina e viu muitos homens a dragar atarefadamente. Do escritório da piscina, telefonou novamente a Croiset, que repetiu as impressões sobre as duas bicicletas e o barco atracado. Soube que o barco fora deslocado, mas que um remo ficara cravado no fundo no local onde estivera ancorado. Ainda assim, Heuer não encontrou o menor rasto das duas bicicletas. Telefonou a Croiset pela terceira vez.

«Essas bicicletas têm de estar aí», insistiu Croiset. «Vejo arbustos. Vão encontrar arbustos a escondê-las.»

Heuer trepou uma vedação de ferro onde viu alguns arbustos. Atrás deles, de facto, estavam duas bicicletas deitadas no chão.

Como já era noite, a polícia assumira a dragagem com uma nova equipa de homens e holofotes. Pouco antes da meia-noite, os pais de Tim regressaram a casa e enfrentaram o choque e a angústia.

«Telefonei desesperadamente outra vez a Croiset», recorda Heuer. «Mas o telefone dele estava constantemente ocupado. Finalmente consegui falar. O filho disse-me que ele se deitara. Eu disse: “Por favor acorde-o, é muito importante.”»

Um Croiset sonolento atendeu e disse ao espantado Heuer exatamente quantos homens estavam agora a dragar. «Digam-lhes para dragarem para a direita, a cerca de quinze metros», aconselhou. «Aí tem de estar o corpo do rapaz.»

A polícia seguiu as indicações de Croiset e apanhou o corpo de Tim na primeira passagem da draga.

«Voltei a telefonar a Croiset para lhe agradecer», recorda Heuer, «e perguntar qual era o preço. Ele respondeu que não havia preço, apenas enviar um relatório do caso ao Professor Tenhaeff.»

O relatório enviado por J. Van Dam, inspetor da polícia de Almelo, concluía: «O local onde as bicicletas foram encontradas, a descrição do

barco que lá estivera atracado e as declarações do Sr. Croiset de que o rapaz mergulhara dele foram factos que se confirmaram na verificação.»

CASO 14

RELATO NA REVISTA DA POLÍCIA

Na edição de janeiro de 1962 da revista oficial holandesa para agentes da polícia (Tijdschrift voor de Politie), o Professor Tenhaeff discute o caso de outro rapaz de quem Croiset tivera imagens.

Desta vez era Jurrien van Dijkhuizen, de sete anos, que desaparecera de casa em Nijkerk a 8 de agosto de 1961. O rapaz saíra para pescar, mas não voltou.

Nesse dia, o tio do rapaz, Sr. H. van Beek, de Exmelo, telefonou a Croiset. Mas não mencionou o nome do sobrinho nem a cidade de onde ele desaparecera. Apesar disso, o sensitivo forneceu imagens corretas que o tio verificou, não só durante a conversa telefónica, mas mais tarde quando o corpo do rapaz foi encontrado.

Estas foram algumas das impressões de Croiset: «Vejo uma grande fábrica. À esquerda, uma ponte que não se pode atravessar. Há uma rua entre a fábrica e a ponte. Na vizinhança há uma escola. Camiões, uma empresa de transportes. Uma casa com telhado pontiagudo e torre. Água e juncos. Monte de areia. Nessa zona, a criança afogou-se…»

No dia seguinte, o corpo de Jurrien foi encontrado no porto de Nijkerk perto da serraria Prinz (uma fábrica de móveis). Os outros pormenores também coincidiram com as impressões de Croiset.

No domingo, 13 de agosto, o Professor Tenhaeff foi de carro a Nijkerk com Croiset e o filho fotógrafo do sensitivo, Henri, onde tiveram sessões gravadas com o adjunto da polícia estatal, J. H. Lovink, e os pais da criança. Vários dias depois, o responsável policial verificou estas gravações.

Embora com a cautela característica o parapsicólogo Tenhaeff não faça afirmações sobre o valor policial deste experimento, resume-o na revista da polícia com estas palavras: «… Croiset conseguiu contribuir com uma série de dados corretos… Os pontos que descreveu estavam realmente lá… este caso é importante porque nos ensina de novo que, em certas condições, um ser humano é capaz de reunir dados através da perceção extrassensorial…»

CASO 15

UM PAI AMERICANO VISITA CROISET

O vidente Croiset nem sempre resolve imediatamente todos os casos de pessoas desaparecidas. Às vezes é preciso tempo para verificar as suas impressões.

O Sr. Onno Leebaert, dinâmico diretor norte-americano do Gabinete Nacional de Turismo dos Países Baixos em Nova Iorque, visitou o Professor Tenhaeff no Instituto de Parapsicologia em Utrecht a 15 de junho de 1960. Um pouco hesitante, perguntou: «Será que poderia conhecer Croiset enquanto aqui estou?»

Imediatamente, o professor bondoso foi ao telefone, marcou o número de Croiset, apresentou Leebaert e passou-lhe o auscultador.

Croiset e Leebaert trocaram cumprimentos em holandês e marcaram um encontro para essa noite. Leebaert queria falar com o sensitivo sobre um problema pessoal: muitos anos antes, a ex-mulher levara legalmente o filho deles para fora dos Estados Unidos e Leebaert só sabia vagamente onde o rapaz estava.

«Mas nunca disse nada ao professor nem a Croiset sobre o meu filho», contou-me Leebaert mais tarde. «De alguma forma, o meu filho desaparecido devia estar no meu subconsciente. Caso contrário, Croiset não teria reagido como reagiu.»

Quando Leebaert ia desligar, Croiset perguntou de repente: «Quer ver-me esta noite por causa de algo relacionado com a Escócia? Vejo uma mansão numa grande propriedade a norte de Edimburgo.»

Leebaert ficou espantado com este comentário. A última informação que tinha era que o filho desaparecido passava as férias de verão numa propriedade de um nobre escocês perto de Edimburgo.

Ainda sem mencionar a palavra «filho», Croiset continuou telepaticamente: «Ele vai frequentemente a Londres?» Também isso coincidia com os escassos relatos de Leebaert sobre o filho afastado. «Costumava viver no sul de Inglaterra, mas já não», acrescentou Croiset. Como o filho frequentara anteriormente um internato em Inglaterra, Leebaert, normalmente um homem eloquente, ficou quase sem palavras com a acuidade das imagens paranormais de Croiset.

«Ora, não era isso que queria falar comigo?», perguntou Croiset.

Leebaert, antigo ator e locutor de rádio, finalmente recuperou a voz e admitiu: «Sim! Mas como soube? Conte-me mais!»

«Bem, agora não tenho mais impressões», respondeu Croiset. «Mas apareça em minha casa às oito da noite e talvez consiga dizer-lhe mais alguma coisa.»

Leebaert aceitou o convite com entusiasmo e Croiset acrescentou muitos outros pormenores surpreendentemente exatos sobre a infância do filho. Finalmente, Croiset disse: «O seu filho, que agora tem cerca de dezoito anos… está correto? [Estava.] … é um rapaz feliz e bem ajustado. Não se preocupe. Ele tentará contactá-lo dentro de quatro anos.»

O pai do rapaz espera confiantemente que a previsão de Croiset se cumpra este ano.

CASO 16

FREDDY

«Alguém viu o Freddy?»

Esta foi a pergunta angustiada da mãe, Sra. van Dam, da pequena cidade de Krimpen aan de Lek, a 4 de março de 1959.

Apenas alguns minutos antes, parecia, Freddy estava a brincar alegremente com os brinquedos debaixo dos pés dela. Agora desaparecera. Onde? Uma busca rápida pelo bairro não revelou o menor rasto. A preocupação da Sra. van Dam deu lugar ao pânico, pois uma das atividades favoritas de Freddy era andar de trotinete de brincar para cima e para baixo na rua. Havia uma vala próxima e, por vezes, ele aproximava-se dela para dar de comer aos patos ou atirar pedras. A Sra. van Dam continuou a busca frenética, perguntando a todos os transeuntes e olhando ansiosamente para a zona adjacente. Finalmente encontrou a trotinete de Freddy abandonada na rua.

O pai do rapaz correu para casa e telefonou à polícia. Decidiu também ligar a Croiset em Utrecht, mas o sensitivo não estava em casa.

Entretanto, o chefe da polícia estatal, Sr. C. A. de Vogel, e outro agente chamado Hordijk tinham chegado. Sugeriram aos Van Dam que consultassem Croiset. O Sr. van Dam explicou que já o tinham feito e pediu ao agente de Vogel que falasse por eles quando o vidente chegasse a casa.

O agente de Vogel conseguiu mais tarde falar com Croiset em casa dele ao telefone. Embora o sensitivo não conhecesse a aldeia, disse rapidamente ao responsável policial: «Vejo uma criança de quatro anos… perto de uma quinta, casas em construção, uma espécie de grade com quatro postes, um regato e uma ponte. Perto da loja onde a trotinete estava, aí encontrarão a criança. Não precisam de procurar mais.» Croiset também teve imagens de um cesto velho no chão e de um homem numa bicicleta de carga.

Entretanto, chegara um cão-polícia a quem deram o pijama de Freddy para cheirar. O cão correu diretamente para o local onde a trotinete do rapaz estivera. O cão demorou-se à beira da água e ficou inquieto, voltando sempre que a polícia o punha noutro ponto adjacente.

Começou a dragagem. Por causa dos detritos no regato, incluindo ramos de árvores e um colchão velho, era muito difícil.

Durante toda a tarde, a polícia esteve em contacto telefónico constante com Croiset. Às sete e meia dessa noite, o corpo de Freddy van Dam foi encontrado no local indicado tanto pelo sensitivo como pelo cão-polícia.

As imagens de Croiset foram totalmente corretas e são atestadas pelo chefe da polícia de Vogel, que no seu relatório oficial escreveu: «Todos os pontos mencionados pelo Sr. Croiset foram encontrados sem dificuldade.» Aqui, a cooperação voluntária da polícia permitiu ao vidente de Utrecht ajudar a resolver rapidamente o caso Freddy van Dam, embora de forma triste.

CASO 17

MENNO DE MAKKUM

Pensando que o estudante de parapsicologia possa querer observar com que cuidado meticuloso os casos de Gerard Croiset são estudados pelo Dr. Tenhaeff, incluo agora breves excertos de um caso bem documentado que ocupa dez páginas publicadas nos Proceedings Número 1 do Instituto de Parapsicologia em dezembro de 1960.

Menno Bergsma, de quatro anos, de Makkum, uma cidade piscatória de 2000 habitantes na província da Frísia, estava desaparecido toda a tarde quando o pai telefonou a Croiset às 17h30 de 25 de abril de 1959.

O Sr. Bergsma estava em casa do amigo S. P. de Vries, que ao longo do caso partilhou os contactos com o sensitivo.

Neste primeiro telefonema, Croiset disse ao pai: «Vejo um muro com um buraco. Por acaso há um edifício antigo com uma pequena torre ou algo assim? Ao lado, vejo uma ponte.» Depois, à ansiosa pergunta do Sr. Bergsma se a criança poderia ter-se afogado, o vidente respondeu relutantemente: «Temo que sim, senhor.»

Como a busca foi infrutífera, De Vries telefonou a Croiset no dia seguinte pedindo mais informações. Agora o sensitivo acrescentou que também via uma escada com três degraus (o do meio com uma mossa), um camião no cais virado para sudoeste onde Menno estava perto, uma estrada à esquerda junto à água que o rapaz tomara, uma faixa de relva, uma porta na água, um iate e um armazém de enguias.

Apesar da posterior confirmação da exatidão destas imagens, a polícia dragou todo o dia sem encontrar Menno.

Na manhã seguinte, De Vries visitou Croiset em Utrecht para obter informações adicionais, levando um mapa de Makkum e uma fotografia de Menno. Em parte, esta foi a conversa gravada:

De Vries: «… Falou de uma escada de pedra com três degraus, o segundo dos quais tem uma quebra. É totalmente verdade.»

Croiset: «E há casas do outro lado da água também, uma espécie de armazéns? Vejo uma porta azul alta na frente de um deles…»

De Vries: «Sim, há alguns armazéns lá…»

Croiset: «Se traçar uma linha da escada até essa porta azul, essa linha aponta mais ou menos para sudoeste…»

De Vries: «Sim, é possível.»

Croiset: «Perto disso deve haver um poste com um pedaço de pneu de automóvel à volta.»

De Vries: «Sim, uma espécie de poste de amarração para barcos. Mas é possível que esse pedaço de pneu tenha sido colocado no poste só ontem durante as operações de dragagem.»

Croiset: «Isso é notável. Mas, meu caro senhor, como estiveram perto! A criança deve estar muito próxima disso. Vejo um pneu de carro à volta de um poste! Se traçar uma linha do armazém até à escada e a cruzar com uma linha perpendicular traçada a partir do poste, o corpo tem de estar onde essas linhas se cruzam. Não acho que o encontrem a mais de três metros da margem…»

Croiset desenhou então um mapa de todas as suas imagens. Com estes pormenores específicos, De Vries regressou a Makkum.

A dragagem recomeçou às quatro da tarde. Duas horas depois, surgiu um pneu de carro velho que foi atirado para o cais. Várias crianças agarraram-no e começaram a brincar com ele. Um rapaz atirou-o à volta de um poste no cais. Alguns minutos depois, o corpo de Menno Bergsma foi apanhado a poucos metros do poste à volta do qual o pneu fora atirado — quase exatamente onde Gerard Croiset o vira de forma fantástica.

Do registo gravado:

De Vries: «Não errou nem cinco metros. O cão-polícia também se aproximou da água.»

Croiset: «O cão-polícia chegou lá antes ou depois das minhas instruções?»

De Vries: «Depois.»

Croiset: «Possivelmente na sexta-feira alguém vos visitará para tirar fotografias e investigar tudo. É em nome do Professor Tenhaeff.»

De Vries: «Sim, compreendo. Serve para mostrar que os seus factos estavam corretos. Será muito bem-vindo. Tenho de lhe dizer que, no início, era muito cético em relação aos seus poderes… mas agora estou convencido. Outra coisa: nunca falámos do seu honorário.»

Croiset: «Não há honorário. Só quero um relatório. Quando derem ao professor toda a ajuda possível, sentirei-me suficientemente recompensado.»

Quatro dias depois, um estudante holandês de parapsicologia do Professor Bender na Universidade de Freiburg (im Breisgau), na Alemanha, chamado A. Wijntje, verificou duplamente o caso, investigou e escreveu um relatório em alemão que corrobora estas conclusões.

CASO 18

BOIA SALVA-VIDAS AMASSADA

Noutro caso bem documentado, o sargento da polícia estatal J. Aanstoot, de Zuilichem, uma pequena cidade de criação de gado, telefonou a Croiset a 11 de julho de 1959 para comunicar que um rapaz de treze anos se afogara três dias antes enquanto nadava no rio Waal, um braço do Reno. Imediatamente, o vidente recebeu duas imagens sobrepostas.

Enquanto falava com o sargento, Croiset disse que o corpo do rapaz seria encontrado a catorze ou quinze jardas de uma boia salva-vidas amassada. Estaria a cerca de cinquenta jardas a leste de um molhe, onde um navio estava de través, mesmo a norte de uma estrada que descia até ao rio.

O sargento Aanstoot começou imediatamente a procurar estas pistas. Na aldeia de Brakal, reparou numa boia salva-vidas amassada ao lado do cais do ferry. No meio do rio, o ferry fazia a travessia habitual. Estava de través, exatamente como Croiset indicara.

Duas horas depois, o corpo do rapaz foi retirado do rio pelos barqueiros. Mas estava a 150 jardas do local que Croiset indicara. No entanto, como tinham passado duas horas desde que o sensitivo recebera as imagens sobrepostas, o sargento concluiu que o corpo fora arrastado rio abaixo nesse intervalo.

Ao resumir este caso, o Professor Tenhaeff concordou que era uma interpretação correta. Acrescentou que estes casos de compressão de duas ou mais imagens num só foram estudados por Freud nos sonhos de desejo, que aparecem regularmente, e também são frequentemente encontrados na investigação parapsicológica. Durante o caso, Croiset estava consciente da sua compressão e mencionara-a ao professor antes de o corpo ser encontrado.

CASO 19

O RAPAZ PERDIDO DA CALIFÓRNIA

A 13 de julho de 1960, Bruce Kremen, um rapaz atraente de cabelo castanho com sete anos, morador na Dempsy Avenue 11147, Granada Hills, Califórnia, desapareceu durante uma caminhada da YMCA no Los Angeles Crest, na Floresta Nacional de Angeles. Nem a polícia nem o FBI conseguiram encontrar qualquer rasto dele.

A 2 de março de 1961, pouco depois de o meu artigo na revista This Week ter sido publicado no Los Angeles Times e noutros jornais de domingo, a mãe desolada, Sra. Joseph Kremen, telefonou-me de Califórnia para Nova Iorque. Com lágrimas, perguntou-me se Croiset poderia encontrar o filho desaparecido, de quem tinha a certeza que ainda estava vivo. Teria sido levado por um estranho?, queria desesperadamente saber.

Uma semana depois, na Holanda, num seminário do Instituto de Parapsicologia na Universidade de Utrecht presidido pelo Professor Tenhaeff e com uma dúzia de estudantes, vi Gerard Croiset passar os longos dedos sensíveis pela fotografia de Bruce Kremen.

Com um nó na garganta, o sensitivo abanou a cabeça e suspirou: «Lamento, Jack. Não te posso ajudar. Vejo que este rapaz morreu nas montanhas e será muito difícil encontrar o corpo.» Croiset apontou no mapa da zona onde a tragédia ocorrera.

No fundo, acho que sou um cobarde. Nunca tive coragem de comunicar a trágica notícia de Croiset ao Sr. e à Sra. Kremen. No fundo, esperava secretamente que, desta vez, o grande sensitivo estivesse errado.

Depois de regressar aos Estados Unidos, continuei discretamente a verificar se surgira alguma pista do desaparecimento de Bruce Kremen. Mas, quando este livro entra na imprensa, três anos e meio após o desaparecimento, não foi encontrado o menor rasto de Bruce Kremen. Temo que o que Gerard Croiset disse instantaneamente a seis mil milhas de distância, do outro lado do oceano, seja, infelizmente, verdade.

CASO 20

“HAKVOORT DE URK”

Urk é uma pitoresca e isolada aldeia de pescadores no remoto novo Pólder Nordeste. Um terreno baixo recuperado do fundo do antigo Zuider Zee e protegido por diques, Urk é uma das comunidades mais coloridas da Holanda. Os pescadores piedosos e observadores do sábado ainda usam os trajes tradicionais do século XVI.

Este caso Croiset em Urk é esclarecedor porque Croiset recebeu imagens do passado, presente e futuro.

Como na maioria dos seus casos de crianças desaparecidas, este começou com um telefonema de um pescador chamado Hakvoort. Um rapazinho estava desaparecido e presumia-se afogado. O reservatório de Yselmeer fora dragado, mas sem encontrar o corpo. Croiset deu instruções detalhadas sobre onde estava e identificou muitos objetos próximos a partir dos quais medir. Entre eles havia um barracão, uma plataforma de desembarque e um navio.

Inicialmente, Hakvoort não conseguiu encontrar o barracão. Relatou a Croiset: «Há uma plataforma de desembarque, mas não há navio. É domingo e os barcos não navegam. Talvez seja por isso que o que vê está errado.»

Mas Croiset insistiu: «Volte e dê outra olhadela.»

Hakvoort voltou e telefonou de novo: «Sim, está a chegar um navio e é claro que vai atracar na plataforma que mencionou.»

Ainda assim, Hakvoort estava intrigado com a imagem do barracão até Croiset lhe dizer exatamente onde se colocar para o ver.

Hakvoort verificou novamente as impressões de Croiset e revelaram-se corretas em todos os pormenores. O corpo do rapaz foi rapidamente encontrado.

Croiset nota que, neste caso, percebeu horizontalmente, verticalmente e panoramicamente. Usa também a palavra «surveyable» (visível em perspetiva). Certamente as palavras com que deu as indicações — «tantos metros disto», «tantos metros dali», «bissectar a linha» — são a linguagem de um topógrafo ou engenheiro, não de um merceeiro sem sucesso.

CASO 21

CARTA DE UM PAI

Sempre que telefonam a Croiset por causa de uma criança desaparecida, as suas impressões são dadas de forma muito mais franca a vizinhos e polícia do que aos pais.

O sensitivo explica: «Imaginem, quando um pai me telefona e eu começo logo por lhe dizer que o filho se afogou. Isso não posso fazer. Tento ser muito cuidadoso no que digo.»

Mas numa ocasião, pressionado, disse a um pai de forma simples e direta a notícia trágica. O pai é o Sr. A. Westein, da Hyacintstraat 5, na pequena cidade de construção naval de Maassluis, entre Roterdão e o Hook of Holland. A seguinte carta manuscrita, enviada por ele a Gerard Croiset a 21 de dezembro de 1962, embora apenas uma vinheta, é um exemplo clássico de subestimação e reflete quase um fatalismo bleak à Thomas Hardy na luta do homem contra o seu ambiente físico:

Caro Sr. Croiset:

Perguntámos-lhe por telefone na sexta-feira, 7 de dezembro, se nos podia dizer onde poderia estar o nosso filhinho Jacob Westein, de 3 anos de idade. Ele estava desaparecido.

O senhor estava muito ocupado na altura, mas foi amável e respondeu onde ele estava. Foi uma verdade muito dolorosa e dura. O nosso filhinho afogara-se. Saíra de casa, andara sozinho no gelo com o seu triciclo. Caiu num ponto mole do gelo, debaixo da ponte, a cerca de 300 metros de nossa casa.

Imediatamente após o telefonema para si, fomos lá; eu próprio tirei o meu filhinho da água pelos cabelos, no local que indicou. Foi uma coisa muito triste, mas pelo menos acabou com a nossa tensão e incerteza.

Sentimo-nos muito gratos pela sua colaboração, que deu tão espontaneamente.

Ainda assim, Gerard Croiset nem sempre acerta. Nos arquivos do Instituto de Parapsicologia há casos etiquetados como «falhanços». O diretor Tenhaeff salienta: «O parapsicólogo deve examinar cuidadosamente estes casos para descobrir as causas destes falhanços. A ciência não beneficia apenas dos resultados positivos. Os achados negativos também podem enriquecer o nosso conhecimento da perceção extra-sensorial.»

Um exemplo é o telefonema que Croiset recebeu a 21 de outubro de 1955 de um homem de Amesterdão que relatou que duas crianças pequenas estavam desaparecidas. O sensitivo respondeu: «Não há motivo para preocupação. Tenho a impressão de que as crianças estão escondidas. Vejo um espaço murado. Procurem por aí.»

Mas as crianças não foram encontradas e no dia seguinte voltaram a telefonar a Croiset. «Agora vejo a imagem de um canal», disse ele. «No canal há barcos com flores.»

O interlocutor de Croiset confirmou a exatidão desta imagem, revelando que telefonava do canal em Amesterdão, que tinha um mercado de flores em barcos. Depois de ouvir isto, Croiset afirmou que as crianças tinham caído na água e se afogado. Vários dias depois, os corpos das duas crianças foram encontrados, não no canal, mas dentro de uma caixa de madeira perto de casa.

«Croiset levou este erro muito a mal», contou-me o Professor Tenhaeff. «Se tivesse dado mais atenção a este caso na primeira chamada de 21 de outubro, provavelmente as crianças teriam sido retiradas da caixa ainda vivas. Mas como Croiset fora telefonado nesse dia sobre vários outros casos de pessoas desaparecidas, não prestou atenção suficiente a este, especialmente porque recebera uma imagem correta de que as crianças estavam escondidas e ainda vivas. Quando foi consultado no dia seguinte, porém, recebeu a impressão de um canal com barcos. Foi por isso que suspeitou incorretamente que as crianças se tinham afogado no canal.

Estes erros de interpretação não podem ser totalmente evitados. Contudo, por causa disto, não devemos deixar de usar sensitivos no trabalho policial ou outro. Aprendemos com a experiência. Os polícias também cometem erros e chegam a conclusões erradas sobre factos que lhes são conhecidos. Também eles seguem por vezes pistas erradas. Os críticos da perceção extrassensorial enfatizam estes falhanços para "provar" que é impraticável. Mas esta atitude é tão curta de vista como a dos defensores que citam apenas os sucessos e omitem os falhanços.»

Ainda assim, os ocasionais «falhanços» de Croiset tornam os seus inúmeros «sucessos» ainda mais espantosos e mostram que homem de carne e osso ele é.

Nada na terra agrada mais a Gerard Croiset do que o que aconteceu na pequena cidade de Heeten, na Holanda, a 23 de julho de 1962. Uma bebé de dezoito meses chamada Marijke Alfering desapareceu. Centenas de

polícias, bombeiros e vizinhos procuraram a menininha desaparecida. Dragaram todas as valas, canais e campos de milho e águas próximas sem encontrar rasto.

Escureceu e a criança ainda não fora encontrada. O presidente da câmara de Raalte, A. J. Groteboom, telefonou então a Gerard Croiset.

Antes de ele dizer uma única palavra, Croiset disse-lhe triunfantemente do que se tratava o telefonema: «A criança está viva! Está a dormir perto de uma vala!»

Os procuradores ansiosos retomaram a busca, desta vez perto das valas. Mas a bebé ainda não foi encontrada. O presidente da câmara desesperado telefonou a outro vidente, G. H. Groot Enserink, de Ruurlo, que confirmou independentemente as impressões de Croiset.

Estava agora tão escuro que os procuradores não viam onde pisavam. Espalharam-se por diferentes pontos na zona indicada por Croiset. Ficaram lá, à escuta de qualquer som que pudesse revelar onde estava a criança. Passaram horas.

Por fim, um dos homens ouviu o choramingar de um bebé. Correu para ver o que era e encontrou Marijke deitada na lama da vala. Provavelmente caíra enquanto brincava e, sendo tão pequena, não conseguira sair do lodo. A criança sonolenta foi levada para casa, lavada e deitada na cama. Na manhã seguinte já brincava como se nada tivesse acontecido!

Para os pais angustiados de Marijke, a mensagem do sensitivo de Utrecht — «A criança está viva!» — soou como um sino de catedral nos seus corações. A alegria de descobrirem a exatidão da visão de Gerard Croiset, que ama as crianças, valeu-lhes mais do que todos os florins e ouro do mundo.

ADULTOS E ANIMAIS DESAPARECIDOS

DEDICADO COMO ESTÁ A AJUDAR TODOS OS SERES HUMANOS, GERARD Croiset responde de boa vontade a chamadas sobre adultos desaparecidos tal como faz com crianças desaparecidas. Quando um homem desapareceu em Groenlo há alguns anos, por exemplo, o sensitivo resolveu o caso numa única chamada telefónica. A imagem de Croiset foi rápida, clara e forte. Descreveu ao telefone o local exato onde o homem desaparecido seria encontrado: debaixo de um amieiro, com apenas os pés de fora.

Os inúmeros casos de pessoas desaparecidas de Croiset permitiram-lhe desenvolver, sob os longos testes e orientação do Professor Tenhaeff, uma crescente compreensão dos seus poderes extra-sensoriais. O sensitivo de Utrecht está constantemente a investigar o que se passa na sua mente quando usa os seus dons paranormais. Cada caso, está convencido, dá-lhe uma compreensão mais profunda de como funcionam as suas capacidades. «Croiset possui um talento notável para a introspeção construtiva», explica o seu mentor parapsicológico.

O professor acrescenta que as impressões de Croiset sobre um adulto desaparecido provêm frequentemente de contacto telepático, não só com a pessoa perdida, mas da «mémoire future» (telepatia precognitiva) do indivíduo que o consulta.

Seguem-se alguns casos típicos de como Croiset localizou com sucesso adultos e animais desaparecidos nos Países Baixos e noutras nações:

CASO 1

TELHADO AZUL EM ESPANHA

Um empresário americano de sessenta anos, Sr. X., que vivia em Madrid, desapareceu subitamente em março de 1961. Durante dez anos trabalhara num escritório filial em Espanha de uma grande empresa americana. Falava espanhol fluentemente e adorava o país. Mas agora desaparecera sem deixar o menor rasto, deixando o carro na garagem e a maior parte da roupa em casa. A polícia tentou em vão encontrá-lo em aeroportos e noutros locais, sem sucesso.

A Sra. X. temia que algo trágico tivesse acontecido ao marido. Em desespero, duas semanas depois, escreveu à amiga, Sra. A. Land, do Museumplein 7, em Amesterdão: «Por favor, contacte um vidente holandês

sobre o meu marido desaparecido. Junto a fotografia dele e a escova de dentes.»

Inicialmente, a Sra. Land contactou uma vidente de oitenta anos que lhe disse: «O marido da sua amiga ainda está vivo e voltará.» Mas como esta informação era demasiado vaga, a Sra. Land telefonou ao Professor Tenhaeff, que sugeriu: «Talvez consiga marcar uma consulta com o Sr. Croiset, desde que depois envie ao Instituto de Parapsicologia um relatório detalhado da experiência, independentemente de ter sucesso ou não.»

A Sra. Land concordou e pouco depois visitou o sensitivo em Utrecht.

Entregou a Croiset a fotografia e a escova de dentes do homem desaparecido. O psicoscopista tocou-as delicadamente. Depois exclamou irritado: «Não quero ter nada a ver com este homem! Não gosto nada dele. Não está morto, está muito vivo e voltará. Diga à sua amiga que não se preocupe com ele. Realmente não vale a pena.»

Desabafada a raiva, Croiset, o vidente, pôs-se ao trabalho e acrescentou calmamente: «Agora vejo este homem desaparecido num país onde há montanhas. Vejo um edifício com telhado azul. Aí está ele neste momento. O local onde está hospedado fica perto de uma curva da estrada ou bastante próximo dela. Vejo também alguns casacos brancos. Tenho a imagem de um hospital.» O sensitivo desenhou rapidamente um esboço das suas imagens para a visitante.

Imediatamente após esta sessão, a Sra. Land telefonou as impressões de Croiset à Sra. X. em Madrid e enviou-lhe por correio aéreo o desenho dele, fazendo primeiro uma fotocópia, a pedido do Professor Tenhaeff, para os arquivos do Instituto de Parapsicologia.

Depois de as impressões específicas de Croiset terem sido publicadas em jornais espanhóis, a Sra. X. recebeu um telefonema em Madrid de um responsável de um hospital em Maiorca, a ilha turística ao largo da costa de Espanha. «Temos um paciente com delirium tremens que pode ser o seu marido», informou. «Venha imediatamente.»

Dois dias depois, a Sra. X. telefonou à Sra. Land em Amesterdão para confirmar que, de facto, encontrara o marido desaparecido num hospital de Maiorca sob nome falso, a sofrer de um violento ataque de delirium tremens.

O empresário americano era alcoólico periódico. Antes de casar, vivera em Maiorca e tinha amigos lá. Depois de deixar Madrid, visitara-os. Num

ambiente de férias, entregara-se a uma bebedeira e bebera tanto que tivera de ser internado.

O empresário americano desaparecido foi encontrado diretamente graças à pista de Croiset de que estava agora num hospital. «A descrição do Sr. Croiset foi totalmente correta», relatou a Sra. Land. «O hospital tem telhado azul. E fica perto de uma curva da estrada. É notável que ninguém mais tivesse pensado que ele poderia estar num hospital.»

Para cumprir os rigorosos padrões científicos do Dr. Tenhaeff em cada caso, a Sra. Land corroborou estes factos numa carta de 25 de maio de 1961 ao professor e numa sessão gravada posterior no Instituto de Parapsicologia a 11 de janeiro de 1962.

CASO 2

SENHORA DE ROTERDÃO DESAPARECE

Embora o nome da mulher neste caso e o do marido sejam omitidos neste livro, estão incluídos, juntamente com todos os outros pormenores, nos arquivos do Instituto de Parapsicologia em Utrecht.

A Sra. S. saiu de casa na ’s Gravenweg, no leste de Roterdão, numa tarde de terça-feira, 18 de setembro de 1951, por volta das duas horas, dizendo que ia fazer compras na cidade mas que voltaria dentro de cerca de duas horas. Quando o marido chegou a casa ao início da noite, ela ainda não tinha regressado. Os inquilinos da casa tentaram tranquilizá-lo, dizendo que devia ter sido atrasada por causa do trânsito intenso. Quando, porém, não chegou a casa até tarde da noite, o marido ficou muito ansioso. Perguntou aos vizinhos, depois à família e amigos. Como ninguém conseguia fornecer a menor informação sobre o paradeiro da mulher, telefonou à polícia, que inicialmente deu pouca atenção ao caso, supondo que a mulher voltaria para casa em breve.

Mas quando, na noite seguinte, ainda não havia rasto da Sra. S., o empregador do marido, Sr. P. Prins, telefonou ao Dr. Tenhaeff e pediu a morada do sensitivo dotado. «Disse-lhe que Croiset acabara de regressar de Freiburg, na Alemanha, e provavelmente estava demasiado cansado para o receber nessa altura», recorda o parapsicólogo.

Apesar disso, Prins telefonou a Croiset. Reconhecendo a urgência do caso, o sensitivo cansado convidou o marido e Prins a irem a sua casa.

Após ouvir em silêncio, Gerard Croiset pousou compassivamente a mão no ombro do Sr. S. e disse: «Lamento muito. Mas a sua mulher tirou a própria vida num momento de loucura. Aconteceu na terça-feira à noite. O corpo dela está na água, não muito longe de casa. Vejo areia e um pequeno muro que está a desmoronar-se. Vejo madeira dura bastante alta. Os arredores parecem-me familiares. Fica em Kralingen [Roterdão Leste], no início do Groene Wetering [Canal Verde]. Amanhã [sexta-feira] saberão mais. Telefone-me amanhã de manhã por volta das onze horas, em Enschede.»

À hora marcada, Prins telefonou a Croiset de Roterdão dizendo: «Até agora não tivemos notícias da polícia nem de ninguém.»

«Tenha paciência», respondeu o sensitivo. «Tenho a certeza de que o que disse estava correto. Espere mais um pouco.»

Nessa sexta-feira às três da tarde, a polícia informou o Sr. S. de que o corpo da mulher fora recuperado às dez da manhã. Encontrava-se num local semelhante ao descrito por Croiset.

O Sr. Prins relatou ao Professor Tenhaeff três dias depois: «As informações que Croiset deu foram exatamente como os factos se revelaram. O corpo dela estava no canal perto de madeira dura muito alta. Havia também areia. E havia pequenos muros a desmoronar-se de quintas que outrora existiam naquele local e que agora eram apenas ruínas.»

Prins acrescentou um facto interessante. Quando o Sr. S. se despedia de Croiset, o sensitivo perguntara-lhe: «A sua mulher tem familiares em Delft?» O Sr. S. respondeu que não, mas mais tarde disse a Prins que a irmã da mulher estava internada num hospital psiquiátrico lá.

Terá a Sra. S. cometido suicídio por recear que também ela estivesse a desenvolver uma doença mental? Talvez o marido saiba a resposta. Mas quando estive recentemente em Roterdão, achei indelicado perguntar-lhe.

Antes de o corpo da Sra. S. ser encontrado, Croiset já informara o Professor Tenhaeff do que dissera ao marido e a Prins sobre o suicídio da mulher desaparecida.

CASO 3

VIAGEM A BERLIM

Um homem e uma mulher de meia-idade encontravam-se na plataforma da estação de Utrecht numa noite de verão tardia.

É uma visão comum numa plataforma de estação, mas o Sr. e a Sra. A. F. Wolf, da aldeia próxima de Bilthoven, pareciam particularmente felizes enquanto aguardavam o comboio noturno de Berlim. Era o vigésimo quinto aniversário de casamento e aguardavam ansiosamente a chegada da irmã mais velha da Sra. Wolf, a quem chamarei Sra. B., pois prefere permanecer anónima.

A estranha viagem da Sra. B. ocorreu no domingo, 30 de agosto de 1953, pouco depois de as manifestações de trabalhadores de Berlim Leste contra o aumento das quotas de trabalho terem degenerado em motins anticomunistas. Uma greve geral subsequente afetou 200 000 alemães do leste. As tropas soviéticas reprimiram os distúrbios, matando muitas pessoas.

Finalmente, o comboio noturno de Berlim, presumivelmente o correto, entrou em Utrecht com meia hora de atraso. Mas a Sra. B. não estava nele.

Agora os Wolf começaram realmente a ficar inquietos. A irmã estava com saúde frágil e temiam que estivesse doente e sozinha numa qualquer estação na zona russa, sem ajuda.

O chefe da estação de Utrecht telefonou a todas as estações holandesas no percurso, cobrindo todas as possibilidades. Mas não havia relatos de qualquer passageira que tivesse adoecido no comboio ou saído na estação errada. Na verdade, não foi encontrada nenhuma passageira que correspondesse à descrição da Sra. B.

Loucos de preocupação, a Sra. Wolf enviou um telegrama urgente à sobrinha que ficara em Berlim. Duas horas depois, a sobrinha telefonou à Sra. Wolf dizendo: «A mãe partiu no comboio certo e estava bem. Mas não tive mais notícias dela.»

«Decidi então telefonar ao Sr. Croiset em Enschede», relatou depois o Sr. Wolf ao Instituto de Parapsicologia a 10 de setembro. «Já era muito cedo da manhã, mas ele atendeu imediatamente. Mesmo antes de eu acabar a minha história, disse: "Não aconteceu nenhum acidente. Também não está doente. O caso tem a ver com dificuldades de comboio. Vejo uma plataforma vazia."

Em resposta à minha pergunta “Ela chegará hoje?”, disse: “Terão notícias dela hoje.”

Croiset tinha razão. Pouco antes do meio-dia, doze horas depois de a esperarmos, a minha cunhada chegou a nossa casa.»

A Sra. B. estava quase demasiado exausta para falar no início. Mas, gradualmente, contou a história da sua longa e dura viagem: estavam a decorrer eleições na Alemanha de Leste, causando grande excitação e intenso movimento entre as zonas russa e ocidental, o que era então possível porque o Muro ainda não fora construído. Os numerosos postos de controlo fronteiriço estavam tão sobrecarregados que os comboios não conseguiam passar normalmente. O comboio da Sra. B. saíra a horas, mas fora desviado para uma via secundária três vezes durante a viagem e ficara imobilizado em cada uma delas por períodos até quatro horas.

Contudo, Gerard Croiset, que estava a cerca de 560 quilómetros de distância, noutro país, teve uma visão clara e instantânea da cena.

CASO 4

CONSULTA CANCELADA

O sensitivo holandês também teve uma imagem clara e instantânea de um homem que desaparecera temporariamente.

Deprimido com a doença persistente, o Sr. H.R. entrou no carro no norte da Holanda e partiu no domingo, 9 de outubro de 1949.

Como não regressou, na manhã seguinte o irmão preocupado, Sr. L.R., e um amigo, Sr. Z., contactaram um telepata cujas impressões se revelaram muito dececionantes.

A polícia foi informada do homem desaparecido e enviou um telex por todos os Países Baixos para tentar localizar o carro. Mas também este esforço foi em vão.

Na tarde de terça-feira, o médico do homem desaparecido, Dr. H., que o tratara recentemente, foi consultado pelo irmão e pelo amigo.

«Conhece algum vidente mais fiável do que o que usámos, doutor?», perguntaram.

O Dr. H. telefonou imediatamente ao Professor Tenhaeff, que lhe deu o número de Croiset em Enschede. Ciente das capacidades telepáticas do seu

sensitivo dotado, o parapsicólogo da Universidade de Utrecht avisou: «Seria melhor dar-lhe o mínimo de informação possível sobre o caso.»

Pouco depois, quando o Sr. Z. telefonou a Croiset, a primeira pergunta do sensitivo foi: «A pessoa desaparecida é um homem ou uma criança?»

«Um homem.»

«Bem, então», respondeu Croiset. «Vejo uma paisagem que me dá a imagem do "ponto dos três países".» O vidente sugeriu que verificassem essa zona sul dos Países Baixos onde faz fronteira com a Alemanha e a Bélgica.

«O Sr. Croiset e eu marcámos um encontro para quarta-feira, 12 de outubro, às 15h30 no Hotel Pax em Arnheim», revela o Sr. Z. «Mas o Sr. Croiset disse que esse encontro provavelmente nunca se realizaria porque tinha a impressão de que o meu amigo desaparecido seria encontrado antes. Se isso acontecesse, pediu-me que lhe telefonasse para cancelar o encontro.»

Embora o amigo e o irmão tenham procurado na zona do "ponto dos três países" em Vaals, não encontraram H.R. nem qualquer sinal dele. Mais tarde nessa tarde, porém, a polícia localizou o homem desaparecido na pequena aldeia de Geulle, perto de Beek, que se assemelha à zona do "ponto dos três países" que Croiset descrevera. H.R. esconder-se-á na floresta durante três dias e engolira alguns comprimidos, aparentemente para dar a impressão de que tentara suicidar-se.

«Imediatamente após sabermos que H.R. fora encontrado, telefonei ao Sr. Croiset para cancelar o nosso encontro», relatou o Sr. Z. ao Dr. Tenhaeff a 21 de outubro.

O encontro, de facto, nunca precisou de realizar-se. Gerard Croiset riscou-o da sua agenda cheia e passou aos inúmeros outros casos por resolver que aguardavam a sua atenção paranormal.

CASO 5

DOENTE MENTAL FOGE

Apeldoorn, uma “cidade-jardim” no centro da Holanda cheia de flores brilhantes, parques encantadores e áreas densamente arborizadas, é especialmente querida por todos os holandeses. Um dos seus resorts de férias mais populares, é visitada por um milhão de veraneantes todos os anos. A residência da falecida rainha Guilhermina, Het Loo, ficava nesta área de recreio, a apenas quarenta milhas de Utrecht.

Neste cenário idílico situa-se um conhecido hospital psiquiátrico, a St. Joseph Stichting.

Na tarde de 5 de junho de 1958, foi descoberto que um paciente de quarenta e três anos desaparecera desta instituição mental. Foi feita a busca habitual pelo pessoal do hospital e pela polícia. Três dias depois, como o paciente ainda estava em fuga, o Dr. W. J. de Haan, diretor médico que já fora ajudado por Croiset em casos anteriores de doentes fugitivos, decidiu consultá-lo novamente.

O sensitivo disse imediatamente ao psiquiatra ao telefone: «O seu doente andou a vaguear. Mas agora está num pequeno barracão perto de uma quinta. Vejo um grupo de edifícios que me faz lembrar quartéis. Quando se está de costas para leste perto desses edifícios, deve-se olhar na direção noroeste para encontrar o local onde o homem desaparecido está agora. Vejo uma quinta antiga com um grande poço de pedra mesmo ao lado. Há lá um barracão. Agora vejo o homem a descansar lá.»

Três dias depois, na pequena aldeia de Emst, uma agricultora encontrou o doente desaparecido num barracão, deitado em palha de trigo. A investigação da zona coincidiu com a descrição clara e direta de Croiset.

«Os enfermeiros que trouxeram o doente de volta ao hospital», relatou o Dr. Haan ao Professor Tenhaeff a 19 de junho, «observaram os arredores da quinta e concluíram que o grupo de edifícios que ao Sr. Croiset pareceram quartéis era na verdade uma fábrica de pensos da empresa Utermohlen. A quinta descrita pelo Sr. Croiset podia ser encontrada olhando na direção noroeste a partir desse grupo de edifícios. O doente estava deitado num barracão perto da quinta. E havia um grande poço de pedra próximo que parecia um silo.»

O relatório do Dr. Tenhaeff sobre este caso bem sucedido discute as visões de Croiset do passado, presente e futuro: «No dia da consulta, o

doente ainda não estava no local indicado por Croiset. O sensitivo descreveu portanto o lugar onde o doente seria encontrado no futuro. Esta descrição contém o elemento de proscopia (precognição). Croiset também pareceu descrever o lugar onde o homem desaparecido estivera no passado recente. Isto é o oposto da proscopia e chama-se retrocopia [visão para trás]… Entre estes casos de retrocopia e proscopia estão aqueles em que Croiset descreve o presente [momento da primeira consulta telefónica], o que, naturalmente, é mais útil para a polícia.»

CASO 6

"NO SÁBADO ELE VOLTARÁ"

Outro homem fugiu de uma instituição mental diferente numa noite de domingo, 5 de março de 1955. Foi do hospital psiquiátrico Dennenoord, na cidade de Laren, local de nascimento de Croiset.

Como não havia rasto do doente fugitivo até quarta-feira, o irmão, Sr. J. G. Booy, da pequena cidade de Erica perto da fronteira alemã, telefonou a Croiset em Utrecht, a cem milhas de distância.

Imediatamente, o sensitivo tranquilizou-o: «Não se preocupe. No sábado ele voltará.»

«Mas isso não parece possível», discordou o irmão. «Saiu sem casaco e o tempo tem estado muito frio. As pessoas teriam notado que algo não estava bem com ele. Não, temo que algo mau já lhe tenha acontecido.»

Croiset, porém, estava certo das suas impressões. Embora irritado por duvidarem dos seus poderes precognitivos, repetiu: «Ele está vivo. No sábado voltará.»

Como a preocupação tornava o irmão ainda cético, Croiset detalhou as suas imagens: «Vejo atrás da instituição onde ele estava a ser tratado água corrente… não um canal… e sobre a água uma pequena ponte. Passa-se essa ponte e caminha-se dois quilómetros e meio na direção sul. Aí chega-se a uma quinta que tem um grande barracão feito de tábuas grossas. O seu irmão está a aquecer-se no feno lá.»

«Usámos uma bússola e caminhámos na direção sul pela estrada que Croiset "vira"», recorda o irmão. «Chegámos a uma quinta chamada De Schipborg. Perto dessa quinta havia um grande barracão… Havia muitas grandes pilhas de palha, uma sobre a outra, armazenadas após uma debulha

recente, e muito restolho no chão. O agricultor disse-nos que ninguém poderia estar deitado naquela espessa cama de restolho. Gostaria que não lhe tivéssemos dado ouvidos e tivéssemos procurado cuidadosamente, porque mesmo naquele momento o meu irmão estava lá. Continuámos e procurámos trinta outros barracões na vizinhança sem sucesso.»

Pouco antes da meia-noite de sexta-feira, cinco dias após o desaparecimento, um transeunte viu o homem desaparecido a caminhar sem rumo por um caminho de bicicletas. Imediatamente alertou um guarda florestal que vivia na zona. O doente fugitivo regressou calmamente com ele ao hospital de Laren na madrugada de sábado.

Ao documentar este caso para os arquivos do Instituto de Parapsicologia a 22 de abril de 1955, o irmão, Sr. Booy, declarou: «O Sr. Croiset viu tudo corretamente. Viu atrás do hospital a água corrente com uma ponte por cima. Viu que, passando essa ponte e caminhando dois quilómetros e meio na direção sul, se chegava à quinta com o barracão feito de tábuas grossas. Mas, o mais importante para mim, o Sr. Croiset viu o resultado quando disse: "Não se preocupe, no sábado ele voltará."»

CASO 7

PORTADAS VERDES E BARRIS PARTIDOS

Numa tarde de maio de 1958, Hakvoort, o pescador de Urk mencionado no Caso 20 do Capítulo 6, telefonou novamente a Croiset.

«O meu amigo Gnodde saiu de casa às dez da noite passada e não foi visto desde então», relatou Hakvoort.

Após ouvir esta breve frase, o sensitivo respondeu de imediato: «Lamento. Vejo que ele se afogou. Estava a beber numa taberna e saiu de lá na mota. A mota guinou bruscamente e o pobre homem caiu na água. Encontrarão o corpo perto de algo verde… não longe de casa dele. Vejo barris partidos lá e também alguns barcos de pesca…»

Hakvoort e um amigo pescador, Visser, saltaram para um barco com motor de popa e desceram rapidamente para a zona do porto de Urk. Como havia alguns barcos pequenos ancorados ali, pensaram inicialmente que era esse o local que Croiset indicara. Dragaram essa zona durante uma hora sem encontrar o corpo do amigo.

Hakvoort telefonou novamente ao sensitivo de Utrecht, relatando o insucesso.

«Procuraram no sítio errado», exclamou Croiset. «Viram algo verde — talvez portadas verdes?»

«Não», admitiu Hakvoort.

«Tenho a impressão de que é algo como uma persiana.» O sensitivo acrescentou: «Vejo também um cais e novamente alguns barris partidos perto dele, também bastante perto de casa dele. Há um cais onde eu digo?»

«Bem, há uma plataforma de desembarque do outro lado da casa do Gnodde», informou Hakvoort.

«Ótimo!», retorquiu Croiset. «Procurem aí! Talvez encontrem um barco com portadas verdes na janela da casa de banho. Perto desse barco há barris partidos.»

Regressando ao barco a motor, Hakvoort e Visser rumaram agora na direção oposta. Alguns minutos depois, repararam num barco de pesca atracado na plataforma e, por cima de uma janela, havia portadas verdes. Viram também alguns barris de cerveja amassados empilhados ao lado. Os procuradores largaram âncora e começaram a dragar. Em poucos minutos, puxaram o corpo que procuravam. Ficara preso debaixo do barco, fora de vista.

As imagens de Gerard Croiset foram tão claras que ele vira vividamente o corpo do pescador desaparecido, embora uma pessoa a um metro e meio de distância no cais não o conseguisse fazer.

CASO 8

NOIVO CAPRICHOSO FOGE

A polícia confirmou as imagens extrassensoriais de Gerard Croiset no estranho caso de um noivo que fugiu sozinho!

Após discutir com a noiva na noite anterior, Hendricus Antonius Kanters, de vinte e oito anos, desapareceu na manhã de segunda-feira, 13 de junho de 1955, da quinta onde vivia. Devido ao seu humor deprimido, o suicídio era considerado uma possibilidade real. A polícia foi informada no dia seguinte.

O chefe da polícia da pequena cidade próxima de Handel, Jacob Scharn, relata: «Concentrámo-nos primeiro na quinta do tio dele, agricultor arrendatário Theodorus Kanters, que o criara e com quem ainda vivia. A quinta é antiquada e fica na estrada provincial chamada Lodderdijk, na cidade de Gemert. A quinta foi cuidadosamente revistada quatro vezes entre o meio-dia e as três da tarde pela polícia. Um cão-polícia também procurou todos os campos, poços e bosques da vizinhança. Mas tudo sem sucesso.»

O chefe da polícia Scharn telefonou então a Gerard Croiset em Enschede, a oitenta milhas de distância, dizendo: «Procuramos um homem de vinte e oito anos que saiu de casa cedo ontem de manhã.»

Croiset exclamou imediatamente: «Espere um momento. Vejo uma quinta muito antiquada com telhado de colmo ou cana, situada numa estrada principal. Perto da quinta há um galinheiro. Está correto?»

«Sim», concordou Scharn.

«Atrás do galinheiro», continuou Croiset, «corre uma vala. O jovem passou por ela. Não está morto, está bem vivo. Voltará dentro de poucos dias. Dessa vala virou à direita, através de um bosque. Vejo um café com uma espécie de vedação. Perto desse café para um camião. Há lá um café assim?»

«Não posso dizer agora», respondeu Scharn, «tenho de verificar. Mas os outros pormenores sobre a quinta estão corretos.»

A noiva do homem desaparecido, Henrika (Riek) Bouw, disse mais tarde ao chefe da polícia Scharn que ela e o namorado caprichoso estavam noivos há sete anos, mas que na noite anterior ao desaparecimento ela rompera definitivamente o noivado. «Ele é uma pessoa correta e um bom

rapaz», disse ela, «mas uma criança grande. E é um pouco estranho. Mais de uma vez terminei o nosso noivado porque ele bebia demais… Bêbado ou sóbrio, porém, dizia-me sempre: "Se o nosso noivado acabar, vou-me embora e nunca mais me verás."»

O café que Croiset imaginara foi mais tarde localizado pela polícia. Ficava na estrada entre Gemert rural e Boekend. Um camião parara lá por volta das 22h30.

A irmã de Miss Bouw, Paula, relatou excitada que vira o homem desaparecido perto da quinta da noiva por volta dessa hora. Depois vira-o atravessar a estrada em direção ao Parque da Procissão nos terrenos da igreja de Handel.

O chefe da polícia Scharn telefonou novamente a Croiset. Agora o sensitivo declarou: «O jovem está na vizinhança de uma talharia. Que se passa com ele? É completamente normal ou um pouco atrasado?»

«Não, é um jovem calmo, tímido e bastante estranho.»

«Não precisam de o procurar», enfatizou Croiset. «Ele voltará como um cão chicoteado antes do meio-dia. Não está agora no Parque da Procissão.»

Apesar da insistência de Croiset de que era desnecessário continuar a busca, as autoridades investigaram mais com um cão-polícia. O resultado foi um completo fracasso.

À meia-noite, o homem desaparecido foi subitamente encontrado na quinta do pai em Boekend.

Aí, o noivo melancólico disse à polícia: «No domingo à noite a Riek acabou com o nosso noivado e disse que não voltaria atrás. Na segunda-feira de manhã estava mal-humorado, por isso saí da quinta e comecei a caminhar pelo campo. Depois caminhei na vala que corre atrás do galinheiro. Depois voltei à quinta e escondi-me no sótão. Fiquei escondido lá até às nove e meia da noite. Depois fui pelo campo e pelo bosque até à quinta da Riek… Também andei um bocado na vizinhança da talharia… depois fui à quinta do meu pai… Não, não fui ao café, embora estivesse bêbado no domingo à noite.»

Na manhã de quarta-feira, 15 de junho, o noivo fugitivo regressou humildemente à quinta do tio.

Um relatório detalhado ao Professor Tenhaeff corroborando as imagens específicas de Croiset foi assinado e jurado pelo chefe da polícia Scharn e

aceite e enviado pelo seu superior, inspetor e comandante de grupo Pieter Duran.

Ao avaliar o único "erro" de Croiset sobre o café, o Dr. Tenhaeff observou: «Embora o homem desaparecido não tivesse visitado nenhum café enquanto esteve escondido, tinha o hábito de frequentar o café que Croiset mencionara. O sensitivo recebeu uma forte impressão desse café porque as visitas do homem a ele foram a causa do afastamento entre ele e a noiva. A imagem desse café impôs-se a Croiset entre as suas outras impressões. Isto acontece repetidamente com sensitivos…»

CASO 9

CAPITÃO CAI AO MAR

O ocupado Gerard Croiset contribui ocasionalmente com os seus pensamentos sobre os casos para uma pequena revista publicada em Amesterdão. Chama-lhes "Divagações de Croiset" (ou talvez seja essa a tradução holandesa). Decerto não é "divagação" no sentido habitual de solto ou sem rumo. Longe disso. Revela antes a sua atitude notavelmente objetiva em relação aos seus poderes paranormais, que o Professor Tenhaeff o ajudou a alcançar. Croiset analisa constantemente o "porquê" e o "quando" das suas extraordinárias imagens. Marcos geográficos, quer os tenha visto ou não, são facilmente identificados por ele e alargam o seu campo de perceção, diz. Indutores também podem ser úteis em muitos casos.

Típico do seu uso de objetos concretos é o caso do capitão de um navio no rio Waal perto da pequena cidade de Waardenburg.

Chovia intensamente e o capitão estava no convés, vestido com o impermeável amarelo e botas pesadas. De repente viu a filha pequena cair ao mar. Lançou-se à água, agarrou-a rapidamente e, felizmente, conseguiu atirá-la para o convés em segurança. Mas o peso da roupa impediu-o de se manter à tona e afogou-se.

Familiares do capitão em Culemborg telefonaram a Croiset no dia seguinte, embora ele estivesse então ocupado com outra tragédia de afogamento. Apesar da preocupação do vidente com esse outro caso, durante o telefonema teve impressões claras de um silo e de um bloco de betão com um anel.

Três dias depois, Croiset encontrou-se com a polícia fluvial em Sleeuwijk, uma aldeia perto de Gorinchem. Entretanto fora feita uma busca intensiva, mas sem sucesso, pelo capitão. Agora a investigação foi dirigida por Croiset, que viajava rio abaixo no barco da polícia. Quando pensou que chegara ao local do silo e do anel da sua primeira impressão, pediu-lhes que parassem. Mas sentiu apenas uma emoção ligeira e disse: «Tenho algum contacto aqui, mas continuem, por favor.» Um pouco mais adiante, pediu à polícia que parasse numa zona limpa. Sentiu novamente um arrepio de emoção e comentou pensativamente: «Enganei-me. Mas digam-me, já encontraram algum corpo aqui antes?»

Um polícia fluvial espantado respondeu: «Sim, há cerca de um mês.» O polícia, perplexo, acrescentou: «Sabia, Sr. Croiset, que onde acabou de receber um contacto perto daquele bloco de betão com o anel, no ano passado um homem se afogou ali e nunca encontramos o corpo? Como pode saber de coisas que aconteceram há tanto tempo?»

«O tempo não desempenha qualquer papel quando o sensitivo Croiset está a trabalhar», respondeu altivamente Gerard Croiset. «É a intensidade da emoção que é importante.»

O grupo de busca fluvial chegou pouco depois ao local que o vidente de Utrecht descrevera originalmente ao telefone. «Foi como se ficasse cheio de uma energia que me tornava duas vezes mais gordo do que o habitual», explicou Croiset mais tarde. «Tinha uma pressão na cabeça que me fazia sentir diferente. Como sensitivo, isto não é estranho para mim. Mas é preciso aprender a controlar-se. Precisava dessa certeza neste caso, porque tinha de saber onde, naquele grande rio, podia apontar e dizer: "Aí encontrarão o corpo do capitão."»

As impressões do sensitivo surgiram agora mais fortes no rio com o grupo de busca. Mas avisou a polícia de que o corpo do capitão não seria encontrado rapidamente, porque o impermeável pesado e as botas ficarem presos num obstáculo debaixo de água, possivelmente um ramo de árvore. No entanto, indicou o local exato onde o corpo seria encontrado no futuro. Agora tinha a certeza na própria mente, apesar das correntes que giravam constantemente à volta do corpo.

E assim foi. Três dias depois, o corpo do capitão foi encontrado exatamente onde Gerard Croiset indicara com tanta confiança.

CASO 10

MORTE NUM LAGO

Gerard Croiset sente particular satisfação nos casos em que as suas imagens surgem instantânea e claramente. Este caso é invulgar porque ele conhecia o homem que o consultou. Ainda assim, o sensitivo não recebeu mensagens telepáticas que pudessem toldar as suas primeiras impressões.

Numa tarde do início de 1961, um conhecido de Croiset visitou-o, muito perturbado, relatando que o cunhado caíra do barco e se afogara no Snekermeer, um lago perto da cidade de Sneek. «Mas o corpo ainda não foi encontrado, embora o lago tenha sido dragado a fundo. Pode ajudar-nos?», perguntou.

A princípio Croiset nada disse, apenas traçou uma circunferência em volta da zona do lago. Depois fez uma cruz que representava a direção do vento. Apontando para o canto superior direito, começou: «Aqui na parte nordeste ele deve estar.»

O cunhado do homem respondeu: «Eu próprio não estive lá, mas seguirei imediatamente todas as suas indicações.»

«À direita», continuou Croiset, «no canto superior desenho uma plataforma de desembarque, algumas casas e árvores. Um pouco mais para o meio do lago desenho um banco de areia e digo que aí há uma boia e a água é profunda. Aqui tem de estar o homem que desapareceu.»

No dia seguinte, o cunhado do homem desaparecido telefonou a Croiset e relatou: «Tudo o que viu estava lá, sim. Mas ainda não encontramos o corpo.»

Rapidamente, Croiset respondeu: «No exato momento em que me telefonou, acabei de ter a imagem de um barco da polícia. Digam-lhes que têm de ir mais vinte e cinco metros para leste e aí encontrarão o corpo.»

O cunhado tentou em vão contactar a polícia fluvial, mas já estavam no meio do lago. Depois de esperar várias horas na margem, eles regressaram, novamente sem sucesso na busca. Gelados e encharcados pela chuva, os polícias começaram a ir para casa. Contudo, foram persuadidos a dragar mais uma vez na zona indicada por Croiset. Pouco depois, o homem ansioso na margem viu o barco da polícia regressar lentamente.

Agora a bandeira estava a meia haste.

CASO 11

TERÁ O JUIZ CRATER SIDO REENTERRADO?

Provavelmente o caso de pessoa desaparecida mais famoso do século nos Estados Unidos é o misterioso desaparecimento do Juiz Crater. Alegadamente foi "visto" em praticamente todos os grandes países do mundo na última geração e muita gente afirma que ainda está vivo. Quase tantas explicações foram avançadas sobre as circunstâncias da sua morte: assassinato por inimigos políticos, vítima de amnésia, um acidente obscuro e uma "vida dupla" envolvendo chantagem e uma corista. Alguns comediantes ainda arrancam gargalhadas quando perguntam: «Alguém viu o Juiz Crater?»

Joseph Force Crater, juiz de quarenta e dois anos do Supremo Tribunal do Estado de Nova Iorque, entrou num táxi em frente a um restaurante no centro de Manhattan às nove da noite de 6 de agosto de 1930, acenou com o chapéu Panamá a vários amigos e nunca mais foi visto nem dele se soube. Alegadamente levava 5000 dólares em dinheiro no bolso. A investigação Seabury sobre o mayor James J. Walker e a ligação de Tammany Hall com o poder judicial estava iminente, e Crater presumivelmente tinha muito em que pensar, incluindo a crença pública crescente de que comprara o seu lugar de juiz.

Vinte e seis anos depois, no Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht, na Holanda, o caso do Juiz Crater foi dramaticamente reavivado por Gerard Croiset. Murray Teigh Bloom, jornalista americano de investigação, colocou virada para baixo em cima da mesa à frente de Croiset uma fotografia do Juiz Crater. O Professor Tenhaeff e a sua assistente, Sr.a Nicky Louwerens, supervisionaram a experiência.

Passando delicadamente os dedos sensíveis pelo verso da fotografia, o rosto do sensitivo iluminou-se quando algumas impressões imediatas lhe surgiram. Em breve pô-las em palavras: «Este homem não está vivo… Tem a ver com criminosos, mas não como advogado… ah, como juiz… foi assassinado há muito tempo… talvez há vinte e cinco anos… o juiz foi raptado… atraído… enganado…»

Croiset pegou num lápis e num bloco e desenhou rapidamente um mapa rudimentar de Nova Iorque — uma cidade que nunca visitara. No centro de Manhattan colocou um "X". Na linha inferior do condado de Westchester, perto de Yonkers, colocou outro "X". Apontando para esta zona de Yonkers, continuou: «Aqui foi onde o mataram. É uma quinta, do tipo

holandês, não longe da cidade… Primeiro, dois homens falaram com ele no rés do chão. Depois levaram-no para a cave e dispararam-lhe…»

Recorrendo aos seus poderes de retrocognição, Croiset passou a descrever, com pormenores específicos, a casa, o jardim e o pequeno lago de peixes onde via que o juiz fora enterrado.

Isso revelou-se espantosamente correto. Uma casa colonial holandesa de oito divisões foi localizada em Yonkers, exatamente onde Gerard Croiset, a três mil milhas de distância em Utrecht, dissera que estaria. Quando o jornalista Bloom regressou aos Estados Unidos, mostrou o esboço e as impressões do vidente holandês ao competente Capitão John J. Cronin, comandante do Departamento de Pessoas Desaparecidas da Polícia de Nova Iorque. Inicialmente sem palavras de surpresa, Cronin, que trabalhara em mais de um quarto de milhão de casos de pessoas desaparecidas nos seus trinta e sete anos na Polícia de Nova Iorque, disse por fim em voz baixa: «Até agora, pensava que era o único homem vivo que sabia daquela casa em Westchester.» (Quando discuti recentemente este aspeto com Cronin, acrescentou: «Só desenvolvera essa informação duas semanas antes, a partir de uma fonte independente.»)

Num artigo provocador na revista Harper's de novembro de 1959, Bloom escreveu: «… o caso Crater teve muito pouca cobertura na imprensa na Holanda em 1930, quando Croiset era um empregado de mercearia de vinte anos. Ele não sabia do que eu ia perguntar-lhe e parece improvável que alguma vez tivesse tido motivo para estudar o caso.» Cronin revelou a Bloom que o Departamento de Polícia de Nova Iorque estava então a trabalhar numa pista viva sobre o caso do Juiz Crater que coincidia com a imagem espantosa de Croiset da quinta em Yonkers na Palmer Road: um talhante alemão nascido em Nova Iorque, o falecido Henry Krauss, que sabia que ia morrer e cuja consciência o atormentava, disse a 15 de janeiro de 1954 a um amigo detetive reformado, Peter Golemboski, que emprestara essa casa colonial holandesa em Yonkers a correligionários políticos, incluindo o Juiz Crater. Seis dias depois do desaparecimento do Juiz Crater, Krauss entrara na casa e encontrara sangue por toda a cozinha — que mais tarde teve a certeza de que era de Crater —, bem como muitas garrafas e copos de licor partidos.

Numa visita futura a Utrecht com uma fotografia dessa casa de Yonkers, Bloom foi informado por Croiset de que, depois de o Juiz Crater ter sido assassinado, fora enterrado no quintal dessa casa, perto de água não longe da casa, em frente a três árvores plantadas muito juntas. Espantosamente,

numa visita posterior à casa, o Capitão Cronin soube que outrora havia um pequeno lago de peixes no quintal perto das três árvores muito juntas, mas que fora depois aterrado. Embora esse lago só tivesse sido construído por volta de 1933 — após o presumível assassinato de Crater —, o vidente holandês teve mesmo assim uma imagem clara dele.

Depois de o artigo da Harper's ser publicado, a revista Life (que, aliás, rejeitara inicialmente a história de Bloom) correu agora a aproveitar o renovado interesse público, demonstrando aquela lógica irracional dos editores de revistas que sabem exatamente o que querem mas não têm a certeza. Porque não obter permissão dos atuais proprietários, um jovem casal, para cavar um buraco no quintal da antiga casa de Krauss em Yonkers que o vidente holandês descrevera, encontrar o corpo do Juiz Crater e ficar com o crédito por uma grande reportagem de serviço público?

Os editores da Life, loucos por escavar, apressaram-se a fazê-lo, sem consultar o Capitão Cronin ou o Departamento de Polícia de Nova Iorque.

Embora supostamente tenham recebido 1200 dólares da Life, os atuais proprietários insistiram que os escavadores cavassem numa área do quintal traseiro não visível para os vizinhos — no lado oposto da propriedade ao que Croiset indicara! Apesar desta escavação aleatória, a Life conseguiu uma reportagem fotográfica na sua edição de 16 de novembro de 1959 intitulada «Pista Estranha no Mistério Crater». Era uma grande fotografia de um buraco no quintal. Mas era apenas um buraco e nada mais. O corpo do Juiz Crater não estava lá.

Os escavadores contratados pela Life, de forma aleatória, abriram vinte e quatro pés quadrados — apenas o suficiente para uma fotografia — numa propriedade que tem aproximadamente 5000 pés quadrados.

A 9 de junho de 1963, quando discuti este buraco com Gerard Croiset em Utrecht, ele troçou: «Cavarão demasiado perto da casa e do lado errado. Deveriam ter estudado mais atentamente a localização do lago aterrado ao lado de onde eu disse.» Croiset acredita agora que o corpo do juiz foi mudado alguns meses após o assassinato e reenterrado nas proximidades.

Depois de a escavação impulsiva da Life se ter revelado infrutífera, a viúva do juiz desaparecido, Stella Crater, escreveu com Oscar (The Untouchables) Fraley The Empty Robe, que descreve o desaparecimento de Crater. A viúva do juiz manteve firmemente que não sabia absolutamente nada sobre a vida dele fora de casa e que lá ele era um marido dedicado.

Contudo, parece estranho que tenha demorado mais de uma semana a informar o seu advogado, Simon Rifkind, mais tarde juiz federal, sobre a ausência do marido, e que tenha passado um mês inteiro até o público ser informado. A Sra. Crater troçou da pista surpreendentemente nova de Croiset, mas aparentemente impressionou alguns responsáveis do duro Departamento de Polícia de Nova Iorque.

Como pôde Gerard Croiset "ver" o marido da Sra. Crater a partir de uma fotografia virada para baixo? Os crentes na telepatia diriam que «Croiset não precisava de olhar para a fotografia do Juiz Crater. O jornalista americano (Bloom) sabia de quem era a fotografia e Croiset apenas leu a sua mente.»

Ainda assim, isso não explica como o sensitivo de Utrecht estava ciente da casa em Yonkers e da zona circundante onde Crater supostamente estava enterrado, pois só o Capitão Cronin sabia disso. Este é um dos mistérios dos poderes extrassensoriais do sensitivo holandês.

Recentemente em Utrecht, Croiset deu-me algumas impressões adicionais que teve sobre o caso e que entreguei ao Capitão Cronin. Quando este livro entra na imprensa, estão a ser cuidadosamente verificadas. «Ainda não fechei o caso do Juiz Crater», disse-me Croiset.

Também o Departamento de Polícia de Nova Iorque não, que ainda lista o caso não resolvido como Número 13595. Até agora foram impressos mais de três milhões de cartazes e a busca custou mais de um quarto de milhão de dólares. Se o corpo do Juiz Crater for alguma vez encontrado e o homicídio puder ser provado, a Sra. Crater, que vive discretamente num hotel no Brooklyn, poderá receber 25 000 dólares adicionais pela cláusula de indemnização dupla que as companhias de seguros nunca pagaram.

A "investigação" original do Departamento de Polícia de Nova Iorque em 1930 foi extremamente ineficiente devido à corrupção cívica generalizada durante o regime de Jimmy Walker. Por exemplo, o Juiz Crater estava de férias com a mulher na sua cabana em Belgrade Lakes, Maine, a 3 de agosto de 1930 — três dias antes de desaparecer. Nessa tarde recebeu um telefonema de Nova Iorque e regressou imediatamente. Nunca se tentou rastrear essa chamada, embora fosse comparativamente simples. Uma chamada de pessoa para pessoa de longa distância de Nova Iorque através de uma operadora rural para uma comunidade com menos de mil habitantes é facilmente rastreável.

Além disso, nunca se tentou localizar o Juiz Crater com a ajuda do dentista. O juiz usava próteses dentárias superiores e inferiores e, mesmo que o corpo estivesse decomposto, as próteses ainda poderiam ser prova reveladora.

O consciencioso e inteligente Capitão Cronin disse-me recentemente: «Krauss recebeu misteriosamente uma licença para arma, embora a pistola nunca tenha sido encontrada até hoje entre as milhares que chegaram ao departamento de polícia desde então. A impressão de Croiset de que o Juiz Crater foi reenterrado, que ele lhe disse na Holanda, é francamente nova para mim. Para um talhante como Krauss lidar com um corpo e reenterrá-lo seria uma coisa rotineira. Talvez devêssemos tirar uma fotografia aérea daquela zona da casa de Yonkers. Um dia talvez Croiset nos ajude a resolver o caso do Juiz Crater. Gostaria certamente de o encerrar antes de me reformar no próximo ano.»

Embora outras pistas tenham falhado até agora, as impressões de Croiset sobre este caso parecem corretas. Descrever um homem a partir do verso de uma fotografia antiga e ver o que lhe aconteceu há um quarto de século não é uma atuação invulgar para ele. Quando e se o caso do Juiz Crater for alguma vez completamente resolvido, poderá dever-se em grande parte aos estranhos poderes de Croiset, o Vidente — a três mil milhas de distância.

CASO 12

BUSCA POR PRISIONEIROS ALEMÃES FUGITIVOS

Quando os holandeses dizem «Holanda», referem-se apenas às províncias da Holanda do Norte e do Sul, que incluem as maiores cidades do país: Amesterdão, Roterdão e Haia. Estas duas províncias são tão importantes que o país é geralmente chamado «Holanda» pelos estrangeiros em vez do seu título oficial, Países Baixos, que possui outras nove províncias.

Uma delas é a província de Brabante do Norte, que contém a grande cidade de guarnição meridional de Breda, a doze milhas da fronteira belga. Durante o século XVI, Breda foi um sangrento campo de batalha contra os invasores espanhóis. Agora, três séculos depois, em março de 1949, sete prisioneiros de guerra alemães fugiram de uma prisão de Breda.

Um jornalista empreendedor, Carel Enkelaar, que cobria o caso para o jornal líder Amesterdão Volkskrant, decidiu impulsivamente telefonar a

Croiset para ver se teria pistas sobre o paradeiro dos prisioneiros. Enkelaar estava então em Aachen, na Alemanha.

Croiset estava a viajar pelos Países Baixos, mas Enkelaar acabou por localizar o sensitivo a duzentas milhas de distância em Arnhem.

«Pode dizer-me onde estão aqueles prisioneiros alemães que fugiram da prisão de Breda?», perguntou o jornalista.

Embora Croiset nunca tivesse visitado Aachen, respondeu instantaneamente: «Se for do centro de Aachen, encontrará uma casa com pilhas de ferro. Do outro lado da rua há uma barbearia e uma farmácia, onde vejo alguns artigos de toilette. Numa casa mesmo ao lado, quatro dos sete homens que procura estão escondidos.»

Enkelaar transmitiu rapidamente esta informação à polícia, que investigou imediatamente. «Descobriram, surpreendentemente, que quatro dos sete prisioneiros fugidos tinham, de facto, estado lá no dia anterior», contou-me recentemente Enkelaar. Embora Croiset não tenha sido diretamente responsável pela captura posterior dos prisioneiros, deu um ponto focal definitivo a partir do qual a polícia pôde levar a cabo a sua investigação bem sucedida. Croiset revelou também outros pormenores parapsicológicos notáveis que conquistaram o respeito da polícia e fizeram do jornalista Enkelaar, até então cético em relação à perceção extra-sensorial, um crente convicto daí em diante.

Do ponto de vista policial mais duro, talvez a informação de Gerard Croiset tenha sido um «erro» porque a sua imagem era do passado. Contudo, foi um acerto parapsicológico perfeito.

Ainda assim, até cães-polícia altamente treinados cometem repetidamente estes «erros» quando tentam localizar pessoas desaparecidas. Ouçam o Dr. Tenhaeff: «Conheço casos em que cães-polícia foram a locais onde pessoas desaparecidas tinham permanecido algum tempo e não a onde as pessoas desaparecidas — ou os seus corpos — realmente estavam. Do ponto de vista da psicologia animal, tais “erros” são totalmente normais. Não devemos considerar o cão culpado se indica um lugar que pode ser irrelevante do ponto de vista policial. É já uma proeza notável quando um sensitivo (como acontece repetidamente com Croiset) tem imagens de um lugar onde uma pessoa desaparecida esteve pouco antes de partir para outro e depois não obtém mais impressões. Isto leva alguns céticos a falar com desdém do trabalho do sensitivo. Mas estas pessoas, que só têm olhos para resultados práticos, não percebem que o simples facto de um sensitivo

conseguir obter uma impressão do lugar onde uma pessoa desaparecida esteve algum tempo já deve ser considerado em si mesmo uma atuação paranormal significativa.»

Ele próprio amante de cães e dono de um cocker spaniel preto, Croiset, o sabujo humano, é frequentemente solicitado a ajudar a encontrar cães perdidos das pessoas e outros animais. Hoje em dia, está geralmente demasiado ocupado para responder a tais pedidos.

O sensitivo de Utrecht fez uma exceção no caso de um cientista israelita que estava preocupado com o seu cão. Quando o Dr. Jacob Bramson, diretor do Departamento de Psiquiatria do Hospital Governamental de Bat Yam, em Israel, visitou a Holanda em 1957, o Professor Tenhaeff apresentou-o a Croiset.

«Fui avisado em Israel de que o meu amado cão corria perigo de ser roubado», contou-me recentemente o Dr. Bramson em Telavive. «Perguntei ao Sr. Croiset o que achava disso. Ele disse que sim, era verdade, mas que eu encontraria o meu cão depois de regressar a Israel. E, de facto, foi exatamente assim que aconteceu! Francamente, procurei por todo o Israel um sensitivo com as capacidades de Croiset, mas ainda não consegui encontrar nenhum.»

Em Israel antigo, consultar videntes sobre animais desaparecidos não era invulgar. «Tal como no tempo de Saul», reflecte o estudioso Tenhaeff, «também nos nossos dias os clarividentes são muitas vezes capazes de indicar onde se encontram os animais perdidos. O capítulo 9 do primeiro Livro de Samuel conta como um jovem piedoso chamado Saul, que viria a ser o primeiro rei do Israel antigo, foi enviado pelo pai para recuperar umas jumentas que se tinham extraviado. Depois de as procurar em vão em Efraim, em Salisa e em Saalim, Saul chegou à terra de Zuf, onde decidiu, por sugestão do seu servo, consultar o vidente Samuel. Este profeta disse a Saul que os animais desaparecidos já tinham sido encontrados, como de facto acontecera.»

Aqui ficam três casos típicos de como Gerard Croiset localizou animais desaparecidos na Holanda moderna:

CASO 13

OS CÃES DE CAÇA PERDIDOS

Joure é uma pequena cidade na Frísia, a província setentrional dos Países Baixos, onde as pessoas se assemelham aos tradicionais habitantes da Nova Inglaterra no orgulho que têm na sua herança. São também artesãos de elevado nível. Os relógios frísios feitos à mão, com cenas folclóricas pintadas e esculpidas cheias de cor, eram fabricados ali séculos antes de nascer a indústria relojoeira de Massachusetts.

Um próspero fabricante de tabaco de Joure, o senhor C. J. de Jong, reparou na manhã de domingo, 14 de Novembro de 1954, que os seus dois cães de caça tinham desaparecido. Eram grandes e belos spaniels, mais parecidos com o spaniel de caça inglês (ou springer spaniel) do que com os cockers americanos mais pequenos, que são menos utilizados para caça.

Após procurá-los em vão durante todo o dia, telefonou para a polícia à noite. Mas também a polícia não conseguiu encontrar os valiosos cães.

Na manhã seguinte, De Jong pediu ao chefe dos correios local que alertasse todos os carteiros para perguntarem nas suas rondas pelos cães desaparecidos. Também isso não deu resultado. E os cães não regressaram a casa.

Em desespero, De Jong decidiu consultar um sensitivo. O sargento-mor da polícia Van der Veen sugeriu Croiset. O empresário de Joure telefonou-lhe e perguntou: «Quando posso ir a Enschede falar consigo sobre este caso?»

Croiset não respondeu diretamente, mas perguntou: «São cães de caça?»

«Sim.»

«Têm manchas castanhas?»

«São completamente castanhos.»

«Têm orelhas compridas?»

«Sim.»

«São spaniels grandes, não são?»

«Exato.»

O sensitivo declarou então categoricamente: «Os seus dois cães foram roubados. Estão perto de uma quinta, situada junto a um dique, a noroeste de onde o senhor vive.»

Croiset forneceu depois detalhes adicionais muito precisos: «Vejo uma quinta com um valado atrás. Há um pequeno barco a remos amarrado a um poste. Do outro lado da casa, vejo alguns postes. São de betão ou algo parecido. Entre eles há um estendal. A casa é de pedra. Foi construída por volta de 1912. Perto da casa há um celeiro de madeira. Um pouco mais adiante, há outro edifício de madeira. Vejo também uma árvore bastante torta. Talvez seja uma árvore de fruto. Conhece alguma casa assim perto de Joure?»

«Não, não conheço. Mas vou procurá-la.»

De Jong telefonou imediatamente à polícia com estas pistas específicas, que verificaram as impressões do sensitivo. Algumas horas depois, a polícia informou o empresário de que os seus cães tinham acabado de ser encontrados num celeiro de madeira junto a uma pequena quinta, a noroeste de onde ele morava. Praticamente todos os pontos de referência coincidiam com as imagens explícitas de Croiset.

Depois de os cães estarem de volta a casa em segurança, o agradecido De Jong corroborou tudo numa carta de 21 de Novembro dirigida ao Instituto de Parapsicologia.

CASO 14

VACA NUM PRADO

O clarividente Gerard Croiset localizou outros animais desaparecidos, especialmente quando estava em jogo um aspeto económico. Tendo ele próprio trabalhado como trabalhador agrícola na adolescência, compreende que o sustento de um criador de gado depende inteiramente dos seus animais, ao passo que, como ele próprio diz, «um cão ou um gato serve apenas para diversão».

No dia 15 de Novembro de 1961, um agricultor de Wierdon telefonou a Croiset a informar que uma das suas vacas tinha desaparecido. Como na zona se tinham registado muitos roubos de gado na altura, perguntou: «Roubaram-me a vaca?»

Croiset teve impressões fortes e descreveu corretamente a quinta onde a vaca se encontrava, a casa e os prados, dizendo: «A vaca será encontrada num prado a cerca de cem metros da estrada. Vejo uma quinta, em direção norte-nordeste, a cerca de dois quilómetros desse prado. A quinta foi construída por volta de 1910. Há um touro e há a vaca.»

O agricultor foi falar com o agente da polícia local, que conhecia os poderes de Croiset, e transmitiu-lhe o que o sensitivo tinha dito. A polícia mediu cuidadosamente no mapa e rapidamente localizou a quinta. Mas não encontrou qualquer sinal da vaca no prado que estavam a revistar. Um agente perguntou ao dono da quinta: «Em algum dos seus prados há uma vaca que não lhe pertence?»

O agricultor respondeu: «Sim, tem razão. Há algumas semanas veio aqui uma vaca ao meu touro. Foi um verão terrivelmente seco e a vaca parecia tão magra que decidi mantê-la aqui algum tempo. Vamos lá ver ao prado.»

Um curto passeio e lá estava a vaca desaparecida, mugindo satisfeita no prado do agricultor, exatamente a cem metros da estrada.

Um caso fácil para Gerard Croiset. E ganhou a sincera gratidão do agricultor cuja vaca estava noutro prado, precisamente onde o clarividente a tinha visualizado.

CASO 15

PORCA EM TRABALHO DE PARTO

Os animais têm um forte instinto de parir os seus filhotes em privacidade e num local à sua escolha.

Na manhã de sábado, 3 de Outubro de 1959, uma porca holandesa (a quem chamarei Sonji) mostrou sinais inequívocos de que o parto estava iminente. O agricultor E. U. Stokreef, da pequena localidade de Enter, no leste da Holanda, apressou-se a preparar a maternidade. Mas Sonji, não querendo ser impedida de levar a cabo os seus próprios planos para o parto, viu a oportunidade e fugiu. O agricultor, a mulher e os vizinhos procuraram a porca desaparecida durante todo o sábado e domingo, mas sem sucesso.

Na manhã de segunda-feira, uma amiga, a senhora Marie Heijmerink, visitou a família Stokreef. Mal soube da porca desaparecida, insistiu com o agricultor para telefonar a Croiset. Como ele hesitava, a senhora Heijmerink ofereceu-se para telefonar por ele.

Croiset respondeu à primeira pergunta dela imediatamente, dizendo: «À frente da casa vejo água. O animal não está lá dentro. À esquerda da quinta, nas traseiras, há um valado. A cerca de dez minutos a pé da casa há um arbusto, junto ao valado. A porca está nesse arbusto.»

A senhora Heijmerink perguntou então ao sensitivo: «Já teve os leitões?»

«Vão lá ver a esse arbusto e depois telefonem-me outra vez», respondeu Croiset, com um tom divertido na voz.

Depois de transmitir aos Stokreef o que Croiset dissera, a senhora Heijmerink acompanhou-os ao local indicado pelo sensitivo. O valado seco, a casa, o arbusto, tudo estava lá ao fim de dez minutos de caminhada.

E lá estava também Sonji, orgulhosa mãe de uma ninhada saudável de nove leitões, agora pronta a receber visitas e o justo reconhecimento pelo seu feito.

Tudo lhe foi perdoado.

Com certeza que o toque do telefone já não reserva surpresas para Gerard Croiset. A chamada pode ser sobre um importante assassinato do outro lado do mar ou sobre Sonji, uma fêmea fecunda com vontade própria. Os poderes paranormais de Gerard Croiset movem-se de facto com fluidez e boa vontade por todo o espectro do homem e do animal.

OBJETOS PERDIDOS

Croiset o clarividente utiliza principalmente os seus poderes paranormais em situações que considera benéficas para os seres humanos e para a sociedade. Ainda assim, ocasionalmente aceita trabalhar em casos de objetos perdidos para a polícia e particulares, desde que as perdas lhe pareçam importantes. Chamadas triviais ou egoístas provocam nele pouca resposta.

Se alguém lhe diz «Senhor Croiset, perdi cem florins [cerca de 28 dólares]», é muito provável que o dotado sensitivo holandês responda apenas «Lamento» ou «Que pena», e depois esqueça completamente o assunto.

Recentemente, em Utrecht, perguntei a Croiset: «Quando gosta de ajudar as pessoas a encontrar os seus bens perdidos?» Franzindo a testa, respondeu com seriedade: «Só quando sinto que há algum serviço à humanidade. Primeiro tenho de sentir que estou a fazer algo útil. Preciso de

ter essa sensação para poder ajudar uma pessoa a encontrar algo que perdeu.»

«Se um órfão perder o dinheiro do almoço», sugeri eu, «provavelmente isso o incomoda muito mais do que se um milionário perdesse todas as suas ações e obrigações?»

«Exatamente!», concordou ele.

Os casos seguintes ilustram as formas como os dons extrassensoriais de Gerard Croiset e a sua mente altamente disciplinada funcionam num domínio em que tem interesse limitado.

CASO 1

O DILEMA DE UM EDUCADOR

O senhor J. G. van Busschbach é inspector estatal do ensino primário em Amesterdão, a capital dos Países Baixos. Com a colaboração do professor Tenhaeff, este importante administrador escolar estudou em 1951 as capacidades telepáticas de crianças do ensino primário em Amesterdão e Utrecht. As suas elucidativas experiências, que alguns anos mais tarde foram levadas muito mais longe pela senhorita Nicky Louwerens no Instituto de Parapsicologia no seu estudo épico com 1188 crianças de Utrecht (capítulo 13), demonstraram a relação telepática clara entre muitos alunos e os seus professores.

Por exemplo, durante uma aula de geografia numa escola primária holandesa, um professor apontou com a vara para cidades num mapa mudo de Espanha e Portugal. «Num determinado momento quis tocar em Oporto, Portugal, em que estava a pensar», recorda o professor, «mas a vara foi por engano parar a Barcelona, Espanha. Fiquei espantado quando muitos alunos escreveram Oporto.»

Em 1958, a pedido do Dr. J. B. Rhine da Universidade Duke, o senhor van Busschbach repetiu estas experiências aluno-professor com crianças do ensino primário e secundário inferior e os respetivos professores em Durham e Burlington, na Carolina do Norte, com resultados semelhantes.

O próprio senhor van Busschbach teve uma experiência telepática com Gerard Croiset nos Países Baixos em Abril de 1955. O educador de Amesterdão estava perturbado porque um conjunto de 600 dos seus valiosos formulários de investigação escolar tinha desaparecido. Tinham

sido enviados para um instituto de investigação científica aplicada em Haia para análise matemática. O senhor van Busschbach escrevera muitas cartas a pedir que lhos devolvessem, mas um dos altos responsáveis, o senhor M., insistia que já tinham sido enviados de volta; que fora feita uma busca exaustiva no instituto e que era completamente impossível que esses formulários desaparecidos ainda lá estivessem. Algo irritado, o senhor M. disse que se «lembrava» perfeitamente de que os documentos escolares que o senhor van Busschbach «tinha perdido» lhe tinham sido enviados alguns meses antes.

Precisando desesperadamente desses formulários mas sem chegar a lado nenhum com o senhor M. durante quase seis meses, a 13 de Outubro o senhor van Busschbach telefonou a Gerard Croiset, com quem já tinha contacto. Nesta chamada privada de sua casa em Haarlem, o educador angustiado contou ao sensitivo que enviara os formulários para o instituto de Haia, mas que tinham desaparecido misteriosamente.

Sem hesitar, Croiset respondeu que os papéis estavam numa sala com dois armários altos.

«Os formulários desaparecidos estão num deles, à direita», enfatizou o sensitivo. «Vejo uma cadeira de escritório, uma cadeira giratória de três pernas, e uma secretária com tampo verde.»

No dia seguinte, Van Busschbach foi ao instituto de Haia com esta informação. Quando entrou no gabinete do senhor M., que nunca tinha visitado antes, imediatamente lhe pareceu muito semelhante à sala que Croiset lhe descrevera no dia anterior. Reparou rapidamente na cadeira de três pernas e na secretária de tampo verde. O senhor van Busschbach contou ao senhor M. o que Croiset dissera e pediu que abrissem o armário da direita.

A princípio, o senhor M. protestou que era absurdo pensar que os formulários desaparecidos estavam no seu armário. Ainda assim, aceitou olhar, embora continuasse a duvidar das imagens do sensitivo.

Para seu enorme espanto, lá estavam os formulários desaparecidos, arquivados incorretamente, no prato superior do armário da direita, exatamente como Croiset previra.

A explicar este tipo de telepatia, o Dr. Tenhaeff disse: «Na maior parte destes casos, os próprios "perdedores" tinham colocado os objetos nesses locais, mas estavam a pensar noutras coisas quando o fizeram. Esqueceram-se das suas ações. A investigação parapsicológica mostra que

este conhecimento latente pode, em certas condições, ser transmitido telepaticamente a um sensitivo.»

CASO 2

DOCUMENTOS JUDICIÁRIOS DESAPARECIDOS

Outro exemplo dos poderes telepáticos de Croiset ocorreu no Tribunal Distrital da cidade setentrional de Leeuwarden. Esta comunidade frísia foi a primeira nos Países Baixos a reconhecer oficialmente os recém-criados Estados Unidos da América em 1782, concedendo um empréstimo de dois milhões de dólares (depois aumentado para trinta milhões) através do embaixador John Adams.

O chefe do cartório do Tribunal Distrital de Leeuwarden escreveu ao professor Tenhaeff a 28 de Junho de 1950: «No cartório deste Tribunal Distrital falta há já bastante tempo uma pasta com documentos relativos a um processo de falência. A pedido do Presidente do Tribunal, o escrivão do Tribunal solicita ao senhor Croiset que localize esses documentos.»

O sensitivo estava demasiado ocupado para dar atenção imediata a este pedido oficial. Estava então absorvido noutros assuntos e não considerava esta tarefa judicial de importância urgente. Dois casos de crianças desaparecidas em que trabalhava na altura pareciam-lhe muito mais urgentes do que um documento jurídico mofado.

Mas alguns meses depois, quando por acaso estava no Tribunal de Leeuwarden por outro motivo, passou casualmente pelo cartório. Após uma breve conversa com o escrivão que lhe escrevera, o clarividente anunciou que não precisava de mais informações.

«Os papéis desaparecidos», disse o sensitivo, «ainda estão neste mesmo edifício. Estão dois andares acima, do lado esquerdo, nas traseiras.»

Croiset descreveu então a pasta perdida que continha os documentos, incluindo na descrição a espessura, a cor e outros detalhes relevantes.

Depois de o sensitivo dar informações detalhadas sobre a sala onde insistia que os documentos se encontravam, subiu dois lanços de escada até ao sótão acompanhado pelo Presidente do Tribunal. Tal como previra, do lado esquerdo, nas traseiras, o Presidente do Tribunal de Leeuwarden encontrou, atónito, os documentos desaparecidos, intocados dentro da pasta que Croiset descrevera.

Não é de admirar que muitos juízes, tal como a polícia holandesa, tenham fé nos poderes de Gerard Croiset.

CASO 3

O IMPERMEÁVEL E O CORÇO

Além de juízes, alguns responsáveis policiais recorrem ocasionalmente à ajuda de Croiset para encontrar objetos desaparecidos.

Este caso complexo de um inglês com perturbações mentais é esclarecedor para os estudiosos da perceção extrassensorial devido às imagens e incidentes sobrepostos que Gerard Croiset teve de avaliar. O caso foi também invulgar porque a sua resolução dependeu da localização de um objeto perdido — o impermeável de um inglês.

Nos arquivos do Instituto de Parapsicologia existe um relatório completo sobre ele redigido pelo senhor H. Olthof, comissário-chefe da polícia estatal em Oldenzaal, pequena cidade industrial perto da fronteira alemã.

Este responsável policial encontrou um jovem inglês atordoado na manhã de sábado, 18 de Novembro de 1950, perto da colina de Tankenberg, na localidade de Losser, nos arredores de Enschede. Julgou-se aconselhável levá-lo imediatamente para o hospital psiquiátrico de Ermelo.

«Fui informado logo nessa noite que o jovem tinha perdido ou deitado fora o seu impermeável», relatou o comissário-chefe Olthof. «No impermeável estavam o dinheiro, a carteira, o passaporte e outros documentos de identificação. Sem esses papéis, era difícil localizar a sua casa ou enviá-lo de volta para a família, presumindo que tivesse família.»

Na noite de sábado, Olthof começou a procurar o impermeável desaparecido no local onde encontrara o jovem nessa manhã. Mas tinha chovido nessa tarde e muitas crianças tinham brincado na zona. A probabilidade de agora encontrar o impermeável, mesmo com a ajuda de um cão-polícia, parecia reduzida, pois todos os cheiros tinham sido apagados.

Por isso, o comissário-chefe decidiu visitar um sensitivo que conhecia em Oldenzaal, G. Ter Laak, que também tinha sido testado no Instituto de Parapsicologia. Ter Laak ouviu atentamente e depois indicou ao comissário-chefe não só o local exato onde o inglês fora encontrado, mas também onde julgava que estava o impermeável do homem internado.

«Com o meu colega, o senhor Sukkel», relatou Olthof, «fui ao local, mas já estava a escurecer, por isso tivemos de interromper a busca até à manhã seguinte. No domingo voltámos lá, desta vez com o senhor Croiset e o senhor Ter Laak. Quando íamos na direção do Tankenberg, o senhor Croiset indicou rapidamente o sítio onde eu tinha visto o inglês pela primeira vez. Saiu do carro e disse: "Há ali uma quinta. Perto da quinta há uma árvore com uma rede de arame à volta... uma paisagem... um prado... um campo de nabos. Atrás deste campo há arame farpado e, atrás disso, alguns arbustos com pinheiros. Algo ou alguém se enforcou ali nesses pinheiros."

Ter Laak tinha visto o impermeável do inglês ao pé de uma árvore. Mas agora Croiset via esse local a cerca de setenta metros de onde estacionara o carro. Croiset também teve a imagem de um rapaz de cerca de catorze anos a caminhar com um impermeável no braço. Para ele, isso significava que o impermeável já não seria encontrado no local que indicara. Mais uma vez a busca teve de ser interrompida por causa da chuva e da escuridão.

Na manhã seguinte, o comissário-chefe Olthof e o senhor Sukkel voltaram ao local que Croiset «vira». A quinta, a paisagem, a árvore cercada por rede de arame e o grupo de pinheiros foram facilmente localizados. Mas não havia impermeável pendurado. Além disso, também não havia nenhum corpo onde Croiset dissera que «algo ou alguém se tinha enforcado».

Pouco depois, porém, a investigação revelou que vários caçadores tinham estado na zona e que um corço se tinha enforcado numa árvore de pinheiro. Este pequeno veado macho e esguio, com hastes de três pontas, ficara preso numa armadilha ali colocada pelos caçadores.

A impressão de Croiset de que «algo ou alguém se tinha enforcado» ali foi a razão por que inicialmente suspeitou que o inglês se tivesse suicidado. Mas o disciplinado sensitivo reconheceu que se tratava de uma sobreposição de duas imagens e prosseguiu para imagens mais fortes e claras na sua mente. Croiset já antes recebera uma imagem correta da luta mortal do corço quando estava a setenta metros de distância, segundo o relatório do comissário-chefe Olthof.

Croiset também tinha razão ao insistir que o impermeável do inglês não seria encontrado perto do local que indicara. Na manhã seguinte, um rapaz de catorze anos que tinha estado a jogar futebol num prado próximo levou um impermeável para a esquadra da polícia e disse que o encontrara perto da árvore que Croiset indicara.

Curiosamente, não era o impermeável do inglês.

CASO 4

O PASSAPORTE ESCONDIDO

O caso seguinte é muito mais simples.

O senhor W. P. C. van Dijk, de Leiden, telefonou ao professor Tenhaeff a 1 de Março de 1953, dizendo: «Perdi o meu passaporte.» Percebendo que era uma perda preocupante, o amável parapsicólogo da Universidade de Utrecht encaminhou-o para o seu sensitivo estrela.

Após ouvir brevemente o caso, Croiset disse logo: «Não se preocupe, o seu passaporte está numa pasta cinzento-nevoeiro. Mas vejo também a cor rosa. O seu passaporte deve estar num escritório ou numa espécie de armazém.»

«Esta informação», relatou mais tarde Van Dijk ao Dr. Tenhaeff, «revelou-se absolutamente correta. O meu passaporte foi encontrado no nosso escritório onde guardamos o material da empresa. Este escritório também serve de armazém. Temos lá muitas pastas onde arquivamos as faturas. Essas pastas têm capa cinzento-nevoeiro. Em cima dessas pastas cinzentas havia três dossiers cor-de-rosa — tudo exatamente como o senhor Croiset disse. O meu passaporte deve ter caído entre essas faturas. Provavelmente aconteceu quando verifiquei uma fatura de uma pasta que estava aberta em cima da minha secretária.»

Um exemplo claro de leitura telepática da mente de um consulente sobre o sítio onde deixara cair o passaporte.

CASO 5

O MÉDICO ESQUECIDO

O sensitivo Croiset dedica pouco tempo a casos de objetos perdidos que considera insignificantes e, por vezes, falha detalhes sem importância.

Um médico de Utrecht, o Dr. J. H. Sebus, que o professor Tenhaeff conhece muito bem, perdeu no início de Novembro de 1955 um pequeno livro valioso. Tratava-se de uma rara edição antiga de um tratado médico e o Dr. Sebus prezava-o muito o volume. Acreditava que tinha sido roubado

por um homem que o visitara várias vezes e mostrara um interesse cobiçoso pelo livro.

O Dr. Sebus, que também conhecia Croiset, perguntou ao sensitivo se tinha alguma impressão sobre o seu tesouro. Croiset respondeu imediatamente: «Não foi roubado, doutor. Vejo-o no seu armário que tem cortinas verdes.»

O precioso livro foi mais tarde encontrado pelo Dr. Sebus na gaveta da sua secretária, coberta por um pano verde.

«Croiset viu um armário em vez de uma gaveta», comenta o Dr. Tenhaeff. «O pano verde que cobria a secretária confundiu-o com cortinas.»

Ao discutir o sucesso parcial de Croiset noutro caso, o diretor do Instituto de Parapsicologia disse: «Alguns céticos esperam que o sensitivo veja tudo. Se ele não corresponde às expectativas, não é autêntico aos olhos dos não iniciados.»

CASO 6

PRECOGNIÇÃO SOBRE UMA CARTEIRA DE SENHORA

O senhor S. G. Buine, vizinho de Croiset na sua antiga cidade natal de Enschede, relatou ao professor Tenhaeff: «No dia 8 de Julho de 1952, a minha irmã veio tomar chá com a minha mulher a nossa casa. Sentou-se do lado direito da sala de estar, nas traseiras, perto das portas abertas para o jardim. Pousou a carteira no chão, encostada a uma perna da cadeira.

«Quando a minha mulher e a minha irmã ouviram o bebé a chorar no quarto, foram ver o que se passava. Estiveram ausentes cerca de vinte minutos. Quando regressaram à sala, a carteira da minha irmã tinha desaparecido. Devo mencionar que, num período relativamente curto, também tínhamos perdido duas carteiras e uma nota de dez florins [2,80 dólares] desaparecidas em casa.

«A minha mulher sugeriu que telefonássemos ao senhor Croiset. Foi o que fizemos.

«O senhor Croiset disse-nos imediatamente que a carteira estava no fim da sebe que contornava o nosso jardim e o prado, e que a encontraríamos ali debaixo da relva, perto dos arbustos. Procurámos ali e em todo o lado, mas não a encontrámos. Três dias depois, quando dois homens estavam a

cortar a relva alta no nosso prado, contámos-lhes o caso da carteira perdida e oferecemos uma recompensa pelo seu achado. Em poucos minutos, os homens vieram a correr com a carteira. Tinham-na encontrado exatamente no local indicado pelo senhor Croiset.»

«Numa carta que o senhor Buine me escreveu», comenta o professor Tenhaeff, «afirmava que suspeitar de certo indivíduo pelo roubo. Croiset partilhava a mesma opinião. Contudo, não quis dizê-lo porque receava estar a ser influenciado telepaticamente. Limitou-se, por isso, a descrever o lugar onde a carteira estaria no futuro. É provável que Croiset tenha tido uma visão do futuro [precognição]. Quando lhe telefonaram pela primeira vez, a carteira ainda não estava no local que ele descreveu. Foi lá colocada mais tarde pelo ladrão.»

CASO 7

OS CHEQUES DE VIAGEM

Muitas vezes Croiset considera que encontrar objetos perdidos das pessoas é tão insignificante que nem sequer se dá ao trabalho de contar ao professor Tenhaeff.

O caso seguinte só aparece neste livro porque o meu colega jornalista Paul E. Deutschmann, antigo funcionário do Bureau of Public Affairs do Departamento de Estado dos EUA em Washington, por acaso o presenciou quando visitou Croiset em sua casa em Utrecht, em Novembro de 1959.

O telefone tocou, contou-me ele, e Croiset atendeu. Quem ligava era um notário da cidade vizinha de Leerdam. O filho do notário tinha regressado recentemente do Canadá com alguns cheques de viagem. Mas agora tinham desaparecido misteriosamente.

Croiset ouviu com atenção, mas sem nenhum dos comportamentos teatrais de transe que um visitante americano poderia esperar de um clarividente profissional. Fez uma pausa de alguns segundos e depois disse descontraidamente: «Vejo os cheques de viagem no bolso do seu casaco azul, dentro do roupeiro do quarto.»

O interlocutor protestou: «Mas isso é impossível. Foi o meu filho quem os teve por último. Perdeu-os quando vinha do banco para casa.»

Ignorando a explicação, Croiset respondeu secamente, antes de desligar: «Procure lá na mesma e volte a telefonar-me.»

Cinco minutos depois, o notário ligou de novo. «O senhor tinha razão!», admitiu, envergonhado. «Os cheques estavam no casaco azul que quase nunca uso. Não percebo como lá foram parar nem como o senhor soube.»

Também o visitante americano, perplexo mas agora menos cético, não percebia.

Outros sensitivos estudados pelo professor Tenhaeff têm muito mais interesse em encontrar objetos perdidos do que Croiset. Alguns até se especializam nesse campo.

Uma companhia de seguros consultou em Abril de 1942 o falecido E. Benedict, que era notavelmente bem-sucedido na recuperação de objetos perdidos, sobre a perda de um valioso colar de pérolas que tinha segurado. A dona do colar, a senhora S., suspeitava que lhe tinha caído na sanita. Mas os canalizadores contratados pela companhia de seguros, após examinarem as instalações, concordaram que, mesmo que a suspeita da senhora S. fosse correta, o colar já não poderia estar no cano da casa. Afirmavam que já teria passado para o esgoto principal e estaria perdido para sempre. Os canalizadores sustentavam que era mais provável que a senhora S. estivesse enganada e que o colar não tivesse caído na sanita, mas sim perdido noutro lugar.

Ainda assim, o clarividente recebeu uma imagem imediata e clara de que o colar tinha caído na sanita. Após visitar a casa da senhora S., examinou a casa de banho, deu uma volta à casa e descreveu com exatidão o sítio onde via o colar preso num tubo de saída. Embora os canalizadores continuassem a ridicularizar a ideia, os responsáveis da seguradora ordenaram que abrissem o cano nesse local. E o colar saiu de lá! O relatório da companhia de seguros, que se encontra nos arquivos do Instituto de Parapsicologia, termina assim: «Tendo apenas a informação de que faltava um colar de pérolas, ele [o sensitivo] indicou onde o colar se encontrava… isto merece menção especial e reconhecimento oficial.»

O protegido de Croiset, Warner Tholen, de Emmelkoord, interessa-se mais por encontrar objetos desaparecidos do que o próprio mestre.

Quando o empresário F. J. Erkelens, da cidade de Boskoop, telefonou ao Dr. Tenhaeff a 7 de Maio de 1959 a informar que a sua empresa, que importava máquinas de escritório, tinha perdido uma importante caixa de estêncis datilografados, incluindo o original, o parapsicólogo encaminhou-o para Tholen, que vivia naquela zona.

«Há algum telhado plano perto da vossa fábrica ou escritório?», perguntou o sensitivo ao telefone.

«Trabalhamos na casa onde moramos», respondeu o empresário. «Mas a casa do vizinho tem telhado plano.»

«Têm alguma mesa comprida?»

«Sim, temos mesas compridas ao longo das paredes onde trabalhamos.»

«Que é esse verde-claro, esse verde-azulado que vejo?»

«Temos muitas caixas de estêncis. A cor delas é verde-clara.»

«Que é aquele objeto que vejo no meio do vosso chão?»

«É um armário de madeira. Em cima está a máquina de estêncis e por baixo há divisórias com caixas de estêncis como a que falta.»

«Vão lá ver bem e telefonem-me outra vez», aconselhou o sensitivo com confiança.

«Logo após esta conversa», relata o empresário Erkelens, «encontrei a caixa de estêncis perdida entre as centenas de outras que estavam guardadas nesse armário de madeira. A etiqueta estava marcada erradamente, razão pela qual a tínhamos passado despercebida na busca anterior.»

«Foi mais um caso claro de telepatia», observa o Dr. Tenhaeff. «O sensitivo extraiu da psique do consulente. Percebeu que o homem lá tinha colocado a caixa de estêncis desaparecida, mas esquecera-se disso. No entanto, o sensitivo sabia-o subconscientemente, através do seu conhecimento latente, que a caixa estaria naquele lugar. Há também inúmeros casos de pessoas que veem em sonhos onde estão escondidos objetos desaparecidos.»

Outro sensitivo que, tal como Croiset, foi considerado «esquisito» em criança contou ao diretor Tenhaeff o seguinte, publicado nos Anais do Instituto de Parapsicologia n.º 2, de Dezembro de 1962:

«Um dia não se encontrava uma chave. A mãe tinha-a guardado algures e esquecera-se onde. Eu tinha sete ou oito anos na altura. Perguntei à mãe o que procurava e, quando ela disse "uma chave", respondi: "Ah, está naquela gaveta da máquina de costura." E estava mesmo. A minha família achou aquilo muito estranho. Falaram disso uma noite enquanto jogavam às cartas, estando eu na sala. O meu pai recusou-se a acreditar e disse que eu

tinha feito uma partida e escondido a chave. Três semanas depois aconteceu coisa semelhante. Mais uma vez encontrei o objeto perdido. Simplesmente tive a ideia: "Está ali!" Tornou-se uma espécie de jogo na nossa grande família…»

Outro sensitivo estudado pelo professor Tenhaeff foi chamado a encontrar uma valiosa pulseira de ouro da senhora A.v.B., da localidade de Dongen. Ela estava a jogar ténis com o marido na tarde de sábado, 22 de Abril de 1952, e, por precaução, antes do jogo entregou-a ao marido para guardar. Ele meteu-a no bolso das calças, mas, quando o jogo acabou, esqueceu-se de lha devolver. Quatro dias depois, quando o casal se preparava para ir a uma festa, a senhora A.v.B. ficou chocada por a pulseira estar "perdida".

O clarividente Peter Jansen visitou a casa deles poucos dias depois. Pediu que lhe vendassem os olhos e dirigiu-se sozinho ao quarto do casal, embora nunca tivesse estado naquela casa. Aí, apontou para o sítio onde estavam penduradas as calças de ténis. Tirou a venda, olhou para debaixo da cama e anunciou: «A pulseira estava deitada debaixo da cama. Vejo-a a cair do bolso das calças. Quem varreu ou aspirou debaixo da cama?»

Após o clarividente falar com a criada, acompanhou o senhor e a senhora A.v.B. à lixeira municipal onde, vendando-se novamente os olhos, apontou numa direção específica com a mão, marcou uma linha com o pé, caminhou vinte jardas para a direita e rodopiou várias vezes sobre si mesmo. Tirou a venda e procurou o ponto onde as linhas se cruzavam. Depois de escavar ali, tirou de lá a pulseira perdida, para grande alegria do senhor e da senhora A.v.B.

Ainda outro sensitivo que, tal como Croiset, manifestou capacidades telepáticas na infância ao encontrar objetos perdidos contou ao professor Tenhaeff: «Quando tinha doze anos, recebi de repente a imagem do sítio onde encontrar um pacote que uma colega de escola tinha perdido. Lembro-me de ver que o pacote desaparecido estava embrulhado em papel cinzento e encostado a uma árvore. Fui direito a ele!»

Nos Estados Unidos conheci e observei uma sensitiva que tem sido extraordinariamente bem-sucedida a encontrar objetos perdidos. Chama-se Florence Sternfels, de Edgewater, Nova Jérsia, e é psicometrista há mais de quarenta anos. Faz-me lembrar fortemente Gerard Croiset na sua atitude de serviço público em relação ao trabalho.

«Muitas pessoas são como esquilos», ri-se ela. «Escondem as coisas e esquecem-se onde.»

Mulher calorosa e cheia de cor, Florence é franca quando acha que o consulente merece clareza. Um empresário exasperado uma vez praticamente enfiou-lhe à força a fotografia do irmão falecido, ordenando-lhe que se despachasse a localizar as contas bancárias que o seu irmão «avaro» tinha escondido. «Fiquei tão irritada com ele que me recusei a dizer-lhe qualquer das minhas impressões», recorda ela.

Mas, tal como Croiset, Florence sente imediatamente simpatia por pessoas menos gananciosas com perdas honestas. Recentemente encontrou obrigações do governo americano para um membro do Conselho de Educação da cidade de Nova Iorque; localizou capítulos perdidos de um livro que um psiquiatra nova-iorquino estava a escrever; identificou o local onde um carro roubado de um operário de uma fábrica de Nova Jérsia tinha sido abandonado; disse a uma mulher de Connecticut onde tinha deixado a dentadura numa noite em que estava com febre.

«Lembro-me de uma jovem esposa ruiva que se arrependeu de me ter visitado», recorda Florence. «Tinha extraviado 1200 dólares em dinheiro e cheques de viagem. Estava zangada e assustada, gritava que tinha de os encontrar. Disse-lhe onde estavam e depois falei-lhe mulher para mulher: "Está a pensar deixar o marido, não é, querida? Pense bem primeiro." Ela saiu a correr e foi-se embora de carro. Encontrou o dinheiro e depois picou-me ao telefone: "Vou ficar em casa porque, mesmo que me vá embora, o meu marido vinha ter consigo e a senhora só lhe dizia onde eu estava. Odeio-a, Florence!"»

Numa noite recente sugeri a Florence: «Lembra-me o Croiset nalgumas coisas. Devia ir à Holanda ser testada pelo professor Tenhaeff.» Rindo às gargalhadas, respondeu: «Ora, eu nem dinheiro tenho para ir à Carolina do Norte ser testada pelo Dr. Rhine tenho.» A 18 de Fevereiro de 1950, o Dr. Rhine escreveu a Florence pedindo-lhe que explicasse «… a forma como descobriu a sua capacidade e algo sobre a maneira como a utiliza.» A 18 de Março de 1954, o Dr. Rhine tentou novamente investigá-la por correspondência. Mas Florence, extrovertida e terra-a-terra, prefere ser estudada pessoalmente.

Os clarividentes, onde quer que vivam, tendem a «especializar-se», utilizando os seus poderes paranormais nos campos que mais os interessam. Inúmeros sensitivos naturais desconhecidos só têm sucesso dentro desses limites estreitos, porque nunca beneficiaram de testes e treino com um

parapsicólogo qualificado como Gerard Croiset beneficiou com o professor Tenhaeff ao longo dos últimos dezoito anos.

O professor idealista orientou as capacidades do seu sensitivo estrela para canais de serviço público. Sempre que pessoas gananciosas pedem a Croiset que encontre tesouros perdidos ou enterrados, ele despacha-as sumariamente.

«Só me interessa ajudar pessoas com problemas mais importantes», diz Gerard Croiset, como o capítulo seguinte demonstra.

PROBLEMAS E ENIGMAS

A paixão de Gerard Croiset por colocar as suas capacidades extrassensoriais ao serviço prático e socialmente construtivo coloca-o em contacto com homens e mulheres de todas as classes sociais. Procuram a ajuda do sensitivo de Utrecht para os mais variados problemas quando não encontram solução noutro lado.

Ao ajudar estas pessoas, Croiset faz eco da convicção do professor Tenhaeff de que, hoje em dia, o método qualitativo em parapsicologia é muito mais importante do que o método quantitativo de adivinhar cartas, praticado durante longo tempo pelo Dr. J. B. Rhine na América e pelo Dr. S. G. Soal em Inglaterra.

Ainda assim, o atarefado Gerard Croiset só ajuda atualmente pessoas com um problema pessoal invulgar, que estejam em sérias dificuldades ou quando está em jogo algum benefício público. Se fosse mantido um registo diário das chamadas que chegam ao sensitivo de Utrecht, revelaria uma incrível variedade de tarefas. Embora Croiset tenha de ser cada vez mais seletivo na escolha dos casos, relata conscienciosamente ao Instituto de Parapsicologia mesmo pequenos incidentes se contribuírem para o conhecimento dos seus poderes paranormais.

Por exemplo, o gerente de uma lavandaria no leste de Twente contou ao professor Tenhaeff esta estranha história no início de 1950:

«Há algum tempo que tínhamos problemas com a lavandaria. Apareciam frequentemente pequenos buracos pequenos na roupa lavada. Tentámos descobrir a causa, mas todos os esforços foram em vão. A minha irmã, que nessa época visitava frequentemente o senhor Croiset, também estava muito preocupada com isso. Um dia perguntou-lhe se ele sabia a razão desses buracos.

«O senhor Croiset disse-lhe que via uma máquina com rolos e que a causa dos buracos se encontrava a trinta centímetros do lado direito de um dos rolos.

«Quando a minha irmã chegou a casa com esta informação, francamente duvidei muito. Não conseguia imaginar como aquela peça específica da maquinaria pudesse ser a causa dos nossos problemas. Mas, perante os danos causados pelo defeito oculto, não quis deixar pedra sobre pedra. À primeira vista, não vi nada de errado na máquina dos rolos. Contudo, quis ter a certeza absoluta, por isso desmontei o rolo. Ao fazê-lo, descobri, para meu grande espanto, que o senhor Croiset tinha razão absoluta. Exatamente no local por ele indicado, um parafuso estava partido e pedaços tinham furado a cobertura do rolo. Esse parafuso partido causava os estragos na roupa.

«Declaro enfaticamente que ninguém na nossa lavandaria alguma vez pensou que aquela máquina específica pudesse ser a causa do problema.»

Outro exemplo dos poderes extrassensoriais de Croiset foi o caso do caixeiro-viajante senhor E. J. t. V., de Hengelo, que visitou o sensitivo com um amigo no início de Fevereiro de 1949. A 4 de Março enviou a seguinte declaração ao professor Tenhaeff:

«Candidatei-me a um emprego em Veghel, no Brabante do Norte, e perguntei ao senhor Croiset, durante a nossa visita, se achava que eu tinha hipóteses de o conseguir. O senhor Croiset respondeu que não, que o meu emprego futuro seria na zona de Roterdão. Disse que via navios, guindastes, etc. Disse que eu iria representar uma empresa de licores chamada De Zwarte Kip [A Galinha Preta] ou algo parecido.

«Algumas semanas depois, respondi a um anúncio de jornal sem identificação e candidatei-me ao emprego. Não havia nome nem morada da empresa no anúncio, apenas um apartado. Não fazia a mínima ideia de quem era. Fiquei muito surpreendido quando recebi resposta à minha carta da Van Olffen, a empresa de licores de Roterdão cuja marca registada era De Zwarte Kip. Fui convidado para uma entrevista. A 26 de Fevereiro fui nomeado representante da De Zwarte Kip em Roterdão, exatamente como o senhor Croiset previra.»

Os poderes precognitivos de Gerard Croiset são frequentemente demonstrados nestes experimentos informais. Fazem-nos quase casualmente, mas com pormenores incrivelmente específicos, ao contrário das vagas e evasivas “previsões” da maior parte dos videntes profissionais.

Um incidente que combinou uma visão do "presente" com o "futuro" referiu-se a um amigo americano meu que visitou Croiset no Instituto de Parapsicologia há pouco tempo. Embora o sensitivo não soubesse absolutamente nada da vida pessoal deste homem, Croiset disse-lhe de repente, enquanto conversavam em alemão: «Está neste momento com problemas no casamento e em breve vai divorciar-se. Vejo outra mulher na sua vida que tem algo a ver com lápis, papel e investigação.»

Isto deixou o meu amigo estupefacto porque era absolutamente verdade. E, como Croiset previra, seis meses depois, já divorciado, casou com a sua investigadora.

Do mesmo modo, quando Lewis Stettner, fotógrafo americano a viver em Amesterdão, estava a tirar algumas fotografias espontâneas de Croiset em Utrecht no dia 20 de Dezembro de 1960 para a minha reportagem na revista, decidiu fazer um pequeno teste. «Tenho uma carta no bolso», disse ao sensitivo. «Consegue dizer-me o que diz a carta?»

Irritado com este desafio pouco científico que lhe cheirava a charlatanice, Croiset recusou cooperar, respondendo secamente: «Por favor, não tenho tempo para jogos de adivinhas. Acabe de tirar as fotografias.»

Mas momentos depois, enquanto posava inquieto para uma fotografia, comentou descontraidamente ao fotógrafo: «A sua carta é sobre um divórcio entre um homem e uma mulher?»

«Acontece que a carta que tinha no bolso mencionava mesmo um divórcio», admitiu mais tarde o fotógrafo Stettner. «Foi coincidência? Considerando todas as possibilidades, alguém poderia ter tirado a carta do meu bolso, mostrado-a a Croiset e voltado a pô-la lá. Mas duvido muito.»

Gerard Croiset tem até algumas visões médicas extraordinárias. Veja-se o caso do senhor F. Wolle, de Colónia, Alemanha, cujo médico estava perplexo com as suas dores abdominais porque não respondiam ao tratamento. Em desespero, este homem, que ouvira falar dos feitos de Croiset, foi à Holanda em Novembro de 1953 consultar o sensitivo holandês.

Logo após olhar para ele, Croiset exclamou espontaneamente: «Que estranho! Vejo uma linha a atravessar a sua bexiga. Nunca vi nada assim na vida!»

O visitante alemão, de olhos muito abertos, ouviu atentamente enquanto Croiset continuava: «É como se tivesse duas bexigas! Como é possível? Só sei que estão cheias e a pressionar uma contra a outra, e vejo uma grande linha no meio. Vá já dizer ao seu médico o que eu disse.»

Embora o senhor Wolle inicialmente pensasse que Croiset devia estar louco, acabou por concordar em fazer uma radiografia à bexiga. Incrivelmente, revelou algo que daria para o "Acredite se Quiser" de Ripley. As radiografias provaram que ele tinha mesmo duas bexigas, defeito congénito nunca detetado.

Mais tarde, quando médicos de faculdades de medicina holandesas e alemãs o confirmaram, o senhor Wolle visitou o Instituto de Parapsicologia para documentar este caso extraordinário. «As impressões de Croiset revelaram-se de valor médico definitivo», concluiu o professor Tenhaeff.

Como pôde o sensitivo ver algo que escapara ao exame médico inicial? Como pôde perceber duas bolsas musculares elásticas na pélvis do homem que armazenavam e expeliam a urina segregada pelos rins?

Na altura em que viu pela primeira vez esta bexiga dupla, Gerard Croiset provavelmente não distinguia uma bexiga de um balão. «Na altura não percebia exatamente o que era uma bexiga», contou-me Croiset. «Vi as duas bexigas do homem de alguma forma para além dos meus cinco sentidos habituais. Tive uma espécie de alucinação, muito diferente da minha consciência normal.»

Ocasionalmente, o sensitivo de Utrecht faz diagnósticos médicos sem sequer falar com o paciente pessoalmente ou por telefone.

Num dia de verão de 1955, a filha adolescente, órfã de mãe, do senhor D., um esforçado fabricante de fogões da cidade de Almelo, visitou o clarividente na vizinha Enschede. Levou consigo o canivete do pai como indutor.

Croiset apalpou o canivete e perguntou de seguida: «O seu pai tem sido tratado recentemente por um médico por causa de dores de estômago?»

«Sim», respondeu a rapariga.

«Bem, diga ao patrão dele que venha ver-me amanhã», sugeriu o sensitivo.

O patrão veio na tarde seguinte e Croiset disse-lhe: «Vejo um cancro no pulmão esquerdo dele depois de pegar no canivete. Por favor, transmita isto a algum especialista médico e peça que o examine mais a fundo.»

O patrão do senhor D. transmitiu imediatamente esta informação ao Dr. E. de J., em Almelo, que organizou uma série extensa de exames. Estes confirmaram a exatidão da visão do sensitivo. O senhor D. era fumador inveterado há anos.

Como pôde o não fumador Croiset ter esta perceção? «Não vi o cancro dentro do pulmão com todos os tecidos encharcados em sangue», explica ele. «Não, vi-o como uma espécie de figura de cera reproduzida por meio de diapositivos a cores. Vejo sempre este tipo de coisas sempre de uma forma que não me perturbe os sentimentos, para que o perigo de uma visão pouco clara seja menor.»

Apesar das suas imagens médicas espantosas, Croiset é na verdade um homem de coração terno que frequentemente se enoja com visões anatómicas. Uma vez, na sala de dissecação de um hospital universitário holandês onde estavam expostas muitas partes de corpos humanos para os estudantes de medicina, a visão revolveu-lhe o estômago. «Fiquei tão enjoado que não consegui continuar o experimento», recorda.

No entanto, durante a guerra, como muitos civis, Croiset ajudou frequentemente a recolher corpos sem vida e mutilados após bombardeamentos. Explica esta diferença de sentimentos dizendo: «Estava então a trabalhar Croiset a pessoa, não Croiset o sensitivo.»

Croiset o sensitivo teve de trabalhar inesperadamente a sua retrocognição em Janeiro de 1953. Enquanto visitava a localidade de Oosterbeek, perto de Arnhem, recebeu um telefonema de Aachen, na Alemanha, do seu amigo jornalista Carel Enkelaar, que lhe perguntou onde é que um concorrente dele planeava entrevistar um antigo oficial nazi nessa tarde.

«Vi imediatamente um mapa da Alemanha com Colónia e Aachen», recorda Croiset. «O resto da Alemanha ficou desfocado. Nunca tinha estado em Aachen e, na verdade, não olhava para aquele sítio no mapa desde o quarto ano da escola. Mas agora via Aachen com clareza. Assim que três quartos de Aachen desapareceram da minha mente, o resto ficou fortemente iluminado. A minha faculdade sensitiva ativou-se e quis ajudar o meu amigo. Agora via uma escola e, à volta dela, uma vedação pontiaguda.

«Do outro lado do telefone, ouvi Enkelaar perguntar ao dono da loja de onde estava a ligar: "Há alguma escola com vedação pontiaguda aqui perto?" A resposta foi que havia duas escolas, mas nenhuma tinha vedações pontiagudas. Mas Enkelaar sabia que, quando eu dizia algo com grande certeza, então tinha de ser verdade! Por isso foi à primeira escola e encontrou, nas ruínas à volta dela, os restos de uma vedação pontiaguda. Eu tinha visto a vedação exatamente como era originalmente, embora naquele momento já não existisse.

O professor Tenhaeff explica este meu processo de pensamento nos seus livros científicos sobre como projeto o passado no presente.»

Um exemplo esclarecedor do funcionamento da mente de Gerard Croiset ocorreu durante uma conferência que o Dr. Tenhaeff deu perante a Associação de Juristas de Direito Penal sobre a utilização de sensitivos para fins policiais, em Janeiro de 1951.

Croiset estava presente e, como experiência perante os juízes e advogados, foi convidado a escolher um indutor da mesa. «Isto pertence-lhe, senhor», disse ele a um advogado. O homem reconheceu que era verdade.

«A sua mulher deu recentemente à luz um bebé?», perguntou Croiset.

«Não», respondeu o advogado perplexo.

«Foi recentemente a um funeral?»

«Não.»

Contudo, as imagens de Croiset tornaram-se mais claras à medida que continuava excitado: «Agora vejo melhor! Esta manhã, às sete e meia, teve uma experiência desagradável no seu quarto. Ficou muito irritado com algo que aconteceu com o roupeiro do seu quarto, que tem um grande espelho. Não é verdade?»

«Pois é», admitiu o advogado atónito. «Como soube? Quando me levantei esta manhã às sete e meia, tentei fazer o mínimo de barulho possível. Queria deixar a minha mulher dormir. Quando abri o roupeiro para tirar uma camisa, rangeu. Esse barulho acordou a minha mulher. Francamente, irritou-me imenso.»

Porque teve Croiset imagens de um nascimento de bebé e de um funeral? A investigação do parapsicólogo Tenhaeff revelou que, no Natal anterior, a mulher de Croiset lhe oferecera de brincadeira uma cegonha com cartola. O

sensitivo, divertido, colocara esse objeto engraçado em cima do roupeiro do seu próprio quarto. Assim, para Croiset, um roupeiro estava associado a uma cegonha de cartola. Durante o experimento, recebeu impressões de uma cegonha e de uma cartola, o que o levou a pensar num nascimento de bebé e num funeral. Só mais tarde surgiu a imagem de um roupeiro que Croiset associava a uma cegonha de cartola. Ao mesmo tempo, recebeu uma mensagem telepática de que o advogado ficara muito irritado nessa manhã e de que essa irritação estava de alguma forma ligada ao roupeiro do quarto do homem.

Ao avaliar os "erros" de Croiset sobre o nascimento e o funeral, o professor Tenhaeff explica: «Cada fragmento aproxima-nos do fim, mas é perigoso tirar uma conclusão apenas a partir de um único fragmento. Este é um fenómeno que lembra quando tentamos lembrar-nos de um nome que esquecemos. Acontece repetidamente que nos vem à mente outro nome associado ao que esquecemos. Este tipo de associação ocorre muitas vezes nos nossos sonhos.»

Aqui ficam alguns casos ainda mais estranhos de Croiset que foram estudados com maior detalhe no Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht:

CASO 1

NÃO OUTRA LOURDES

Santuários, onde quer que estejam no mundo, atraem inúmeros homens, mulheres e crianças de muitos países que acorrem com a fervorosa esperança de serem curados das suas doenças. Muitos outros, de todas as fés e raças, vêm por sincero interesse.

Em Lourdes, França, em 1858, a Virgem Maria apareceu a Bernadette, uma jovem rapariga, que acreditou ser desejo da Madonna que ali fosse construído um santuário para adoração e cura. Atualmente, todos os anos mais de dois milhões de pessoas visitam este célebre santuário. Alguns que chegam de maca deixam lá as doenças, as muletas e os aparelhos ortopédicos na Gruta Santa e conseguem ir-se embora sem ajuda.

Todas as curas relatadas são cuidadosamente investigadas por uma comissão eclesiástica e médica. O número de curas corporais autenticadas pela Igreja Católica Romana é pequeno, mas a maior parte dos peregrinos

doentes que não são curados acreditam que Deus tem outro plano para eles e regressam com paciência e fé renovadas.

Em Janeiro de 1950, em Weert, pequena cidade no sul da Holanda, foi entusiasticamente noticiado que tinha sido descoberto outro santuário. Um adolescente camponês, Mathieu Jacobs, aprendiz de pintor, descreveu uma visão que "vira" dezanove vezes da Virgem Santa. Afirmava tê-la fotografado a 11 de Dezembro de 1949, junto a uma árvore, quatro vezes com uma câmara de caixa 6x9. O filme mostrou quatro impressões e o rapaz afirmava que era essa a "aparição".

O rumor desta "aparição" espalhou-se rapidamente pela aldeia e depois para além dela. Em breve milhares de holandeses, além de muitos turistas, começaram a acorrer ao local. As fotografias nas quais uma figura semelhante à Madonna era vagamente visível, e que o rapaz alegadamente tirara, foram amplamente divulgadas.

O jornalista Carel Enkelaar, então empregado no jornal católico romano de Amesterdão De Volkskrant, e dois fotógrafos da redação, Jan Jonker e Wim Zilver Rupe, examinaram cuidadosamente estas quatro fotografias e negativos e concluíram que o filme tinha sido exposto antes de o rapaz tirar as fotografias junto à árvore. Concluíram que o rapaz cometera uma deceção inocente ao contar a sua visão e que alguma pessoa ou pessoas desconhecidas e sem escrúpulos tinham de alguma forma falsificado estas fotografias.

O rapaz tinha o que o psicólogo alemão E. Jaensch chamava uma "imagem eidética". O professor Tenhaeff, que estudou muitos casos em que crianças experimentaram estas imagens eideticas da Virgem Santa, explica: «Estas imagens vívidas e persistentes, especialmente em crianças, baseiam-se muitas vezes em memórias de imagens vistas nalguma igreja no passado. São projetadas no mundo exterior e não apenas na cabeça da pessoa. São uma espécie de meio-termo para a alucinação e, em muitos casos, podem ser consideradas alucinações. Correspondem frequentemente ao notável dom eidético dos sensitivos.»

Embora os investigadores do jornal soubessem agora que as fotografias eram falsificadas, não sabiam onde tinham sido tiradas. «Como conseguiu o fotógrafo focar a câmara para obter estas fotografias falsas e onde estava ele posicionado?», perguntavam-se eles. Discutiram o caso com um responsável da polícia de Amesterdão que lhes aconselhou consultar Croiset o Clarividente. Os investigadores jornalísticos tinham pouco interesse em perceção extrassensorial e os dois fotógrafos eram

especialmente céticos em relação a Croiset. Mas, como não viam alternativa, acabaram por visitar o sensitivo sem aviso prévio.

Mal tinham entrado na sala de espera de Croiset quando ele perguntou: «Têm alguma ligação com uma placa de vidro debaixo da qual ardem lâmpadas?»

«Não.»

Croiset, porém, insistiu: «Mas vejo claramente uma placa de vidro. E há lâmpadas a arder por baixo. Duas lâmpadas, creio eu. Vejo alguma ligação com tirar fotografias.»

Embora os visitantes negassem, dois deles reconheceram: «Sim, somos fotógrafos. Mas não temos nenhuma placa de vidro como a que descreve.»

«Então porque vêm ter comigo?», perguntou Croiset. «É para eu procurar alguma coisa para vocês?»

«Sim. Temos aqui uma fotografia e queríamos saber onde, nos Países Baixos, foi tirada.»

A fotografia, que lhe foi então entregue como indutor, mostrava os contornos ténues de uma estátua da Madonna tirada contra um fundo de urze e tufos de erva.

O sensitivo pegou nela por um momento e exclamou: «Mas isto é uma burla e uma fraude. Pretendem fazer disto outra Lourdes? Querem saber onde foi tirada esta fotografia? Muito bem, eu digo-vos.»

Croiset fez uma pausa e depois continuou com grande certeza: «Agora vou de Eindhoven para sul, na direção da Bélgica. Mas ainda não chego à fronteira belga. Devo estar na zona de Weert. Vejo claramente um grande carro com a inscrição WEERT RUSEK [Zwieback]. Fui merceeiro, por isso vejo muitas vezes imagens ligadas ao meu antigo trabalho. É Weert, não é?»

Os três consulentes admitiram que a direção do sensitivo estava correta. Agora seguro das suas impressões, Croiset continuou a descrever várias pessoas envolvidas no caso. Muitas destas informações não tinham sido publicadas e eram conhecidas apenas pelos seus três visitantes surpreendidos.

Uma certa dose de respeito pelo sensitivo substituiu o cepticismo anterior.

«Estou muito interessado neste caso», exclamou Croiset. «Acho horrível o que está a acontecer. Agora, escrevam o que digo: "Estou agora no local onde a fotografia foi tirada. Atrás desse local há uma estrada de alcatrão. Estou a uma grande altura e olho para baixo para o telhado de uma igreja que fica abaixo de mim, do lado esquerdo. Quando me posiciono em frente da igreja, de costas para a entrada, viro à direita. Passo por um marco. Sigo a direção indicada e depois caminho numa estrada que tem uma ponte ou um açude… a água corre por baixo da estrada… viro à esquerda… dos dois lados da estrada há quintas. A quinta da direita tem telhado de telhas vermelhas e um anexo. Olhem, assim…"

Croiset desenhou então a quinta e o anexo no seu bloco enquanto acrescentava: «A quinta da esquerda tem telhado de colmo. Ambas as quintas são claramente visíveis desse local; não ficam longe.»

Após olhar em silêncio durante alguns minutos, Croiset perguntou: «Importam-se de ir de carro a Oldenzaal? Lá vive um amigo meu que também é sensitivo. Às vezes é mais exato do que eu a localizar coisas. Isto é toda a informação que vos posso dar agora.»

Enquanto conduzia os três visitantes para Oldenzaal, perto da fronteira alemã, Croiset perguntou de repente por uma caixa de poupança que continha 37,50 florins (10,64 dólares). «Alguém sabe alguma coisa sobre isso?»

Mas ninguém sabia. Croiset recebe frequentemente impressões espontâneas e esclarecedoras enquanto conduz, como o professor Tenhaeff, nos seus testes com o sensitivo, já várias vezes assinalou. Será que se sintoniza instintivamente com os ritmos do movimento e isso dá maior liberdade de fluxo às suas imagens? (Apenas uma conjetura da minha parte; uma pergunta a fazer ao Dr. Tenhaeff.)

Meia hora depois, o grupo de busca estava sentado na sala de estar de G. Ter Laak, sensitivo católico romano que também era estudado no Instituto de Parapsicologia. Croiset disse ao anfitrião: «Temos de descobrir exatamente onde foi tirada esta fotografia.» Ter Laak olhou para a imagem, pousou-a na mesa e respondeu: «Vejo uma estrada de alcatrão…»

Croiset interrompeu-o, dizendo: «Eu também. Nessa estrada há uma igreja. Se virar à direita a partir dessa igreja, chego a um marco.»

«Não», insistiu Ter Laak, «não é um marco. O que é? Parece indicar uma direção, mas não é um marco normal.»

Tão absortos estavam os dois sensitivos nas suas imagens que agora sentiam estar no mesmo local algures na Holanda em vez de na sala de Ter Laak em Oldenzaal.

«Quando vira para essa estrada, vê também água a correr?», perguntou Croiset.

«Sim», respondeu o outro sensitivo. «Há água. Há um açude na estrada e nesse açude há um tubo por onde a água passa para o outro lado da estrada. Há grandes pilhas de ramos de árvores cortadas.»

«E caniços castanhos e alguns tufos de ervas daninhas?», acrescentou Croiset.

Era um diálogo extraordinário. Parecia que os dois sensitivos olhavam pelo mesmo telescópio para o mesmo local!

Foram acrescentadas novas observações: uma árvore isolada antes do local onde a fotografia foi tirada; um prado com arame farpado; um pedaço de pântano. Os sensitivos continuavam a ter imagens que coincidiam perfeitamente. A seguir desenharam um mapa onde inscreveram a lápis tudo o que viam. A igreja era o ponto mais marcante do esboço.

Após estudá-lo, os três jornalistas perguntaram: «Onde, na zona de Weert, fica esta igreja num ambiente tão rural?» Na mente dos dois clarividentes surgiu imediatamente a pequena aldeia vizinha de Altweerterheide, onde pensavam que uma das pessoas ligadas à fotografia falsificada trabalhara temporariamente em duas casas novas. Essas casas ficavam em frente da igreja.

«Vêem alguma coisa do outro lado da estrada?», perguntou Enkelaar.

Olhando para o mapa, Croiset respondeu: «Sim, umas casas. Duas. Parecem novas. Ainda cheiro a tinta. Quando lá chegarem, verão um cão pastor.»

A esta previsão, o espanto cobriu o rosto do jornalista. Parecia estar a pensar: «Como pode Croiset prever onde estará um cão, animal que anda à solta, num determinado momento no futuro? Uma árvore, uma casa, objetos imóveis, sim, talvez. Mas um cão, não!» Sentindo este cepticismo, Croiset comentou indignado: «Não, senhor Enkelaar, não estou a brincar. Quando encontrarem esse local, amanhã verão um cão pastor.» O sensitivo fez duas cruzes no mapa, dizendo: «Aqui está o local. E aqui verão o cão pastor amanhã.»

Quando os três jornalistas foram de carro a Weert no dia seguinte e depois a Altweerterheide, estavam perplexos e ainda bastante céticos. A igreja, a estrada de alcatrão e as casas novas lá estavam. Finalmente, a forma do marco tornou-se clara; não era um marco oficial, pois teria sido visto de longe. Croiset vira uma estrada mais além, mas isso não foi compreendido durante algum tempo pelos consulentes. Por fim, um dos fotógrafos descobriu que o sinal era uma seta a indicar onde ia ser construída uma estrada.

Caminharam com maior confiança em Croiset. Localizaram todos os pontos de referência descritos pelos dois clarividentes, incluindo a grande pilha de ramos no prado com os caniços castanhos. Embora as quintas de telhas vermelhas e de colmo fossem visíveis, ficavam demasiado longe para corresponder aos locais indicados no mapa. Um fotógrafo caminhou até uma das quintas, mas regressou desiludido.

O outro fotógrafo, porém, caminhou mais um pouco e gritou excitado: «Encontrei o local!» Estava agora no sítio que Croiset vira: areia com relva e tufos de urze contra um muro de terra – exatamente a cena da fotografia! Mal Enkelaar chegou a esse local, um grande cão pastor cinzento, que aparentemente estivera deitado no campo, passou por ele a rosnar e a ladrar, afastando-se depois. Os três céticos de Amesterdão ficaram estupefactos e agora completamente convencidos dos poderes paranormais de Croiset. Até então, todos os pormenores das imagens do sensitivo tinham sido corretos. Projetara mesmo os seus poderes para o futuro e vira o cão. Mas porque não coincidiam as imagens de Croiset sobre as quintas com a realidade?

Os três investigadores entusiasmados regressaram a Weert e telefonaram a Croiset em Enschede. Embora satisfeito com o sucesso das suas imagens até aquele ponto, Croiset insistiu que as quintas estavam mesmo lá, dizendo: «Vejo-as claramente. Procuraram bem? Eu sei que estão onde eu disse.» Esta certeza de Croiset é o que o professor Tenhaeff chama «consciência de realidade», impressões vívidas acompanhadas da forte sensação «Tenho razão».

«Temos a certeza absoluta de que as quintas que descreve não estão lá», responderam os três jornalistas.

Mas Croiset decidiu enfaticamente: «Vou amanhã a Weert. Essas quintas estão lá e quero vê-las!»

Na manhã seguinte, ao conduzir com eles, Croiset proibiu os três consulentes de lhe darem qualquer pista, dizendo: «Quero encontrar a estrada sozinho.»

«Como um pombo-correio a tentar encontrar o caminho», recorda Enkelaar, «Croiset deu duas voltas à pequena praça da estação e depois escolheu definitivamente a rota correta para Altweerterheide sem uma palavra de ajuda nossa. Numa bifurcação hesitou um instante, mas depois seguiu na direção certa. Quando chegou à igreja não virou à direita como nós tínhamos feito, mas continuou em frente. Agora abrandou a velocidade do carro.»

«O local fica aqui perto», exclamou Croiset. «Ontem viraram para a outra estrada. Agora vamos um pequeno bocado e depois viramos à direita, que é outro caminho para chegar ao local.»

O carro parou e todos saíram. Croiset tomou a dianteira. Foi imediatamente na direção certa, passando pela estrada funda. Depois parou, dizendo: «Foi aqui que viram o cão ontem, não foi?» Os jornalistas assentiram em silêncio.

(Quando este caso foi mais tarde relatado ao Instituto de Parapsicologia, o professor Tenhaeff observou: «A comparação de Croiset com um pombo-correio é correta e faz-me lembrar uma afirmação de 1846 do psicólogo alemão C. G. Carus, amigo e médico de Goethe. No seu livro Psyche, Carus escreve que, se fosse possível ensinar geografia a um pombo-correio, o pássaro perderia a sua capacidade instintiva de se orientar. Carus toca aqui num problema com que neste século se ocuparam Henri Bergson e Ludwig Klages: ao desenvolvermos as nossas capacidades mentais, as nossas capacidades originais “intuitivas” [sensitivas] tornam-se cada vez menos agudas… Croiset, tal como o homem primitivo, conservou estas qualidades instintivas e sabe muito bem orientar-se… Contudo, se terceiros questionarem a correção da sua direção, pode momentaneamente perder o rumo…»)

Os jornalistas pediram então a Croiset que apontasse as quintas. O sensitivo olhou à volta como que atordoado e, abanando a cabeça, disse: «Não percebo isto. Têm de estar aqui.» Após refletir um momento sobre a paisagem, Croiset perguntou de repente: «Onde é o local onde o rapaz teve a aparição?» Quando lho disseram, percebeu imediatamente que duas das suas imagens da paisagem se tinham fundido, tão fortes eram as suas impressões. É também provável que tivesse recebido imagens telepáticas contraditórias dos seus três consulentes.

Mas mais certo do que nunca da solução da "visão" do rapaz, sabia agora que, a vários quilómetros dali, na estrada principal de Weert para Stamproy, encontraria as quintas que lhe provocavam emoção tão forte porque estavam intimamente ligadas a este caso complexo; também o local onde o rapaz tivera a aparição; e onde fora tirada a fotografia espúria. Ao chegarem a esta segunda paisagem, tudo se revelou exatamente como Croiset descrevera, todos os pormenores corretos.

Embora duas partes deste caso estivessem agora resolvidas, os autores da burla continuavam desconhecidos. Como a investigação despertara considerável interesse público, Croiset foi então com os três funcionários do Volkskrant à esquadra da polícia de Weert ver o que podia fazer para ajudar. Foram recebidos por um inspetor e um sargento. Croiset começou imediatamente a descrever os culpados envolvidos nas fotografias falsificadas e relatou imagens que lhe surgiam com grande clareza. Depois de terminar de contar as suas impressões sobre o que acontecera, disse ao inspetor: «Esqueci-me de vos perguntar se sabem de alguma ligação entre uma caixa de poupança e este caso. Tive a imagem de uma caixa de poupança com 37,50 florins. Falei nisso com estes três senhores, mas eles não perceberam o que eu via.»

Embora o inspetor não soubesse responder a essa pergunta, o sargento ofereceu-se: «Creio que sei a resposta. Há aqui em Weert um homem que escreveu um folheto sobre a aparição do rapaz. Tenho a certeza de que está ligado a este caso, embora ainda não tenhamos provas concretas. Temos-no sob vigilância há algum tempo e investiguei a venda do folheto dele. Essa venda, descobrimos, rendeu-lhe exatamente a pequena quantia de 37,50 florins.»

A polícia e os demais presentes na esquadra tinham ficado atónitos com as revelações de Croiset desde o momento em que ele começara a falar. Agora, quase não conseguiam falar.

Mas Croiset ainda não terminara. Perguntou: «Esse homem que tem os 37,50 florins mora num boulevard? Vejo uma estrada larga com árvores dos dois lados. Ele vive num edifício onde passa muito dinheiro de mão em mão. Que estranho! Esse homem mora lá? Parece um banco…»

«Sim, senhor Croiset», concordou o sargento. «Coincide exatamente. O homem vive num quarto dos fundos do edifício do banco no Wilhelmina Boulevard.»

«Esse homem é fotógrafo?», insistiu Croiset sem descanso. «Diabos, vejo outra vez aquele vidro fosco com as lâmpadas por baixo. Tenho de ver esse homem! A fotografia foi pousada sobre esse vidro fosco. No momento em que ele estava a trabalhar nela, uma pequena garrafa castanha de líquido caiu da mesa. O conteúdo fez uma grande mancha no chão. A mancha está perto da perna esquerda da mesa. Sabem disso?»

Não, o sargento não sabia de nada disso.

«Pode ser interessante ir lá ver», sugeriu o inspetor.

«Consegue entrar sem ser visto?», perguntou Croiset.

«Claro, arranjo uma desculpa qualquer», respondeu o sargento.

Meia hora depois o sargento regressou. Sim, encontrara a mesa de trabalho com a mancha, de facto perto da perna esquerda, e a placa de vidro por baixo da qual ardiam duas lâmpadas — tudo o que Croiset tinha "visto".

O enigma estava resolvido. O caso passou para as mãos da polícia, que rapidamente identificou os culpados e os levou à justiça.

Fora uma burla cruel. Mas, graças ao brilhante trabalho de um judeu chamado Gerard Croiset, cujos dons transcendem religião e raça, quem sabe quantos milhares de devotos católicos romanos holandeses teriam sido enganados e entristecidos se a cidade de Weert tivesse sido falsamente transformada noutra Lourdes — o que definitivamente não era.

CASO 2

O NAVIO QUE NÃO CONSEGUIA NAVEGAR

Como nação tradicionalmente marítima, a Holanda tem muitos cargueiros, navios costeiros e outras embarcações que saem dos seus rios para países de todo o mundo. A terra é tão baixa nos Países Baixos que estes orgulhosos navios muitas vezes deslizam sobre a água mais altos do que a própria paisagem holandesa, criando a ilusão de um miragem.

No porto secular de Zwijndrecht, no rio Maas, no sul da Holanda, o pequeno cargueiro Maria Judith esteve imobilizado três semanas por avaria mecânica. Nem mesmo os peritos em motores conseguiam descobrir a razão ou o local do problema.

Na segunda-feira, 30 de Junho de 1958, o capitão Willem Jansen, por sugestão do professor Tenhaeff, telefonou a Croiset o Clarividente em Enschede, a 180 km de distância.

«O nosso navio está preso no porto e não conseguimos mexer-nos», explicou o capitão desesperado. «Há qualquer coisa errada com o nosso motor, embora seja praticamente novo. Estamos aqui atracados há três semanas e já tentámos tudo. Os engenheiros não encontram a avaria. A carga está a estragar-se. Se não começarmos a navegar em breve, perdemos a maior parte do lucro. Por favor, pode ajudar-nos, senhor Croiset?»

Gerard Croiset nunca hesita em ajudar um compatriota em apuros. «Vejo dois motores», começou ele. «Estão colocados com o nariz virado para o navio, com a cabeça voltada para a proa. Está certo?»

«Sim.»

«Muito bem», aconselhou Croiset. «Desça à casa das máquinas onde estão os dois motores. Olhe para o motor da direita, nas traseiras. Vai encontrar um tubinho que me faz lembrar o sifão de uma sanita. Nesse tubinho há uma pequena fissura. Só a consegue descobrir se ligar o motor. Depois vaza ali. Experimente e volte a telefonar-me.»

Dois dias depois, o agradecido capitão Jansen ligou de novo e informou que o motor funcionava agora perfeitamente. A fissura que Croiset vira foi encontrada exatamente onde ele previra. Mais fina que um cabelo, era impercetível a menos que o óleo fosse forçado a grande pressão. Fora descoberta no furo do parafuso junto ao tubo que Croiset descrevera. Foi selada e ficou como nova pelos engenheiros.

O responsável pela reparação da fissura, o senhor Dengerink, gerente da firma de engenharia J. Dolderman & Son, na cidade maior vizinha de Dordrecht, também telefonou para agradecer a Croiset. Durante a reparação do navio, o sensitivo dera-lhe, tal como ao capitão Jansen, instruções detalhadas por telefone.

Dois meses depois, a 5 de Setembro, o Dr. Tenhaeff visitou a firma de engenharia Dolderman na Binnen Kalkhaven 13, em Dordrecht, para gravar o testemunho corroborativo do gerente. Entre outras coisas, o senhor Dengerink disse: «Francamente, as indicações do senhor Croiset deram-me muito trabalho, porque tive de mandar fazer grampos e suportes especiais… Mas deram-me a ideia de começar a pressionar com muito oxigénio. Aquecemos a cabeça do motor e aquecemos a água que estava lá dentro. Isso faz-se mais ou menos normalmente quando se monta uma

cabeça de motor e ela atinge a temperatura de trabalho. Só então começou a vazar.»

«Deduzo que aproveitou os factos que o senhor Croiset lhe deu», respondeu o diretor do Instituto de Parapsicologia.

«Decididamente, professor.»

No seu próprio resumo, o Dr. Tenhaeff escreveu: «Embora muitos chamem a isto um caso de clarividência, considero a visão de Croiset um exemplo de telepatia. Segundo a resposta do senhor Dengerink à senhorita N. G. Louwerens, há motivo para supor que ele tinha uma forte suspeita de que a fissura estava no tubinho. Esperava estar enganado, porque procurar uma fissura num sítio daqueles seria tarefa fastidiosa. Contudo, quando Croiset também mencionou essa fissura, o senhor Dengerink sentiu-se reforçado nas suas conjecturas e mandou fazer os grampos e suportes. Mas sem o empurrão que Croiset deu ao senhor Dengerink, a investigação poderia ter demorado consideravelmente mais, a custo muito maior, ou o capitão poderia ter tido de comprar um motor novo.»

Fosse telepatia ou clarividência, a chamada telefónica a Gerard Croiset poupou tempo e dinheiro.

CASO 3

ÁRABES NUM AVIÃO

O dotado sensitivo também teve visões de problemas em aviões, tal como em navios.

Como relatado no capítulo 3, Croiset previu dois dias antes que acontecesse a morte do filho do presidente da KLM, Albert Plesman, no acidente do Constellation-Roermond em Bari, Itália, a 23 de Junho de 1949.

Pouco depois de as primeiras informações escassas e provisórias sobre o acidente chegarem à sede da KLM em Haia, mas ainda não divulgadas ao público, Croiset telefonou ao Dr. Tenhaeff dizendo: «Acabei de receber uma chamada do senhor Plesman. Por favor, anote a minha impressão de que havia três árabes a bordo do avião. Um deles recebeu um pequeno pacote mesmo antes de o avião descolar.»

Três dias depois, estavam em casa de Plesman em Scheveningen, o subúrbio balnear de Haia, onde, aliás, durante a Segunda Guerra Mundial, a

resistência holandesa apanhava espiões pedindo-lhes que dissessem "Scheveningen", palavra que nenhum não-holandês consegue pronunciar corretamente. Agora Croiset contou a Plesman e ao senhor G. Coutinho, assistente da KLM, na presença do Dr. Tenhaeff, o memorando que pedira ao parapsicólogo que fizesse dois dias antes sobre os três árabes. Croiset acrescentou agora que o pacote que um dos árabes transportava poderia conter materiais explosivos e que a catástrofe provavelmente resultara de sabotagem. O sensitivo concentrou-se depois no acidente. Surgiram-lhe novamente outras imagens que descreveu. Uma era de um buraco na asa do avião. «Vejo algo a cair dali», disse Croiset.

Mas isto só estava parcialmente correto. Mais tarde provou-se que o que Croiset vira cair era um bote de borracha. Uma escotilha numa das asas abrira-se quando o avião virou de regresso e o bote de borracha que estava lá dentro caiu.

Dois dias depois, um relatório do escritório da KLM no Cairo para a sede principal em Haia confirmou que, de facto, três árabes tinham embarcado no avião fatal no Cairo. Mesmo antes da descolagem, um deles recebera um pacote que continha queijo. Mas, como o papel de embrulho estava cheio de manchas de gordura, o árabe devolveu o pacote ao homem que lho entregara, com receio de que sujasse a mala.

Esta devolução do pacote não foi vista por Croiset. Também não recebeu qualquer impressão do conteúdo inofensivo do pacote.

A 3 de Julho, Croiset e outros dois sensitivos visitaram o aeroporto de Schiphol, nos arredores de Amesterdão, para se sentarem num Constellation estacionado, semelhante ao fatal Roermond, para ver se conseguiam obter mais impressões do acidente. Os três sensitivos concordaram, a 20 de Julho, que o acidente ocorrera devido ao piloto automático "ter avariado".

Um ano e meio depois, a 22 de Março de 1951, uma comissão de investigação do Conselho de Navegação Aérea concluiu que o avião descera a grande velocidade. Durante este voo picado, perdeu os planos de cauda e deslocou-se em "voo para trás". O voo picado fora provavelmente causado por uma perturbação no autómato de direção elétrica. (As notas de 26 de Junho do professor Tenhaeff, feitas em casa de Plesman, revelam que Croiset recebeu impressões sensitivas corretas sobre esta ocorrência.)

Pessoalmente envolvido como estava, este foi um caso de partir o coração para Gerard Croiset. Embora Croiset tivesse acertado em muitos

factos, provavelmente por causa do seu apego emocional a Plesman, algumas interpretações das suas imagens pareceram erradas — como a teoria da sabotagem.

«O que é verdade para a nossa perceção normal também se aplica à perceção paranormal», recorda o diretor do Instituto de Parapsicologia. «Os sensitivos dão frequentemente uma explicação errada das suas alucinações e fenómenos relacionados… há um paralelo entre um sensitivo e um espectador de cinema a quem telefonam repetidamente durante a sessão, de modo que vê apenas fragmentos do filme. Compreensivelmente, o seu conhecimento do filme difere depois consideravelmente do das pessoas que o viram sem qualquer interrupção.»

CASO 4

PRIMAVERA SILENCIOSA NA HOLANDA

Um caso muito mais bem-sucedido e claro foi o que Croiset trabalhou para um desconhecido, o senhor A. V., de Almelo, que lhe telefonou de Enschede a 12 de Junho de 1954.

«O meu filho pequeno, que tem oito anos, acordou doente há dez dias», explicou. «Tinha os lábios azuis e as unhas também. Estava muito pálido pálido embora dissesse que se sentia bem. Voltei a deitá-lo e chamei o médico. A princípio o médico pensou que pudesse ser envenenamento. Mais tarde suspeitou que fosse algum problema cardíaco.»

Croiset interrompeu e afirmou categoricamente ao telefone: «Não, vejo que é definitivamente um envenenamento. O que é que ele comeu? Alguma fruta? Talvez maçãs ou peras? Vejo uma substância amarela. O que pode ser?»

Pouco impressionado com este rápido diagnóstico leigo, o senhor V. acrescentou: «O meu filho foi levado de ambulância para o Hospital Académico em Leiden. Lá foi examinado por vários médicos da equipa, incluindo um internista e um cardiologista. Fizeram-lhe uma análise ao sangue. Mas ainda não conseguiram diagnosticar a doença.»

Agora ainda mais seguro da sua imagem, Croiset repetiu: «É definitivamente um caso de envenenamento. Venha a minha casa esta tarde e traga o rapaz consigo.»

Nessa tarde, em casa, o sensitivo mandou o rapaz doente sentar-se. Após andar à volta dele e murmurar nervoso, Croiset declarou novamente: «É absolutamente um caso de envenenamento. O rapaz está perfeitamente saudável de resto. Deve ter comido algo como uma maçã ou uma pera. Vejo uma substância amarela. Por favor, pensem bem.»

Tanto o pai como o filho protestaram que isso não podia ser verdade de forma alguma. Mas quanto mais negavam, mais Croiset insistia que era assim.

Finalmente, o pai lembrou-se de que, uma semana antes de o filho adoecer, a 12 de Junho, o rapaz brincara num jardim onde as macieiras e pereiras tinham sido pulverizadas com inseticida. Isso fez o rapaz lembrar-se de que a mangueira do pulverizador se soltara e que um pouco do líquido escorrera pelas pernas nuas dele.

«É isso!», gritou Croiset. «É daí que vem o veneno — o líquido amarelo. Entrou pelos poros da pele e causou o envenenamento.»

«Mais tarde confirmei isto», relatou o pai ao professor Tenhaeff a 22 de Junho, «e soube que, de facto, fora usado um líquido amarelo para pulverizar as árvores de fruto e que provavelmente era a causa do envenenamento. Levei o meu rapaz outra vez ao médico, que preparou um antídoto, e ele depressa ficou novamente de boa saúde, graças ao senhor Croiset.»

O próprio sensitivo refletiu recentemente: «Não quero parecer presunçoso, mas estou habituado a estes sucessos. Mas surpreendeu-me não ter visto o pulverizador quando examinei o rapaz, embora tenha sido trabalhador agrícola e vendido fruta e legumes na estrada onde vi um pulverizador centenas de vezes. Suponho que Croiset o sensitivo viu então algo que Croiset o homem não conseguia ver.»

O professor Tenhaeff acrescenta especulativamente: «Croiset é da opinião que a sua aversão aos venenos com que se pulverizam árvores de fruto e legumes lhe pregou uma partida, de modo que aqui temos um caso de mecanismo de aversão em ação. Croiset adquiriu esta aversão de um amigo que se opõe amargamente às pulverizações, acreditando que muitas doenças, incluindo o cancro de que morreu a mãe de Croiset, provêm da pulverização de frutos e legumes com estes venenos. Embora não se possa dizer definitivamente que esta seja a explicação correta, do ponto de vista de Croiset é plausível.»

Assim, oito anos antes da publicação nos Estados Unidos do inquietante livro de Rachel Carson, Silent Spring, que associava a morte de aves e até uma possível causa de cancro nos seres humanos ao uso generalizado de inseticidas químicos, Gerard Croiset teve, neste caso, uma visão semelhante de uma Primavera Silenciosa nos Países Baixos.

O sensitivo Warner Tholen, descoberto por Croiset e levado ao Instituto de Parapsicologia, foi uma vez consultado pelos desesperados pais de um rapaz de seis anos na pequena cidade de Lemmer. Os médicos estavam perplexos com a alta temperatura da criança e com a perna esquerda dorida que não reagia ao tratamento. «O vosso filho tem de ser operado imediatamente», disse-lhes Tholen. «Vejo um pequeno tumor entre a segunda e a terceira vértebra que os raios X não mostram.»

A imagem incrível do clarividente salvou a vida do rapaz.

Noutra ocasião, Tholen olhou para o livro de música no piano de uma vizinha e viu o rosto de uma Madonna. «De repente transformou-se no rosto da rainha Juliana e vi o texto do 'Ave Maria'», contou-me ele. «Vi um avião com quarenta e um carros funerários e uma pessoa a afastar-se a pé.» Tholen enviou esta impressão por correio ao professor Tenhaeff.

Vários dias depois, o avião Rainha Juliana despenhou-se em Frankfurt, na Alemanha, matando quarenta e uma pessoas. A única sobrevivente foi uma hospedeira que saiu a pé do local do acidente.

«Foi uma impressão notável», explica o Dr. Tenhaeff. «O único erro que Tholen cometeu foi no livro de música. Era o Ave Verum [Hinos dos Mortos] em vez de 'Ave Maria'.»

Eu próprio observei os poderes precognitivos de Tholen a 5 de Junho de 1960. O protegido de Croiset disse-me então, na presença de um funcionário do Escritório Nacional de Turismo dos Países Baixos: «É um erro o vosso Presidente Eisenhower visitar o Japão. Vejo problemas para um membro da sua equipa que está a ser incomodado por uma multidão de pessoas.» Dois dias depois, o secretário de imprensa presidencial James Hagerty, no Japão a preparar a visita, foi apedrejado por uma multidão e teve de ser resgatado por um helicóptero americano.

A 16 de Junho, Ike teve de cancelar a viagem ao Japão. Dois anos depois, quando casualmente mencionei esta estranha imagem a Hagerty num jantar da Society of Magazine Writers, ele perguntou: «Como soube aquele clarividente holandês com antecedência o que me ia acontecer no Japão?»

«Se eu soubesse essa resposta, Jim», respondi, «saberia a resposta para o universo.»

Gerard Croiset procura constantemente essa resposta. Mas o seu trabalho é dificultado porque muitos sensitivos nos Países Baixos têm inveja dele. Por exemplo, no início de 1961, Croiset recebeu um telefonema de um homem de Leiden sobre um caso na pequena cidade vizinha de Zouterwoude, que ele nunca visitara. O sensitivo de Utrecht deu ao interlocutor muitas impressões úteis durante a conversa telefónica de oito minutos e depois considerou a sua parte terminada.

«No dia seguinte li no The Telegraph [o maior jornal da Holanda] que o que eu disse estava exatamente certo», recorda Croiset. «Nessa tarde o homem que me telefonara ligou-me outra vez e disse-me que tudo o que eu dissera coincidia com os factos e que a notícia do jornal estava correta. Prometeu também enviar um relatório ao professor Tenhaeff. Para mim, o caso estava encerrado.

«Imaginem a minha surpresa quando, alguns dias depois, recebi uma carta de um colega sensitivo que vivia perto de Leiden. Estava muito zangado por as minhas impressões terem saído no jornal. Dizia que fora ele quem realmente resolvera o caso. Não percebia como eu obtivera a informação que o jornal publicara como tendo vindo de mim. A carta era tão pouco amigável que não me apeteceu responder nem explicar como tudo acontecera. Do homem de Leiden que me telefonara recebi mais tarde um relatório com as impressões exatas que eu dera. Mas acrescentou que, por uma questão de justiça, tinha agora de mencionar que esse outro sensitivo já tinha feito bastante trabalho neste caso antes.

«Mas porque havia eu de me opor a isso? O que prejudicou este colega? Posso imaginar que, no calor do momento, se tenha zangado. Mas lamento que não me tenha escrito de forma mais amigável. Afinal, não recebera qualquer comentário meu. Soubera como tudo acontecera por outras pessoas. Porque não me perguntou a mim? Eu nunca ouvira falar dele nem sabia o que quer que fosse sobre este caso antes daquele telefonema. O homem que me ligou não mencionou que outro sensitivo também estava a trabalhar no caso. Por isso, quando me telefonaram e pediram que pusesse a minha capacidade sensitiva a trabalhar, quem pode dizer que eu não retirei telepaticamente dos dados do meu colega o que ele já sabia sobre o caso?

«Não é preciso que eu tenha sempre sucesso. Quando sou atacado de fora por pessoas que são contra o meu trabalho apesar das minhas boas

intenções, bem, estou habituado a isso. Mas quando acontece de dentro, do mundo dos sensitivos, então dói. Recebemos os nossos talentos sensitivos, não os adquirimos. O que temos não é uma posse pessoal, mas um dom público, de modo que devemos oferecer os nossos resultados, positivos ou negativos, não só à pessoa diretamente envolvida, mas a toda a comunidade.»

Esta atitude social de Gerard Croiset afeta firmemente o seu trabalho, incluindo a identificação de manuscritos antigos e espécimes históricos, como revela o capítulo seguinte.

10

FÓSSEIS E MANUSCRITOS

O trabalho pioneiro de Gerard Croiset na perceção extrassensorial não se limita a ajudar a polícia, os pais ou indivíduos com problemas únicos. Ajuda também os eruditos a identificar manuscritos antigos e espécimes arqueológicos. Alguns historiadores adquiriram novos conhecimentos sobre objetos antigos e medievais intrigantes graças às visões do psicoscopista de Utrecht sobre eles. Esta exploração do passado (retrocognição), em contraste com o estudo do futuro (precognição), indica as possibilidades latentes e relativamente inexploradas da investigação psíquica.

Embora sem formação académica formal, Croiset adquiriu um respeito pela erudição e aumentou as suas áreas de consciência como resultado da sua associação de dezoito anos com o professor Tenhaeff. Depois de se convencer dos dons paranormais extraordinários de Croiset, o diretor do Instituto de Parapsicologia encorajou-o a experimentar com académicos visitantes nesta leitura de objetos.

«Não há diferença fundamental entre as sessões de leitura de objetos de Croiset e as suas consultas sobre pessoas desaparecidas», explica o professor. «Um psicoscopista é um sensitivo que normalmente usa um objeto como indutor. Todos os psicoscopistas são leitores de objetos. Mas o objeto pode ser algo improvisado como o nó que dá no lenço para se lembrar das coisas. Também não é necessário que o psicoscopista pegue no objeto com as mãos. Muitas vezes o objeto está noutra sala, cidade, país ou civilização. Distância e tempo não são fatores. Frequentemente, o psicoscopista tem impressões de objetos que receberá no futuro.»

Gerard Croiset começa muitas vezes a sua leitura de objetos na segunda pessoa («Vais encontrar uma velha torre de igreja atrás de uma árvore alta árvore»). Mas depois de se aquecer e se identificar com o seu consulente, passa naturalmente para a primeira pessoa («Estou de pé à frente de uma gruta e vejo dois homens baixos e de pernas grossas com penas vermelhas no cabelo»).

Como mostrado no Caso 6 do Capítulo 2 («O Osso da Gruta dos Canibais»), a leitura de objetos mais impressionante de Croiset foi feita no Instituto de Parapsicologia com o professor visitante Marius Valkhoff, atualmente deão da Faculdade de Artes da Universidade de Witwatersrand em Joanesburgo, África do Sul. Especialista em línguas românicas medievais, o Dr. Valkhoff é um holandês de cinquenta e nove anos que nasceu na Holanda, onde foi reitor da Universidade de Amesterdão. Enquanto vivia nos Países Baixos, estudou as experiências do professor Tenhaeff com Croiset e acabou por conhecer o sensitivo através do parapsicólogo em 1949.

Mas o Dr. Valkhoff relata que a ideia da psicoscopia histórica lhe ocorreu pela primeira vez em 1940, quando leu um romance holandês sobre a Guerra Civil Espanhola escrito por John Brouwer, intitulado Os Tesouros de Medina Sidonia (em edições posteriores chamado À Sombra da Morte). O herói do livro é um jovem estudante aventureiro cujo principal interesse é um curso de parapsicologia ministrado por um docente chamado Ten Hoeve, pseudónimo transparente do professor Tenhaeff.

Logo no início do romance, o herói reflete sobre os seus próprios talentos psicoscópicos com estas palavras: «Pegam num chapéu, digamos, de Filipe II, e de repente veem-no diante de vós; sentem o que ele sente; acompanham os seus pensamentos; compreendem o que o inspirava. Que possibilidade para o estudo da história! (…) Imaginem que, através da transmissão de pensamentos e sentimentos, escrevem biografias de grandes figuras históricas apenas com a ajuda de objetos. Vão a Aquisgrano, apanham alguns objetos de Carlos Magno. Vêem-no; caminham ao seu lado; ouvem-no; chegam a conhecê-lo por dentro e por fora.»

«Quando li esta passagem», recorda o Dr. Valkhoff no seu On the Edge of Beyond, três ensaios sobre parapsicologia que me enviou recentemente da África do Sul, «pareceu-me uma possibilidade real, apesar do seu caráter romântico. Fiz um voto mental de que um dia tentaria a experiência e avaliaria até que ponto o conhecimento paranormal obtido a partir de

objetos históricos pode ampliar o nosso saber. Tive de esperar treze anos até que as circunstâncias o permitissem.»

Em dezembro de 1953, Valkhoff teve essa oportunidade por acaso. Ao fazer escala na Holanda enquanto regressava a Portugal numa missão histórica para a Universidade de Witwatersrand, visitou o professor Tenhaeff, que voltou a elogiar os poderes paranormais de Croiset. Porque não, pensou Valkhoff, experimentar com este sensitivo dotado, entregando-lhe os espécimes históricos que trouxera consigo da África do Sul? O Dr. Valkhoff trouxera (1) um pequeno osso que apanhara na Gruta dos Canibais, na Basutolândia, (2) quatro fragmentos de calcário acastanhado da Cruz de Bartolomeu Dias perto de Port Elizabeth, (3) um fóssil da Gruta de Makapan perto de Potgietersrust e, já na Holanda, acrescentara (4) um pequeno pedaço de mármore de chumbo da Indonésia que o sogro lhe dera.

«O meu objetivo era duplo», revela o Dr. Valkhoff. «Queria ver que informações novas e fiáveis se podem obter sobre um objeto histórico e com a sua ajuda. E, em segundo lugar, examinar até que ponto o conhecimento assim obtido provinha de cognição paranormal.»

Foram realizados dois experimentos com Croiset no Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht com estes objetos sul-africanos, sob a direção do professor Tenhaeff. Mas os dois investigadores depressa descobriram que a mente fértil de Croiset transbordava de impressões, pelo que era mais sensato dar-lhe apenas um indutor de cada vez.

«Colocámos os fragmentos de calcário juntamente com o pequeno osso sobre algodão em rama numa caixinha aberta», relata o Dr. Valkhoff. «Estes pedaços do padrão poderiam ter vindo de qualquer bloco de calcário e poderiam ter sido apanhados no nosso jardim.»

Na verdade, provinham de um monumento erigido em memória de Bartolomeu Dias, o navegador português que foi o primeiro europeu a dobrar o Cabo da Boa Esperança no início de 1488, na ponta sul de África. Embora a sua viagem tenha aberto o caminho para a Índia uma década depois e tenha resultado na descoberta do Brasil, Dias pereceu nos mares agitados ao largo da costa africana. O monumento em sua honra — a Cruz de Bartolomeu Dias — foi erigido a 12 de março de 1488, perto de Port Elizabeth, na União da África do Sul.

A 17 de dezembro de 1953, o Dr. Valkhoff entregou estes fragmentos da Cruz de Bartolomeu Dias a Gerard Croiset como indutor no Instituto de Parapsicologia.

Eis as impressionantes impressões do sensitivo sem instrução escolar, acompanhadas dos comentários entre parênteses do Dr. Valkhoff:

«Tenho a impressão de que acabaram de se aproximar de um sarcófago. [Incorreto.] Vejo um baú quadrado. Tem algo a ver com pedras. [Pode referir-se ao pedestal do padrão reconstruído.] Falta um pedaço desse baú, ou melhor, desse grande bloco quadrado de pedra. [Impreciso. Os fragmentos vieram da própria cruz.] Será um altar de pedra para execuções? [Aqui Croiset confundiu-se com o osso da Gruta dos Canibais.]

Tem algo a ver com um culto religioso. [Correto.] Vejo seis sacerdotes. O que está sentado ao meio está um pouco mais alto. [Não inteiramente correto. Não havia seis sacerdotes com Dias.] Não são selvagens. [Correto.] Têm roupa vestida. [Correto.] As cores são branco e azul. Vejo um cinto com trança dourada. [Possível.] Estas pessoas têm cabelo comprido. Não é cabelo crespo. Não têm cabelo crespo como os outros que vi. [O cabelo era bastante comprido segundo os nossos padrões. O resto está correto.]

Vejo sinais geométricos nesse bloco quadrado de pedra. [Podem ter estado na própria cruz, embora seja muito mais provável que houvesse uma inscrição comum.]

Vejo um círculo e um triângulo, e um desenho geométrico. Havia uma inscrição em escrita cuneiforme? [Na cruz havia uma inscrição que se tornou ilegível. Claro que não era escrita cuneiforme.] Um altar para execuções. Foram encontrados buracos nos crânios. [Confusão com um altar de sacrifícios na Gruta dos Canibais.]

Vejo um mapa com um relógio de sol ou uma ponta de flecha. [Impressão correta para os antigos portugueses.]

Pessoas mortas eram honradas. Tem algo a ver com a memória dos falecidos? [Possível. A cruz também pode ter sido erigida para commemorar os marinheiros caídos.]

O nível cultural deles era bastante elevado. [Correto.] Estas pessoas estavam informadas sobre o curso do sol, da lua e das estrelas. [Correto.]

Quando rezavam, erguiam os braços. [Impreciso.] Vejo estas pessoas deitadas com a cabeça no chão como fazem os maometanos quando rezam. [Duvidoso.]

Estas pessoas também sabiam algo de química. [Correto.] Conheciam o fogo e sabiam usá-lo. [Correto.] Uma civilização bastante elevada. [Correto.] Eram severos na administração da justiça. [Correto.] Vejo um

tribunal onde dois homens estão sentados ao meio e dois aos lados. [Possível.] Os criminosos eram executados com uma faca. Uma espada ou algo assim. [Correto.] Também recebiam uma punhalada no lado. O sangue era recolhido em crânios ou taças — um significado sagrado. [Impreciso. Confusão com a Gruta dos Canibais.]

O mapa de que falei faz-me pensar em navegação.» [Acerto real sobre os colonizadores portugueses.]

O investigador Valkhoff relata: «Esta passagem não é menos notável do que a relativa à Gruta dos Canibais. Dá-nos uma aproximação aos portugueses do século XV e à cena histórica da ereção do padrão a 12 de março de 1488. Claro que Croiset não capta a imagem da cruz, mas como uma cruz é muitas vezes um monumento funerário, chega a um sarcófago e até vê um "baú quadrado".

Depois da nossa segunda sessão, uma semana mais tarde, mostrei-lhe a fotografia do padrão reconstruído no álbum da Comissão de Monumentos da África do Sul. Ele disse que tinha visto exatamente esse monumento na sua mente, mas que a atenção fora atraída pelo pedestal largo, que era o "baú quadrado" e o "bloco quadrado de pedra" que descrevera. Esse pedestal, porém, é moderno, e os fragmentos devem ter vindo da cruz verdadeira. Seja como for, Croiset notou muito claramente a diferença entre os "povos da gruta" e os "da cruz".

Marcou bem os sacerdotes cristãos que assistiram à cerimónia e viu que esses homens não eram selvagens; a roupa está mais ou menos corretamente descrita em comparação com a dos negros. Além disso, na cruz havia também uma inscrição que agora se tornou ilegível. Pode ter havido desenhos geométricos e, de qualquer modo, os antigos navegadores portugueses eram bons astrónomos e matemáticos, e "também sabiam algo de química".

Nesse ambiente, o relógio de sol está totalmente no seu lugar, e sem dúvida "o nível cultural deles era bastante elevado". Não creio que costumassem rezar como os maometanos, mas o que Croiset nos conta sobre a administração da justiça no fim da Idade Média está correto. Onde cometeu alguns lapsos divertidos foi ao falar do "altar de pedra para execuções", de que "foram encontrados buracos nos crânios" e de que o sangue dos condenados era "recolhido em crânios ou taças". Aqui misturou as impressões do pequeno osso da Gruta dos Canibais com as dos fragmentos do padrão.

Não poderia ter visto os bons sacerdotes católicos de Bartolomeu Dias a beber sangue de crânios nativos. Ainda assim, no conjunto, parece-me que Croiset obteve alguns acertos reais sobre os acontecimentos de 12 de março de 1488.»

No segundo teste, a 24 de dezembro, as imagens de Croiset foram mais precisas e melhorou visivelmente a visão global. Entre outras coisas, disse então: «Vejo algo que foi erguido como lembrança… Vejo hieróglifos curiosos. Mas não são hieróglifos nem escrita cuneiforme. São círculos e triângulos, e carateres de um povo mais civilizado do que os negros.

Neste momento vejo homens brancos mais robustos — e entre eles sacerdotes. Estes sacerdotes usam uma faixa dourada à volta da cabeça e vestes compridas. Azul de um lado e branco do outro. Estes sacerdotes têm direito de mando, mas nisso não são únicos. Há também pessoas que os ajudam na administração da justiça — e os seus julgamentos são severos.

Agora vejo um relógio de sol. Para mim isso significa que estas pessoas sabem calcular o tempo. Administram a justiça de maneira curiosa. Vejo um bloco. À frente ou atrás dele está um homem. O homem está à frente ou atrás do sarcófago. De cada lado do sarcófago vejo também um homem. Ao lado de um dos que estão de cada lado vejo outro homem. É um mestiço. Esse mestiço segura numa espada. Deve ter cerca de quatro pés de comprimento e é afiada dos dois lados.

Não é um alfanje *(sabre curto)* como o dos turcos, é de fabrico ocidental. É uma espada de carrasco. Uma religião interessante. Mais cultivada do que a dos negros. Uma religião em que se reza conscientemente. Não juntam as mãos. Ajoelham-se enquanto as mãos tocam o chão. Mas não são maometanos. Tenho a impressão de pessoas à procura de metais. Procuram especialmente marfim. Tal como os aborígenes, recolhem todo o tipo de material, por exemplo marfim. Estabelecem entrepostos… postos comerciais.

Vou agora desenhar um mapa aproximado e marcar alguns pontos. Este é o contorno de África. A sudeste veem um triângulo. Nos pontos A e B havia postos comerciais. Reparem que desenhei um pequeno retângulo em A e uma cruz em B. C indica o lugar do sarcófago. Eram postos comerciais, sob o comando de gente branca.»

Ao avaliar este segundo experimento, o professor Valkhoff salienta: «Gerard Croiset ainda não chega à cruz, mas corrige várias imprecisões do primeiro relato. Agora exclui hieróglifos e escrita cuneiforme. Está mais

seguro quanto à pele branca e à fé cristã destas pessoas — afirma claramente que não são maometanos. Já não há confusão com o altar de sacrifícios da Gruta dos Canibais, mas recai acertadamente num cadafalso sob jurisdição cristã. Vê agora estas pessoas como comerciantes, o que, de certa forma, está correto. Quanto ao "adivinhar no mapa" de Croiset, os seus pontos A, B e C correspondem aproximadamente à Península do Cabo, Port Elizabeth e a um lugar entre a Cidade do Cabo e Joanesburgo. Neste último caso, provavelmente queria dizer Joanesburgo, onde o padrão verdadeiro se encontra agora na Biblioteca Universitária.

Embora durante a semana em que teve na sua posse os fragmentos de calcário e o pequeno osso não lhe tivéssemos fornecido qualquer informação, é possível que tenha corrigido a primeira versão por deduções normais e lógicas. Por isso, a segunda leitura, por mais interessante que seja, não tem o mesmo valor demonstrativo da primeira.»

Quando regressou à África do Sul, o Dr. Valkhoff verificou duplamente os dois comentários de Croiset com o Dr. E. Axelson, o descobridor da Cruz de Bartolomeu Dias. Após avaliar tudo, o Dr. Valkhoff concluiu: «Ao julgar os resultados de Croiset, não devemos perder de vista dois factos importantes: primeiro, duvido muito que ele soubesse exatamente o que é um sarcófago, ou mesmo um fóssil. Na escola primária pode ter ouvido o nome de Bartolomeu Dias, mas a ereção de padrões nunca é ensinada nas escolas holandesas… Deve ter tido algumas noções de geografia e de negros, mas também aqui muito simples e superficiais; por isso, para quem o conhece, os relatos parecem realmente extraordinários.

Segundo, Croiset não poderia ter tirado tudo da sua própria memória e, consequentemente, deve ter tido outras fontes. Uma dessas fontes pode ter sido a minha própria mente, da qual talvez tenha retirado telepatia. Mas obteve muito mais do que eu sabia naquele momento! Por conseguinte, deve ter tido uma segunda fonte, e essa foi certamente os próprios objetos. Isto levanta uma nova questão… ou todos os objetos, incluindo aqueles que Croiset "leu", têm alguma qualidade especial para reter e comunicar impressões — o que é a explicação dada pelos próprios psicometristas — ou o objeto "lido" pelo psicoscopista funciona como uma espécie de indutor que o transporta para a cena, o acontecimento ou a pessoa com os quais o objeto mais se relacionou… todo o conhecimento humano é mais ou menos defeituoso, especialmente o conhecimento que extraímos da nossa memória ou mente… os críticos da investigação psíquica sublinham fortemente as deficiências nos relatos. Argumentariam que Croiset

misturou tudo, e que se tivessem aqueles objetos nas mãos também poderiam ter dado relatos semelhantes por induções normais a partir dos próprios objetos. Mas nego que o primeiro homem que encontrassem, e a quem entregassem um bocado de calcário, pudesse dar um quadro tão preciso da ereção do Padrão de São Gregório em 1488.

Não tenho dúvidas de que Croiset obteve informação por outros meios que não a perceção e a reflexão normais — por meio de cognição paranormal. Que informações novas e fiáveis obtivemos? Bem, vários dos dados dos relatos que estudámos parecem ser novos.

Todas estas impressões passaram pela mente subconsciente de Croiset e podem ter sido ligeiramente alteradas ou mesmo confundidas com memórias e outras impressões. Ainda assim, não se pode negar que aqui temos uma nova fonte de conhecimento que a longo prazo pode revelar-se fértil. A leitura de objetos feita por um psicoscopista dotado pode certamente fornecer-nos pistas úteis a seguir… Podemos aprofundar a questão de qual foi exatamente a cerimónia religiosa na ocasião da ereção do padrão. Pode haver muito mais a descobrir. Mas Gerard Croiset deu-nos aqui uma pista que parece conduzir-nos a algum lugar onde não teríamos chegado sozinhos.»

Durante estes experimentos de dezembro de 1953, o Dr. Valkhoff entregou também a Croiset um objeto histórico que remontava a ainda mais séculos do que os fragmentos do padrão com 465 anos. Era um pequeno fóssil petrificado que trouxera da Gruta de Makapansgat perto de Potgietersrust, na África do Sul.

«O fóssil poderia ter sido apanhado no nosso jardim», explica o Dr. Valkhoff. «Nada indicava a sua origem. E a palavra “fóssil” não foi usada.»

Ao fechar pensativamente a mão sobre ele, Croiset teve esta imagem vívida do fóssil: «Isto é um calhau. Ainda assim, tenho uma forte impressão de um animal, um animal que viveu há muito tempo e que tinha algo a ver com o mar. Uma serpente marinha ou algo parecido. Vejo muita água. Vejo uma terra. Parece a Indonésia. Mas não é a Indonésia. Tem um clima subtropical indonésio, porém. Palmeiras. Árvores grandes e altas. Das árvores pendem frutos em forma de salsicha ou de barco. Frutos bastante grandes. E entre eles vejo um animal que rasteja da água para a terra.»

«Parece um elefante ou uma cobra?», perguntou o professor Tenhaeff.

«Não, o animal parece um hipopótamo», respondeu Croiset. «Tem pernas pequenas e barbatanas nas costas. Como se tivesse uma espécie de cinto nas costas.»

Após verificação posterior destas impressões com autoridades arqueológicas na África do Sul, o Dr. Valkhoff concluiu que as imagens do Gerard Croiset sem instrução escolar constituíam uma nova revelação sobre o fóssil.

Outro experimento ocasional com Croiset que os investigadores Tenhaeff e Valkhoff consideram notável diz respeito a um pequeno pedaço de mármore de chumbo esmagado que entregaram ao psicoscopista.

«Podia ser uma peça sobressalente danificada de uma bicicleta», explica o Dr. Valkhoff. «Encontrei este mármore de chumbo enquanto estava na Holanda. Era uma bala de uma arma primitiva com a qual o meu sogro fora gravemente ferido durante uma expedição militar na ilha de Ceram, na Indonésia, no início do século. Todos os objetos que demos a Croiset tinham duas características em comum: primeiro, estavam todos relacionados com acontecimentos mais ou menos importantes ou tinham testemunhado grandes emoções. Segundo, eram muito pouco vistosos.»

Depois de Croiset tocar no mármore, disse: «Um ser humano segurou esta coisa entre os dedos. Tem algo a ver com um homem que foi morto a tiro. Pode ter sido um dispositivo para disparar. Não vejo uma espingarda. Estava pendurado no fundo de uma rede — uma rede muito grande com malhas. O fundo dessa rede é carregado de chumbo. Deste chumbo foi feito este mármore. Este mármore foi usado para disparar.»

O Dr. Valkhoff ficou tão impressionado com a capacidade de Croiset de lançar nova luz histórica sobre objetos antigos que regressou ao Instituto de Parapsicologia quatro anos mais tarde para realizar outro experimento de leitura de objetos com ele.

Desta vez, em 1957, foi um manuscrito algo enigmático do século XVI que tinha de editar que o levou de volta», relata o estudioso sul-africano. «O problema que desejava esclarecer — se não resolver — era: pode o filólogo tirar partido das possibilidades oferecidas pela investigação parapsicológica?

O professor Tenhaeff e eu decidimos entregar o manuscrito n.º 509 da Comunidade Remonstrante de Roterdão, que contém uma Defesa da Tolerância, a Croiset e a outros dois psicoscopistas. Este manuscrito do século XVI é uma tradução francesa de um texto latino do reformador

liberal Sébastien Castalion [ou Castellio], mas não conhecemos nem o tradutor nem as circunstâncias em que o trabalho foi empreendido, nem o seu destino ulterior.»

Este é o contexto do manuscrito misterioso: em 1938, o professor Bruno Becker, historiador aposentado e antigo diretor do Instituto Slavónico da Universidade de Amesterdão, descobriu dois manuscritos do século XVI numa pequena biblioteca de igreja em Roterdão. Um estava em latim e o outro era uma tradução francesa dele. Após os folhear, o Dr. Becker apercebeu-se rapidamente do seu grande significado histórico. Reconheceu que eram uma eloquente defesa da tolerância e da religião, algo invulgar num século de intolerância e guerras religiosas. Autoridade do século XVI, o Dr. Becker reconheceu imediatamente a letra de Sébastien Castalion.

Embora não tão conhecido como Lutero ou Calvino, Castalion foi uma figura destacada do Renascimento, retratada em O Direito à Heresia de Stefan Zweig. Teólogo protestante francês, foi o reformador liberal e não dogmático da Reforma, precursor dos remonstrantes na Holanda e dos unitaristas na Inglaterra e nos Estados Unidos. Castalion esteve com Calvino, o poderoso ditador religioso dos anos 1550, em Estrasburgo, Alsácia, e Genebra, Suíça, mas após conflitos doutrinais mudou-se para Basileia.

Lá, da sua cátedra de literatura grega na universidade, censurou Calvino por ter ordenado a queima na fogueira de Miguel Serveto por heresia. Este capítulo sombrio da intolerância da Reforma foi amplamente discutido nos dois livros encontrados pelo professor Becker, que tomou medidas para os publicar. Decidiu editar ele próprio o texto latino e convidou o seu colega de faculdade, professor Valkhoff, especialista em francês medieval, a preparar a edição francesa.

Mas esta tradução francesa do latim, embora claramente escrita, levantava muitos problemas ao professor Valkhoff:

A caligrafia parecia a de Castalion, mas seria de outra pessoa? Nesse caso, de quem? De um amigo ou discípulo?

Castalion corrigiu a primeira parte do manuscrito francês, mas de forma algo imprecisa. Porque não terminou as correções?

A data de conclusão do manuscrito latino era 11 de março de 1553. Mas quando foi feita a tradução francesa?

O francês do tradutor é estranho. Porque é tão familiar, um francês coloquial para um assunto tão sério? Tem também algumas características dialetais que parecem valões ou do leste de França.

5. Como é que os manuscritos saíram da Suíça e chegaram à Holanda?

«Para lançar alguma luz sobre estes problemas, ou pelo menos vê-los sob outra perspetiva, decidi consultar alguns psicoscopistas de boa-fé quando estava na Holanda», contou o Dr. Valkhoff à Sociedade Sul-Africana de Investigação Psíquica numa conferência a 7 de agosto de 1961, intitulada «Uma Aventura na Leitura de Objetos com Dois Manuscritos do Século XVI». «Discuti o assunto com o professor Tenhaeff, que conheço há muito tempo, primeiro como mestre e depois como amigo, e percorremos uma lista de sensitivos da qual escolhemos três: Gerard Croiset, a senhora M. M. Franken e Pierre van Delzen.»

Nos experimentos realizados com eles em janeiro de 1958, na presença de testemunhas, a nenhum foi permitido abrir os livros, mas podiam tocar nas laterais, se assim o desejassem. Os manuscritos eram pouco vistosos, não tinham título e foram apresentados como cadernos amarrados numa pequena pasta de leitura.

«A senhora Franken interessou-se mais por mim como pessoa do que pelos manuscritos antigos e poeirentos», recorda o Dr. Valkhoff. «Começou a ler-me o pensamento e a prever o meu futuro. Analisou muito bem o meu caráter e situou-me num "país de negros". Van Delzen também começou por ler o pensamento, mas retirou muito do professor Tenhaeff ou de mim, ou disse coisas estranhas que não conseguíamos situar. O grande sucesso do nosso experimento foi Croiset. Interessou-se imediatamente pelos manuscritos.»

Eis seis dos «acertos» de Croiset:

1. Logo no início, identificou o tema principal do livro.

2. Em menos de um minuto, mencionou Calvino, que é uma das personagens principais.

3. Datou ambos os manuscritos.

4. Teve uma imagem da execução de Serveto.

5. Teve também uma visão da execução de Jan van Oldenbarnevelt, o famoso estadista holandês decapitado pelas suas opiniões políticas.

6. Viu o tradutor como belga («Zuid-Nederlander») ou alemão ocidental.

«À primeira vista, esta informação paranormal parece inacreditável, mas é, no entanto, verdadeira», afirma o Dr. Valkhoff.

Aqui está uma transcrição parcial da sessão gravada em fita com Gerard Croiset a 18 de janeiro de 1958 no Instituto de Parapsicologia:

CROISET: Na mesa estão alguns manuscritos antigos. Tenho a impressão de… um organismo eclesiástico que quer saber, fixar algo, sobre coisas, atas, sobre intenções, ideias, princípios. Parece-me a Igreja Reformada ou algo semelhante. E agora deixo a Igreja Reformada… Vejo agora a Nieuwe Kerk de Amesterdão, em algum momento do século XVI. Depois vejo alguém, um grande pensador… sim, deve ser a pessoa de Calvino?

VALKHOFF: Sim, Calvino tem algo a ver com isso.

CROISET: Neste momento vejo Calvino simplesmente a caminhar no Dam [praça de Amesterdão]. Não significa que Calvino lá estivesse. Mas vejo-o a dirigir-se para a Nieuwe Kerk no Dam. No início do século XVI havia um homem que escreveu sobre diferentes prelados, príncipes da Igreja, e assim expôs os seus princípios. É a melhor maneira de o dizer. O que querem exatamente saber? Em que direção devo ir? Vocês certamente conhecem o homem que escreveu isto? [Croiset indicou o manuscrito latino.]

VALKHOFF: O homem que escreveu isto é conhecido.

CROISET: Querem que eu desenvolva?

VALKHOFF: Não, mas se eu colocar este [o manuscrito francês] ao lado, está relacionado com ele. Deste não sabemos quem escreveu. Está em estreita ligação com… [Croiset interrompeu impulsivamente neste ponto e cometeu um erro ao dizer que o manuscrito latino era mais recente do que o francês.]

CROISET: Este que estão agora a colocar ao lado [francês] foi escrito primeiro e aquele [latino] pode muito bem ter sido escrito vinte anos depois. Portanto, se o primeiro foi escrito em 1510, o segundo terá sido escrito entre 1530 e 1580, não mais do que isso. Em 1625 vejo também por um momento o príncipe Maurício, mas foi antes desta época. [Mas Croiset corrigiu-se rapidamente quando percebeu que o tradutor viveu depois de

Castalion.] Ele [o tradutor do manuscrito francês] viveu na época de Calvino?

VALKHOFF: O autor do primeiro manuscrito viveu certamente na época de Calvino. Deste homem não sabemos. [Isto não era inteiramente correto, mas Valkhoff não queria ajudar Croiset.]

CROISET: Sim, talvez vinte anos depois, mas conhecia Calvino. [Croiset observou então que o autor do manuscrito francês desempenhou um papel no fim da vida de Castalion.]

VALKHOFF: Tens, portanto, a impressão de que o autor deste manuscrito [francês] não é o mesmo que o daquele [latino].

CROISET: Não, de certeza que não. Mas deve ter havido um contacto muito próximo entre estes dois. Vejo dois autores. Quanto a este, não me preocupo, é conhecido por vós, isso também vejo… o homem do primeiro manuscrito [latino], isso eu disse imediatamente que é conhecido por vós. Mas a segunda pessoa não a conheceis. Era amigo deste homem, mas só nos últimos anos dele, quando este homem estava mais ou menos acabado. Ainda sofreu a influência deste homem, mas tornou-se uma personalidade e indivíduo por direito próprio.

O segundo erro de Croiset é fazer a diferença entre os textos latino e francês de vinte anos. «Isso não poderia ter sido mais do que um máximo de oito anos», salienta o Dr. Valkhoff, «porque o latino é de 1555 e Castalion morreu em 1563 e metadear já metade do francês fora corrigida por este autor. No entanto, é bem possível que a diferença de idade entre Castalion e o tradutor fosse de vinte anos. Isso faria do tradutor cerca de vinte e cinco anos em 1560, o que teria sido uma boa idade para um estudante avançado naqueles tempos. Também lhe teria permitido participar na defesa de Naarden, quando foi cercada pelos espanhóis em 1572 [como sugerido por Croiset] e noutras batalhas da Guerra dos Oitenta Anos [1568-1648].

«Mas em seis de oito pontos principais», continuou o Dr. Valkhoff, «Croiset parece estar correto. Penso que podemos assumir que em cerca de 75 por cento do restante também está certo. Mas muito já não pode ser verificado, e essa é a nossa principal dificuldade em avaliar o resto do relato.

Por exemplo, Croiset dá informações detalhadas sobre a aparência do tradutor: barba pontiaguda, sem bigode, manto longo azul-claro, usando-o até a cavalo. Da mesma maneira exata, descreveu até a filha do tradutor:

“uma menininha, está algures com um barrete amarelo e um casaco amarelo pequeno, cerca de oito anos, caminhava no Binnenhof [pátio do Palácio dos Príncipes de Orange]”. Toda esta informação não pode ser verificada. Há muito poucas pinturas de mestres do século XVI na Holanda e sabemos muito pouco desta família desconhecida. Apesar de tudo, Croiset deu algumas pistas sobre o misterioso tradutor do latim e autor do manuscrito francês. Temos de combinar essas pistas com o que já sabemos sobre a tradução francesa e as circunstâncias em que surgiu.»

Graças às impressões de Croiset, o Dr. Valkhoff chegou às seguintes conclusões:

1. O tradutor era belga, não alemão ocidental, porque o seu francês é muito fluente e contém alguns valonismos. O seu francês escrito é na verdade francês falado. Daí o francês “estranho”.

2. Estudou em Basileia no fim da vida de Castalion [como afirmou Croiset], em algum momento entre 1555 e 1563, mas provavelmente nos últimos dois ou três anos. Por isso as correções nunca foram terminadas.

3. Após a morte de Castalion em 1563, o tradutor regressou aos Países Baixos e desempenhou um papel importante na Guerra dos Oitenta Anos, especialmente no cerco de Naarden em 1572. Desta forma, pode ter trazido o manuscrito para a Holanda.

4. Ocupou um alto cargo no governo da República Holandesa e viajou muito.

5. Era rico e nobre.

6. Conhecia o príncipe Maurício [que tinha dezassete anos no assassinato do pai, Guilherme o Silencioso, em 1584] e morreu de um ferimento contraído na guerra.

7. O seu nome cristão era talvez Lodewijk.

8. Escreveu outros dois livros «dos quais um deve estar em Leiden ou nas proximidades», diz Croiset.

Estes últimos cinco pontos ajudam a identificar o tradutor francês.

«Estou convencido de que, se esta informação estiver correta», resumiu o Dr. Valkhoff, «poderei identificar este nobre quando voltar aos Países Baixos. Se o conseguisse, isso seria a melhor prova de que a ciência pode ser auxiliada por conhecimento adquirido de forma paranormal, e isso seria uma descoberta revolucionária!

«Qual deve ser a nossa conclusão provisória? Na minha opinião, há duas perguntas que devemos fazer:

1. Os três psicoscopistas transmitiram-nos alguma informação paranormal?

2. Acrescentaram algo de novo ao nosso conhecimento atual?

À primeira, a resposta é sem dúvida "sim".

À segunda, a resposta é um sim mais qualificado, diria: "Sim, penso que Croiset acrescentou." Ajudou-me a ver as coisas com mais clareza e a resolver já alguns dos meus problemas. Mas a maior prova seria a identificação conclusiva do autor desconhecido do manuscrito francês.

«Vamos esperar para ver, esperar por outra oportunidade ou por novos dados, e ver se nessa pequena comunidade de Basileia do início dos anos 1560 ou na Guerra dos Oitenta Anos na República Holandesa não aparece alguém que corresponda à descrição dada por Croiset.»

Uma noite, enquanto passeava pelas ruas de pedra vermelha de Utrecht com o professor Tenhaeff, este apontou de repente para um edifício, dizendo: «É o Instituto Etnológico da Universidade, dirigido pelo professor Fischer, que conheceste. Croiset fez aí alguns experimentos.»

Num desses experimentos, em agosto de 1953, com a presença de muitos delegados à Primeira Conferência Internacional de Estudos Parapsicológicos, Croiset viu uma placa escolar holandesa que representava o explorador ártico Willem Barents (Barentz) e os seus homens a passar o inverno em Novaya Zemlya (Nova Zembla).

Herói nacional da Holanda, Barents foi um dos principais navegadores holandeses do século XVI que realizou três viagens (1594-97) em busca da Passagem do Nordeste para a Ásia. Nas duas primeiras viagens chegou a Novaya Zemlya («Terra Nova» em russo), cujas montanhas centrais fazem agora parte dos Urais da União Soviética. Na terceira viagem descobriu acidentalmente a ilha de Barents e Spitsbergen, um grupo de ilhas no oceano Ártico atualmente pertencente à Noruega. Ao contornar o ponto norte de Novaya Zemlya, Barents ficou preso no gelo durante o inverno. Embora Barents tenha morrido, os seus companheiros chegaram a Kola, na Lapónia.

Durante o experimento psicoscópico na Universidade de Utrecht, três séculos e meio mais tarde, foi enviado a Gerard Croiset um lápis como indutor.

«Porque é que o dono deste lápis tem algo a ver com — Novaya Zemlya?», perguntou o sensitivo perplexo.

Soube-se depois que o lápis pertencia ao Dr. John Bjérkhem, um dos principais parapsicólogos suecos (que morreu em março de 1963). Sim, admitiu ter passado muito tempo entre os lapões e, de facto, tinha uma ligação definitiva com Novaya Zemlya.

Mais tarde, durante o período de discussão, o Dr. Bjérkhem confirmou que o esboço que Croiset fizera da cabana de Barents se assemelhava notavelmente às cabanas dos lapões. Ao manusear o lápis, o sensitivo recebera também muitas impressões sobre o vestuário dos lapões, animais que lhe lembravam cavalos de corrida (renas) e até tomara consciência de uma data de 22 de fevereiro que o Dr. Bjérkhem reconheceu ter-lhe causado grande emoção.

«Croiset recebeu por meios telepáticos uma impressão do Extremo Norte e traduziu-a subconsciousmente na imagem da aventura de Willem Barents», explica o professor Tenhaeff. «É semelhante à associação que conhecemos dos nossos sonhos.»

Apesar da sua escassa instrução primária, o leitor de objetos Croiset iluminou factos desconcertantes para outros estudiosos agradecidos, como revela o seguinte experimento psicoscópico abreviado em Utrecht.

A 20 de junho de 1950, sob a direção do professor Tenhaeff, o Dr. J.Z. colocou sobre a mesa, diante de Croiset, um envelope selado e em branco como indutor. Não foram feitos comentários por ninguém durante este teste. As observações do professor Tenhaeff entre parênteses só foram acrescentadas após a conclusão do experimento.

«Este envelope contém um papel no qual alguém formulou os seus pensamentos», começou Croiset. «A palavra antologia ocorre-me constantemente. É uma antologia dos seus pensamentos. Este homem esteve em contacto há pouco tempo com um alemão? Pode ele próprio ser alemão. Agora tenho uma impressão mais clara. É uma carta de um alemão para outro alemão. [O envelope continha um rascunho de uma carta escrita por um químico-erudito alemão residente nos Estados Unidos e temporariamente nos Países Baixos, endereçada a um colega na Alemanha. A carta continha uma seleção das suas ideias sobre um tema bioquímico.]

«Que homem susceptível. Formo a imagem de alguém que tira os sapatos e anda de meias. Isso significa para mim que estou a lidar com

alguém que se ofende muito facilmente. [Correto. O autor é uma pessoa que se ofende com grande facilidade.]

«Tem muito medo de dizer algo que os seus críticos possam usar contra ele. [Correto.]

«É um grande homem que se ocupa de experiências em química. Tem isso algo a ver com a geração artificial de tumores? [O autor da carta é um homem de grande saber, preocupado com a produção de tumores em animais por métodos artificiais.]

«A saúde dele deixa algo a desejar. Foi operado à vesícula biliar. Foi-lhe removida. Ainda tem dores. [Correto.]

«A terapia que ele procura tem algo a ver com energia atómica? Tenho uma impressão de matéria radioativa. [O rascunho fala realmente de matéria radioativa.]

«Agora ocorre-me a palavra isótopo. Pode ser isso? Era isso?» [A palavra isótopos aparece, de facto, no rascunho.]

Uma série de experimentos psicoscópicos foi realizada com Gerard Croiset nos Arquivos do Estado dos Países Baixos, em Utrecht, a 30 de janeiro de 1952, supervisionados pelo parapsicólogo Tenhaeff.

Num dos testes mais complexos, o professor D. Th. Enklaar, da Universidade de Utrecht, entregou a Croiset, como indutor, um documento medieval selado num envelope.

Quase imediatamente, o psicoscopista disse: «Com este manuscrito regresso à Idade Média. Surge-me a imagem de um papa. Este documento está de alguma forma ligado a um papa. Vejo também um cavaleiro e um monge.»

Foi um acerto direto. O documento fora, de facto, escrito por um monge (um pedido ao Papa) por ordem de um cavaleiro.

Depois de Croiset lhe devolver o documento, o professor Enklaar anunciou aos estudiosos reunidos que as outras imagens de Croiset sobre ele eram igualmente corretas.

Um dos estudiosos presentes, o Dr. M., deu agora a Croiset um indutor diferente. Após obter muitas impressões corretas sobre ele, a mente inquieta de Croiset voltou ao primeiro indutor manuscrito, dizendo que tinha imagens adicionais dele. Esta tendência para regressar aos indutores

iniciais também foi observada no estudo de psicoscopistas na Grã-Bretanha pelos investigadores psíquicos Whateley Carington e S. G. Soal.

Quando o documento escrito pelo monge lhe foi devolvido, Croiset comentou: «Estou a pensar num livro que li há muitos anos. Chama-se Sem Família. A personagem principal deste livro é Rémy. Ele procura o irmão. Este irmão vive numa casa flutuante, uma arca. Arca, arca, arche. A palavra "arche" tem algo a ver com este documento que estou a segurar?»

O professor Enklaar, espantado, admitiu-o, dizendo aos colegas estudiosos que no documento a palavra «presul» aparece frequentemente, sinónima de «archiopiscopus» (relativa ao cargo de arcebispo). O Dr. M. deduzira anteriormente desta palavra algumas conclusões sobre os poderes judiciais do Bispo de Utrecht. O professor Enklaar discordara dessa interpretação. Agora o professor Enklaar e o Dr. M. recordaram a sua controvérsia sobre a interpretação desta palavra.

Explica o professor Tenhaeff: «Durante este experimento, Croiset recebeu uma impressão telepática da palavra "archiopiscopus". A primeira parte desta palavra lembrou-lhe a palavra "arc" — a palavra holandesa para "casa flutuante". Isso, por sua vez, lembrou-lhe Rémy, o herói de Sem Família de Hector Malot, que procurava o irmão que vivia numa casa flutuante. Croiset identificou-se emocionalmente com Rémy porque tanto ele como Rémy tiveram pais adotivos.»

Malot foi um autor francês do século XIX que escreveu romances comoventes como Menino Sem Família e Menina Sem Família, bem como Sem Família (publicado em inglês em 1878 sob o título No Relations).

«Se Croiset não tivesse esta relação associativa com Rémy», salienta o parapsicólogo Tenhaeff, «provavelmente nunca teria pensado em Rémy ao receber uma impressão fragmentária da palavra "archiopiscopus". Este fenómeno de relação associativa ocorre frequentemente com Croiset e outros sensitivos.»

Para atuar eficazmente na sua leitura de objetos, Gerard Croiset precisa de sentir simpatia e compreensão à sua volta. Numa noite em que aceitou fazer uma demonstração de leitura de objetos na Universidade de Amesterdão perante dois psicólogos céticos, o desempenho de Croiset foi então muito menos convincente do que o habitual, embora ainda extremamente significativo. Resultado: os psicólogos tentaram ridicularizar os êxitos, indiscutivelmente menores, de Croiset — o que ilustra a natureza elusiva da investigação psíquica.

É por isso que o professor Tenhaeff realiza todos os seus experimentos com Croiset e outros sensitivos sob métodos que satisfazem exigências científicas rigorosas. Quanto mais simples e claro o método, descobriu ele, melhor: dar a Croiset um objeto especificamente relacionado com uma pessoa ou um acontecimento. Gravar em fita as suas impressões. E depois avaliá-las ponto por ponto.

Curiosamente, isto é muito mais difícil para um investigador do que se poderia esperar. Poucos sujeitos conseguem concentrar-se longa e profundamente num único tema sem que as suas mentes subconscientes influenciem a transmissão do pensamento.

A leitura de objetos foi experimentada na América durante o século XIX pelo Dr. J. Rhodes Buchanan, um médico pouco ortodoxo nascido no Kentucky que exerceu e ensinou medicina em Cincinnati, Nova Iorque, Boston, Kansas City e San José, na Califórnia. Após descobrir que os seus alunos conseguiam identificar o conteúdo de frascos de medicamentos bem embrulhados, o Dr. Buchanan entregou-lhes cartas de pessoas desconhecidas.

Muitos destes psicoscopistas colocavam as cartas na testa e descreviam corretamente a aparência e as personalidades dos autores. Em 1842 Buchanan cunhou a palavra «psicometria» para explicar esta faculdade de «medir a mente», palavra que o professor Tenhaeff considera agora imprecisa e desatualizada. «O passado está enterrado no presente», insistia Buchanan. «As revelações da psicometria permitem-nos explorar a história de um homem…»

Em 1926, o parapsicólogo alemão Dr. R. Tischner introduziu a palavra agora mais aceite «psicoscopia» para descrever o fenómeno psíquico de «olhar para a mente de outra pessoa».

Nos Países Baixos, ao longo dos últimos quarenta anos, após milhares de experimentos com dezenas de psicoscopistas, o professor Tenhaeff conclui: «Estes testes mostraram que uma parte considerável se baseia em telepatia… Os sujeitos revelaram capacidade para estabelecer contacto telepático com experimentadores que nem sequer estavam presentes, independentemente da distância que os separava.»

Anos antes de conhecer Croiset, o professor Tenhaeff realizou um experimento de leitura de objetos a 4 de julho de 1930 com uma das suas sensitivos, a senhora Lotte Plaat-Mahlstedt, de Groningen, que agora vive na Califórnia. Sem dizer nada sobre a sua origem, entregou-lhe um

envelope selado. Continha uma carta que lhe fora dada por um colega parapsicológico, o falecido Dr. P. A. Dietz, da Universidade de Leiden. Após apalpar o envelope com os dedos, a psicoscopista tossiu e disse: «Muito triste. Ueberspannt [Tenso]…».

Já não está vivo. A cuspir sangue. Algo vem... oprimido. Rosto oval, faces encovadas, maçãs do rosto salientes, olhos fundos, testa alta. Mãos longas e finas. Sempre noutros mundos. Está morto.»

A 27 de outubro de 1930, em Amesterdão, este mesmo envelope foi entregue pela senhora Dietz, na presença do professor Tenhaeff, ao sensitivo austríaco Hermann Steinschneider, que trabalhava profissionalmente sob o nome de Erik Jan Hanussen. Este vidente foi consultado por Hitler durante os anos 1920, previu a ascensão do Führer ao poder, mas foi assassinado em 1933 em Berlim pelo seu conhecimento interno, talvez porque tivesse dito a Hitler que via que o ditador nunca conseguiria realizar o seu sonho de conquista mundial.

Quando Hanussen tocou no envelope, ficou visivelmente perturbado. Disse: «Uma vida cheia de perturbações. Uma grande luta interior. Este homem não recebeu o que lhe era devido. Está morto há muito tempo, mas não foi esquecido. Grandes dons. Tendência poética, um génio... Que fim terrível. Suicídio!»

A carta, datada de 1796, era de um conde alemão que estava preso em Roterdão por roubos. Na prisão conheceu o reverendo Sharp (um tetravô da senhora Dietz) que, achando-o um homem de grande refinamento, capacidade e cultura, pediu às autoridades que poupassem o conde, que tinha sido condenado à forca. Mas não conseguiu. Na noite anterior ao dia em que o homem ia ser enforcado, cortou a garganta com uma faca de bolso que lhe tinham feito chegar clandestinamente. Um médico, porém, remendou-o o suficiente para que, na manhã seguinte, fosse arrastado para a forca e enforcado. Tinha escrito a carta ao reverendo Sharp pouco antes da tentativa de suicídio.

A leitura de objetos, curiosamente, é tão antiga como a Bíblia. Os Atos dos Apóstolos, no capítulo 21, versículos 10 e 11, dizem:

Enquanto permanecíamos ali alguns dias [em Ptolemaida], desceu da Judeia um profeta chamado Ágabo. Vindo ter connosco, tomou o cinto de Paulo, atou os próprios pés e mãos e disse: «Isto diz o Espírito Santo: Assim hão de atar os judeus em Jerusalém o dono deste cinto e entregá-lo nas mãos dos gentios.»

«Trata-se de um caso claríssimo de leitura de objeto», salienta o Dr. Valkhoff. «Um objeto pertencente a Paulo inspirou Ágabo com conhecimento sobre o dono. Temos um caso de identificação entre o leitor de objeto e o proprietário.»

O historiador da Universidade do Michigan Albert Hyma foi ajudado telepaticamente por Croiset num problema histórico em 1953. Autor de World Civilization e autoridade em Von Raalte, líder da migração holandesa para o Michigan no século XIX, o professor Hyma visitou a Holanda em busca da ajuda de Croiset. A sua missão: localizar algumas cartas perdidas de Gerardo Groote, reformador católico holandês do século XIV que fundou a Irmandade da Vida Comum.

«Croiset e eu fomos de carro um dia de Utrecht a Diepenveen», contou-me o professor Hyma. «Ele não sabia que em Diepenveen as Irmãs da Vida Comum tinham fundado um convento, portanto aqui estava uma prova definitiva dos poderes psíquicos de Croiset. Descreveu também perfeitamente a residência paroquial de Dalfsen antes de a ver e sabia que eu ia encontrar lá documentos importantes.»

Hoje o desejo de saber mais sobre o passado está a crescer. Através da sua fenomenal leitura de objetos no Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht, um holandês com apenas instrução primária consegue iluminar para os estudiosos segredos ocultos do passado e resolver muitos enigmas com séculos sobre fósseis e manuscritos.

II

TESTE DA CADEIRA

A realização mais notável de Gerard Croiset, acreditam muitos, é o seu famoso «teste da cadeira», que constitui uma contribuição maior para a investigação parapsicológica moderna. É talvez a experiência científica mais original em precognição desta geração.

Iniciado há dezassete anos nos Países Baixos especialmente para Croiset pelo professor Tenhaeff, este experimento de previsão do futuro foi repetido várias centenas de vezes por cientistas de cinco países europeus. Deixou perplexas pessoas por toda a Europa e fez refletir os céticos da perceção extrassensorial, porque os testes foram realizados sob as mais rigorosas salvaguardas científicas. Os parapsicólogos dos Estados Unidos e

da Grã-Bretanha começaram finalmente a reconhecer o seu alcance profundo.

Um exemplo deste incrível teste da cadeira foi relatado em «A Mulher na Cadeira 9» (Caso 7 do Capítulo 2).

Escolhe-se aleatoriamente um número de cadeira a partir do plano de lugares de uma reunião futura, por exemplo o terceiro lugar da quinta fila. Os lugares nunca são reservados. Além disso, a reunião realiza-se muitas vezes numa cidade diferente, sem que Croiset saiba onde. O número da cadeira é escolhido pelo responsável pelo experimento, por uma terceira parte desinteressada, ou pelo próprio Croiset — por sorteio, acaso ou decisão livre. Na Alemanha, por vezes a cadeira é selecionada por um contador Geiger-Müller, normalmente utilizado para detetar radiação.

Seja qual for o método, Croiset prevê, entre uma hora e vinte e seis dias antes da reunião, quem se sentará na cadeira escolhida. É irrelevante se o intervalo de tempo é curto ou longo, os resultados mostram-no.

As impressões do sensitivo de Utrecht nunca são vagas ou gerais, mas precisas e detalhadas quanto à estatura, aparência facial, cabelo, mãos, marcas no corpo, modo de vestir do futuro ocupante da cadeira, bem como incidentes pessoais da vida dessa pessoa designada.

As previsões de Croiset gravadas em fita são colocadas num envelope lacrado ou guardadas num cofre e só são abertas quando levadas para a reunião. São verificadas ponto por ponto, depois de o público se sentar, através de perguntas cuidadosamente controladas à pessoa que ocupa o lugar escolhido. As afirmações de Croiset revelaram-se tão exatas que não podem ser explicadas pelo acaso ou coincidência.

Quando o sensitivo não recebe impressões prévias, verifica-se geralmente depois que a cadeira estava vazia no início da reunião. Outras vezes, quando obtém imagens desfocadas, é frequentemente porque mais do que uma pessoa se sentou ou tocou na cadeira, o que produz o efeito de duas fotografias no mesmo negativo. Por vezes Croiset apercebe-se dessa mistura; outras não.

Croiset não só vê o futuro do indivíduo como também o seu passado, especialmente quando o vidente teve experiência semelhante na própria vida. Esta relação associativa ocorre muitas vezes quando Croiset pode escolher a cadeira com antecedência. Subconscientemente, escolhe então uma pessoa que viveu um acontecimento fortemente emocional correspondente a um incidente da vida do sensitivo. Mesmo quando a

cadeira é escolhida pelo experimentador, por terceira pessoa ou por sorteio, Croiset procura igualmente acontecimentos semelhantes aos que lhe aconteceram a ele.

Por exemplo, dois dias antes de um teste da cadeira escolhido por sorteio perante um grupo de intelectuais em Hilversum, em outubro de 1953, Croiset disse ao professor Tenhaeff: «A pessoa que se sentará nessa cadeira esteve algumas semanas noutro país. Vejo-o a andar numa grande cidade. Os atacadores estão desapertados. Inclina-se para os atar. Quando o faz, vejo um senhor que vem atrás dele e tropeça nele.»

Na verificação da reunião, esta imagem revelou-se correta. O incidente ocorrera num cruzamento movimentado de Londres, admitiu o ocupante da cadeira.

Um tipo semelhante de experiência, embora aparentemente remota, acontecera na própria vida de Croiset. «Quando tinha doze anos, estava em casa de um amigo onde alguém tinha morrido», relata o Dr. Tenhaeff. «O amigo de Croiset entrou no quarto onde jazia o corpo. Sendo católico romano, ajoelhou-se diante do caixão. Mas Croiset não esperava o movimento súbito do amigo e caiu sobre ele, batendo com a cabeça no caixão.»

O primeiro teste da cadeira de Gerard Croiset realizou-se em Amesterdão, em outubro de 1947, perante a Sociedade Holandesa de Investigação Psíquica. Os resultados foram tão impressionantes que as experiências foram repetidas. Em 1951 o professor Tenhaeff convidou o parapsicólogo alemão Dr. Hans Bender a juntar-se-lhe nesta investigação e a realizar uma série de testes da cadeira independentes na Universidade de Friburgo (em Brisgóvia).

Outros investigadores de Itália, Suíça e Áustria tiveram também mais tarde oportunidade de realizar experiências de cadeira com Croiset. Em 1951, quando Croiset foi convidado a passar vários dias numa casa particular no sul de Inglaterra, deu lá um teste informal da cadeira. «Croiset viajou sozinho e, embora não soubesse uma palavra de inglês, conseguiu encontrar o caminho até essa casa», relata o professor Tenhaeff.

Ao longo dos anos, a técnica destes testes foi aperfeiçoada. «Encontrámos finalmente um método que, de todos os pontos de vista, podia satisfazer as críticas científicas mais severas», diz o diretor do Instituto de Parapsicologia.

Uma coleção abrangente destes testes da cadeira encontra-se publicada no livro erudito de 300 páginas do professor Tenhaeff, De Voorschouw (Precognição), de 1961. Eis alguns casos condensados de testes da cadeira escolhidos dos escritos do Dr. Tenhaeff, do Dutch Journal of Parapsychology, dos anais da Universidade de Utrecht e dos arquivos do Instituto de Parapsicologia:

CASO 1

O BILHETE DE ÚLTIMA HORA

Na tarde de 6 de março de 1950, enquanto procurava uma notícia, o jornalista de Amesterdão E.K. telefonou Gerard Croiset, em Enschede, pedindo-lhe prova concreta dos seus poderes, cuja fama se espalhava então pelos Países Baixos.

«Bem, dentro de dois dias», respondeu Croiset, «vou fazer um teste da cadeira perante a secção de Utrecht da Sociedade de Investigação Psíquica. Escolha por favor um número de cadeira para essa data. Diga o número que quiser.»

«Fila 7, terceiro cadeira a contar da direita», sugeriu o jornalista holandês.

«Muito bem», respondeu Croiset. «Anote por favor estas impressões que lhe vou dar agora. Vejo que nessa cadeira se sentará uma senhora de cabelos grisalhos. Tem figura esguia, é do tipo magro. Gosta de ajudar as pessoas, mas chama a tudo o que faz “trabalho social cristão”.»

Quando estes factos foram verificados sob supervisão do Dr. Tenhaeff na noite de 8 de março, verificou-se que nessa cadeira específica estava sentada uma irmã protestante da misericórdia, a irmã L.B., que efetivamente fazia trabalho social cristão. A descrição de Croiset dela foi um acerto direto. Não podia de forma alguma aplicar-se a mais ninguém presente.

A irmã L.B. reconheceu que a descrição do sensitivo era exata. Disse que quase ficara em casa e que a escolha do lugar fora espontânea.

Um esquema montado? Croiset estava conluio com uma irmã da misericórdia? Nem mesmo um cínico profissional ousaria acusar isso.

A verificação posterior do investigador Tenhaeff revelou: «A irmã L.B. não era sócia da Sociedade Holandesa de Investigação Psíquica. Foi por

puro acaso que recebeu o bilhete de entrada tão tarde como às 17h40 de 8 de março. Croiset deu a informação ao jornalista E.K. quando os participantes do teste ainda não tinham recebido os convites. Além disso, a pessoa que deu o bilhete à irmã L.B. não conhecia nenhum dos factos fornecidos pelo sensitivo.»

CASO 2

O MARINHEIRO TORPEDEADO

Um funcionário policial verificou em duplicado este teste da cadeira em que o sensitivo teve imagens fantásticas exatas, embora algumas misturadas.

Gerard Croiset estava no quartel da polícia da cidade de Hengelo, a trabalhar num caso criminal, na noite de 15 de novembro de 1949. Depois de terminar, às 21h30, pediu ao inspetor de polícia, Sr. S., que registasse estas impressões sobre um teste da cadeira marcado para a noite seguinte em Enschede, perto dali, perante a Sociedade local de Mulheres Rurais.

Croiset previu nove coisas: «Vejo na terceira fila a contar da direita, quarta cadeira: 1. Um jovem esguio, fato escuro, cabelo penteado bastante alto. 2. Tem um lenço pequeno no bolso do peito. 3. Fala constantemente com uma jovem de cerca de vinte e quatro anos que está sentada ao lado dele. 4. Esta mulher tem rosto corado. Usa colete vermelho e uma das unhas está um pouco estragada. É a unha do dedo médio da mão direita. 5. À esquerda dela está sentada uma senhora idosa.

Esta senhora tem risca ao meio. Usa vestido preto. Tem olhos azuis penetrantes e brinca sempre com o que tem nas mãos. 6. Isso irrita o marido. 7. O marido é corpulento, calvo e usa óculos quando lê. 8. Caiu sobre a perna esquerda e tem uma cicatriz debaixo do joelho esquerdo. 9. A senhora idosa tem um filho que usa uniforme da Marinha. Em todo o caso, é marinheiro. Vejo uma explosão de torpedo. Esta mulher perdeu algum familiar numa explosão de torpedo na costa do Atlântico... num porto qualquer?»

Esta informação foi entregue ao presidente num envelope lacrado antes da reunião de 16 de novembro. O presidente abriu depois o envelope e leu em voz alta as impressões de Croiset.

Como se comparavam com os factos? Na cadeira escolhida estava sentado um jovem cuja aparência correspondia exatamente às três primeiras

imagens do sensitivo. Na reunião, o vidente disse a este jovem: «Tem uma cicatriz debaixo do joelho esquerdo.» Espantado, ele admitiu que era verdade.

Da mesma forma, ao lado dele estava sentada uma jovem de rosto corado com quem ele falou continuamente, pelo que a informação de Croiset sobre ela (4) se revelou correta, embora tivesse vinte e seis anos e não vinte e quatro.

À esquerda dela estava sentada uma senhora idosa de olhos azuis usando vestido preto que também admitiu que a descrição dela era correta (5). Além disso, as imagens do sensitivo sobre o marido dela revelaram-se igualmente corretas (6,7), exceto (8) que se aplicava ao jovem (1,2,3).

Mas esta senhora idosa negou publicamente a imagem vívida de Croiset de que o filho dela era marinheiro que fora torpedeado numa explosão (9).

Quase imediatamente depois de ela dizer isso, outra mulher, a senhorita W.v.B., levantou-se e declarou: «O meu irmão era marinheiro... foi bombeiro durante a guerra nos Royal Marines. Morreu quando o navio foi torpedeado num ataque perto da Baía de Plymouth.»

Croiset ficou genuinamente perplexo com a sua visão confusa. «Consegue pensar em alguma razão para eu ter recebido a sua impressão?» perguntou à senhorita W.v.B.

«Bem», respondeu ela, «pouco antes da reunião enviei o meu anel para o palco e pedi-lhe que me dissesse algo sobre ele.»

Croiset tinha pegado no anel dela e, como de costume, meteu-o entre as folhas do seu bloco de notas, dizendo: «Agora não posso, mas espero ter oportunidade durante a segunda parte da reunião.»

Assim, estranhamente, na noite anterior a que lhe entregassem este anel como indutor, o psicoscopista recebera uma imagem clara da sua associação, embora esta se misturasse com as outras impressões.

A propósito, Croiset disse ao professor Tenhaeff antes da reunião que também recebera na noite anterior, na esquadra de Hengelo, a imagem de que a senhora idosa tinha «unhas sujas». Mas, por delicadeza, não comunicou este facto ao inspetor S.

Quando esta impressão foi verificada, contudo, revelou-se verdadeira.

CASO 3

A CADEIRA VAZIA

Uma cadeira vazia também pode causar confusão temporária.

A 15 de outubro de 1952, o professor Tenhaeff preparava um teste da cadeira que se realizaria quatro dias depois em Roterdão. O professor escolheu a cadeira número 18.

«Não vejo nada», murmurou Croiset.

«Tem a certeza?»

«Absoluta.»

Isto deixou perplexo o seu Boswell parapsicológico. Até então, Croiset obtivera resultados quase perfeitos.

O Dr. Tenhaeff experimentou outro número — cadeira 3. O sensitivo sorriu, dizendo rapidamente: «Ali sentar-se-á uma mulher. Tem cicatrizes no rosto. Vejo que essas cicatrizes têm algo que ver com um acidente de automóvel em Itália.»

Na noite da reunião, nevava em Roterdão. Das trinta pessoas convidadas, uma não pôde vir. A cadeira vazia? O número 18 — onde Croiset dissera «Não vejo nada.»

Mas na cadeira 3 estava sentada uma mulher com uma cicatriz visível no rosto.

«Sim, sim», admitiu ela. «Tive um acidente de automóvel em Itália há dois meses. Mas diga-me, como soube?»

Após o experimento, o investigador Tenhaeff corroborou a imagem de Croiset com o testemunho do marido da mulher, um neurologista.

CASO 4

RITA VENTURI, DE VERONA

Um teste histórico da cadeira realizou-se em Verona, Itália, a 3 de março de 1956. Foi a primeira vez que os participantes e espetadores foram convidados depois de Croiset ter dado as suas impressões.

O experimento decorreu na sala de reuniões do Museu de História Natural. Estavam presentes cinquenta pessoas. Destas, trinta e seis ocuparam cadeiras dispostas em seis filas de seis.

No dia anterior, Croiset estava em Munique, em casa do professor Anton Neuhäusler, parapsicólogo alemão. O sensitivo pediu ao anfitrião que escolhesse uma cadeira para o teste.

«Quem se sentará amanhã em Verona na quarta cadeira à esquerda da terceira fila?» perguntou o cientista de Munique.

Imediatamente, Croiset deu as suas impressões que foram escritas em alemão pelo Dr. Neuhäusler e colocadas num envelope lacrado. No dia seguinte foram traduzidas para italiano.

Antes de começar este teste da cadeira de Verona, realizou-se um aquecimento psicoscópico. Croiset recebeu uma imagem forte de um pequeno saco de fruta esmagada. Embora parecesse não ter ligação com a pessoa cujo indutor lhe fora entregue, o sensitivo tinha a certeza de que a sua imagem estava correta. Perguntou se alguém presente podia esclarecer a impressão do saco de fruta.

Uma adolescente gira, Rita Venturi, aluna do liceu, sentada diretamente atrás do homem que enviara o indutor, admitiu que a imagem do saco de fruta dizia respeito a ela. Alguns dias antes, durante o recreio escolar, desrespeitara o regulamento e saíra do edifício para comprar maçãs. O lojista pô-las num saco de papel. Quando Rita ouviu o sino da escola tocar, correu de volta, descuidada com o saco. De repente, o saco rasgou-se e as maçãs rolaram pela rua.

Esta imagem do saco de fruta insinuara-se fortemente entre as impressões que Croiset recebera sobre o dia anterior sobre o dono do indutor. Rita parecia ser a pessoa que Croiset descrevera claramente no dia anterior em casa do Dr. Neuhäusler, em Munique. «Esta mistura de imagens acontece por vezes durante os testes da cadeira», recorda o Dr. Tenhaeff, que procura constantemente explicações parapsicológicas constantes para as imagens de Croiset.

O teste da cadeira de Verona foi supervisionado pelo Dr. de Boni e pelo professor Zorzi, que abriram o envelope no início do experimento. Até então, o conteúdo era-lhes absolutamente desconhecido.

As impressões de Croiset dadas na véspera em Munique começavam: «Virá uma rapariga sentar-se na cadeira. Tem cabelo escuro, usa vestido escuro e blusa de cor clara. [Rita Venturi, que se sentou na cadeira escolhida, tinha cabelo escuro e usava um casaco azul-escuro. Por baixo do casaco, trazia uma blusa branca com finas riscas azul-claro.]

«Nas imediações da casa dela há um cabeleireiro de senhoras. [Correto.]

«Mora no quarto andar. [Incorreto. Morava no terceiro. Croiset confundiu o rés-do-chão do edifício com o primeiro andar.]

«Tem uma letra lindíssima. [Correto. Escreve mesmo lindamente, em caracteres redondos.]

«Adora animais e tem um desenho de um esquilo. Não sei se foi ela que fez este desenho ou se viu recentemente um assim que a impressionou profundamente. [Correto. Rita admitiu que adora animais. Uma amiga dera-lhe recentemente um desenho de um esquilo e ela ficara muito contente com a prenda.]

«Quando vai para casa, vê no fim da rua dela uma pequena praça. Nessa praça, há um edifício redondo com arcos. [Correto. No fim da rua de Rita havia uma pequena praça com um edifício de muitos arcos — o único assim no bairro.]

«Tem em casa um samovar russo ou cachimbos turcos com argolas entrelaçadas? [A princípio, Rita não se lembrava de nenhum cachimbo assim. Mas quando Croiset lhe mostrou, curvando os dedos, como são as argolas entrelaçadas de um cachimbo turco, Rita lembrou-se, tal como a mãe dela na assistência. Ambas recordaram que tinham admirado recentemente um cachimbo assim em casa de uma amiga.]

«Usa sapatos pretos de salto baixo. O couro superior está ligeiramente estragado. Tem uma racha. [O Dr. de Boni mostrou a todos que Rita usava sapatos pretos de salto baixo. Embora Croiset insistisse que havia uma racha no couro superior, Rita disse que não sabia de nada. Mas no fim da noite Rita aproximou-se do Dr. de Boni e admitiu que havia rachas no couro superior de ambos os sapatos e mostrou-lhos. Sentia-se envergonhada por usar sapatos tão velhos na reunião.]

«Ontem teve alguma emoção por causa de uma cigarreir? Deixou-a cair no chão? [No dia anterior, Rita comprara uma cigarreir de presente para uma amiga. Quando a desembrulhou em casa para a ver outra vez, a cigarreir caiu no chão e ela receou que se tivesse estragado.]

«Quem é o senhor idoso de bigode? Tem um retrato dele no quarto? [No quarto de Rita há uma fotografia do avô dela, um senhor idoso com bigode grande.]

«Aconteceu-lhe recentemente que um animal morto, de uma talho, lhe caísse à frente dos pés?» [Alguns dias antes, quando Rita passava por uma loja de aves, uma galinha morta, pendurada por cima da entrada, caiu-lhe à frente dos pés.]

CASO 5

DOIS DESCONHECIDOS, DUAS IMAGENS

Um teste da cadeira foi preparado em Kaiserslautern, Alemanha, na manhã de 2 de junho de 1952, para demonstração nessa mesma noite na cidade vinícola de Neustadt. Embora tenha sido Croiset quem escolheu o lugar no plano de assentos, teve duas impressões misturadas:

«Vejo uma mulher magra, cabelo loiro, com blusa e um xaile verde, sentada de lado a uma mesa ao lado de um homem corpulento. Ela olhou para um crucifixo onde faltava a figura de Jesus? O homem que está ao lado dela cora facilmente...? Complexo de inferioridade... É uma pessoa que viaja na imaginação como Júlio Verne? Esteve recentemente numa loja que vende roupa? Vejo "Médico do Rei". Tem em casa um quadro do ano de 1850 de uma senhora com touca de renda? Estava a pensar comprar um disco de longa duração? Vejo uma lápide. Interessa-se por essas coisas? Uma casa branca... é um estabelecimento de lápides? O amigo dele, Carl, vive na América ou perto dela?»

«Nessa noite», relata o parapsicólogo alemão Bender, «uma mulher e um homem estavam sentados um ao lado do outro em ângulo. A mulher loira e magra usava um xaile verde... Acabara de visitar o túmulo do marido onde está uma cruz sem a figura de Jesus. Perto do túmulo há uma casa branca de um lapidador de lápides. Na sala de estar da mulher está pendura-se um quadro, "Senhora com Touca de Renda", pintado a meio do século passado. Quer mandá-lo fotografar. Embora não tenha lido o livro O Médico do Rei, sabia que o tema eram as curas milagrosas na época de Cristo. Aliás,

recentemente tivera uma conversa sobre esses milagres com um parente religioso. Cresceu no México onde vive um velho amigo da família chamado Carlos. Mostrou-nos uma carta dele. Os familiares têm uma loja de roupa onde ela vai frequentemente e onde acabara de comprar tecido.

«O homem não era corpulento — a única previsão incorreta de Croiset neste experimento. Mas cora muitas vezes quando é apanhado em falso ou sente complexos de inferioridade. As viagens ocupam um lugar importante nas suas fantasias. Há três semanas quisera comprar um disco de longa duração. Aliás, antigamente gerira o departamento de discos de uma loja.»

CASO 6

SACO DE FRUTA

Outro teste da cadeira alemão realizou-se a 18 de setembro de 1951. Às nove da manhã, o Dr. Tenhaeff perguntou a Croiset, em casa do professor Dr. R. Schütz em Singen-Hohentwiel, junto ao lago de Constança, Alemanha, se conseguia prever algo sobre o ocupante da cadeira escolhida para o teste dessa noite na Universidade de Friburgo (em Brisgóvia).

Croiset disse que o grupo estaria sentado em círculo. Desenhou então um esboço e marcou com um «X» o lugar onde a pessoa-alvo, uma mulher, se sentaria.

«Esta mulher tem cerca de quarenta anos e não é alta», começou. «Vejo que, quando ri, mostra muito os dentes. Ontem, por volta das onze da manhã, deixou cair algo que fez muito barulho? De vez em quando tem uma sensação estranha na testa, mesmo por cima do nariz. Lê todo o tipo de artigos em revistas e tem o hábito de acrescentar os seus próprios comentários a lápis. Gosta de artes gráficas. Teve alguma coisa a ver com um saco de fruta? Isso deu-lhe um bom motivo para se irritar.»

Nessa noite, às vinte e uma horas, na Universidade de Friburgo, realizou-se o teste. A pedido da assistente do professor Bender (que não sabia o que Croiset vira nessa manhã), formou-se um círculo com os participantes reunidos à pressa.

Croiset dera as suas impressões ao professor Tenhaeff nessa manhã, antes de alguém ter sido convidado para assistir ao experimento.

No lugar indicado por Croiset estava sentada uma mulher, a senhora Margarita M., de Montevideu, que se encontrava de visita em Friburgo.

Todos os factos sobre ela, exceto um, corresponderam. Na aparência, parecia-se com a pessoa descrita por Croiset. Quando ria, mostrava os dentes de forma muito visível. No dia anterior irritara-se bastante ao encontrar na mala um saco de fruta estragada. Mas negou ter deixado cair algo que fizesse muito barulho. Verificou-se que isso dizia respeito ao vizinho da esquerda, o senhor H.M., de Sarrebruck, que dois dias antes deixara cair um prato enquanto o lavava, fazendo muito barulho. Contudo, ele confirmou ter assistido ao incidente de Margarita M. ao descobrir o saco de fruta estragada na mala e que ela ficara compreensivelmente irritada com isso.

Durante os seus testes da cadeira, as imagens de Croiset sobre futuros ocupantes incluem frequentemente incidentes coloridos e específicos da vida deles que os identificam de forma inconfundível.

Num teste da cadeira holandês de 1 de março de 1948, previu que no segundo lugar a contar da direita da quinta fila se sentaria um homem que, anos antes, enquanto passeava perto de uma grande villa numa colina, socorrera uma mulher inconsciente que usava um vestido claro. O homem espantado que ocupava essa cadeira reconheceu que a imagem correspondia exatamente ao momento em que, doze anos antes, a mulher dele fora atropelada por um automóvel. Segurara a esposa inconsciente nos braços enquanto esperava a ambulância.

Num teste da cadeira alemão no Instituto de Psicologia da Universidade de Bona, a 18 de outubro de 1952, Croiset percebeu antecipadamente um jovem que quase perdera um dedo numa serra elétrica e que recentemente recebera um telegrama («uma carta amarela com letra preta») que o perturbara bastante.

Num teste da cadeira em Haarlem, Países Baixos, a 1 de fevereiro de 1955, Croiset teve impressões certeiras de um fabricante de medicamentos de Roterdão, cabelos grisalhos e self-made, cuja irmã contraíra poliomielite infantil; que nessa tarde discutira Joana d'Arc; que fazia muitos negócios em Trípoli; que recentemente visitara uma amiga viúva obrigada a servir refeições aos hóspedes para sobreviver.

Num teste na Universidade de Friburgo a 13 de maio de 1952, o sensitivo holandês teve imagens misturadas de um jovem com talento para imitação que fora preso pelos russos; de uma mulher que se batera contra urtigas no jardim e tivera de tirar a meia; e de um inspetor de polícia com uma caneta de tinta permanente que pingava.

Gerard Croiset chega mesmo a ver imagens históricas vívidas, recorrendo ao que os parapsicólogos chamam o seu «eu subliminar». Uma vez, durante um teste da cadeira em Utrecht, teve uma visão de Floris V, conde da Holanda assassinado (1254-1296), que reclamara o trono da Escócia. Disto, o sensitivo concluiu que o homem na cadeira escolhida tinha algumas das características de Floris V tal como aparecem nos livros escolares que lera em rapaz. O homem admitiu que assim era.

Croiset é o primeiro a reconhecer que não vê tudo nem toda a gente. Pouco antes de um teste da cadeira na Basileia, Suíça, em 1955, depois de gravar as suas impressões, Croiset sentou-se com o seu examinador, Dr. Gebhard Frei, a observar os participantes à entrada. Sempre que alguém entrava, Croiset admitia com franqueza: «Esta pessoa vi.» Ou: «Esta não vi.» Recentemente, o parapsicólogo Frei disse-me: «Tudo o que Croiset disse correspondia ao que previamente ditara para a fita. Não posso duvidar das suas capacidades de vidente.»

Ainda assim, um experimento pode ser perturbado se houver interferência. Depois de Croiset descrever o homem que se sentaria na cadeira número 8 num teste em Friburgo a 6 de junho de 1953, o motorista dessa pessoa escolhida, Dr. E., entrou na sala vários minutos antes da reunião e tocou na cadeira. Resultado: dez das doze afirmações de Croiset aplicaram-se ao motorista!

Promotores europeus tentaram comercializar o teste da cadeira de Gerard Croiset colocando-o na televisão. Mas o professor Tenhaeff resistiu à considerável pressão para o fazer. Uma vez na Alemanha foi televisionado contra a vontade do professor e sem a sua colaboração. «Para o público foi um fiasco», relata o parapsicólogo holandês, «porque o teste foi mal preparado e muitos participantes não faziam ideia do seu objetivo.»

Apesar do seu talento dramático, Gerard Croiset prefere demonstrar os seus dons sensitivos perante pequenos grupos científicos em vez de grandes auditórios em busca de entretenimento. Contudo, relutantemente, realizou um teste da cadeira em massa em abril de 1962, na Alemanha, no Pavilhão de Exposições de Nuremberga, perante 500 convidados e mais 1200 pessoas. O que o levou a aceitar foi ter-se sentido provocado por uma acusação que considerou injusta da Sociedade Alemã de Proteção contra a Superstição, que o chamara charlatão que usava truques. Após sincera reflexão, Croiset aceitou uma demonstração pública sob supervisão do respeitado parapsicólogo professor Anton Neuhäusler da Universidade de

Munique. Cobrou-se entrada e o produto reverteu para as vítimas da inundação de Hamburgo.

A 4 de março de 1962, Croiset gravou as suas impressões em Harmelen, Países Baixos, perante testemunhas. O advogado holandês Francissen lacrou depois a fita e enviou-a ao advogado Riegner em Erlangen, Alemanha, que a guardou num cofre até à noite do experimento.

Os resultados? Croiset obteve acertos notáveis, considerando o seu desconforto com este tipo de publicidade. Entre outras coisas, identificou uma mulher com dor de garganta crónica, onde morava e até o facto de ter cozinhado um pudim de arroz que ela e o marido admitiram na reunião ter ficado demasiado picante, tal como o sensitivo de Utrecht dissera. O experimento provou sem margem para dúvidas a honestidade e as capacidades sensitivas de Croiset, embora alguns alemães continuem céticos.

Num teste da cadeira em Colónia em 1959, Croiset ficou perturbado quando os estudantes participantes entraram a marchar como tropas de assalto. Nervoso, quis ir-se embora, até lhe garantirem que era apenas resquício do treino prussiano.

Do mesmo modo, quando um experimento de teste da cadeira é adiado e Croiset tem de esperar, isso também o desestabiliza. «Sinto-me como se estivesse no terceiro degrau de uma escada com um saco de farinha de 200 libras às costas, a empurrar uma porta de alçapão no teto que não abre», explica ele com a sua colorida imagética pictórica.

Croiset experimenta agora também um «teste da caixa» que o vi realizar com sucesso na noite de 30 de maio de 1963, em Haia. Utiliza-se uma caixa de 48 × 33 polegadas dividida em vinte e quatro cubículos de 8 × 8 × 8. Em cada cubículo, vinte e quatro pessoas escolhidas do público (desconhecidas de Croiset) depositam o seu indutor individual no espaço que escolherem. Os indutores não se tocam. Cobre-se a caixa com um pano e roda-se várias vezes.

Croiset está ausente durante estes procedimentos. Depois regressa à sala para gravar as suas impressões sobre um dos vinte e quatro objetos escolhidos na caixa. Após gravadas as impressões de Croiset, é-lhe permitido retirar do cubículo escolhido o objeto pertencente à pessoa de quem fala. Tal como nos testes da cadeira, as suas afirmações são verificadas ponto por ponto pela pessoa cujo indutor segura. Alguns destes testes da caixa têm o elemento de precognição; outros não.

Mas o mais espetacular teste da cadeira é verdadeiramente a pièce de résistance de Gerard Croiset. Nenhum outro sensitivo na Holanda conseguiu fazê-lo. A seguir a encontrar crianças desaparecidas, é provavelmente nos testes da cadeira que mais gosta de trabalhar com perceção extrassensorial. Embora lhes falte a carga emocional de localizar crianças desaparecidas, assassinos e ladrões, a atmosfera de suspense e interesse que culmina na verificação pública das suas previsões excita-o e muitas vezes potencia o seu desempenho. Por vezes o que vê perturba-o, como receber a imagem de uma mulher envolvida numa situação comprometedora que ele, obviamente, não menciona em público.

Embora tenha desenvolvido metodicamente o teste da cadeira especialmente para Croiset, o professor Tenhaeff não reclama o mérito da sua descoberta. O Dr. Eugène Osty, médico francês que realizou investigação parapsicológica pioneira, fez os primeiros testes da cadeira em 1926 no Institut Métapsychique em Paris com Pascal Forthuny, jornalista-poeta-pintor. Após descobrir por acaso as suas capacidades extrassensoriais, Forthuny colaborou nas investigações do Dr. Osty. Embora os resultados dos testes da cadeira de Forthuny não fossem tão esclarecedores como os de Croiset, teve muitos sucessos e abriu caminho ao grande vidente holandês.

Hoje, parapsicólogos de todo o mundo maravilham-se com as proezas de Croiset nos testes da cadeira. O Dr. Valkhoff, da África do Sul, escreve: «É uma descoberta sensacional. A palavra "descoberta" não é exagerada porque é um dom extraordinário quando alguém consegue dar informações sobre uma pessoa que se sentará num lugar determinado de um auditório no futuro.»

De Montclair, Nova Jérsia, o psiquiatra Dr. Berthold Eric Schwarz, que observou Croiset no Instituto de Parapsicologia em 1959, acrescenta: «O notável teste da cadeira destrói as barreiras tempo-espaciais e coloca questões difíceis a todos os cientistas que queiram examinar os factos sem condenação apriorística da sua validade.»

Após um teste da cadeira no instituto, um professor da Universidade de Utrecht, que acabou por ser a pessoa-alvo no lugar escolhido, insistiu que o acerto direto de Croiset resultara de contacto telepático prévio estabelecido pelo sensitivo. Croiset «forçara-o» de forma paranormal (sugestão telepática) a sentar-se na cadeira escolhida por terceira pessoa, alegou. Mas o parapsicólogo alemão Bender responde: «Analisando os experimentos,

prova-se facilmente que o método de escolha dos lugares desmente essa objeção.»

Os crentes no determinismo afirmam que não há livre-arbítrio; que Deus predestina desde a eternidade tudo o que acontece. O Homem é livre de escolher ou a sua escolha é sempre controlada e a sua aparente liberdade mera ilusão? Este dilema fundamental atormentou pensadores muito antes de Calvino e, em menor grau, Lutero, que sistematizaram a doutrina da predestinação. Contudo, mesmo antes do cristianismo, o determinismo era aceite pelos gregos antigos no conceito de fados, nêmesis e na ideia estóica de Providência.

Desde o início dos tempos, homens e mulheres quiseram conhecer o futuro, ainda mais do que o passado. Os antigos tinham os seus oráculos, profetas e até Cassandras que avisavam do futuro desastroso. Hoje, os mortais dizem frequentemente: «Tive o pressentimento de que isto ia acontecer. Sonhei com isto ainda outro dia...» Algumas pessoas dotadas psiquicamente «viram» com antecedência, em casos documentados, o trágico assassínio do presidente Kennedy.

Contudo, muitos não aceitam a assustadora ideia de ver o futuro. O Dr. Jan Ehrenwald, psicanalista de Nova Iorque, disse-me recentemente: «Aceito mais ou menos a telepatia. Até a clarividência, um pouco. Mas a precognição custa-me a tolerar intelectualmente.» Mas W. G. Roll, diretor de projeto da Psychical Research Foundation em Durham, Carolina do Norte, escreveu recentemente num relatório profissional privado: «O teste crucial para qualquer teoria em parapsicologia reside na sua capacidade de prever.»

Certamente os dezassete anos de experimentos de cadeira de Croiset indicam a realidade da precognição. Os controlos de Tenhaeff foram tão cautelosos que é difícil duvidar que as impressões de Croiset não foram obtidas por outros meios que não os cinco sentidos conhecidos. É algo completamente diferente dos sensitivos dos previsores profissionais, dos Nostradamus de newsletters e dos videntes de ganho rápido em Washington, Madison Avenue, Hollywood e no passeio marítimo de Atlantic City.

Do outro lado do oceano, os testes da cadeira qualitativos de um simples holandês chamado Gerard Croiset são algo novo — e um marco — na história da perceção extrassensorial.

II

O PROFESSOR

O HOMEM QUE DESCOBRIU, DIRIGIU E DESENVOLVEU GERARD CROISET é igualmente um ser humano extraordinário.

O professor Willem Tenhaeff é pioneiro numa ciência jovem que já se revelou de valor prático para a humanidade. Só recentemente o público leigo no mundo ocidental começou a tomar consciência do seu potencial para aumentar o conhecimento e a compreensão.

Diretor do Instituto de Parapsicologia da Universidade de Utrecht, nos Países Baixos, está, no meu entender, uma geração à frente dos mais limitados investigadores psíquicos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. Provavelmente sabe mais sobre fenómenos paranormais do que qualquer académico vivo, nem que seja por ter investigado exaustiva e pacientemente praticamente todos os aspetos conhecidos durante quase meio século.

A sua investigação independente, incansável e nada pedante, especialmente a experimentação sistemática de dezoito anos com Croiset, o Vidente, é um farol que guiará futuros exploradores pelas águas agitadas da perceção extrassensorial. Como escreveu a psicóloga Anita Kohsen no Journal of the British Society for Psychical Research em dezembro de 1958, ao recensear o livro de Tenhaeff Telepathy and Clairvoyance: «As suas investigações devem certamente considerar-se originais, e a posteridade poderá reconhecer pelo menos algumas delas verdadeiramente grandes.»

O pioneiro holandês é um homem gentil, erudito, de voz suave e conhecimento aparentemente ilimitado. Idealista dedicado, é indulgente com a fraqueza humana, mas mantém, mesmo com amigos próximos, uma certa reserva pessoal. Contudo, o seu raro calor humano e a sua integridade inabalável são imediatamente sentidas por quem o conhece. Este repórter teve esse privilégio durante quase quatro anos em visitas frequentes na Holanda.

Agora com setenta anos vigorosos, o professor Tenhaeff conserva ainda a curiosidade infantil pelo desconhecido. Figura solitária e contemplativa, a sua vida foi maioritariamente dedicada a documentar e interpretar factos. Se alguém menciona sequer um facto trivial que lhe seja desconhecido, afaga a barba branca aparada em ponta, passa a mão pelo cabelo ainda castanho, pisca os bondosos olhos castanhos e diz então, na sua voz alta e

agradável: «Por favor, Jack, deixa-me verificar isso.» Depois, educadamente, desculpa-se para consultar um das suas centenas de livros de referência. Satisfeito, reconhece graciosamente: «Tem razão. Não conhecia esse facto.»

Quando lhe perguntam sobre um caso de Croiset, responde prestavelmente: «Aqui tem, dou-lhe todos os pormenores.» Quando tem a certeza da veracidade de um caso, afirma: «Estou persuadido de que os factos estão corretos.» Mas quando não está convencido de que foram totalmente corroborados, adverte: «Ainda não foi dita a última palavra sobre isto.» Quando se menciona um facto insignificante, despacha-o dizendo: «Oh, isso não tem importância.»

Contudo, o objetivo da sua vida não é apenas documentar factos. Preocupa-o mais tentar descobrir as leis psicológicas em que se baseiam e relacioná-las com o fundo filosófico dos fenómenos paranormais.

O único parapsicólogo no mundo que se compara ao paciente investigador de Utrecht é o Dr. J. B. Rhine da Universidade Duke. Homem acima de mesquinhas invejas profissionais, o professor Tenhaeff é o primeiro a reconhecer, com verdadeira imparcialidade científica: «Hoje em dia, a perceção extrassensorial é geralmente aceite como provada graças ao importante trabalho do Dr. Rhine.»

«Qual a principal diferença entre o senhor e Rhine?», perguntei.

«O Dr. Rhine interessou-se sobretudo pela investigação quantitativa e estatística com cartas Zener», foi a resposta. «Mas eu interesso-me tanto pelo método quantitativo como pelo qualitativo.»

«Qual dos tipos de investigação em PES considera hoje mais importante?»

«O qualitativo, no meu entender, porque a parapsicologia já ultrapassou a fase quantitativa. Contudo, ambos os métodos são necessários.»

De trás da Cortina de Ferro, em Praga, Checoslováquia, o setuagenário Dr. Karel Kuchynka, que estuda a investigação do parapsicólogo holandês desde o conhecer num congresso em Oslo em 1935, disse-me: «A contribuição monumental do professor Tenhaeff está em combinar os métodos qualitativo e quantitativo nos seus experimentos com Gerard Croiset.»

Quando não está no terreno a verificar um caso de Croiset com a polícia em qualquer ponto da Holanda ou a dar palestras na Europa, o professor

está no seu amado Instituto de Parapsicologia, muitas vezes da manhã cedo até alta noite, incluindo domingos e feriados. Quando chegam visitas, recebe-as calorosamente: «São muito bem-vindos», e diz-o com toda a sinceridade.

Este instituto é talvez a clínica, centro de ensino e investigação mais singular do mundo. Provavelmente possui mais casos modernos documentados de fenómenos psíquicos do que qualquer outra instituição, porque aqui a perceção extrassensorial é aplicada de forma prática e qualitativa.

No instituto vi a PES em ação e verifiquei ocorrências impressionantes, incluindo a resolução de crimes e a localização de pessoas desaparecidas sob supervisão académica. Embora as exigências sobre o professor Tenhaeff sejam desgastantes, a polícia e pessoas em dificuldade consultam-no constantemente para pedir a ajuda de Croiset na resolução da multitude de problemas indicados nos capítulos 4 a 10.

O Instituto de Parapsicologia está instalado num antigo convento, edifício de tijolo castanho do século XVI, três andares, modesto e remodelado. Fica a alguns quarteirões do campus universitário, numa rua sinuosa e limpa chamada Springweg, numa das zonas mais antigas de Utrecht.

Nas minhas dezenas de visitas memoráveis ali desde 1960, subi três estreitos lanços de escada em caracol para visitar o professor Tenhaeff no seu gabinete forrado de livros, que lembrava o de Fausto. Uma dúzia desses livros fora escrita pelo próprio professor. Entre os títulos contam-se Introduction to Parapsychology (1952 e 1964), Spiritualism (1936, 1951 e 1964), War Predictions (1948), Parapsychological Phenomena and Reflections (1949), Mesmerists, Somnambulists and Healers by Prayer (1951), The Divining Rod Problem (1951), Precognition (1961) e Reflections on Using Paragnosts for Police and Other Practical Purposes (1957).

Vários destes livros holandeses foram traduzidos para alemão, mas, surpreendentemente, nenhum para inglês. Dezenas de investigadores de parapsicologia nos Estados Unidos e em Inglaterra lamentam isso, entre os quais o Dr. Karlis Osis, diretor de investigação da American Society for Psychical Research, o professor de Filosofia H. H. Price da Universidade de Oxford e o psicólogo da Universidade de Cambridge Dr. Robert H. Thouless. Anita Kohsen, codiretora do Institute for the Study of Mental Images, disse-me recentemente em Hampshire, Inglaterra: «Aprendi

holandês só para poder ler a obra do professor Tenhaeff.» O psiquiatra Berthold Eric Schwarz, de Montclair, Nova Jérsia, acrescentou: «É importante traduzir os livros do Dr. Tenhaeff para o mundo anglófono. Não conheço nada parecido.»

O parapsicólogo holandês escreve e fala fluentemente inglês e mais três línguas. «Mas às vezes baralho-me tanto em congressos internacionais», diz a rir, «que chega um momento em que não consigo falar em nenhuma língua. Torna-se bastante cansativo usar termos técnicos em idiomas diferentes. De repente dou por mim a falar holandês a um alemão e inglês a um francês!»

Recordo-me de estar com ele no Instituto de Parapsicologia na tarde de 4 de junho de 1963, quando teve de falar uma espécie animada de francês hispano-português para acompanhar a língua de um eloquente visitante brasileiro, o Dr. Silvio Lago, professor de medicina interna na Universidade Estadual do Rio de Janeiro. O Dr. Lago viera ao instituto perguntar como o Dr. Tenhaeff ensinava parapsicologia na Universidade de Utrecht e saber se os negros e índios primitivos que estudava na América do Sul tinham características semelhantes às de Croiset e de outros sensitivos holandeses.

Em parte para que os sensitivos se sentissem à vontade, a atmosfera científica do instituto — gravadores, microfones ocultos, filmes, diapositivos e outros instrumentos da investigação moderna — é suavizada por muitos toques caseiros. Entre eles contam-se uma pintura japonesa, um raro rolo religioso tibetano, um emblema budista e meia dúzia de vasos com plantas no parapeito da janela, que o próprio professor Tenhaeff trata muitas vezes. As suas enérgicas assistentes, Nicky e Annet Louwerens, trazem as flores diárias para os vasos que fazem parte de todas as casas holandesas.

O instituto tem também uma pequena cozinha num corredor estreito. Ali passei muitas noites memoráveis a partilhar a refeição com o professor vegetariano. «Se vivesse no Polo Norte, teria de comer peixe», explica. «Mas aqui não preciso. E certamente não invejo quem goste de peixe ou carne, nem tento convertê-los ao meu modo de pensar.» A sua convicção vegetariana vem do ano em que fez dezoito anos, quando foi profundamente influenciado pelos escritos de vegetarianos como Gandhi, Tolstói, Shaw e outros que insistiam que o homem é apenas um irmão mais velho dos animais e não tem direito a matá-los e devorá-los. O romance de Upton Sinclair de 1906, The Jungle, que expunha os horrores higiénicos e a

crueldade dos matadouros de Chicago, deixou também uma marca profunda no jovem Tenhaeff.

Segundo padrões americanos, hoje o grande parapsicólogo vive quase uma vida espartana na sua simplicidade. Nunca teve o mínimo interesse em possuir televisão ou conduzir automóvel. Até há pouco tempo o instituto não tinha frigorífico e o único sítio onde cabia era no rés-do-chão. Quando acaba de jantar no terceiro andar, o professor desce a manteiga, o queijo e outros perecíveis para o frigorífico do rés-do-chão. Quando precisa de água quente, acende o fiel e velho esquentador da cozinha. A sua vida pessoal é tão simples quanto a obra científica é complexa, mas sente-se plenamente feliz.

O único luxo do professor é o cachimbo, companheiro inseparável. Desmentindo a ideia popular do professor distraído, quando sai do instituto esvazia cuidadosamente os cinzeiros no autoclismo de corrente e, como precaução extra contra incêndios, desliga metodicamente os interruptores gerais da eletricidade e do gás junto à porta da rua, para que, em caso de curto-circuito ou outro perigo de fogo, nenhum dos seus preciosos arquivos seja destruído.

Amante da natureza, o Dr. Tenhaeff gosta de caminhar. Todas as manhãs e noites percorre a pé quatro quilómetros (dois para cada lado) entre a modesta casa alugada na periferia da cidade e o instituto. «Aprendi a andar no Exército durante a Primeira Guerra Mundial», diz. Hoje caminha com qualquer tempo. Sempre que este americano sedentário o visita, caminho mais numa semana com ele pelas ruas empedradas de Utrecht do que em todo o resto do ano nos Estados Unidos. «Deixei de andar de bicicleta há oito anos», explica, «porque já não gostava de circular por Utrecht com tantas motas novas e perigosas.»

Embora seja a última pessoa a chamar a atenção para isso, o professor Tenhaeff lutou e sacrificou-se para fazer da parapsicologia a obra da sua vida. O passado do professor, tal como a sua personalidade, não podia ser mais diferente do de Gerard Croiset.

Willem Heinrich Carl Tenhaeff nasceu de pais abastados da classe média em Roterdão a 18 de janeiro de 1894. O pai, Carl Albert Johann, funcionário diligente de uma companhia de navegação a vapor, cujos antepassados vinham da Zelândia, no sul dos Países Baixos, nascera em Ruhrort, Prússia. Mas em 1890 regressara à Holanda para gerir o escritório de Roterdão de uma empresa alemã de navegação que transportava carga pelo Reno de Mannheim até Roterdão. Homem prudente e ordenado, Carl

Tenhaeff casou com Maria Christina van Noorden, filha de um comerciante de Roterdão que tinha as mesmas qualidades admiráveis.

O filho único, Willem, ficou de repente fascinado pelo estranho mundo da investigação psíquica após terminar o liceu em Roterdão aos dezoito anos. Os práticos pais consideraram o novo interesse dele uma perfeita tolice e completamente inútil. O pai Tenhaeff insistiu: «Willem, quero que aprendas o negócio da navegação.» Mas o rapaz desejava profundamente seguir o seu próprio sonho.

Uma influência precoce e profunda no jovem foi a amizade com o brilhante filósofo holandês Felix Ortt, homem nobre e ascético que renunciara ao mundo materialista. Abdicando do alto cargo no Governo dos Países Baixos como engenheiro hidráulico, dedicou-se a todo o tipo de obra humanitária, incluindo a cruzada pelo vegetarianismo e contra a vivissecção. Teórico que tentava provar tudo matematicamente, Ortt interessou-se pela «investigação psíquica» e até editou uma revista espiritualista após a Segunda Guerra Mundial, quando tinha oitenta anos. Mas Willem Tenhaeff afastou-se dele devido à credulidade de Ortt em relação ao espiritualismo.

Naquela época, o espiritualismo e o ocultismo eram a principal preocupação dos europeus interessados em fenómenos psíquicos, que liam obras como as do filósofo alemão Rudolf Steiner, criador de uma ciência espiritual a que chamou «antroposofia».

A mente imaginativa de Willem procurava sempre penetrar neste mundo novo e elusivo. Em 1912 conheceu um grupo de homens e mulheres que realizavam sessões espiritualistas regulares. O que observou absorveu-o, mas depressa percebeu que, para compreender esses fenómenos, tinha pela frente um estudo mais profundo. Como praticamente não havia estudos científicos de investigação parapsicológica na Holanda, o jovem Tenhaeff decidiu ensinar a matéria a si próprio. Com uma dedicação digna de Abraham Lincoln, devorou avidamente todos os livros disponíveis sobre psicologia, psiquiatria e investigação psíquica. Entre outros, leu as obras de William James, Sigmund Freud, Cesare Lombroso e Franz Mesmer, o pai do «mesmerismo» (hipnotismo).

Durante o inverno de 1911-12 leu avidamente Death Is Life, antologia dos escritos de Elise van Calcar, conhecida sufragista espiritualista holandesa, que tratava da sobrevivência após a morte. Mas o livro que mais profunda impressão deixou no jovem de Roterdão foi Human Personality and Its Survival of Bodily Death, de Frederic W. H. Myers. Este clássico

científico de Myers, docente de Grego em Cambridge e fundador da British Society for Psychical Research, fora publicado postumamente em Londres em 1903, dois anos após a morte do autor.

«De Myers, a quem considero um importante pioneiro da parapsicologia», recorda o desbravador Tenhaeff, «aprendi que, para compreender a investigação psíquica, era preciso primeiro estudar psicologia.» Foi o que o estudante holandês continuou a fazer entre 1914 e 1917, depois de chamado ao Exército dos Países Baixos. Embora pacifista, o tenente Tenhaeff serviu com distinção como oficial de reserva num regimento de guardas de fuzileiros. Mas, nas licenças, o jovem soldado-estudioso, em vez de procurar simples divertimento, visitava geralmente espiritualistas e adivinhos para estudar as suas capacidades e técnicas. «Vi muitas coisas inacreditáveis e também muitas fraudes, como impostores astutos que exploravam a credulidade de pessoas em luto pela perda de entes queridos», recorda. Todas estas experiências reforçaram a sua convicção de que estes fenómenos inexplicados precisavam de ser investigados de forma mais científica.

Uma noite de 1915 visitou uma adivinha em Haia que lhe disse: «Quando sair do Exército, terá um emprego de que não gosta. Depois estudará e ensinará. Vejo muitos alunos à sua volta. Mas os seus alunos são pessoas adultas, não crianças. Mais tarde, vejo-o a escrever muitos livros.»

Todas estas previsões se realizaram.

Após a Primeira Guerra Mundial, para ganhar a vida, Willem Tenhaeff trabalhou relutantemente como correspondente comercial no escritório do pai durante os cinco anos seguintes. Cumpriu os deveres com consciência, mas o trabalho aborrecia-o e nunca perdeu o sonho da investigação psíquica. Gastava a maior parte do dinheiro disponível em livros sobre o tema. Cada momento livre continuava a lê-los e a estudar para o seu objetivo.

O pai, homem de negócios, sentia-se dececionado e irritado por o filho ratinho de biblioteca não mostrar o mínimo interesse pelo mundo comercial — atitude que mantém até hoje. Um dia Carl Tenhaeff queixou-se a um amigo da família: «O Willem não se interessa por ganhar dinheiro nem sequer por saber quantos navios há no porto de Roterdão. Simplesmente não entendo o meu filho.»

Tampouco a mãe, mulher terra-a-terra, compreendia a preocupação dele com a investigação académica, embora o tio-avô dela, Dr. Karl van

Noorden, especialista em doenças circulatórias, tivesse ensinado medicina em Viena e realizado investigação notável sobre diabetes.

Em 1924 Willem já poupara dinheiro suficiente para deixar o negócio de navegação do pai e traçar novos rumos. Realizou uma antiga ambição ao mudar-se para Utrecht onde, aos trinta anos, se matriculou como estudante universitário. A disciplina principal foi psicologia experimental; as secundárias foram fisiologia, criminologia, etnologia e filosofia. O orientador de Willem foi o professor de Psicologia Frans Roels, que encorajou o seu interesse pela investigação psíquica. Em Utrecht conheceu outro aluno de Roels, Jan Eduard de Quay, que foi primeiro-ministro dos Países Baixos de 1959 a 1963.

Embora o pai pudesse facilmente tê-lo ajudado financeiramente, Carl Tenhaeff recusou-se a fazê-lo por considerar honestamente que o filho estava a desperdiçar tempo e um dia regressaria ao negócio da navegação. O jovem sustentou-se com explicações particulares e como assistente do professor Roels.

Mas os anos de luta de Willem Tenhaeff estavam apenas a começar. Um dia de 1925 ouviu uma inspiradora palestra do falecido professor Gerardus Heymans (1857-1930), da Universidade de Groningen, decano dos psicólogos holandeses. Falando perante a então quinquagenária Sociedade Holandesa de Investigação Psíquica, Heymans, que realizara experiências estatísticas de telepatia já em 1920, defendeu com veemência que as pessoas então conhecidas como «videntes» e «telepatas» — que suspeitava pertencerem ao grupo temperamental dos «nervosos» ou «pré-histéricos» — precisavam de ser estudadas em relação à estrutura da sua personalidade. Willem Tenhaeff, de olhos arregalados, ouviu o desafio e aceitou-o sozinho.

No ano seguinte, em 1926, uma geração antes de conhecer Gerard Croiset, o investigador Tenhaeff começou a localizar, estudar e testar na Universidade de Utrecht todo o tipo de homens e mulheres dotados psiquicamente que afirmavam ver coisas para além das perceções normais do indivíduo médio. Muitas das pistas eram-lhe fornecidas por inspetores de polícia, médicos, advogados e homens de negócios. Mas o incansável investigador primeiro se certificava de que essas pessoas tinham verdadeiras capacidades extrassensoriais antes de lhes aplicar testes parapsicológicos. Geralmente entregava-lhes um objeto como indutor e registava as impressões que este lhes evocava.

Enquanto estudava com controlos rigorosos a «estrutura da personalidade» destes sensitivos (a quem mais tarde chamou sensitivos), Tenhaeff não se fiava apenas nas informações autobiográficas dos sujeitos. Completava-as recolhendo dados detalhados junto das famílias, amigos e conhecidos deles.

Assim, Willem Tenhaeff tornou-se o primeiro homem nos Países Baixos — e possivelmente no mundo — a empreender uma investigação parapsicológica qualitativa sistemática e de longo prazo sobre videntes.

Agora que a sua carreira profissional tinha um foco definido, o jovem parapsicólogo em maturação começou a alargar a vida pessoal. Em 1926, aos trinta e dois anos, casou com Johanna Jacoba Hemmes, mulher de coração quente com trinta e sete anos que conhecera nove anos antes. Sempre ao lado dele embora discretamente, Jenny Tenhaeff encorajou-o, apoiou-o e ajudou-o.

«Tenhaeff nunca publicou uma frase nem escreveu uma única palestra que ela não tivesse visto antes, e muitas vezes várias vezes», escreveu Yge Foppema, poeta premiado e editor do Nieuwe Rotterdamsche Courant, no obituário publicado na revista holandesa de parapsicologia após o funeral dela em maio de 1963. Idealista, Jenny Tenhaeff foi uma verdadeira companheira — poupando, sacrificando-se e servindo sem egoísmo para que o marido dedicado pudesse levar a cabo a difícil obra de vida que se incumbira.

Nesta obra, depressa observou que muitos dos seus primeiros sujeitos exibiam traços «coléricos» além de «nervosos». Notou também que muitos videntes, tal como Croiset anos mais tarde, tendiam a especializar-se em áreas que os interessavam; a reconhecerem-se nos outros; a sentirem-se «diferentes» e incompreendidos em crianças; a serem inseguros como adultos; a falar incessantemente; a ter problemas de estômago; e a parecerem-se com atores por estarem sempre a representar um papel.

A maior parte destas experiências iniciais com sensitivos foi publicada no Tijdschrift voor Parapsychologie (Revista Holandesa de Parapsicologia), que o investigador Tenhaeff, então com trinta e quatro anos, fundou em 1928 com o falecido Dr. Paul A. Dietz, biólogo e psiquiatra de Haia que mais tarde lecionou parapsicologia na Universidade de Leiden. Estas experiências eram publicadas em duas colunas: a da esquerda relatava as palavras do sensitivo e a da direita avaliava-as.

Desde o início, esta Revista, que se revelou muito mais viva em comparação com as hoje aborrecidas congéneres britânica e americana, foi o porta-voz pessoal do editor Tenhaeff. Tornou-se um tesouro de casos documentados de perceção extrassensorial que os académicos europeus apreciaram mais rapidamente do que os parapsicólogos não neerlandófonos dos Estados Unidos e Inglaterra. A Revista tornou-se rapidamente o órgão oficial da Sociedade Holandesa de Investigação Psíquica.

Em 1928 Willem Tenhaeff concluiu o doutoramento em psicologia na Universidade de Utrecht. Em 1933 publicou finalmente a tese, Paragnosie en "Einfühlen", que não só relatava as suas experiências com sensitivos como indicava o caminho que a sua investigação futura seguiria. Pouco depois foi nomeado docente livre de parapsicologia na Universidade de Utrecht.

Mas, sendo um cargo honorário e não remunerado, continuou a viver com frugalidade apesar da crescente popularidade no campus. Muitos estudantes de então na Universidade de Utrecht, incluindo B. L. Slingenberg, cônsul-geral dos Países Baixos em Nova Iorque, contaram-me que as palestras de Tenhaeff estavam sempre cheias porque eram excitantes e estimulantes.

O jovem Dr. Tenhaeff também deu palestras na Bélgica, Alemanha, Áustria, Hungria, Itália, Suíça, Suécia, Noruega e outros pontos da Europa para promover maior compreensão popular da controversa nova ciência da parapsicologia. Ainda mais do que hoje, era então uma luta constante conseguir que este ramo da psicologia fosse aceite por cientistas presos à tradição e por um público cético. Uma variedade de «ismos» psíquicos reclamava atenção e agravava o fardo do zeloso Tenhaeff de separar o falso do verdadeiro.

Durante a década de 1930, o investigador Tenhaeff prosseguiu estas experiências qualitativas com uma grande diversidade de sujeitos masculinos e femininos. Encontrou diferenças consideráveis na vivacidade e veracidade das imagens deles, que muitas vezes provinham das suas «relações associativas». Muitos videntes conseguiam visualizar as coisas mais claramente quando estavam emocionalmente envolvidos, como Croiset com crianças afogadas devido à sua própria quase-afogamento.

Um sensitivo masculino estudado pelo Dr. Tenhaeff revelou-se invulgarmente eficaz a ver os corpos de suicidas reais e potenciais porque ele próprio pensara muitas vezes em acabar com a vida.

Uma sensitiva, pintora de quarenta e dois anos, especializara-se em perceber a vida sexual das pessoas porque a sua própria era tão insatisfatória e lhe causava grande preocupação. Um dia o Dr. Tenhaeff deu-lhe um anel como indutor. Ela disse depressa e corretamente: «Pertence a uma jovem bonita e frígida que vejo a dormir com a cabeça encostada à axila do marido. Gosta de estar deitada ao lado dele e de ser beijada por ele. Mas é só até aí que o que lhe permite.»

Um vidente sexualmente mal ajustado, também obcecado por erótica, identificou corretamente para a polícia um grupo de prostitutas com quem um homem assassinado tivera relações e até descreveu o bordel que a vítima frequentava regularmente. O interesse deste sensitivo pela vulgaridade era tão pronunciado que se deliciava, enquanto seguia o rasto de uma pessoa com vara de radiestesia, em apontar onde (segundo ele) o indivíduo urinara.

Uma sensitiva divorciada revelou capacidade invulgar para detetar situações de «triângulo» porque ela própria mantivera durante anos um caso com um homem casado. Um oficial de marinha casado, que a consultara profissionalmente, disse ao Dr. Tenhaeff: «Esta vidente descreve todas as raparigas com quem dormi em diferentes portos!»

Um psicoscopista masculino de trinta e dois anos teve êxito extraordinário a identificar os aniversários das pessoas depois de lhe entregarem um indutor. Porquê? Porque era o mais velho de doze irmãos e, de cada vez que a mãe dava à luz, era deixado em casa da avó. Muito apegado à mãe, preocupava-se com todas as histórias assustadoras que ouvira sobre partos. Esta separação periódica do lar afetou-o profundamente.

As tendências espiritualistas de outros sensitivos foram também investigadas pelo Dr. Tenhaeff. Em 1936 saiu a primeira edição do seu livro Het Spiritisme (a terceira edição será publicada em 1964). Nesse livro provou a insuficiência da prova média de identidade (espírita) como prova da veracidade da convicção espiritualista em bases parapsicológicas. Contudo, nunca se aliou aos que consideram a hipótese espiritualista completamente inaceitável como hipótese de trabalho parapsicológica.

Ainda assim, o professor diz hoje: «Tudo isto não altera o facto de eu não querer de modo algum negar que, ao longo dos anos, me deparei com casos considerados provas de identidade que me fizeram perguntar se não estaríamos a violar a verdade ao desconsiderar continua e completamente a hipótese espiritualista. Pessoalmente, não tenho experiência no campo das

chamadas “correspondências cruzadas”, que são alusões ao mesmo tema aparecendo aproximadamente ao mesmo tempo nos escritos de diferentes médiuns. O meu conhecimento deste assunto vem apenas do estudo minucioso dos relatórios escritos por investigadores qualificados. Contudo, sinto-me obrigado a reconhecer que vários casos me impressionaram profundamente.

Contribuíram muito para me levar a crer firmemente que devemos estar preparados para, mais cedo ou mais tarde, sermos confrontados com provas de identidade que não só ofuscarão tudo o que se conhece até agora como serão um fator importante para diminuir as nossas dúvidas quanto à adequação da prova de identidade em si.»

O cientista de Utrecht acrescenta: «É de grande importância que a investigação parapsicológica (como alguns investigadores americanos estão agora a fazer) dirija a sua atenção para o estudo das chamadas experiências “fora do corpo”. Se tivermos factos convincentes sobre essas experiências, daremos um importante passo em frente no caminho que nos pode levar, de forma cientificamente justificada, à crença na sobrevivência pessoal após a morte.»

Outros sensitivos pré-Croiset dos anos 1930 foram estudados do ponto de vista psicanalítico, como o fenómeno da estigmatização da falecida Therese Neumann, dona de casa bávara que se identificava com as agonias de Cristo na Cruz. Todas as Sextas-feiras Santas, as mãos dela sangravam, segundo se dizia. O parapsicólogo Tenhaeff também estudou um mineiro alemão chamado Paul Diebel perante um grupo de médicos de Haia. Este homem conseguia provocar uma espécie de estigmatização por auto-sugestão.

À medida que se tornava mais seguro dos factos, o precursor de Utrecht começou a estudar os seus sujeitos sob o ângulo da psicologia de profundidade. Provou que muitos sensitivos revelavam especializações ligadas a traços de personalidade tanto inatos como adquiridos.

O Dr. Tenhaeff descobriu que existe uma relação entre telepatia e recordação. Quando nos lembramos, trazemos à mente as coisas que vimos, ouvimos, etc. Experiências com psicoscopistas mostram que eles estão em condições de trazer à mente as coisas que nós conseguimos trazer à nossa mente. No seu livro Telepathie en Helderziendheid (Telepatia e Clarividência), o Dr. Tenhaeff forneceu muitos pormenores que reforçam a convicção de que a telepatia e o recordar estão sujeitos à mesma lei. Um indutor, explica o investigador de Utrecht desempenha habitualmente o

mesmo papel que os nós improvisados que damos nos lenços para nos lembrarmos de algo.

Os telepatas de palco, que se assemelham aos atuais apresentadores televisivos comerciais de PES, suaves e elegantes, nos Estados Unidos, foram também investigados pelo Dr. Tenhaeff há mais de uma geração na Holanda. O parapsicólogo concluiu que o que estes artistas loquazes faziam habitualmente em palco não era telepatia nem clarividência, mas simplesmente «leitura muscular», hipnotismo ou truques de magia. Entre eles contam-se «forçar» uma carta de baralho a alguém da plateia que acredita tê-la «escolhido» voluntariamente; usar um código vocal ou de gestos corporais com um cúmplice na plateia ou outro tipo de sinalização astuta.

Um faquir holandês, Henskes, que adotou o nome artístico de Mirin Dajo («Grande Maravilha» em esperanto) foi estudado pelo Dr. Tenhaeff embora não fosse sensitivo. Comia lâminas de barbear e vidro e permitia que lhe cravassem repetidamente o corpo com um raio de roda sem se ferir. Os médicos holandeses a princípio não acreditaram. Mas quando observaram pessoalmente a atuação e lhes foi permitido fotografá-la, acreditaram. Contudo, recusaram-se a experimentar com este «autassassino». Como a polícia holandesa proibiu os seus espetáculos, Mirin Dajo visitou o Dr. Tenhaeff na esperança de obter um certificado que lhe permitisse obter licença policial.

O parapsicólogo convenceu-o a ser testado numa atmosfera mais científica com vários médicos presentes. «Atravessaram-lhe os braços», recorda Tenhaeff. «Enquanto o fizemos quando ele estava no seu estado auto-hipnótico, não havia sangramento, nem dor, e mal se via a ferida. Mas quando não lhe demos oportunidade de entrar em transe, sangrou, sentiu dor e havia ferida.»

Após consultar colegas investigadores, o professor avisou Mirin Dajo: «Tem de parar com estas proezas extremamente perigosas.» O faquir ignorou o conselho. A sua crença na invulnerabilidade durante as atuações era tão inabalável que foi para a Suíça, onde lhe permitiram atuar. Lá desenvolveu uma mania religiosa, imaginando ter uma missão divina na Terra. Os admiradores de Zurique chegaram a formar um grupo chamado «Os Amigos de Mirin Dajo». O faquir tornou-se cada vez mais ousado nas experiências. Um dia engoliu uma espada pequena e sofreu lesões internas tão graves que morreu, tal como o Dr. Tenhaeff previra.

Os casos espontâneos, especialmente a precognição em sonhos, ocuparam muito mais a atenção do parapsicólogo de Utrecht do que estas breves mas exaustivas incursões em quase todas as formas e cultos de misticismo. Em 1932 o Dr. J. M. J. Kooy, físico holandês de renome e hoje autoridade em navegação espacial, cujo livro em inglês Ballistics of the Future é usado pelo Exército dos EUA, contactou o Dr. Tenhaeff sobre os seus sonhos que o intrigavam.

O parapsicólogo sugeriu que registasse esses sonhos proscópicos imediatamente ao acordar e depois verificasse quais se realizaram, tal como J. W. Dunne fizera em Inglaterra em 1927. Após vários anos de estudo dos sonhos do Dr. Kooy, verificou-se que o futuro próximo futuro era refletido corretamente numa elevada percentagem deles.

Por vezes mais do que um sensitivo vislumbrava o mesmo acontecimento futuro.

Em outubro de 1937, o senhor Edward Benedict, que o Dr. Tenhaeff estudava no Burger Ziekenhuis (Hospital Municipal) em Amesterdão, disse-lhe a ele e ao Dr. S. C. M. Spoor, superintendente médico, que dentro de algumas semanas a rainha Guilhermina, a princesa Juliana (atual rainha) e o marido desta, o príncipe Bernardo, estariam internados naquele hospital.

«Nenhum de nós levou muito a sério este estranho comentário, mas registei-o na mesma», relata o investigador holandês.

Um mês depois, a 27 de novembro, a senhora R. Oedekerk, outra sensitiva que o Dr. Tenhaeff estudava na altura, enviou-lhe uma carta pormenorizada dizendo em parte: «Ontem à noite sonhei que via uma passagem de nível, uma estrada longa, pastagens, um portão. Atrás do portão e à esquerda via um camião. Um carro passou a uma velocidade terrível. Tentou atravessar, mas rebentou um pneu e o carro embateu em cheio contra o portão e o camião que estava atrás. O condutor do carro parecia-me morto. Vi-lhe o rosto quando estava estendido no chão. Era o príncipe Bernardo.»

«Não dei grande valor a esta carta, mas arquivei-a», recorda o Dr. Tenhaeff.

Dois dias depois, o príncipe Bernardo sofreu um grave acidente de automóvel que correspondia praticamente a todos os pormenores e foi levado para o hospital de Amesterdão previsto, com uma comoção cerebral, o pescoço partido e vários ossos fraturados. O seu estado era tão crítico que

a rainha Guilhermina e a princesa Juliana permaneceram vários dias no hospital e o visitaram regularmente durante as seis semanas em que o príncipe lá esteve internado. Os pormenores do acidente foram exatamente como a senhora Oedekerk vira no sonho.

O Dr. Tenhaeff salienta: «Portanto, dois sensitivos que tiveram uma perceção extrassensorial espontânea viram este acidente antes de ele acontecer. As suas imagens eram complementares.»

Os sonhos autenticados de outros sensitivos entre 1937-40 que prediziam indiretamente a Segunda Guerra Mundial foram também estudados pelo cientista de Utrecht e mais tarde registados num livro erudito, Oorlogsvoorspellingen (Previsões de Guerra). Em muitas destas visões proscópicas, que os videntes não compreenderam na altura, foram pré-visualizados acontecimentos mundiais futuros.

Antes de Gerard Croiset, a senhora van den Bos-Theunissen, de Haia, uma idosa, foi provavelmente a sensitivo mais testada pelo Dr. Tenhaeff. Entre 1926-40 realizou com ela centenas de experiências. Em março de 1938 disse-lhe sem rodeios: «Um dos seus amigos vai suicidar-se dentro de um ou dois anos.»

«Tenho muitos amigos», respondeu cautelosamente o parapsicólogo. «Pode dar-me mais pormenores?»

«Bem, o homem tem algo a ver com um leão. Vejo um leão ao lado dele. Não, não é domador de leões. Mas que estranho... o leão está sentado em cima de um livro.»

«Compreendi imediatamente», recorda o Dr. Tenhaeff, «que esta sensitiva estava a pensar no meu amigo e editor, R. I. Leopold, cuja marca editorial era um leão com as patas dianteiras em cima de um livro. Registei esta previsão. Quase dois anos depois, a 14 de maio de 1940, quando os alemães invadiram os Países Baixos, o senhor Leopold, que publicara muitos livros anti-nazis, suicidou-se. Preferiu o suicídio à provável morte num campo de concentração.»

Outra notável previsão da Segunda Guerra Mundial foi um sonho do senhor B.L. «Em junho de 1939», relata o Dr. Tenhaeff, «informou-me que sonhara com soldados estranhos a forçar a entrada numa casa ao longo do Nieuwe Keizersgracht em Amesterdão, que antigamente fora uma fábrica de mantas de gás. Registei este sonho. Três anos depois, em 1942, essa casa que o senhor B.L. indicara foi comprada por uma organização criada pelos alemães chamada “Conselho Judaico” destinada a “tratar” dos assuntos dos

judeus. O senhor B.L., judeu, foi posto a trabalhar nesse estabelecimento. Em julho de 1943, soldados alemães forçaram a entrada nessa casa. Assim, o que o senhor B.L. vira no sonho revelou-se verdadeiro. É altamente improvável que aqui tenha havido acaso ou coincidência. Em 1939 não havia razão para esperar que, se os alemães invadissem os Países Baixos, a casa que o senhor B.L. descrevera viesse a desempenhar qualquer papel especial.»

Até uma previsão de guerra pessoal sobre o Dr. Tenhaeff foi feita pela senhora van den Bos-Theunissen, que, a propósito, revelou muitas perceções semelhantes às de Croiset anos mais tarde. Em janeiro de 1939 disse espontaneamente ao seu espantado investigador: «Vejo uma longa viagem à sua frente. Dentro de alguns meses irá para os Estados Unidos. Receberá um convite completamente inesperado. Passará lá um bom bocado, mas vejo-o envolvido num acidente de automóvel. Não se preocupe, não se magoará. Acontecerá numa estrada longa com montanhas à esquerda. A sua viagem de regresso aos Países Baixos demorará muito tempo. Normalmente demora apenas uma semana. Mas agora vejo-a a demorar cinco semanas. Como é possível?»

Recorda o Dr. Tenhaeff: «Em junho de 1939 recebi um convite repentino para visitar os Estados Unidos do meu amigo de infância, o senhor W. H. de Monchy, então presidente da Holland-America Line. A meio de agosto fui passageiro num automóvel entre Nova Iorque e Rochester. O carro sofreu um acidente numa estrada onde as montanhas Catskill ficavam à esquerda. Felizmente, nenhum de nós se magoou.

«Em setembro de 1939, quando o nosso confortável navio, o Statendam, navegava de regresso aos Países Baixos, a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha. Um navio de guerra britânico intercetou-nos no Canal da Mancha para inspeção. O nosso navio ficou ancorado em The Downs durante três semanas e meia e vigiado pela Marinha britânica. Assim, a viagem de regresso demorou quase cinco semanas, tal como a sensitivo previra. Claro que não teria demorado tanto se a guerra não tivesse rebentado.»

Após a invasão alemã da Holanda em maio de 1940, a vida do holandês Tenhaeff mudou inevitavelmente. Desde 1936 que escrevera artigos anti-nazis em jornais holandeses, pelo que sem dúvida havia um «dossiê» sobre ele. Como os estudantes holandeses foram obrigados a prestar juramento de lealdade aos alemães, o professor Tenhaeff suspendeu as suas aulas na Universidade de Utrecht.

A investigação do parapsicólogo teve necessariamente de parar também. Hitler, embora consultasse ele próprio adivinhos e astrólogos (que provavelmente não eram verdadeiros sensitivos), proibiu toda a atividade parapsicológica. Os administradores nazis em Utrecht chamaram ao trabalho de Tenhaeff «patranha americana». A publicação do Tijdschrift voor Parapsychologie foi interrompida em 1941. Os seus arquivos e fundos, tal como os da Sociedade Holandesa de Investigação Psíquica, foram apreendidos. Até hoje nunca foram devolvidos e podem estar na Alemanha de Leste ou noutro local atrás da Cortina de Ferro.

A Holanda em tempo de guerra fervilhava de atividade clandestina ilegal, especialmente nas universidades. Calcula-se que um terço dos holandeses executados fossem estudantes e docentes.

Um dia o cartório da Universidade de Utrecht foi incendiado. A distância entre os docentes patriotas e a pequena percentagem pró-nazis aumentou.

Em janeiro de 1943 o Dr. Willem Tenhaeff foi oficialmente destituído do seu cargo na Universidade de Utrecht por atividades ilegais pelas forças de ocupação. Foi emitida uma ordem de captura. Felizmente, um amigo da polícia holandesa viu o seu nome na lista e avisou-o do que se aproximava e depressa. Beijou a mulher e partiu.

Nessa noite, quando dois oficiais nazis apareceram para o prender, o parapsicólogo já entrara na clandestinidade.

«Onde está o seu marido?», exigiram da mulher.

«Já o prenderam em Roterdão», protestou a senhora Tenhaeff.

Quando os nazis verificaram os ficheiros de Roterdão, o parapsicólogo em fuga, com passaporte falso em nome de Gerard Bakels, já seguia para a casa de fim de semana do amigo De Monchy na aldeia de Huishorst, a cerca de sessenta quilómetros.

Lá deixou crescer a barba e viveu sozinho na casa com a idosa governanta de De Monchy. Enterrou-se nos livros e papéis que levara na única mala e começou a escrever a sua Introduction to Parapsychology, que publicou após a guerra.

Durante os anos de guerra, o Dr. Tenhaeff manteve viva a chama da parapsicologia de outras formas. Frequentemente viajava de casa em casa a dar palestras sobre o tema, proporcionando o único alimento educativo a muitas famílias holandesas. Com outros professores clandestinos, ajudou também estudantes clandestinos a preparar-se para os exames quando a

guerra terminasse. Nesta vida clandestina de palestras e ensino, nunca ficava muito tempo em casa alguma exceto a de De Monchy.

Numa noite tardia de 1943, quando por acaso estava nas ruas da pitoresca cidade do mercado de queijo de Alkmaar, foi interpelado por dois jovens soldados nazis. «Não sabe que os holandeses não podem andar na rua depois das dez da noite?», ladraram. O psicólogo de Utrecht usou então psicologia aplicada. Afagando a barba, suspirou, abanou a cabeça e perguntou num alemão mais fluente do que o deles, com tom doloroso e inocente: «Não veem que sou oficial de polícia?»

Os soldados responderam: «Desculpe, senhor, ainda somos tão jovens.»

«Não disse mais nada e deixaram-me ir», recorda o professor.

Após a guerra, o Dr. Tenhaeff regressou à Universidade de Utrecht. Uma das sequelas mais tristes para ele foi o professor de Psicologia Roels, seu benfeitor, ter sido afastado por simpatias pró-nazis durante a guerra. Sempre homem de coração compassivo, o antigo assistente diz agora: «Claro que não posso aprovar o seu pensamento pró-nazi. Mas é-me difícil condenar completamente o professor Roels. Tinha muitas virtudes e ajudou-me a começar.»

De volta à Universidade de Utrecht, o Dr. Tenhaeff retomou as suas aulas não remuneradas de parapsicologia. Ganhava a vida sobretudo com os parcos direitos de autor dos seus livros, que rondavam os 2000 florins (560 dólares) por livro, e com palestras particulares. Além disso, dava aconselhamento psicológico sobre educação e escolha de profissão.

Uma noite, após uma palestra de Tenhaeff em Enschede, em dezembro de 1945, um falido e desconhecido ex-merceeiro de trinta e seis anos chamado Gerard Croiset falou-lhe dos seus estranhos poderes e pediu para ser testado. Após uma série exaustiva de testes durante vários meses em Utrecht, o parapsicólogo concluiu que este recém-chegado era um dos sujeitos mais notáveis que alguma vez encontrara. Com entusiasmo, Croiset submeteu-se a todos os testes rigorosos que o Dr. Tenhaeff exigiu na sua investigação parapsicológica.

O quase analfabeto de Enschede tinha a mesma sede de conhecimento que o académico de Utrecht tivera. Ao decidir aliar-se ao Dr. Tenhaeff, procurava algo que lhe faltava e que ele próprio não compreendia.

«Decidi que a melhor utilização que podia dar à minha vida vazia era fazer todos estes testes científicos que o professor Tenhaeff queria», disse-me Croiset recentemente.

As capacidades do homem de Enschede eram tão fenomenais que o parapsicólogo se perguntou se poderiam ser aplicadas para ajudar a sociedade. Com isso em mente, disponibilizou-as a alguns perspicazes oficiais da polícia holandesa que começavam a ouvir falar delas. Os resultados de Gerard Croiset na localização de crianças desaparecidas, resolução de crimes e miríade de outros problemas revelaram-se tão espetaculares que, entre 1946-50, depressa se tornaram conhecidos por todos os Países Baixos.

Em 1951, o grande parapsicólogo, agora com cinquenta e sete anos, que se tornara famoso na Holanda e nos círculos científicos europeus, foi finalmente nomeado professor oficial de parapsicologia com salário na Universidade de Utrecht. Foi a primeira vez que a parapsicologia foi reconhecida como disciplina acreditada em qualquer universidade do mundo.

O Dr. Tenhaeff não só ensinava parapsicologia a estudantes de licenciatura como a pós-graduados de medicina e psicologia. Triste pela sua própria falta de filhos, serviu de pai a numerosos alunos, encorajando-os e aconselhando-os com simpatia nos seus problemas.

Finalmente, em 1953, após trinta e nove anos de luta e sacrifício, o Dr. Willem H. C. Tenhaeff recebeu uma cátedra, a primeira do mundo em parapsicologia, e foi nomeado diretor do recém-criado Instituto de Parapsicologia da Universidade Estatal de Utrecht, inaugurado a 23 de novembro de 1953. A Sociedade Holandesa de Investigação Psíquica persuadiu o Ministério da Educação em Haia a dar estes passos extraordinários que deram reconhecimento pleno e oficial à parapsicologia como ramo da psicologia nos Países Baixos — o único país na Terra a fazê-lo. A rainha Juliana, ela própria interessada em parapsicologia, fez discretamente muito para trazer esta honra ao Dr. Tenhaeff e à nova ciência, contaram-me alguns informadores de Haia.

O que se fez com a modesta subvenção estatal foi notável. Uma pequena mas infatigável equipa de quatro pessoas funcionava então, como agora, com um orçamento anual modesto de 50 000 florins (14 000 dólares). O salário anual do próprio professor Tenhaeff, de 15 000 florins (4200 dólares), é inferior ao que ganha o operário médio nos Estados Unidos.

Contudo, a investigação básica realizada no Instituto de Parapsicologia é, no entender de muitos observadores qualificados, infinitamente mais ousada e criativa do que em muitos dos pretensiosos «laboratórios de investigação» americanos que, em comparação, não passam de fábricas de memorandos e conferências com milhões de dólares e alcatifas grossas.

Graças ao Instituto de Parapsicologia, Gerard Croiset e dezenas de outros sensitivos puderam agora ser estudados de forma mais abrangente com muitos novos testes. «O instituto deu-me oportunidade de investigar a estrutura da personalidade dos sensitivos de forma mais sistemática, mais intensiva e em maior escala do que fora possível nos anos anteriores», relata o diretor.

Felizmente, o pai do professor Tenhaeff, que tinha noventa e dois anos, e a mãe, oitenta e três, em 1953, estavam agora extremamente orgulhosos dele. Alguns anos antes, Carl Tenhaeff dissera com pesar a um amigo da família: «Arrependo-me muito de não ter ajudado o Willem financeiramente naqueles primeiros tempos em que ele precisava.»

Em 1953 ocorreu outro acontecimento histórico na carreira do rapaz que abandonara o negócio da navegação. De 29 de julho a 5 de agosto foi anfitrião da Primeira Conferência Internacional de Estudos Parapsicológicos na Universidade de Utrecht. Patrocinada pelo Ministro da Educação dos Países Baixos e pela Parapsychology Foundation de Nova Iorque, delegados de ESP de catorze países assistiram, incluindo muitos parapsicólogos, biólogos, químicos, filósofos, etnólogos, sociólogos, matemáticos e médicos de renome. O Dr. J. B. Rhine da Universidade Duke esteve notoriamente ausente. O Dr. Gardner Murphy, diretor de investigação da Menninger Foundation em Topeka, Kansas, que mais tarde saudou a conferência nas atas publicadas como um «marco», foi o presidente.

Eileen J. Garrett, presidente da Parapsychology Foundation que distribuía generosamente fundos, elogiou a conferência na sua revista Tomorrow do outono de 1953 como «não apenas a realização de um sonho passado, mas também um desafio ao futuro». Com entusiasmo, mudou pouco depois da conferência as suas redações e escritórios comerciais para Utrecht.

Mas um mês depois, a senhora Garrett fechou os escritórios em Utrecht e desde então tem ignorado amplamente Tenhaeff nas suas publicações.

A edição de fevereiro de 1962 da Cosmos, revista mensal britânica de cosmologia psicofísica, acusa: «O Dr. Tenhaeff... tem sido deliberadamente boicotado pela Parapsychology Foundation por razões conhecidas apenas pelos dirigentes dessa organização. O seu trabalho, o seu estatuto, a sua própria existência têm sido ignorados, e tem sido sujeito a manobras muito estranhas pelo... diretor europeu da Foundation, antigo editor de um jornal espiritualista.»

Seja qual for a razão, a Parapsychology Foundation tem dado nos últimos anos um tratamento de iceberg ao professor Tenhaeff, ao mesmo tempo que tenta, sem sucesso, afastar dele Gerard Croiset, o Vidente. A Parapsychology Foundation concedeu ao instituto holandês uma subvenção após a Conferência de Utrecht de 1953 que depois retirou sem explicação. Tipicamente, o boletim de maio-junho de 1961 da Parapsychology Foundation tentou reescrever a história de forma descarada, afirmando: «O primeiro laboratório de investigação em parapsicologia com apoio estatal do mundo foi estabelecido na Universidade Estatal de Leninegrado.»

A inveja profissional é evidente noutros locais. O Dr. Gardner Murphy, consultor geral da Parapsychology Foundation, foi também criticado por ignorar provincianamente a épica investigação de Tenhaeff na Cosmos de setembro de 1961 pelo físico-matemático C. C. L. Gregory, antigo chefe do Departamento de Astronomia da Universidade de Londres.

Até o grande Dr. Rhine tem dado ao professor Tenhaeff um tratamento de congelador profundo. Os muitos livros do cientista de Utrecht são raramente recenseados no Journal of Parapsychology da Universidade Duke. Apesar disso, a obra de Rhine é constantemente recenseada em quase todas as publicações holandesas de Tenhaeff. Além disso, sempre que jovens parapsicólogos europeus pedem conselho a Tenhaeff sobre a conveniência de estudar na Universidade Duke com Rhine, ele invariavelmente os incentiva a fazê-lo.

Surpreendentemente, até o Boletim de Parapsicologia da Universidade Duke de maio de 1961 afirmou erradamente que a Universidade de Leninegrado foi «a primeira a estabelecer um laboratório de investigação com apoio estatal no campo parapsicológico».

Porque será então esta atitude do Dr. Rhine? Será porque não lê holandês nem alemão e é demasiado trabalho mandar traduzir a obra de Tenhaeff? Será porque Tenhaeff se recusa a usar as cartas Zener de Rhine ao testar Croiset e outros sensitivos? Será porque a investigação qualitativa de Tenhaeff é tão diferente da investigação quantitativa de Rhine, com que

este está tão obcecado, que até o cabeçalho da sua revista afirma francamente que um dos objetivos é publicar «novos métodos de análise matemática»?

Muitas autoridades em parapsicologia dizem em privado acreditar que a abordagem historicamente importante mas unilateral de Rhine tem atrasado o desenvolvimento da investigação da perceção extrassensorial na América. O professor C. L. Ducasse da Universidade Brown exorta os parapsicólogos a «não se tornarem prisioneiros do método quantitativo». Uma das acusações mais contundentes ao método quantitativo de Rhine foi, sem querer, feita pela mulher dele, Dra. Louisa E. Rhine, no seu excelente livro de 1961 Hidden Channels of the Mind: «Adivinhar o símbolo nas cartas (que tem sido a técnica laboratorial predominante) é uma situação unidimensional, mas as experiências da vida são multidimensionais...»

O professor Tenhaeff concorda: «O método estatístico», diz ele, «cria muitas vezes condições artificiais e sufoca a inspiração. Verifico que a esmagadora maioria dos sensitivos, como Croiset, não só não tem qualquer interesse em experiências com cartas Zener como manifesta frequentemente aversão por elas. Acredito que os testes devem sempre ser adaptados à natureza e aos interesses do sensitivo.»

Numa palestra do professor Tenhaeff sobre parapsicologia em Dusseldorf, na Alemanha, na noite de 7 de junho de 1962, vi-o demonstrar como funcionava o teste de cartas Zener de Rhine. Embora o parapsicólogo holandês visitante explicasse objetivamente a importância das experiências de Duke, ouvi muitos murmúrios de desacordo da parte do público sofisticado. O método de teste de PES do cientista americano parecia de algum modo estreito e ingénuo àqueles alemães cultos.

«Contudo, desde 1928, o Dr. Rhine tem repetido as suas experiências com cartas Zener com uma consistência rigorosa, ainda que monótona. «Estou tão cansado de receber os comunicados de Rhine», disse-me recentemente um veterano editor de agência noticiosa em Nova Iorque. «São iguais aos que lia quando comecei a lê-los há trinta anos.»

O magister Jarl Fahler, presidente da Sociedade Finlandesa de Investigação Psíquica, diz: «Quando fui bolseiro visitante no laboratório do Dr. Rhine em 1957, surpreendi-me com o pouco que ele e a sua equipa sabiam sobre a importante investigação qualitativa do professor Tenhaeff em Utrecht. E, no entanto, criticavam os feitos científicos de Tenhaeff!»

Será que o Dr. Rhine canta sempre a mesma canção porque a América é uma nação cética do "mostra-me" e ele precisa de "provas" constantes de que a telepatia existe para os seus eternos críticos da ciência ortodoxa que tentam impedir que a PES se torne academicamente respeitável? Será ele um prisioneiro quantitativo relutante porque a ciência americana transformou as estatísticas num dogma?

Os resultados preliminares de um estudo dirigido por Tenhaeff foram, no entanto, publicados com entusiasmo como artigo principal no Journal of Parapsychology da Universidade de Duke de dezembro de 1960, talvez porque constituíam uma contribuição revolucionária para a investigação quantitativa de Rhine e davam mais um passo em frente. Esta experiência estatística de quatro anos foi realizada pela senhorita Nicky Louwerens, a brilhante assistente do professor Tenhaeff. Tem sido aclamada em círculos parapsicológicos de todo o mundo e, recentemente, também na União Soviética pelo professor L. L. Vasiliev na Universidade de Leninegrado.

Antes deste estudo holandês, os sujeitos telepáticos utilizados por Rhine e pelos seus colaboradores nos Estados Unidos e por S. G. Soal na Grã-Bretanha eram quase sempre adultos e estudantes universitários. Mas a experiência altamente original do Instituto de Parapsicologia da Holanda investigou agora as capacidades telepáticas de 1188 crianças de jardins de infância de Utrecht, em vinte e oito turmas de quinze escolas. Numa série de testes elaborados, estas crianças dos quatro aos seis anos e meio foram testadas em grupos de doze.

Os testes nas salas de aula do instituto eram cientificamente controlados, mas funcionavam basicamente assim: a professora sentava-se atrás de um biombo de madeira de três painéis. As crianças não viam a professora e ela não as via a elas. A professora ocultava um caderno de folhas soltas que continha, em vez das impessoais cartas Zener, um conjunto de vinte e cinco imagens de cinco brinquedos — uma boneca vermelha, um monte de cubos amarelos, um veado cor de laranja, uma bola verde e um camião azul. Virava a página e olhava para uma das cinco imagens.

As imagens no livro tinham sido dispostas através de números aleatórios por uma pessoa exterior ao instituto que nada tinha a ver com a experiência. Uma assistente tocava uma campainha e dava também à professora sinal luminoso quando ela tinha de virar a página. Cada criança, sentada a uma mesinha, tinha então de "adivinhar" qual das cinco imagens a professora estava a olhar. «No início, antes de começarmos, as crianças receberam instruções através de um conto de fadas», relata o professor

Tenhaeff. «Foi-lhes dito como adivinhar com a ajuda das pequenas imagens.»

Algumas crianças acertaram até quinze em vinte e cinco. Como cada criança fazia vinte e cinco tentativas, o número total de adivinhas foi 29 700. O matemático J. H. Makkink, da Universidade de Delft, que supervisionou o controlo estatístico, relata que houve um número tão elevado de acertos que a probabilidade de coincidência era de cerca de uma em dez milhões.

A experiência provou que a telepatia ocorre na sala de aula; que as raparigas adivinham melhor do que os rapazes; que as crianças que crescem em famílias com pais afetuosos geralmente "adivinham" melhor do que as crianças negligenciadas.

Numa segunda série de experiências, verificou-se que as crianças acertavam mais quando a "emissora" das imagens por trás do biombo era uma professora maternal com quem se sentiam à vontade do que quando era uma desconhecida.

A maior surpresa do estudo? As crianças de famílias de trabalhadores qualificados e de rendimento mais baixo, cujos pais eram carpinteiros, canalizadores, pintores, eletricistas, etc., obtiveram os melhores resultados telepáticos. Na esmagadora maioria dos casos, estas crianças acertaram de forma significativa.

Em contraste, as crianças de "rendimento mais elevado" e aquelas cujos pais eram profissionais atarefados — empresários bem-sucedidos, médicos, advogados, clérigos, arquitetos, cientistas e outros — revelaram menor capacidade telepática. As crianças destes pais mais absorvidos pelo trabalho do que pela família registaram o menor número de acertos. «As crianças negligenciadas e maltratadas de famílias associals também acertaram pouco», disse-me a investigadora Louwerens, «devido às fracas relações interpessoais com os pais.»

A senhorita Louwerens continua este estudo e numa publicação futura relatará os resultados dos testes com cartas Zener que realizou com vinte e oito professoras de jardim de infância.

Entretanto, pedi ao professor Tenhaeff que resumisse a conclusão mais importante desta experiência. «Que o contacto telepático é geralmente maior quando existe uma relação próxima», respondeu. «O afeto tende a promover as capacidades telepáticas da criança.»

A infância brutal e pouco afetuosa de Croiset torna-o, obviamente, uma notável exceção a esta descoberta.

O Dr. Tenhaeff prossegue agora esta investigação da PES em adultos, especialmente em "casos espontâneos", incluindo sonhos, aparições, assombrações, poltergeists e fenómenos semelhantes. Nos últimos quarenta anos, recolheu quase 1200 casos espontâneos autenticados e está atualmente a escrever um livro sobre eles.

«Todos estes casos espontâneos se parecem uns com os outros, quer aconteçam nos Países Baixos, na América ou noutro lugar qualquer», explica. «Os casos espontâneos que investigámos aqui seguem o mesmo padrão dos estudados pela Dr.ª Louisa Rhine e pelo Dr. Gardner Murphy nos Estados Unidos. A forma como as pessoas têm estas impressões espontâneas é a mesma em todo o mundo.»

Figura de renome mundial da parapsicologia, embora relativamente desconhecido nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, o professor Tenhaeff foi convidado para a União Soviética mas prefere voltar primeiro à América. Gostaria também de visitar a Índia, onde o professor H. N. Banerjee, diretor do Seth Sohan Lal Memorial Institute of Parapsychology, no Rajastão, diz: «O professor Tenhaeff é uma inspiração para os parapsicólogos de todo o mundo e inaugurou uma nova era no estudo do homem.»

As únicas viagens que o professor Tenhaeff atualmente tem tempo para fazer são passar a sua semana de "férias" todos os setembros em Friburgo, na Alemanha, para visitar o amigo parapsicólogo Hans Bender. Em novembro de 1963, aceitou, contudo, um convite para falar sobre parapsicologia num novo programa de rádio da Alemanha Ocidental, «As Vozes da Europa», uma série de emissões por homens eminentes da ciência, da arte e da literatura.

Na verdade, está demasiado ocupado a receber um fluxo crescente de visitantes de todas as classes sociais, muitos dos quais procuram a sua ajuda, no Instituto de Parapsicologia de Utrecht. Durante o verão de 1963, foi visitado, entre outros, pelo Dr. Ian Stevenson, diretor do departamento de psiquiatria da escola médica da Universidade da Virgínia, e pelo Dr. Joost A. M. Meerloo, psicanalista nova-iorquino interessado em parapsicologia.

Viúvo desde maio de 1963, o professor relaxa na sua modesta casa de Utrecht ouvindo música clássica e lendo bons romances e livros sobre

conservação da natureza, tema que muito o interessa. A única vez que vai ao cinema é quando lhe pedem ocasionalmente para ser o árbitro final sobre se um filme controverso deve ou não ser exibido em Utrecht, como A Sombra da Serpente, Drácula ou algum filme de terror para adolescentes. Algumas tardes, quando quer meditar longe do instituto, senta-se calmamente no adro da igreja próxima, reunindo os pensamentos.

Croiset telefona constantemente ao professor sobre os seus casos mais recentes. Contudo, o Dr. Tenhaeff não descura as investigações de outros sensitivos. Nos Proceedings Número 2 do Instituto de Parapsicologia, publicados em dezembro de 1962, relata o seu mais recente estudo de longo prazo sobre quarenta sensitivos, incluindo Croiset.

Entre as conclusões está o facto de muitos sensitivos se lembrarem de ter mostrado sinais das suas capacidades sensitivas antes dos dez anos. Pouquíssimos eram "filhos primogénitos"; muitos mais eram "os últimos filhos". É "altamente provável que certas capacidades psíquicas possam ser classificadas com segurança como hereditárias". Concorda com o amigo médico de Goethe, C. G. Carus, que "os fenómenos sensitivos ocorrem mais frequentemente nas mulheres do que nos homens" e que os animais (especialmente cães e cavalos) provavelmente também possuem "segunda vista".

O sensitivo típico, relata o professor Tenhaeff, "não é uma personalidade harmoniosa", mas é periodicamente impelido ao trabalho por uma grande solidão. É difícil para uma pessoa comum tornar-se verdadeiramente amiga dele. Um sensitivo não aceita facilmente "influências perturbadoras, o que se torna evidente na sua escolha do castanho" no teste da pirâmide de cores.

Alguns sensitivos masculinos e femininos "estão sujeitos a todo o tipo de tentações sexuais" e muitos têm dificuldades nos seus ajustes sexuais. O seu "desejo de sensação cria frequentemente sentimentos de medo e impotência", e têm com frequência sentimentos homossexuais ou lésbicos.

Contudo, mesmo estes sensitivos tão atormentados revelam uma perspicácia notável. Quando um clarividente do sexo masculino tinha vinte e cinco anos e estava noivo, teve um "clarão de inspiração" de que a sua futura noiva, embora perfeitamente saudável, contrairia uma "doença incurável". Decidiu não casar com ela. Vários anos depois, ela tornou-se de facto uma "doente mental incurável". Outro sensitivo descreveu telepaticamente o suicídio do cunhado do magister J. Fahler, psicólogo finlandês visitante.

Alguns chegaram a ter imagens do próprio professor Tenhaeff e do seu Instituto de Parapsicologia. Em casa, certa noite, um sensitivo sentiu de repente no nariz "o cheiro de um tubo de gás a arder" e acreditou que o instituto corria perigo de incêndio. Pouco depois desta previsão, visitou o instituto e mostraram-lhe o único tubo de borracha de gás que lá existia, apontando-lhe que era improvável que se incendiasse. «Mas continuo a senti-lo tão distintamente», insistiu. Dois dias depois, um curto-circuito num gravador provocou o derretimento do revestimento de borracha de um fio solto, enchendo o instituto com um fedor a borracha queimada.

O professor Tenhaeff relata uma imagem semelhante das capacidades extrassensoriais de outro sensitivo: «Numa noite de março de 1956, foram rodados alguns filmes no instituto. Devido ao longo período em que as lâmpadas estiveram acesas para a filmagem, senti-me desconfortavelmente quente. Na manhã seguinte, descobri que tinha uma ligeira irritação na pele do pulso esquerdo, debaixo da correia do relógio. Algumas horas mais tarde, um sujeito de teste sensitivo que vivia em Amesterdão e não sabia da nossa filmagem telefonou-me de casa para dizer que recebera a impressão de que eu tinha uma ligeira irritação no pulso esquerdo!»

Numa recente noite de sábado no Instituto de Parapsicologia, estava eu sentado calmamente a tomar café com um homem sincero e modesto que é provavelmente a maior autoridade mundial em perceção extrassensorial. Ouvi-lo fez-me lembrar que a sua erudição parecia tão vasta e o seu humanismo tão profundo como o de um compatriota do século XVI chamado Erasmo. Enquanto o tranquilo crepúsculo de Utrecht caía, o único som que ouvíamos das ruas de calçada lá fora era o melodioso toque dos sinos da secular catedral de Dom.

Um erudito-cientista sem pressas, que mede o tempo por séculos, escolheu a sua tarefa de vida ainda adolescente e entra agora serenamente na sétima década, comentou casualmente: «As capacidades paranormais dos sensitivos não são nada de novo. São de natureza atávica. São um fenómeno de regressão. Chegaram até nós dos nossos antepassados pré-históricos. O homem primitivo vivia próximo da natureza e tinha de usar as suas capacidades extrassensoriais para se defender dos perigos iminentes da selva. Mas à medida que nos tornamos mais civilizados, mecanizados e intelectualizados, estes poderes tendem a recuar.»

O professor que ensinou Gerard Croiset e muitos outros sensitivos a usar estes poderes primitivos fez uma pausa e depois disse: «Mas acredito que um dia estes antigos poderes sensitivos serão despertados e regressarão

num plano mais elevado. Estes poderes perdidos são naturais e básicos no homem.»

Gerard Croiset é um "primitivo" que por acaso vive no século XX. O camponês holandês conserva os dons extrassensoriais das raças primitivas que os antropólogos verificaram em todo o mundo, desde os aborígenes australianos telepáticos até aos nómadas psíquicos Skolt-Lapps a norte do Círculo Polar Ártico e mesmo os nossos distantes índios americanos.

Em contraste, o homem "civilizado" de hoje está geralmente consciente apenas do que pode ver, ouvir, tocar, provar ou cheirar. Este indivíduo racional e mecanizado perdeu em grande parte aquele "sexto sentido" que permitia ao homem primitivo ver como estava o terreno, avisava-o quando o perigo se aproximava, como comunicar sem palavras, como curar — numa palavra, como lidar com o meio envolvente.

Mas estes espantosos "poderes perdidos" não se perderam totalmente. Em graus variáveis, estão latentes em quase toda a gente.

Quem de nós não teve experiências estranhas ocasionais que nos encheram de espanto?

Talvez sonhe que recebe uma carta de um amigo distante e ela chega no dia seguinte. Pode exclamar incrédulo: «Mas isso é impossível!» No entanto, aconteceu. Ou sabe, quando o telefone toca, antes de atender, quem está a ligar e qual será a mensagem. Isto pode depois racionalizar dizendo: «Bem, foi apenas um palpite.» Do mesmo modo, quando alguém lhe lê o pensamento, pode rir envergonhado e dizer, sem realmente acreditar: «Ora, tu deves ser médium!»

Contudo, se as suas "coincidências" continuarem a acontecer, pode a contragosto conceder: «Bem, talvez haja qualquer coisa nisso.» E terá razão. Na verdade, o que consideramos misterioso e paranormal é muito "normal". As nossas experiências extrassensoriais espontâneas não são nada anormais. Talvez precisemos de adotar uma visão mais ampla do que é verdadeiramente "normal", apesar das convenções de uma civilização materialista que afastou o nosso sexto sentido oculto.

Mas muitos céticos, que consideram a PES uma moda passageira, protestam frequentemente: «Porque é que a PES não me acontece a mim?» Curiosamente, muitas vezes acontece, embora não tenham consciência disso. São tão insensíveis como o Monsieur Jourdain de Molière n'O Burguês Fidalgo que falou em prosa toda a vida sem se aperceber!

Pelo menos, observar constantemente Gerard Croiset provou-me que nos limitamos quando usamos apenas os cinco sentidos conhecidos. Eles mostram-nos apenas uma parte limitada do universo. Os nossos olhos só conseguem ver uma parte limitada do espetro luminoso. Os nossos ouvidos só captam sons limitados, não percebendo os tons agudos tão familiares a muitos animais. É bem sabido que o nosso olfato é limitado em comparação com o de alguns cães.

Obviamente, as capacidades extrassensoriais variam nos seres humanos. Há uma grande diferença de grau entre a pessoa comum e Gerard Croiset. Por todas as regras da razão, o que ele faz é inacreditável. Contudo, centenas de testemunhas oculares de todo o mundo confirmaram os poderes do sensitivo holandês. Os seus milhares de feitos não podem ser explicados como mero acaso ou coincidência.

Francamente, os dons de Croiset continuam a intrigar-me depois de quatro anos a observá-lo e a estudar a evidência documentada nos arquivos do Instituto de Parapsicologia de Utrecht e noutros locais. Não sei por que razão existem os poderes de Croiset, apenas que existem. Vi-os funcionar. Quando lhe perguntei como explicava as suas capacidades, encolheu os ombros como se eu lhe fizesse uma pergunta absurda e respondeu bruscamente: «Não sei como faço, nem sei porquê. Por favor, vá perguntar ao professor!»

A tragédia é que numa nação de 190 milhões de pessoas devem existir inúmeros Gerard Croisets dotados, desconhecidos e por desenvolver nos Estados Unidos. Mas a parapsicologia americana quantitativa e rígida não está preparada para procurar, testar e utilizar estes sensitivos naturais para o bem comum como se faz nos Países Baixos. É um desperdício terrível que seres humanos tão extraordinários não sejam intensivamente estudados por cientistas de diferentes disciplinas. Já há muito que está maduro o tempo para se criar o clima necessário para esta importante tarefa.

Criar o clima certo não é fácil. Há muitos obstáculos. O dinheiro, por exemplo. A Casa Branca pediu quinze mil milhões de dólares para investigação em 1964 — 2,7 mil milhões a mais do que no ano fiscal de 1963. Mas apenas uma quantidade ínfima desta vasta soma está a ser gasta em investigação parapsicológica, embora o Tio Sam gaste milhões de dólares para nos levar à lua ou para nos mandar todos pelos ares. Os Laboratórios de Investigação Cambridge da Força Aérea dos EUA têm agora uma máquina de teste ESP computorizada chamada Veritac na sua base de Hanscom Field, Bedford, Massachusetts, que o seu projetista, o

engenheiro eletrónico Everett F. Dagle, me mostrou recentemente. Esta máquina terá testado, durante quatro meses, a clarividência, a precognição e a perceção extrassensorial geral (GESP) de trinta e sete estudantes voluntárias do próximo Endicott Junior College. Outro dinheiro federal para estudar PES começa a ser gasto de formas mais dissimuladas, como no nosso programa espacial, mas é uma soma irrisória.

Mesmo o Dr. Rhine tem dependido de subsídios privados na rica Universidade de Duke. Recentemente, disse-me que está em processo de se demitir de Duke para lançar uma nova privada "Foundation for Research on the Nature of Man" na Carolina do Norte que, esperamos, lhe permitirá no futuro construir um centro de investigação parapsicológica internacional mais forte.

Há pouco tempo, esta fundação ainda embrionária de PES recebeu oferta de um milhão de dólares em fundos equiparados por um doador anónimo, ações no valor de 101 200 dólares da W. Clement and Jessie V. Stone Foundation de Chicago, e a transferência de um fundo fiduciário parapsicológico de 100 000 dólares criado para a Universidade de Duke pelo Sr. e pela Sra. William Perry Bentley de Dallas, Texas.

Há vários anos, o Dr. Rhine confiou a um amigo a sua frustração por ter de contar com os subsídios da Parapsychology Foundation, dizendo: «A Sra. Garrett provavelmente foi responsável por eu receber mais apoio financeiro do que qualquer outra pessoa. Mas preferia não depender dela porque somos ambos individualistas e temos padrões de prova diferentes. Mas acho que teremos de recorrer a ela ou perder alguns membros da equipa.»

A situação nas outras universidades americanas tem sido ainda mais triste. A Universidade de Stanford recebeu em 1912 50 000 dólares para o estudo da investigação psíquica de Thomas Stanford, o irmão empresário do fundador Leland Stanford. Na sua morte, legou mais 526 000 dólares segundo se diz. Mas os fundos têm sido aplicados no que os responsáveis da universidade cautelosamente chamam "estudos normais". Para evitar tais desvios monetários, o Boletim de Parapsicologia da Universidade de Duke de novembro de 1962 sugeriu a criação de uma possível "organização governamental para proteger os interesses dos doadores falecidos em todas as fundações filantrópicas. O uso de fundos doados de boa-fé é uma confiança sagrada."

A atitude fechada dos cientistas "puros" também tem atrasado o pleno reconhecimento da perceção extrassensorial na América, apesar da

crescente evidência verificada. Nos círculos académicos educados, a criança problemática da parapsicologia perturba a casa ordenada da ciência. A PES choca com as "leis" aceites que a maioria dos cientistas aprendeu tradicionalmente na escola. Por isso, rejeitam-na sumariamente. Se a PES pudesse responder como Job, suspiraria: «Estou condenada de antemão.»

Um físico de Massachusetts disse-me tipicamente: «Como posso investigar algo que não vejo, algo de cuja existência nem sequer tenho a certeza?» Um biólogo de Indiana afirmou sem rodeios: «Não acreditaria na PES mesmo que visse a prova.»

Um químico de Nova Iorque acrescenta: «A PES não é ciência — é superstição.»

Ironicamente, ao longo dos séculos o que hoje chamamos superstição esteve associado ao nascimento de quase todas as ciências. Ter-se-á esquecido que a medicina, a astronomia e a física não foram reconhecidas como ciências durante muitas gerações e, nos primeiros tempos, estavam cheias de charlatães tal como de investigadores honestos como o professor Tenhaeff e Gerard Croiset?

Hoje, os cientistas ortodoxos, especialmente na cética América, afirmam muitas vezes que a parapsicologia não é uma ciência porque não pode ser controlada e reproduzida num laboratório. Mas também a astronomia não pode, que é igualmente uma ciência observacional. Os fenómenos meteorológicos não podem ser testados à vontade num laboratório, tal como a lua não pode ser apanhada num balde. Ao contrário do que acontece na Holanda, os cientistas "puros" americanos, cujos olhos estão com muita frequência fixos no passado, preocupam-se com "prova" e não com descoberta. Até a Scientific American só publica os resultados negativos, nunca os positivos, da investigação parapsicológica.

Contudo, praticamente todas as grandes descobertas científicas triunfaram apesar do ceticismo. Thomas Henry Huxley, o grande biólogo inglês do século XIX, disse uma vez: «Deus, dá-me força para enfrentar um facto mesmo que ele me mate.» Um século antes, o sábio Samuel Johnson lembrava: «Nada contribuiu mais para atrasar o avanço da ciência do que a disposição das mentes vulgares para vilipendiar o que não compreendem.» Galileu, Pasteur, Bell, Edison, os irmãos Wright — para só citar alguns — tiveram de lutar contra cientistas céticos e "puros".

A maior parte dos psicólogos americanos tem sido igualmente fria, indiferente ou cega quanto à importância da perceção extrassensorial. Os

autores de manuais de psicologia discutem geralmente, de forma estática, temas tradicionalmente "seguros" como a inteligência, a memória, o desenvolvimento da personalidade, a doença mental e a psicologia industrial. Ignoram ou desvalorizam a importante investigação parapsicológica de Rhine e nunca ouviram falar da de Tenhaeff com Croiset.

Numa recente palestra de "despedida" na Universidade de Duke, o Dr. Rhine lamentou esta "atitude negativa da profissão de psicologia". Apesar da crescente aceitação da parapsicologia em todo o mundo, acusou Rhine: «Na América ainda tem de esperar que o psicólogo académico americano se ponha a par. (…) A parapsicologia pertencia idealmente ao departamento de psicologia; mas a psicologia americana não está preparada para isso, nem em Duke nem em nenhuma outra universidade dos EUA» — isto dito pelo homem que tornou a Universidade de Duke mundialmente famosa!

A Associação Americana de Psicologia afirma que o seu objetivo é "fazer avançar a psicologia como ciência (…) e como meio de promover o bem-estar humano". Contudo, as suas convenções estereotipadas dos últimos anos nunca incluíram qualquer sessão sobre parapsicologia no ser humano. Tipicamente, em 1962 foram apresentados trabalhos solenes sobre "Emocionalidade em ratos" e "Novidade na barata!"

Em abril de 1962 escrevi à Associação Americana de Psicologia oferecendo-me para enviar gratuitamente aos membros interessados um exemplar de um novo folheto publicado em inglês pela Universidade de Utrecht sobre a investigação parapsicológica do professor Tenhaeff com Croiset e outros sensitivos. Nunca recebi resposta. O que me levou a fazer esta oferta foi o desconhecimento americano da recente investigação parapsicológica nos Países Baixos e a necessidade de maior intercâmbio de informação.

A maior parte dos livros de referência e enciclopédias americanos, mesmo quando mencionam a parapsicologia, omitem a histórica investigação do professor Tenhaeff com Croiset e outros sensitivos. Até um livro sobre PES publicado em 1962 em Nova Iorque baralha ainda mais o mapa da Europa ao anunciar apressadamente a investigação parapsicológica que está a ser feita como "da Universidade de Utrecht na Bélgica!"

A maior parte dos editores de revistas americanas também tem mantido em grande medida a mente fechada em relação à perceção extrassensorial,

julgando erradamente que os seus leitores estavam igualmente desinteressados. Quando tentei pela primeira vez vender em 1960 um artigo sobre Croiset, estas foram algumas das reações de editores de grandes revistas de massas:

«É demasiado controverso», «É demasiado excêntrico para nós», «É muito difícil de ilustrar», «Já publicámos uma reportagem sobre PES», «Agosto não é o mês para publicar nada sobre o oculto», «Quem raio se interessa pela Holanda», «Os nossos leitores não querem saber da PES para nada.»

Mesmo depois de finalmente me terem encarregado na revista This Week de escrever a reportagem, o manuscrito provocou tamanha controvérsia subjetiva entre os editores que começou a parecer que nunca seria publicado. Um editor (que já não está na publicação) sugeriu: «Vamos deitar fora a reportagem e o autor» — o que quase aconteceu.

Após a publicação em duas partes, a 19 e 26 de fevereiro de 1961, sob o título «Os Incríveis Leitores de Pensamento da Holanda», a revista e eu recebemos duas mil cartas. Na Holanda, o Instituto de Parapsicologia e Croiset receberam 1500, a maior parte de todos os pontos dos Estados Unidos.

Um estudo de todas estas cartas foi feito no instituto pela senhorita Nicky Louwerens, incluindo quem as escreveu (sexo, idade aproximada, local de residência) e o que os autores queriam. Seis estudantes de pós-graduação em sociologia da Universidade de Utrecht trabalharam oito meses a analisar estas cartas, que foram depois codificadas em máquinas IBM para produzir gráficos, tabelas e outros dados. O relatório da senhorita Louwerens será publicado num próximo número do Journal of Parapsychology holandês como exemplo do pensamento sobre PES de uma amostra representativa de americanos.

Aproximadamente 25 por cento das cartas suplicavam informação sobre crianças e adultos desaparecidos, alguns dos quais atrás da Cortina de Ferro. Quase 15 por cento eram relatos de “casos espontâneos” de perceção extrassensorial, com homens e mulheres a contar os seus sonhos e experiências estranhas. O restante pedia informação sobre todo o tipo de crimes por resolver, objetos perdidos, tesouros escondidos e problemas domésticos, profissionais e outros.

As cartas vinham da cidade e do campo, de ricos e pobres, de cultos e iletrados. Uma elevada percentagem foi escrita por intelectuais.

Espantosamente, uma dúzia de chefes de polícia e procuradores americanos pediu a ajuda de Croiset em crimes por resolver.

Muitas cartas continham selos americanos (que não podiam ser utilizados) em vez de cupões internacionais. Muitos indivíduos enviavam pulseiras e outros objetos como indutores. Alguns autores enviavam os seus livros. As pessoas que queriam informação sobre perceção extrassensorial, ou afirmavam que elas ou os filhos tinham dons paranormais, eram encaminhadas para a Universidade de Duke.

Quando li estas cartas, que iam do desgosto à comédia, deram-me uma nova visão dos EUA. Indicavam que a crença na perceção extrassensorial era muito mais difundida entre os meus compatriotas de todas as classes do que geralmente se supõe. Concluí que a crença na PES não se limitava a um segmento restrito de "fanáticos da PES ou malucos" como alguns cínicos condescendentes insistem.

Um responsável da Universidade de Pittsburgh pediu a ajuda de Croiset para encontrar o seu Picasso de 10 000 dólares roubado depois de a polícia local e o FBI não terem conseguido. Um diretor de uma escola médica da Filadélfia, que queria a ajuda de Croiset para localizar um conjunto de questionários perdidos, explicou: «Seria um trabalho árduo enviá-los uma segunda vez.» Um pastor do Kansas escreveu: «Perdi a única chave do meu arquivo. Rezei a Deus, mas até agora não me ajudou. Pode ajudar-me, senhor Croiset?»

Uma mulher da Califórnia escreveu: «Fui separada da minha família quando tinha três anos em 1909. Pode ajudar-me a encontrá-los antes que seja tarde demais?»

Um prisioneiro de Illinois afirmava ter sido condenado injustamente e suplicava a Croiset: «Por favor, encontre o verdadeiro criminoso antes que todas as testemunhas morram.» Um psiquiatra de Nova Iorque pediu informação sobre uma paciente difícil.

A viúva de um embaixador de Washington perguntou: «Deverei mudar-me para a Holanda para estudar a perceção extrassensorial holandesa?»

Alguns correspondentes pediam informação científica ou erudita. Um habitante do Arizona enviou ossos de dinossauro para serem avaliados. Um rabdomante de Nevada pediu a ajuda de Croiset para localizar uma nascente subterrânea. Um presidente de hotel de Boston queria que o sensitivo holandês resolvesse de uma vez por todas o mistério de quem escreveu realmente as peças de Shakespeare.

Do ponto de vista científico, muitas cartas eram consideradas triviais pelo professor Tenhaeff. Um empresário do Michigan escreveu: «O meu avô nasceu na Holanda. Diga-me por favor em que igreja foi batizado.» Uma mulher do Ohio enviou cinquenta e três perguntas a Croiset, explicando: «Ouvi dizer que não custa nada fazer-lhe perguntas.»

Uma esposa da Florida perguntou se o marido gastava dinheiro com outras mulheres e se tinha um cofre secreto. Um rancheiro do Texas quis saber quem conduzia o seu carro quando este embateu num camião de gado. Uma mulher perplexa da Virgínia perguntou: «É preciso ir para a universidade para aprender PES ou nasce-se com ela?» Um empreendedor produtor de televisão da Califórnia quis contratar Croiset para uma série rápida de filmes de aventura — uma das muitas tentativas de o arrastar para truques pseudo-PES.

«Naturalmente, no Instituto de Parapsicologia damos as boas-vindas a casos espontâneos documentados de perceção extrassensorial», diz o professor Tenhaeff. «Mas não temos tempo para responder a cartas pessoais, especialmente sobre casamento, divórcio, emprego, dinheiro perdido, esperança de vida dos pais — nem Croiset tem.»

Tanto o professor como a senhorita Louwerens lamentam que, presentemente, apenas os problemas mais graves da América com um aspeto de serviço público possam receber a ajuda do instituto. «Gostaria de ter tempo para tentar responder a todas as cartas, mas é impossível», dizem.

Alguns americanos apaixonados pelo telefone nem se dão ao trabalho de escrever. A 27 de fevereiro de 1961, o Instituto de Parapsicologia recebeu oito chamadas transatlânticas dos Estados Unidos numa única manhã. Ignorando a diferença horária, uma divorciada da Califórnia acordou o Dr. Tenhaeff às cinco da manhã a perguntar: «Pode por favor perguntar ao senhor Croiset se me casarei nos próximos dois anos?» Na outra costa, um barbeiro de Nova Iorque perguntou por mais de 3000 milhas de cabo telefónico: «Será que o meu senhorio filho da mãe renova o contrato da minha barbearia?»

Quando os meus artigos foram reimpressos no estrangeiro, os europeus também fizeram muitas perguntas insignificantes. Uma dona de casa francesa perguntou: «Podem ajudar-me a encontrar o meu gato desaparecido?» Um ator italiano quis saber: «Terei melhores papéis se me mudar para Hollywood e tiver um caso com uma atriz famosa?» Uma telefonista britânica perguntou: «Como posso contactar um homem baixo e moreno por quem me apaixonei há vinte e três anos?» Um empresário

alemão de setenta e cinco anos escreveu: «Estou casado felizmente há cinquenta e dois anos, mas gostaria de saber se a minha mulher era virgem antes de casar comigo.»

À medida que a fama de Croiset cresceu, pessoas de toda a Europa começaram a visitá-lo ansiosamente em Utrecht em busca de cura para todo o tipo de doenças físicas. Sempre disposto a ajudar quem pode, Gerard Croiset é também um "curador" magnético, profissão mais respeitada na Europa do que nos Estados Unidos.

«Há uma ligação definitiva entre as capacidades sensitivas e curativas de Croiset», recorda o professor Tenhaeff. «São tantos os sensitivos que também são curadores magnéticos que tive de estudar o aspeto parapsicológico da sua cura, embora seja muito mais difícil de testar cientificamente.»

A atitude europeia em relação à cura magnética e pela fé é completamente diferente da americana. Diz-se que a França tem mais curadores do que médicos. Embora uma lei holandesa de 1865 só permita aos médicos licenciados tratar pessoas, os pacientes de magnetizadores incluem frequentemente polícias, juízes e outros agentes da lei. Um estudo de 1955 do Instituto Sociológico da Universidade de Utrecht com o Instituto de Parapsicologia revela que 25 por cento da população de Utrecht usa — ou já usou — curadores. Acredita-se que a proporção seja ainda mais elevada em Haia, com a sua grande população indonésia, já familiarizada com métodos primitivos de cura.

«As coisas incríveis que vi Croiset fazer lembram-me alguns milagres de magia negra e ioga que testemunhei na Indonésia quando era rapaz», disse-me o Dr. J. Soesman, membro da Sociedade Holandesa de Investigação Psíquica.

Para combater a charlatanice, o professor Tenhaeff fez parte de uma comissão governamental holandesa de investigação com médicos e aceitou convites para falar sobre cura perante grupos médicos holandeses de medicina. O próprio Croiset foi convidado a falar sobre as suas capacidades curativas a estudantes de medicina da Universidade de Groningen a 11 de fevereiro de 1963.

Paradoxalmente, numa era em que a medicina alcançou alguns dos seus maiores triunfos, um número crescente de doentes consulta curadores, talvez devido à impessoalidade dos médicos modernos e à perda da relação calorosa médico-amigo-da-família. «Se os médicos se preocupassem mais

com os doentes como seres humanos, as visitas aos curadores provavelmente diminuiriam», salienta o professor Tenhaeff. Muitos médicos holandeses, sabendo que Croiset é um homem honesto que obteve bons resultados, respondem francamente aos pacientes: «Muito bem, experimente ver se Croiset o pode ajudar.»

Ainda rapaz, Croiset sentia já o impulso bíblico ou mesmérico de "impor as mãos" sobre pessoas doentes. Uma vez, quando uma colega de brincadeiras caiu a jogar à apanhada no recreio da escola e se magoou, Gerard, de onze anos, sem pensar, pousou a mão na perna magoada dela. Este gesto bem-intencionado foi mal interpretado pela professora, que, julgando que o rapaz Croiset apenas queria tocar indecentemente na rapariga, chicoteou-o.

Quando o futuro curador magnético tinha doze anos tentou "afugentar" as dores da avó, que sofria de artrite. Mas não era magnetização consciente. «Apenas senti o impulso de acariciar a minha avó onde tinha muita dor», recorda. Segundo a avó, com quem Gerard tinha uma forte ligação, isso fê-la sentir-se melhor.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Croiset continuou a curar. Entre outros, ajudou a aliviar as dores de estômago do seu amigo Albert Plesman, presidente da KLM. Uma tarde, durante a ocupação alemã da Holanda, um polícia nazi arrastou Croiset de casa em Enschede, levando-o através da fronteira alemã até Bentheim para tratar um oficial da Gestapo que sofria de um doloroso ataque de ciática. Croiset não queria ir, mas de repente viu uma luz intensa que mostrava a letra «L» e os números 6 e 35. Recordou as palavras do Evangelho de São Lucas, capítulo 6, versículo 35: «Amai os vossos inimigos e fazei o bem…»

«Depois de ler isto esqueci que ele era meu inimigo», recorda Croiset. «Vi apenas um homem doente.»

Quando esteve no campo de trabalho alemão de Emmerich, de outubro de 1944 a março de 1945, que não tinha médicos nem enfermeiros, Croiset tratou tanto prisioneiros holandeses como doentes nazis. Recentemente, na parede da sua casa em Utrecht, vi um testemunho emoldurado assinado por estes pacientes gratos.

Observar o curador Croiset a trabalhar hoje é uma experiência para um não iniciado. Vi-o colocar ou vibrar os seus dedos fortes e flexíveis sobre membros paralisados e corpos doentes, tentando localizar a fonte da lesão e afastar a dor. Chegou mesmo a encorajar coxos a voltarem a andar.

Músculos e nervos começavam a tremer em movimentos espasmódicos como se lhes tivessem aplicado elétrodos. Alguns dos seus maiores sucessos foram com casos de poliomielite.

A sala de espera informal e acolhedora de Croiset, com cadeiras de encosto alto encostadas à parede, não tem a atmosfera formal de um consultório médico ou de uma clínica. Os pacientes sofrem de males que vão do eczema ao cancro. O curador mais solicitado de Utrecht vê entre 100 e 120 doentes por dia (demasiados, segundo o professor Tenhaeff) entre constantes chamadas telefónicas de pessoas que lhe pedem os seus serviços psíquicos para outros problemas. O "tratamento" dura muitas vezes apenas um minuto. Homens e mulheres, em número aproximadamente igual, são atendidos separadamente. Uma tarde por semana, quarta-feira, quando não há escola, é reservada exclusivamente a crianças.

Como não aceita dinheiro pelo seu trabalho de clarividência, Croiset ganha a vida com a cura. Embora seja ilegal os curadores cobrarem honorários na Holanda, podem aceitar "contribuições". Os pacientes solventes de Croiset costumam contribuir com cinco florins (1,40 dólares) na primeira visita e dois florins e meio (setenta cêntimos) nas seguintes. Muitos doentes pobres não contribuem com nada. Mas Croiset trata todos por igual. Alguns doentes, em vez de florins, trazem-lhe queijo, ovos, presunto ou vinho. Um dia, quando o professor Tenhaeff ia a caminho de casa, ouviu tilintar no seu chapéu. Tirou-o e viu várias moedas holandesas de dez e vinte e cinco cêntimos na fita interior. Riu-se e lembrou-se de que a mulher de Croiset o usara no dia anterior para "fazer a rodela" entre os pacientes do marido.

«Não consigo ajudar toda a gente», admite Croiset. «Muitas vezes só consigo tentar reduzir a dor. Mas quando as pessoas vêm pela primeira vez, sei logo se as posso ajudar ou não. Uso a minha perceção extrassensorial na cura. Se tiver a impressão de que posso ajudar, digo ao doente para voltar uma vez por semana durante seis semanas. Se houver melhoria, continuo. Caso contrário, mando-os de volta aos médicos.»

Entre outros, Croiset ajudou uma doente de poliomielite que vive em cadeira de rodas desde a infância e agora consegue fazer trabalhos domésticos leves; um operário de fábrica paralisado num acidente de trabalho e considerado "incurável" pelos médicos, que agora trabalha como mecânico de automóveis; um violoncelista de orquestra que de repente teve

dificuldade em controlar os músculos dos dedos e viu o seu distúrbio nervoso resolvido por Croiset.

O Dr. H. Musaph, psiquiatra ligado ao hospital da Universidade de Amesterdão, estudou em 1949 um grupo de doentes que afirmavam ter sido "curados" por Croiset, limitando o estudo a pessoas já examinadas por um neurologista. Concluiu que Croiset usava sugestão para fazer músculos aparentemente paralisados funcionarem e aumentar o fluxo sanguíneo no corpo.

Mas outros médicos afirmam que está envolvido mais do que sugestão, sobretudo porque Croiset tratou com sucesso cavalos, cães e outros animais. Alguns médicos atribuem-no a uma "força vital", alterações no metabolismo, estimulação do sangue ou das glândulas, e até remissão espontânea.

O professor Tenhaeff acredita que, para além da sugestão — que os próprios médicos usam na medicina psicossomática —, Croiset e outros curadores bem-sucedidos utilizam efetivamente algum fator "X" desconhecido.

«Nunca direi que um curador cura», reflete cautelosamente o professor. «Tenho, contudo, registado muitos casos em que houve melhorias notáveis. Embora Croiset não se sobrestime como sensitivo, tende a sobrestimar as suas capacidades curativas. Muitos doentes dizem "Estou curado" quando na verdade apenas lhes foi aliviada a dor. Acredito que os curadores devem ser legalizados, controlados pelos médicos e não devem poder administrar medicamentos, o que Croiset, claro, não faz.»

Diz-se que nenhum curador consegue curar-se a si próprio. Embora Croiset tenha feito centenas de doentes sentirem-se melhor, nunca tentou curar a trombose nem as dores nas próprias pernas, resultado de um caso invulgarmente grave de varizes. Demasiado ocupado para se mimar, suporta o próprio desconforto, usando meias de borracha e enfaixando pesadamente as pernas todos os dias.

O professor Tenhaeff não gosta de ser identificado demasiado estreitamente com o trabalho curativo de Croiset. É muito mais controverso e não se presta a crítica e teste científico rigoroso. As dores não são mensuráveis. Além disso, embora nunca tenha recusado efetivamente, Croiset nunca se entregou tão de corpo e alma a testes das suas capacidades curativas como fez com as clarividentes, provavelmente por causa do

tempo envolvido. «Estou demasiado ocupado agora», diz, «com o meu trabalho paragnóstico.»

Neste trabalho de clarividência Gerard Croiset já não procura "crentes". Hoje toma como adquiridos os seus poderes extrassensoriais e já não tem um forte sentimento missionário em relação a eles. Tal como o professor que estimulou o seu interesse pela erudição, preocupa-se agora mais em tentar compreender como e quando funciona a sua PES do que apenas provar que ela existe. «Não tenho tempo nem energia hoje em dia para tentar convencer pessoas de mente fechada», diz.

Os que duvidam dos fenómenos paranormais foram respondidos durante a idade de ouro da investigação psíquica em Inglaterra no final do século XIX por William E. Gladstone, quatro vezes primeiro-ministro, com estas palavras: «A investigação psíquica é o trabalho mais importante do mundo — de longe o mais importante.» Mas a Inglaterra nunca correspondeu ao seu grande património psíquico. Quando visitei recentemente a Sociedade Britânica de Investigação Psíquica em Londres, encontrei-a reduzida a um esqueleto do seu antigo vigor.

Em 1956, quando se mudou da espaçosa casa em Tavistock Square para os atuais aposentos apertados em 1 Adam and Eve Mews, permitiu até, míope, que a sua grande biblioteca, construída ao longo de oitenta anos, fosse mutilada por falta de espaço. Em vez de realizar novas experiências, os investigadores psíquicos ingleses parecem hoje limitar-se a reabrir velhas controvérsias espiritualistas como a verdade das "sessões" de 1873-74 entre Sir William Crookes, famoso químico-físico-inventor, e a médium Florence Cook, reavivada num recente livro sobre espiritualismo.

Tal como a velha faladora violada na juventude, a investigação psíquica britânica vive da glória passada. Dois dos principais parapsicólogos londrinos, W. H. Salter e K. M. Goldney, escreveram num artigo profissional em 1959: «A investigação psíquica no Reino Unido ainda não pode reivindicar a distinção de uma cátedra profissional como a que o Dr. Tenhaeff tão dignamente ocupa em Utrecht.»

Na Holanda de hoje, a perceção extrassensorial está a ser estudada não só pelo professor Tenhaeff mas até por cientistas "puros".

Recentemente discuti a possível ligação entre mente e matéria com um dos principais físicos holandeses, o professor doutor Jacob Kistemaker, diretor de um novo laboratório atómico, o FOM Laboratorium voor Massascheiding, nos arredores de Amesterdão. Brillhante cientista de

quarenta e seis anos, o Dr. Kistemaker é também professor de física na Universidade de Leiden e presidente da Sociedade Holandesa de Investigação Psíquica. Estudou e trabalhou com muitos físicos mundialmente famosos, passou um ano no instituto do falecido Niels Bohr na Dinamarca e é atualmente professor visitante na Califórnia.

Alto, magro e atarefado, de bata branca de laboratório quando o entrevistei nos seus aposentos atómicos, o Dr. Kistemaker começou: «O tradicional fosso entre as ciências físicas e psíquicas está a diminuir. Os mundos da radiação e da perceção extrassensorial estão a aproximar-se. O professor Tenhaeff aproxima-se do Desconhecido por um lado e nós, físicos, pelo outro.»

«O que acha de Croiset?», perguntei.

Este cientista holandês, tão cuidadoso com as palavras como com as experiências, respondeu: «Quando observo Croiset, suspeito que existe alguma relação entre a telepatia e o mundo da radiação eletromagnética. Talvez a telepatia ocorra através de uma forma de radiação ainda desconhecida da física. A telepatia foi menosprezada nos últimos 2000 anos devido ao nosso ponto de vista materialista. No entanto, a ciência nunca provou o que é a realidade da mente humana. Nós, físicos, procuramos uma descrição da realidade nas nossas equações, mas acabamos muitas vezes a olhar para símbolos. Os cientistas ignoraram muitas coisas aparentemente triviais. Porque há tanto hidrogénio no mundo? E tão pouco urânio?»

O Dr. Kistemaker acendeu um cigarro e continuou pensativamente: «O facto de as impressões de Croiset serem tão claras a cem milhas como a cem pés indica que a resposta talvez não esteja apenas em tentar medir ondas cerebrais. Talvez nós, físicos, não tenhamos usado o quadro tempo-espaço correto ao tentar avaliar a perceção extrassensorial.»

«Não conheço nenhum cientista "puro" na América do seu calibre que se preocupe tanto com a PES como o senhor», lembrei-lhe. «Porque será?»

«Hoje a investigação psíquica é importante para todas as ciências», respondeu o Dr. Kistemaker. «A parapsicologia começa onde todas as outras ciências acabam. Não é por acaso que Einstein se interessou pela perceção extrassensorial. Estamos, como sempre, nas fronteiras do novo conhecimento. Mas talvez não consigamos abrir mais as portas enquanto mais cientistas não se tornarem mais abertos à parapsicologia.»

A seguir à democrática Holanda, a investigação parapsicológica mais excitante do mundo está agora a ser feita, surpreendentemente, na União Soviética. À frente do Ocidente talvez no espaço exterior, a Rússia tenta hoje energicamente ultrapassar-nos na conquista do "espaço interior", as regiões ocultas da mente humana. Até há pouco, a perceção extrassensorial era desprezada pelos materialistas marxistas.

Mas hoje um número crescente de cientistas soviéticos, especialmente fisiologistas, aceita a telepatia como facto estabelecido, embora tentem ligá-la às ondas cerebrais. Um investigador soviético previu recentemente: «… num futuro não muito distante será possível utilizar diretamente as correntes cerebrais para controlar dispositivos mecânicos.» A URSS intensificou a sua investigação parapsicológica depois de um relatório de 1959 numa publicação francesa ter "revelado" que a Marinha dos EUA mantinha contacto telepático com o seu submarino nuclear Nautilus, embora o governo americano tenha desmentido a história.

O centro da investigação psíquica soviética é o Laboratório de Parapsicologia da Universidade Estatal de Leninegrado. Criado em 1959 com apoio financeiro e ideológico do governo, as investigações são conduzidas sob as designações de "bioeletrónica" e "radiocomunicações cerebrais".

Este "laboratório de rádio mental" é dirigido por um eminente cientista "puro", o professor Leonid L. Vasiliev, de setenta e três anos, diretor do departamento de fisiologia da Universidade de Leninegrado. Em junho de 1960, quando Vasiliev presidiu a um seminário sobre telepatia na Universidade de Leninegrado, o seu discurso principal intitulava-se "Comunicação Radio-Biológica: Um Retrocesso Atávico".

Vasiliev testou mesmo a telepatia sob hipnose. Realizou experiências de longa distância com sujeitos hipnotizados entre Leninegrado e Ialta; experimentou com peiote, pedindo aos sujeitos hipnotizados que identificassem pequenos objetos numa caixa de plástico selada.

Dois importantes livros de Vasiliev revelaram recentemente factos espantosos sobre a experimentação soviética e tiveram grande venda na URSS. O primeiro, Sugestão à Distância, é uma introdução popular aos estudos parapsicológicos na União Soviética, Utrecht, Duke e outros locais. O segundo, Experiências em Sugestão Mental, recentemente traduzido para inglês pelo Institute for the Study of Mental Images (em Hampshire, Inglaterra), é uma história da pouco conhecida investigação parapsicológica soviética de 1920 a 1938.

A revelação espantosa de ambos os livros e de recentes divulgações na Universidade de Leninegrado é que Vasiliev conduziu secretamente experiências telepáticas mesmo durante o repressivo regime de Estaline. Vasiliev escapou por pouco à execução nos anos trinta.

Hoje, os visitantes da União Soviética são bombardeados com perguntas sobre a investigação PES que está a ser feita em países livres. Um americano foi recentemente questionado: «O que acha do trabalho do professor Tenhaeff com Croiset?»

Ainda não foi descoberto nenhum Gerard Croiset na União Soviética, mas houve, porém, alguns estudos de casos bizarros. Uma jovem russa de vinte e dois anos, Roza Kuleshova, foi recentemente noticiada como capaz de "ver" com os dedos quando vendada. Uma mulher de sessenta e cinco anos, Darya Lazurkina, devota de Lenine e presa por Estaline, afirmou em imagens espiritualistas num discurso ao vigésimo segundo Congresso do Partido Comunista em novembro de 1961: «Lenine disse-me do seu túmulo que já não podia continuar a estar no Kremlin com aquele traidor Estaline!»

Alguns observadores anti-soviéticos insistem que hoje os líderes russos pensam que poderão conquistar o mundo pela telepatia em vez de propaganda ou bombas; que a PES está a ser incentivada atrás da Cortina de Ferro para desenvolver uma arma secreta de longo alcance capaz de ler e influenciar os nossos pensamentos. Seja qual for o motivo, a revista psíquica britânica Light, na primavera de 1962, lamentou que apenas dois governos no mundo — Holanda e Rússia — apoiem oficialmente a investigação parapsicológica.

Uma cooperação internacional mais estreita na investigação parapsicológica, incluindo intercâmbio de informação, há muito defendida pelo professor Tenhaeff. Recentemente, disse-me com profunda emoção: «Uma das maiores desilusões da minha vida é que não tenha havido mais cooperação internacional coordenada em parapsicologia.»

Embora não mais de talvez duas dúzias de parapsicólogos estejam ativos no mundo ocidental, muitos olham-se com desconfiança — muito além da desconfiança normal entre cientistas em geral. Em contraste, a bomba atómica, para o bem ou para o mal, foi alcançada através do trabalho de equipa concentrado de muitos cientistas internacionais anti-nazis, incluindo o alemão Einstein e Meitner da Alemanha, o Fermi de Itália e o Bohr da Dinamarca. A atual divisividade entre parapsicólogos tem dado munições aos críticos e céticos que negam que a parapsicologia seja uma importante nova ciência.

Mas setores da alta indústria americana pensam de outra forma. Cada vez mais, envolvem-se em investigação PES para estudar se tem alguma utilidade prática. Em 1959 cientistas da Westinghouse Electrical Corporation, no seu Astronautic Institute em Baltimore, começaram a estudar telepatia com aparelho especial, para determinar se poderia ser aproveitada para comunicações de longa distância. Outras grandes empresas americanas também estão agora a experimentar fenómenos psíquicos nos seus laboratórios, mas mantêm o trabalho em segredo.

Desde o amanhecer dos tempos que as pessoas se sentem desconcertadas pelo intrigante enigma das ocorrências extrassensoriais, como as "vozes" e "visões" de uma Joana d'Arc. A Bíblia, com os seus muitos milagres, parece cheia de fenómenos psíquicos. O falecido reverendo inglês G. Maurice Elliott, da The Churches' Fellowship for Psychical Study, nos seus eruditos livros afirmou que Moisés, José, Jacob e Isaac eram sensitivos dotados ou participantes em experiências paranormais e que Cristo foi o maior sensitivo da história.

O profundo sentimento religioso de Gerard Croiset impregna a sua vida e o seu trabalho. Sempre que tem sucesso, Croiset insiste que é porque está "em harmonia com a vontade de Deus".

O primitivo de Utrecht gostaria de passar o resto da vida a tentar compreender melhor os seus poderes terrenos e a relação do Homem com Deus. Hoje, aos cinquenta e cinco anos, o outrora obscuro e iletrado merceeiro de Enschede percorreu um longo caminho durante os seus dezoito anos de aprendizagem com o professor Tenhaeff. Numa era obcecada pelo mundo exterior do espaço e da matéria, ele não descura o antigo conselho grego «Conhece-te a ti mesmo» através do estudo da sua própria vida mental interior.

A história de Croiset indica que a razão só vai até certo ponto. Sugere que existem recantos ocultos da mente humana que podemos explorar com proveito muito mais profundamente do que já fizemos.

Este simples holandês, que possui um dos dons mais complexos do mundo, forneceu talvez a mais forte evidência individual do século XX de que a perceção extrassensorial existe claramente e que ele a possui num grau notável. Os seus feitos nos Países Baixos e noutros locais sugerem que pode haver outro mundo oculto para além daquele que é percetível pelos nossos cinco sentidos conhecidos, um mundo sem tempo nem espaço, onde os pensamentos e as memórias têm realidade própria.

No século XVI, navegadores holandeses abriram muitas partes do Novo Mundo. Hoje um ousado explorador holandês chamado Gerard Croiset está a descobrir horizontes até agora desconhecidos da mente. O seu paciente e cuidadoso timoneiro, Willem Tenhaeff diz calmamente: «Podemos estar muito perto de uma rutura agora.»

Numa tal rutura reside uma nova compreensão de nós próprios — e do universo em expansão à nossa volta — como nunca antes na história.

EPÍLOGO

A HISTÓRIA DE CROIS ET ESTÁ CONCLUÍDA. MAS A HISTÓRIA DA PERCEÇÃO EXTRASSENSORIAL NÃO.

Nos meus quatro anos a vasculhar montanhas de material sobre parapsicologia de muitos países do mundo, uma revelação que me abriu os olhos foi descobrir quantos gigantes da ciência, filosofia, literatura, religião e estadosmanship acreditaram profundamente em fenómenos psíquicos.

Sigmund Freud, depois de rejeitar o "ocultismo" (a antiga palavra alemã para parapsicologia) nos primeiros anos, acabou por aceitá-lo devido a experiência pessoal. Mas o seu cético amigo e biógrafo, Ernest Jones, admitiu no volume final de 1957 de The Life and Work of Sigmund Freud que ele e outros dissuadiram Freud de o dizer publicamente, para não desviar a atenção da psicanálise.

Contudo, o fundador da psicanálise escreveu em 1932 que «a telepatia pode ser o método arcaico original pelo qual os indivíduos se compreendiam mutuamente (…)». A ligação entre fenómenos paranormais e psicanálise atormentava Freud. O sexo, por exemplo, era um símbolo não só na análise de sonhos mas nos gestos pictóricos do homem antigo.

«Freud esperava em vão que a telepatia pudesse ser explicada por raios do cérebro humano que fossem desconhecidos», salienta o professor Tenhaeff. «Ele só via a vida interior como resultado da atividade das células cerebrais. Freud nunca reconheceu a existência da proscopia (visão do futuro) que conflitava com a sua visão mecânica e puramente causal da vida espiritual humana.»

Logo em 1921, Freud escreveu a Hereward Carrington, o investigador psíquico americano: «Se tivesse de viver outra vez a minha vida, dedicaria-me à investigação psíquica em vez de à psicanálise.» Nesse mesmo ano, Freud escreveu um artigo fortemente extrassensorial, «Psicanálise e

Telepatia», que foi persuadido a não apresentar no Congresso Internacional de Psicanálise de 1922. Só foi publicado em 1941, dois anos após a sua morte.

Contudo, num ensaio de 1925 «O Significado Oculto dos Sonhos», o descobridor do "inconsciente" citou como o inconsciente afeta a comunicação telepática; e como a telepatia entra na relação entre analista e paciente. Freud notou, ao analisar os seus pacientes, que mesmo alguns adivinhos profissionais eram bons telepáticos. Eles "preveram" o futuro que os seus consulentes, consciente ou inconscientemente, desejavam mas não verbalizavam.

Em 1926 Freud, que se tornara membro das sociedades britânica e americana de investigação psíquica, escreveu a Jones em tom jocoso: «Quando alguém mencionar a minha queda no pecado, responda-lhe calmamente que a minha conversão à telepatia é um assunto privado como a minha judeidade, a minha paixão por fumar (…)»

Carl G. Jung, o primeiro discípulo de Freud, escreveu a sua tese de doutoramento em 1899 sobre fenómenos ocultos a partir das suas experiências com uma "médium". No seu livro póstumo recentemente publicado, o psicanalista suíço avançou uma teoria da coincidência significativa, cunhando a palavra "sincronicidade" para explicar fenómenos paranormais. «Observei um número suficiente de tais fenómenos para estar completamente convencido da sua realidade», escreveu.

Jung relatou uma vez que, ao estudar um sensitivo que vivia a vários quilómetros de distância, ocorreram dois acontecimentos intrigantes na sua casa. De repente, sem razão aparente, uma pesada tampa de mesa de nogueira partiu-se ao meio com estrondo. Alguns dias depois, uma faca de lâmina de aço num gaveta explodiu com o mesmo som violento em quatro pedaços. Embora Jung não pudesse provar que o sensitivo causara estas coisas, ficou profundamente perplexo com elas.

Há quase dois séculos, Immanuel Kant, provavelmente o maior filósofo alemão, explicou porque as pessoas têm vergonha de admitir que acreditam em tais ocorrências psíquicas. Kant comparou-as a histórias de fantasmas «que são sempre escutadas e bem recebidas em privado, mas renegadas em público». Na Crítica da Razão Pura, Kant demonstrou com lógica impecável que o tempo e o espaço são simultaneamente finitos e infinitos.

Nos Sonhos de um Vidente de Espíritos de Kant, de 1766, relatou uma visão espantosa visão de Emanuel Swedenborg, o cientista, filósofo e

místico religioso sueco. Numa tarde de verão de 1759, Swedenborg descreveu, com minúcia, um grande incêndio que então lavrava a quase 300 milhas de distância em Estocolmo. Teve estas imagens clarividentes diante de testemunhas na cidade costeira oriental de Gotemburgo, antes dos dias do telefone, telégrafo e rádio. Dois dias depois, mensageiros vindos da costa ocidental de Estocolmo confirmaram a exatidão das imagens mentais de Swedenborg.

Schopenhauer, o pessimista filósofo alemão, foi também um grande precursor dos atuais parapsicólogos, como o professor Tenhaeff salienta frequentemente nos seus escritos.

Charles Richet, que é citado no frontispício deste livro, é um titã ainda maior, mas esquecido, na história da perceção extrassensorial. Professor de fisiologia na Universidade de Paris de 1887 a 1927, Richet ganhou o Prémio Nobel de Fisiologia e Medicina de 1913 pela descoberta da anafilaxia. Anteriormente, descobrira o princípio da seroterapia sem o qual a medicina moderna seria menos útil.

Estas experiências pioneiras convenceram Richet de que os fenómenos psíquicos tinham uma base fisiológica e levaram-no a cunhar a expressão "sexto sentido". «Muitas pessoas, em momentos fugidios», afirmavam Richet, «obtêm alguma perceção da realidade através de alucinações ou sonhos intensos que não lhes podem ser revelados pelas suas perceções normais.» Noutra ocasião escreveu: «A premonição é um facto demonstrado, um facto estranho, um facto paradoxal com aparência absurda. Mas somos forçados a admitir a sua existência.»

O fisiologista francês abriu novo terreno tanto psíquico como médico. Embora outros parapsicólogos americanos e britânicos raramente mencionem o trabalho de Richet, o Dr. Rhine reconhece que o método quantitativo de testar telepatia através de adivinhação de cartas não foi inventado por ele em Duke, mas por Richet na Universidade de Paris logo em 1884. Além disso, Richet fez testes telepáticos hipnóticos à distância, antecedendo em meio século as experiências de Vasiliev na Rússia atual. Qualitativamente, Richet também estudou intensivamente um sensitivo do tipo Croiset chamado Gaston Fournier.

Richet estava à frente do seu tempo noutras fronteiras. Antes dos irmãos Wright voarem o seu avião, o professor parisiense foi caricaturado num jornal francês por inventar um louco aparelho voador!

Embora a palavra «parapsicologia», usada pela primeira vez pelo médico alemão Max Dessoir em 1893, seja agora comummente aceite, Richet usava em vez disso a impopular palavra «métapsychique» (não métaphysique), que vem das raízes gregas que significam "alma" e "vir depois". Na sua última aula na Universidade de Paris, Richet disse aos alunos: «Gostaria de vos familiarizar com uma nova ciência — a métapsychique — que não pertence ao ensino oficial da fisiologia. É, no entanto, parte integrante da fisiologia. Poderia mudar a nossa conceção do homem e lançar as bases de uma nova ética.»

Até Einstein se sentiu intrigado pelos fenómenos extrassensoriais e exortou a sua investigação. «Pode ter-se a certeza de não perder casta com homens como Albert Einstein ao fazer experiências psi (psíquicas)», escreve o Dr. Rhine em The Reach of the Mind.

Em 1928 o físico, cujas experiências revolucionárias lançaram as bases da energia atómica, apelou a uma audiência científica para Mental Radio de Upton Sinclair, um controverso livro sobre as experiências telepáticas do autor californiano com a mulher. Outro exemplo do genuíno interesse de Einstein pela PES ocorreu numa quarta-feira à noite de maio de 1954, quando viajou de Princeton para o vizinho Edgewater, Nova Jérsia, para assistir a uma sessão de psicometria da sensitiva Florence Sternfels.

Para Einstein, muitos acontecimentos estranhos poderiam ser explicados pela quarta dimensão que descobriu. Einstein provou que o tempo era relativo e "sem tempo", e que o mundo real talvez existisse independentemente do nosso quadro convencional tempo-espaço-matéria. A realidade última do universo pode estar por detrás de todos os nossos cinco sentidos, sem ser detetada, especulou.

Alexis Carrel, que inventou o coração mecânico e ganhou o Prémio Nobel de 1912 pelo sucesso em suturar vasos sanguíneos e transplantar órgãos, escreveu em O Homem, Esse Desconhecido em 1935: «A clarividência e a telepatia são dados primários da observação científica.» Biólogo no Rockefeller Institute for Medical Research, Carrel investigou alguns sensitivos bem como as partes vista e invisível da natureza. Carrel concluiu que não só não sabemos o suficiente, mas nem sequer aplicamos o que já sabemos. Este cientista, que tanto fez para unir medicina e religião, refletiu: «… o enorme avanço obtido pelas ciências da matéria inanimada sobre as dos seres vivos é uma das maiores catástrofes jamais sofridas pela humanidade.»

William James, o pai da psicologia americana, descobriu e experimentou com uma célebre sensitiva, Mrs. Leonore Piper, que parecia possuir capacidades semelhantes às de Croiset. Apresentou-a à Sociedade Britânica de Investigação Psíquica para testes adicionais. James, que começou a carreira a lecionar anatomia em Harvard em 1872, foi médico, psicólogo, filósofo e presidente da Sociedade Americana de Investigação Psíquica. O pragmático James respondeu aos céticos da PES apontando que basta um corvo branco para provar que nem todos são pretos.

James sustentava que a vida tal como a conhecemos não era a forma mais elevada de existência, observando: «… estamos em relação com o todo do universo tal como os nossos cães e gatos estão com a totalidade da vida humana. Eles habitam as nossas salas de estar e bibliotecas. Participam em cenas cujo significado desconhecem. São apenas tangentes às curvas da história (…). Nós somos tangentes à vida mais vasta das coisas.»

William James previu em 1900 que «as maiores conquistas científicas (…) serão alcançadas na parapsicologia». Mas, consciente do quão conservadores eram os seus colegas científicos americanos, avisou: «… nós, investigadores psíquicos (…) devemos esperar marcar o progresso não por quartos de século, mas por meios séculos ou séculos inteiros.»

Que profético foi!

Thomas Mann foi um dos famosos autores e eruditos que passaram a acreditar não só na PES mas na psicocinese que Rhine e Pratt definem como «a influência direta exercida sobre um sistema físico por um sujeito sem qualquer energia física intermédia conhecida ou instrumentação». Depois de observar um sujeito austríaco, Rudi Schneider, com um grupo de investigadores, escreveu um ensaio, «Uma Experiência no Oculto», descrevendo as coisas desconcertantes que observou: «Não era possível — mas aconteceu (…).

Que um raio me parta se estou a mentir (…)» Para evitar qualquer truque, o autor de A Montanha Mágica segurou os pulsos do sensitivo e outra testemunha os joelhos dele; outras testemunhas tinham revistado previamente a sala. Contudo, todos ficaram espantados ao ver uma máquina de escrever escrever invisivelmente, uma mão a agitar as cortinas e um sino a dançar no ar!

Mark Twain também se convenceu da existência de fenómenos extrassensoriais depois de sonhar com a morte do irmão num acidente de

barco a vapor no Mississípi antes de acontecer. Logo em 1878 elogiou a telepatia (chamando-lhe "Telegraphia Mental") num capítulo que pretendia incluir em Um Vagabundo no Estrangeiro. Mas o humorista omitiu-o porque temia que «as pessoas apenas rissem e pensassem que estava a brincar». Dezassete anos depois, porém, escreveu um segundo artigo sério, «Telegraphia Mental Outra Vez», que foi publicado nos seus Literary Essays.

Abraham Lincoln pareceu demonstrar capacidades psíquicas e até sonhou com o seu próprio assassínio e funeral, segundo vários biógrafos. Em abril de 1863 o Presidente convidou uma "médium" para dar uma demonstração na Casa Branca. Quando o Cleveland Plain Dealer atacou sensacionalmente Lincoln como "espiritualista", ele disse a um amigo: «A única falsidade na notícia é que não foi contada nem metade. O artigo nem começa a contar todas as coisas maravilhosas que testemunhei.»

Todos estes grandes espíritos provavelmente testemunharam pessoalmente alguns dos notáveis poderes dos Gerard Croisets da sua época. Mas, infelizmente, os feitos destes sensitivos anónimos nunca foram documentados cientificamente.

Felizmente, nos Países Baixos, durante a última geração, um cuidadoso e experimental pioneiro chamado Tenhaeff dedicou teimosamente a maior parte da sua vida a registar os dons de Croiset, o Clarividente, e de outros sensitivos que, de outro modo, teriam sido perdidos para a história.

Que investigadores igualmente dedicados noutros lugares continuem a obra!

AGRADECIMENTOS

POR ME TEREM LANÇADO NESTA ODISSÉIA HOLANDESA no início de 1960, estou em dívida para com o senhor Onno Leebaert, diretor para a América do Norte do Netherlands National Tourist Office, e o senhor Brooks Roberts, editor de não-ficção da revista This Week.

Por me terem guiado ao longo dela, agradeço ao senhor LeBaron R. Barker, Jr., editor executivo da Doubleday & Company, Inc.

Pela dactilografia e sugestões editoriais, estou profundamente grato à senhora Marion H. Fuller, à senhora Marian McMullen Rowand, à senhora Lillian Pollack e à senhorita Ann Bridgman. Pela ajuda na tradução, os

meus agradecimentos à senhorita Margot de Hartog, à senhorita Rita Reynders, à senhorita Thea Ververs e à senhorita Tanya Bart.

Pela assistência pessoal, sou muito reconhecido à ajuda do senhor Oscar Dystel, do senhor Joseph Frank, do senhor James Drought, do senhor Henri Croiset, do senhor Jeff van den Bogaert, da senhora Jeanne Leebaert e de todo o pessoal da biblioteca de New Canaan, Connecticut.

A minha mais profunda gratidão está reservada ao professor W. H. C. Tenhaeff. Juntamente com as suas assistentes, a senhorita Nicolauda (Nicky) Louwerens e a senhorita Annet Louwerens, o professor abriu-me não só os seus arquivos como também o seu coração, oferecendo inestimavelmente do seu tempo e talento. Verificou incansavelmente, vezes sem conta, os factos do meu manuscrito que voou várias vezes de um lado para o outro do Atlântico. Se algum erro se infiltrou inadvertidamente, a responsabilidade é exclusivamente minha; e a minha única desculpa seria o meu conhecimento insuficiente da língua holandesa.

Achei inestimáveis as numerosas publicações holandesas do Dr. Tenhaeff mencionadas no capítulo 12, especialmente Beschouwingen over het Gebruik van Paragnosten voor Politiële en Andere Praktische Doeleinden (Reflexões sobre a Utilização de Sensitivos para Fins Policiais e Outros Práticos), publicado por Erven J. Bijleveld em Utrecht; Oorlogsvoorspellingen (Previsões de Guerra); De Voorschouw (Precognição); e o Tijdschrift voor Parapsychologie (Revista de Parapsicologia), todos publicados por H. P. Leopold N.V. em Haia.

Um dividendo inesperado desta aventura exaustiva mas exaltante foi ter ganho ganho talvez algumas das amizades mais calorosas que já conheci. Tive também o privilégio de conhecer e corresponder-me com muitos cientistas eminentes e autoridades em numerosos campos por todo o mundo. Se negligenciei agradecer adequadamente a algum destes indivíduos prestáveis, confio que compreenderão e me perdoarão.

É apenas porque este livro tem de terminar.